

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

*Rastros e rostos do protestantismo brasileiro: uma  
historiografia de mulheres metodistas.*

por

Margarida Fátima Souza Ribeiro

São Bernardo do Campo — Julho de 2008

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

*Rastros e rostos do protestantismo brasileiro: uma  
historiografia de mulheres.*

por

Margarida Fátima Souza Ribeiro

Tese apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo, para obtenção do grau de Doutora, sob a orientação do Prof. Dr. Lauri Emílio Wirth.

São Bernardo do Campo — Julho de 2008

## Banca Examinadora

Presidente\_\_\_\_\_

Prof. Dr. Lauri Emílio Wirth

1º Examinadora\_\_\_\_\_

Profa. Dra. Maria José Fontelas Rosado Nunes  
PUC, SP

2º Examinadora\_\_\_\_\_

Profa. Dra. Zuleica de Castro Coimbra Mesquita  
UNIMEP, SP

3º Examinadora\_\_\_\_\_

Profa. Dra. Sandra Duarte de Souza  
UMESP, SP

4º Examinadora\_\_\_\_\_

Profa. Dra. Magali do Nascimento Cunha  
UMESP, SP

# Agradecimentos

**A** Deus pelo Dom da Vida;

A minha mãe, pelo amor, dedicação, oração e presença constante;  
Ao meu pai (in memoriam) pelo esforço em ajudar-me nos primeiros passos;  
Às irmãs Jussara, Sandra e Marcia pelo incentivo constante;  
Ao irmão Edson, à cunhada Otília, e às sobrinhas, Patrícia e Letícia, pelo apoio;  
Aos sobrinhos, Ruan Felipe, Lucas e Júnior pela alegria constante;  
Ao primo (irmão), Luis Cardoso, pela amizade, incentivo e apoio constante;  
À minha amiga (irmã), Namir, pela amizade e apoio constante;  
À amiga (irmã), Amélia, pela amizade e apoio.

**M**inha tia e madrinha Tereza, pela perseverança na oração;

Aos tios, tias, primos e primas – em todos os graus – “Obrigada”  
Às Mulheres da Nova Década - Ação Ecumênica de Mulheres, pelo apoio constante,  
(Janette, Yasko, Dina, Fadwa, Estherzinha, Alice e Marisa...)  
Às Mulheres Ecumênicas do ABCDMR, pela inspiração e luta pela Vida!

**I**grejas da 2ª Região Eclesiástica, pelas orações, apoio e incentivo:

Ijuí, Palmeira das Missões, Panambi, Institucional de Porto Alegre, Alvorada, Arroio dos Ratos, Eldorado do Sul, Guaíba, Região do Alto- Uruguai, Cruz Alta, Ibirubá,...  
Às capelas, pontos missionários do Distrito Missões I e II; lembro-me sempre das pessoas com muito carinho e admiração;  
Às Igrejas Metodistas em São Paulo, especialmente Vila Gomes – Sorocaba, São Caetano do Sul, Praia Grande, Cubatão e atualmente, Ponto Missionário em Santa Isabel - a minha gratidão!  
Aos Bispos Sady Machado (In memoriam), Isaac Aço – “Pai Aço” (In memoriam), Stanley Moraes e Luiz Vergílio B. da Rosa – a minha gratidão.  
Igreja Metodista, especialmente da Segunda Região Eclesiástica, e a nossa “decana” Mara...  
As/aos colegas pastoras e pastores da Segunda Região Eclesiástica, obrigada, tchê!  
especialmente a nossa “decana” Mara, a Elza, Namir, Iracy, Loane, Jussara, ...  
Às pastoras das Igrejas Luteranas (Cibeli, Esther, Vera,...) Anglicana (Carmem Etel,...) Presbiteriana (Shirley, Suely)...  
Ao Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos, em especial CEBI-RS, Gervásio, Ereni, Daniel, pela caminhada ecumênica e apoio.  
Ao Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil - CONIC, pela inspiração e aprendizado constante; Ervino, Gabrielli, Wester Clay, Luciana, Lia, Leila, Regina, Cleidi, Dom Celso,...  
À KOINONIA – Presença e Serviço, ao Conselho latino Americano de Igrejas – CLAI, ao Conselho Mundial de Igrejas – CMI, e demais movimentos ecumênicos que colaboraram na caminhada ecumênica pela vida e a paz, minha constante gratidão.

**Z**elo e paciência da Valquíria, Damaris, Rodrigo. Às secretárias da pós graduação, da Faculdade de Teologia, as bibliotecárias Gláucia, Letícia Cida, Célia, Wandson incansáveis nas buscas dos textos solicitados...

Pela Amizade, chamarão e acolhida no cair da tarde! Obrigada! Tércio Siqueira e Família  
Pelo apoio, dedicação e amizade constante da Suely (não tenho palavras para agradecer) e também ao Edemir  
Ao Fábio e família obrigada, tchê!  
A Luciana (a gaúcha da psi) incansável todos os dias  
A Blanches valeu pela força, tchê!

Pelo carinho, atenção e apoio da Família Sala : Mara, Jonas, Taís /Joaõ, Lia e Elena  
 Ao Alex e família pelo apoio e amizade  
 A desconhecida Gabriela, gentil tradutora  
 Ao Dr. em línguas, James pela disposição e amizade  
 Ao Helmut pela dedicação, apoio e amizade nesta trajetória  
 Ao José Carlos pelo incentivo constante e indicações de caminhos  
 A Edith Schisler novas luzes no caminho  
 A Lurdes mesmo distante, com skipe se aproxima e colabora na rima  
 Pela congregação-“arejar a cuca”- Magali, Cláudio, Clóvis, Dagmar, Paulo Salles, Dilene, Natanael, André, Marla, Elena.  
 A gauchada, Luis Eduardo, Vera Luci, Juju, Dudu, Stanley, Rute,....  
 Pelo carinho, Elena e Décio  
 Pela atenção constante Demétrio, Luciana, Rogério, D. Ana, Elisangela.  
 Obrigada Bispo Nelson (Strike!) pelo carinho e companheirismo nesta caminhada de Fé!

### *A*s mulheres metodistas que inspiraram esta trajetória...

Aos alunos e alunas da Faculdade de Teologia, em especial, aos/as "tutorinhos/as" e aos/as alunos/as da 2ª Região Eclesiástica;  
 Aos/as alunos/as que caminham juntos/as nesta trajetória ecumênica;  
 Aos/as colegas da Faculdade de Teologia – Tércio Siqueira, Rui, Magali, Cláudio, Luiz Ramos , Josias, Cláudio, Blanches, Nicanor, Clóvis, Paulo Garcia, Suely, José Carlos, Douglas, Ronaldo, Helmut, Otoniel, Jonadab, Edson, pelo apoio e incentivo.

**D**edicação, paciência, atenção e perseverança do Prof. Lauri Wirth neste processo de doutoramento;  
 Aos demais professores e professoras e colegas do Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP.  
 As professoras da banca que pacientemente leram este trabalho e teceram suas impressões e sugestões...  
 Ao Projeto Meninos e Meninas de Rua de São Bernardo do Campo, pelos constantes desafios...  
 Ao Conselho de Fraternidade Judaica Cristão pelo constante aprendizado.  
 Aos amigos: Cireneu Kuhn, Sidnei Noé...Aos amigos/as de luta e caminhada: Namir, Luis, Tércio Siqueira, Marcos Chaves, Mara, Elza/ Egon, Normélia, Dimorvan, Almerindo, Gervásio, Geraldo Durães (In memorian), Amélia, Claudio, Magali, Suely, José Carlos, Blanches, Fábio, Cristiano, Israel, Marcos Fortes, Márcia, Maria do Carmo, Francisca, Cibely, Silvio, Antoninha, Maria Lúcia, Marcelo, Maria Inês, Thomas Kemper, Rosangela, Rosemary, ....  
 HEI !!! O seu nome não foi citado... “problemas técnicos”...  
 A escriba cansou de escrever....  
 Mas não cansou de agradecer....

**E**m especial as pessoas, talvez "anônimas" nesse processo, mas que oraram, incentivaram e lutaram para que mais este passo fosse alcançado.  
 Em especial, a todas as pessoas presentes nesta caminhada, em meus pensamentos e no meu coração que deixam e continuam deixando suas marcas de vida, paz e esperança.  
 Obrigada, tché!  
 E vamos que vamos!!!

RIBEIRO, Margarida Fátima Souza. *Rastros e rostos do protestantismo brasileiro: uma historiografia de mulheres metodistas*. São Bernardo do Campo, 2008. Tese (Doutorado em Ciências da Religião - Teologia e História) - Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), São Bernardo do Campo, 2008.

## SINOPSE

Esta pesquisa abrange mulheres atuantes no chamado protestantismo histórico, principalmente vinculadas à Igreja Metodista do Brasil. O trabalho pretende visibilizar especialmente mulheres leigas e suas redes, geralmente informais, de articulação e chamar a atenção para seu papel na constituição destas comunidades de fé. Trata-se de um aspecto pouco explorado nas investigações sobre o protestantismo no Brasil que, quando abordado, se restringe a alguns ícones femininos. O foco principal do trabalho se restringe ao período de 1930, ano em que a Igreja Metodista do Brasil se constituiu como instituição autônoma, desvinculando-se formalmente de sua congênere nos EUA, até 1970/71, quando mulheres metodistas passam a ser admitidas no presbiterato, ou seja, podem solicitar a ordenação ao pastorado. Além de discutir a produção bibliográfica principalmente no âmbito da história do protestantismo, a pesquisa se baseia em fontes primárias, como boletins e jornais denominacionais, relatórios de eventos, correspondências e informações dispersas em diferentes materiais. Como referencial teórico a pesquisa se valeu da micro-história, procurando assim dar vida a personagens esquecidos e desvelar enredos ocultados pela história oficial. Portanto, além de demonstrar aspectos da atuação de mulheres no protestantismo brasileiro, silenciados tanto na memória institucional como na historiografia em suas diferentes matizes, a pesquisa pretende contribuir para uma avaliação crítica da mentalidade de mulheres sobre sua atuação no campo religioso, entre a adequação aos padrões culturais dominantes e os indícios de autonomia de pensamento diante de demandas específicas.

**Palavras-chave:** Mulheres – Protestantismo Brasileiro – Metodismo – Visibilidade – Ocultamento – Protagonismo.

RIBEIRO, Margarida Fátima Souza. *Senderos y rostros del protestantismo brasileño: una historiografía del mujeres metodistas*. São Bernardo do Campo, 2008. Tesis (Doctorado en Ciencias de la Religión - Teología y História) - Facultad de Filosofía y Ciencias de la Religión, Universidad Metodista de São Paulo (Umesp), São Bernardo do Campo, 2008.

## RESUMEN

Esta investigación envuelve mujeres actuantes en el llamado protestantismo histórico, principalmente relacionadas a la Iglesia Metodista de Brasil. El trabajo pretende visibilizar especialmente mujeres sin conocimiento profundo sobre el tema y sus redes, generalmente informales, de articulación y llamar la atención para su papel en la constitución de estas comunidades de fe. Se trata de un aspecto poco explotado en las investigaciones sobre el protestantismo en Brasil que, cuando abordado, se cierra en algunos íconos femeninos. El foco principal del trabajo se restringe al periodo de 1930, año en que la Iglesia Metodista de Brasil se formó como institución autónoma, desenlazándose formalmente de su matrix, hasta 1970/71, mujeres metodistas pasan a ser admitidas en el presbiterato, o sea, pueden pedir la ordenación femenina al pastado. Además de discutir la producción bibliográfica principalmente en el ámbito de la historia del protestantismo, la investigación es basada en fuentes primarias, como boletines y periódicos denominacionales, informes de eventos, correspondencias y informaciones dispersas en distintos materiales. Como marco teórico, la pesquisa se ha valido de la micro-historia, procurando así dar vida a los personajes olvidados y desvelar enredos ocultados por la historia oficial. Además ver un aspecto de actuación de mujeres en el protestantismo brasileño, silenciado tanto por la memoria institucional como en la historiografía en sus distintas matizes, la investigación tiene el objetivo de contribuir para una evaluación crítica de la mentalidad de mujeres sobre su actuación en el campo religioso, entre la adecuación a los padrones culturales dominantes y los indicios de autonomía de pensamiento adelante de las demandas específicas.

Palabras-clave: Mujeres – Protestantismo Brasileño – Metodismo – Visibilidad – Ocultamiento – Protagonismo.

RIBEIRO, Margarida Fátima Souza. *Traces and faces of Brazilian Protestantism: a historiography of women Methodists*. São Bernardo do Campo, 2008. Thesis (Doctorate in Religious Sciences – Theology and History) – Faculty of Philosophy and Religious Sciences, the Methodist University of São Paulo (Umesp), São Bernardo do Campo, 2008.

## **ABSTRACT**

This research deals with women who are active in so-called historical Protestantism, principally related to the Methodist Church of Brazil. The work intends to make visible lay women and their networks, generally informal, of articulation, and call to attention their role in the constitution of these communities of faith. It deals with an aspect little explored in investigations regarding Protestantism in Brazil that, when dealt with, is often restricted to certain feminine icons. The principle focus of the work is restricted to the period from 1930, the year in which the Methodist Church in Brazil became an independent institution and formally separated itself from its historical beginning point in the EUA, until 1970/71, when Methodist women were first admitted as clergy, or, in other words, the ordination of women as pastors. Beyond discussing bibliographic production, principally in the area of the history of Protestantism, the research is based in primary sources such as bulletins, denominational journals, reports of events, correspondence, and information contained in a variety of sources. The primary theoretical reference is the micro-history, as a search for highlighting the forgotten characters and revealing the narratives that had been hidden by the official history. Beyond making more visible the actuation of women in Brazilian Protestantism, silenced both in institutional memory and in historiography in its various expressions, the research intends to contribute to a critical evaluation of the mentality of women regarding their action in the religious field, between adaptation to dominant cultural standards and traces of autonomous thought in the light of specific demands.

*Key-words:* Women – Brazilian Protestantism – Methodism – Visibility – Concealment – Protagonist.

# SUMÁRIO

<b>Sinopse</b>	<b>06</b>
<b>Resumen</b>	<b>07</b>
<b>Abstract</b>	<b>08</b>
<b>Sumário</b>	<b>09</b>
<b>Introdução</b>	<b>14</b>
<b>I – As Mulheres na historiografia do protestantismo brasileiro</b>	<b>20</b>
1. Mulheres no Protestantismo	20
1.1. Mulheres presentes no protestantismo nascente	22
1.1.1. Mulheres ativas no âmbito pastoral	26
1.1.2. Mulheres ativas no âmbito educacional	28
2. Mulheres Metodistas	31
2.1. Mulheres ativas no âmbito pastoral	33
2.1.1. Nos rastros das visitadoras	38
2.1.2. Nos rastros das pregadoras	45
2.2. Mulheres ativas no âmbito social	49
2.3. Mulheres ativas no âmbito educacional	52
2.4. Rastros e rostos de mulheres diante da conjuntura eclesiástica	64
2.5. Rastros e rostos de mulheres no processo de autonomia da Igreja Metodista	84
3. Excurso: “Alguns rostos”	85
3.1 Sarah Kalley	85
3.2 Martha Hitte Watts	91

3.3 Maria Rennotte _____	92
<b>II – Mulheres metodistas: da autonomia da igreja à ordenação feminina _____</b>	<b>94</b>
Ultrapassando as fronteiras eclesiais _____	95
1. As mulheres metodistas e suas atuações sociais _____	97
1.1. Atuações sociais em geral _____	97
1.1.1. Mary Allie Cobb Buyers _____	97
1.1.2. Marfízia Becker Braga _____	98
1.1.3. Layona Glenn _____	98
1.1.4. Eunice Weaver _____	100
1.1.5. Luiza Vurlod Ungaretti _____	100
1.1.6. Joy Betts _____	101
1.1.7. Anaildes Ferreira _____	101
1.1.8. Alcina Araújo Rossi _____	102
1.1.9. Serena Hoorich _____	102
1.2. Partilhando as primeiras letras: o Analfabetismo _____	103
1.2.1. Abigail Dutra Gelcich _____	103
1.2.2. Sociedades de Senhoras _____	104
1.3. Enfrentando as dores: A luta contra o alcoolismo, a lepra, a tuberculose e o câncer _____	105
1.3.1. A luta contra o alcoolismo _____	105
1.3.2. A luta contra a lepra _____	106
1.3.3. A luta contra a tuberculose e o câncer _____	108
1.4. Solidariedade: Atuação das mulheres metodistas com os povos indígenas _____	108
2. Mulheres Metodistas e a Atuação Educacional _____	110
2.1. Educadoras _____	111
2.1.1. Elisa Hees _____	111
2.1.2. Katherine Scurlock _____	112
2.1.3. Adelina Maranhão _____	112
2.1.4. Maria Augusta Sampaio de Carvalho _____	112
2.1.5. Lilia Martins Guimarães _____	113
2.1.6. Áurea de Campos Gonçalves _____	113
2.1. Diretoras _____	114
2.2.1. Emma Christine _____	114

2.2.2. Leonora Smith Meriwether	114
2.2.3. Ida Shaffer	114
2.2.4. Eunice Andrew	115
2.2.5. Louise Best	115
2.2.6. Ruth Dewey Anderson	115
2.2.7. Eva Louise Hyde	116
2.2.8. Mary Sue Brown	117
2.2.9. Mary Helen Clark	118
2.2.10. Layona Glenn	120
2.2.11. Elizabeth Borchers	121
2.2.12. Ormindia França	121
2.3 Serviço à comunidade	122
2.3.1. Eva Louise Hyde	122
2.3.2. Verda Norrene Farrar	122
2.3.3. Helen Clark	123
2.4 Breves inserções na educação brasileira	123
2.5 As mulheres e a Educação Religiosa	124
2.5.1. Instituto Metodista de Ribeirão Preto-SP e Instituto Rural Evangélico de Colatina-ES	124
2.5.2. Instituto Metodista – Santo Amaro-SP	125
2.6 Escolas Paroquiais	130
3. As mulheres metodistas e suas atuações pastorais	132
3.1. Esposas de pastores	132
3.1.1. Justina da Consagração	132
3.1.2. Symiramis d'Avila Ramos	133
3.1.3. Elvira Stumpf Wagner	133
3.1.4. Carmen Oliveira da Silva	133
3.1.5. May Terrel	134
3.1.6. Francisca Ellis	134
3.1.7. Lucy York Long	135
3.1.8. Francisca Scott Betts	135
3.1.9. Ethel Sanders Dawsey	136
3.1.10. Associações	136
3.1.10.1 Associação Elizabeth Price	136

3.1.10.2 Associação Susana Wesley _____	137
3.1.10.3 Associação Eula Bodwen _____	138
3.2. Missionárias _____	138
3.2.1. J. L. Bruce _____	138
3.2.2. Elizabeth Nunes _____	139
3.2.3. Jacqueline Le Roy: de freira à missionária metodista _	139
3.2.4. Maria Glicínia Fernandez: missionária metodista para o estrangeiro _____	140
3.2.5. Gladys Oberlin: missionária metodista para o nordeste brasileiro _____	141
3.2. Diaconisas _____	141
3.4. A caminho da Ordem Presbiteral – Mulheres Pastoras _____	145
4. As mulheres metodistas e a vivência eclesial _____	146
4.1. Sociedades de Senhoras _____	146
1.1.1. Organização das Sociedades _____	148
4.2. Congressos de Senhoras _____	149
4.2.1 Congressos Latino-Americanos _____	150
4.2.2. Congressos Mundiais _____	152
4.3 As mulheres Metodistas e os Concílios _____	153
4.3.1 Concílio Distrital _____	153
4.3.1 Concílio Regional _____	153
4.3.1 Concílio Geral _____	154
5. Mulheres metodistas e a mídia _____	155
5.1 Revista <i>Voz Missionária</i> _____	156
5.2 Agentes da <i>Voz Missionária</i> _____	157
5.3. Textos escritos por mulheres _____	159
5.3.1. Textos sobre mulheres escritos por homens _____	160
5.3.2. Traduções de artigos feitas por mulheres _____	160
5.3.3. Mulheres que escreveram sobre mulheres _____	161
5.3.4. Mulheres que escreveram sobre homens _____	161
5.4. As mulheres metodistas e sua atuação nos programas radiofônicos _	162
5.5. As mulheres metodistas e sua atuação na televisão _____	164
6. Desvelando novos rostos _____	165
6.1. Clecilia Bidone [costureira] _____	165

6.2. Maria Andriolo [costureira] _____	166
6.3. Maria da Conceição Alvez Costa [costureira] _____	166
6.4. Maria Lopes Rubim (Dinha) [tecelã e costureira] _____	166
6.5. Lucinda Muniz Reis (Doca) [costureira] _____	167
6.6. Maria da Silva [lavadeira] _____	167
6.7. Castorilda Alves de Moraes [lavadeira] _____	168
6.8. Lucinda Muniz Reis [lavadeira, costureira] _____	168
6.9. Maria Moutinho [lavadeira, costureira, cozinheira] _____	169
6.10. Cezarina Maria dos Anjos [parteira] _____	169
6.11. Persides Soares do Nascimento [parteira] _____	169
6.12. Nucci [mascateira] _____	170
6.13. Balbina Caetano [zeladora] _____	170
6.14. Tia Mariana [catadora de papel] _____	171
6.15. Laura Cardoso [serviço público – Telefonia] _____	172
6.16. Lucilia Minssen [serviço público – biblioteca] _____	172
6.17. De “filhas” dos colégios metodistas à Primeiras-Damas _____	172
6.17.1 Anita Costa _____	172
6.17.1 Maria Tereza Goulart _____	173
6.18. Nehyta Ramos _____	173
Considerações Finais _____	173
<b>III – As mulheres metodistas e suas obras</b> _____	<b>175</b>
1. Eula Kennedy Long _____	175
1.1. Eula Kennedy Long e suas obras _____	176
2. Ottília de Oliveira Chaves _____	186
2.1. Ottília de Oliveira Chaves e outras obras _____	193
<b>Considerações finais</b> _____	<b>198</b>
<b>Bibliografia</b> _____	<b>202</b>
1. Fontes Primárias _____	202
2. Obras de Referências _____	209
<b>Anexos</b> _____	<b>221</b>

## INTRODUÇÃO

Dentre as principais razões que motivaram esta pesquisa, destacamos três: o fato de as mulheres constituírem a maioria nas comunidades de fé, o que pouco repercute nas instâncias decisórias das igrejas como instituição; a suspeita de que as mulheres tenham desempenhado um papel decisivo na gênese do protestantismo no Brasil, um aspecto pouco contemplado pelas pesquisas; e nosso interesse pelo tema, especialmente como responsável pela cátedra Otília Chaves, um departamento dedicado às mulheres, na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista.

A superioridade numérica das mulheres nas Igrejas é um fato evidente, principalmente quando nos referimos ao número de pessoas participantes das diversas atividades. As mulheres estão em maior número em quase todas as denominações eclesiais. Na Igreja Metodista hoje as mulheres compreendem 64,25% da membresia. Assim, esta pesquisa pretende contribuir para a visibilidade desta maioria no contexto das igrejas.

Outra demanda tem um caráter mais institucional, visto que surge no interior de uma instituição, mais especificamente no que diz respeito ao trabalho desenvolvido pela Cátedra Otília Chaves, esta possui programas especificamente destinados às mulheres. Dentre eles, destacamos os encontros nacionais de capacitação para mulheres da Igreja Metodista, bem como os encontros ecumênicos, em parceria com a Nova Década – Ação Ecumênica de Mulheres do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil, Conselho Latino Americano de Igrejas e outras entidades ecumênicas. Trabalhar nesta

direção significa interagir com iniciativas semelhantes em outras organizações religiosas, e dar continuidade a processos, bem como propor a trilhar, em conjunto, os próximos passos. Foi neste espaço que nos convencemos da necessidade de desencadear esta pesquisa a partir do lugar da mulher na Igreja.

Com isso chegamos ao terceiro aspecto. Há uma vasta bibliografia sobre mulheres e sobre o protestantismo. Nas bibliotecas dos campi da UMESP encontramos nada menos do que 465 publicações, incluindo livros, dissertações e teses das quais deveríamos esperar uma abordagem, no mínimo, parcial, do nosso tema. Fala-se da História do Protestantismo no Brasil, na América Latina, nos Estados Unidos, Alemanha, França, Angola e Japão; do Protestantismo e da Bíblia, de Música, Hinoologia, Culto, Liturgia e Eucaristia; do Protestantismo e das doutrinas, do Protestantismo e da Apologética; do Protestantismo e do Evangelismo; do Protestantismo e da comunicação; da Reforma Protestante, da Teologia Protestante, da Teologia Latino-Americana, da Educação Protestante no Brasil; do Protestantismo em relação ao Catolicismo, Ecumenismo, Pentecostalismo, Misticismo e a Maçonaria; do Protestantismo e da Religiosidade Popular, do Protestantismo e da Cultura Brasileira, do Protestantismo e da Ética Cristã, da Igreja e da Sociedade; do Protestantismo e da Escravidão no Brasil. Quanto às denominações, as pesquisas privilegiam o chamado protestantismo histórico, enfocando temas ligados às igrejas como: Batistas, Congregacionais, Igreja Presbiteriana Renovada, Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, Metodista e Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Apesar desta abrangência de temas, o foco raramente aborda as questões de gênero, seja numa perspectiva de sua expressão masculina ou feminina, ou das relações de poder. Há algumas exceções. Entre elas destacamos as publicações: *Sarah Kalley: missionária pioneira na evangelização do Brasil*.<sup>1</sup>, *Evangelizar e Civilizar: Cartas de Martha Watts, 1881-1908*<sup>2</sup>, e *O Itinerário de uma vida*<sup>3</sup> que serão tratadas no desenvolvimento desta pesquisa. Um olhar mais específico quanto às teses e dissertações encontradas na Universidade Metodista de São Paulo – Umesp, na Universidade de São Paulo – USP, na Universidade de Campinas – Unicamp e na Pontifícia Universidade Católica – PUC-

---

<sup>1</sup> CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley: missionária pioneira na evangelização do Brasil*. São Bernardo do Campo: Ed. do Autor, 2005.

<sup>2</sup> MESQUITA, Zuleica (Org.). *Evangelizar e Civilizar: Cartas de Martha Watts, 1881-1908*. Versão bilíngüe, Piracicaba: UNIMEP, 2001.

<sup>3</sup> CHAVES, Otília de Oliveira. *Itinerário de uma vida: Memórias de Otília de Oliveira Chaves*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1977.

SP, nos leva à seguinte constatação: Num total de 169 trabalhos, a maioria dos temas são relacionados à área de psicologia e comunicação social. Na área de Ciências da Religião, encontramos 51 trabalhos cuja abordagem é realizada de forma específica a partir da perspectiva da mulher relacionada à educação, Bíblia, pentecostalismo, pastoral, violência, ministério ordenado e outros. Estes trabalhos apresentam temáticas distintas. Destes trabalhos destacamos: *As extraordinárias irmãs metodistas*<sup>4</sup>, uma dissertação referente às mulheres do metodismo nascente, ou seja, da Inglaterra, e também *Sarah Poulton Kalley (1827-1907): professora, missionária e poetisa*<sup>5</sup>. No entanto, considerando que Sarah Kalley é mencionada duas vezes e lembrando do papel quase emblemático de Marta Watts para a educação metodista brasileira, nos arriscamos a dizer que as pesquisas sobre mulheres protestantes, até agora, independente de confissão ou denominação, concentraram-se em ícones femininos do protestantismo brasileiro. Portanto, não há uma historiografia de mulheres no protestantismo brasileiro, em geral, nem do metodismo em particular.

A partir destas constatações formulamos como hipóteses que norteiam esta pesquisa as seguintes: há indícios de que a participação das mulheres na gênese e no desenvolvimento do protestantismo no Brasil é bem mais significativa do que a historiografia do protestantismo deixa transparecer. Há suspeitas de que em diversas situações as mulheres foram protagonistas e pioneiras na história do protestantismo. Contudo, este protagonismo é pouco tematizado na historiografia do protestantismo brasileiro, o que nos leva a formular a hipótese de um processo de silenciamento das mulheres e/ou ocultamento dos seus rostos. Como não foi absoluto este ocultamento, a investigação historiográfica é possível e necessária para, a partir dos rastros, vislumbrar os rostos destas mulheres.

Portanto, este trabalho quer apresentar o rosto das mulheres protagonistas e das chamadas anônimas. Para visibilizar exemplarmente esta questão investigaremos a trajetória de algumas mulheres a partir de um grupo específico, as mulheres da Igreja Metodista do Brasil.

---

<sup>4</sup> SIMEONE, Maria Inês. *As extraordinárias irmãs metodistas*. 1996. 136p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião do Instituto Metodista de Ensino Superior). São Bernardo do Campo, 1996.

<sup>5</sup> CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Poulton Kalley (1825-1907): professora, missionária e poetisa*. 2004. 487f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Curso de Pós-Graduação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2005.

Este projeto tem, então, por objetivo estudar o protestantismo histórico brasileiro e, mais especificamente, as mulheres da Igreja Metodista, buscando preencher a relativa falta de reflexão sobre sua invisibilidade. Pretende-se, assim, trazer à memória protagonistas da história que caíram no anonimato, de forma a exemplificar as muitas experiências de mulheres que lutaram contra os preconceitos, enfrentaram obstáculos institucionais e culturais; todavia, transformaram estes obstáculos em desafios que marcaram sua história.

Quanto à relevância, seguimos a historiadora Michelle Perrot e arriscamos afirmar que o protestantismo favorece o protagonismo das mulheres:

Por exemplo, em nome da bíblia, ele favoreceu a alfabetização das meninas mais precocemente do que nos países católicos (...) De uma certa maneira, as mulheres de pastores participaram do ministério; em pleno florescimento, as diaconisas também. A influência das protestantes no desenvolvimento de numerosos movimentos feministas foi considerável.<sup>6</sup>

Segundo Perrot, então, o protestantismo abre “brechas” para a ação das mulheres, uma idéia perfeitamente aplicável ao processo de inserção e consolidação do protestantismo no Brasil. É necessário, portanto, visibilizar e especificar estes espaços de ação e procurar desenvolver uma historiografia das mulheres protestantes, especialmente das mulheres metodistas. Assim, pretendemos contribuir para a reconstituição dos fragmentos destas histórias, que poderão lançar novos olhares e desafios às mulheres metodistas, mas também às igrejas integrantes do chamado protestantismo histórico, o que não deixa de ter implicações para pensarmos a história das mulheres na sociedade em geral.

Metodologicamente, esta tese baseia-se em pesquisa bibliográfica, orientando-se especialmente pela micro-história. Segundo Ronaldo Vaifas, “a micro-história apega-se obsessivamente a mínimas evidências que a documentação pode fornecer para dar vida a personagens esquecidos e desvelar enredos e sociedades ocultados pela história geral”.<sup>7</sup> Segundo Ginsburg, escrever a história é como “penetrar em coisas concretas e

---

<sup>6</sup> PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. (Tradução Viviane Ribeiro). Bauru: EDUSC, 2005. p. 272.

<sup>7</sup> VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio Janeiro: Campus, 2002. p. 112-113.

ocultas através de elementos pouco notados ou despercebidos, dos detritos ou ‘refugos’ da nossa observação”.<sup>8</sup>

Jean-Claude Schmitt, diz algo idêntico em sua história dos marginais “Os historiadores da marginalidade começaram preenchendo as lacunas da história tradicional, trazendo de volta à memória os esquecidos da história”.<sup>9</sup>

Levando-se em consideração que não há registros oficiais dedicados especificamente às mulheres, tivemos como desafio proceder ao levantamento bibliográfico das fontes documentais escritas. Estas foram buscadas em livros, no que tange à historiografia do protestantismo; em revistas, especialmente a *Revista Voz Missionária*. Nesta realizamos a leitura de todas as revistas no período de 1930, data da primeira publicação da mesma, até 1970/71, data de recorte desta pesquisa. Também realizamos a leitura de jornais que serão apresentados no decorrer desta pesquisa, mas especialmente os jornais *O Testemunho* e *Expositor Cristão*. No que se refere a este último, percorremos suas páginas desde a sua fundação em 1898 até 1970/71. Considerando que algumas edições são semanais e outras mensais, elas compõem uma base textual de mais de 27 mil páginas. Valemos-nos também de atas, anuários e Cânones da Igreja Metodista para melhor desenvolvermos as questões em evidência nesta pesquisa. Outrossim, buscamos informações no Museu Isac Aço do Colégio Americano da Rede Metodista do Sul, onde encontramos algumas cartas de Miss Clark e Miss Sue Brown, missionárias e educadoras. Em busca de jornais destes períodos também recorremos à Sede do Jornal *Correio do Povo*, em Porto Alegre, e em São Paulo, no Centro Cultural Vergueiro, no Arquivo Público do Estado de São Paulo, e no Serviço de Memória e Acervo de São Bernardo do Campo. Nestas trajetórias pinçamos fragmentos de histórias de mulheres, tentando assim pelos rastros visibilizar o rosto, ou seja, reconstruir as suas histórias. É importante ressaltar que, no desenvolvimento desta pesquisa, especialmente nas citações, foram respeitadas as linguagens de cada período abordado, conforme normas da língua portuguesa na época.

Portanto, utilizando-nos destas ferramentas procuraremos, no primeiro capítulo, problematizar e discutir as narrativas sobre as mulheres na historiografia do protestantismo brasileiro. Posteriormente visibilizaremos as mulheres presentes no

---

<sup>8</sup> GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 147.

<sup>9</sup> SCHMITT, Jean-Claude. “A história dos marginais”. In: LE GOFF, Jacques. *A história nova*. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 284.

protestantismo, e especificamente no metodismo, mulheres ativas no âmbito pastoral, social e educacional. Nesta trajetória iremos usufruir de documentos e registros diversos, tanto na esfera eclesiástica como na vida cotidiana. Esta abordagem será realizada desde o protestantismo nascente até 1930, quando ocorre a proclamação da autonomia da Igreja Metodista do Brasil.

No segundo capítulo percorreremos a trajetória desde 1930 até 1970/71, ano em que ocorre, na Igreja Metodista, o ingresso das mulheres ao presbiterado, ou seja, a ordenação feminina. Procurar-se-á demonstrar se é plausível a hipótese de um certo silenciamento e/ou ocultamento da mulher metodista durante este período.

No terceiro capítulo será apresentada a produção bibliográfica de mulheres metodistas. Nesta investigação procuraremos visibilizar os temas de suas obras, e indagar sobre as demandas a que respondem. Interessa-nos detectar a mentalidade destas mulheres, principalmente no que se refere à sua relação com os padrões culturais dominantes, visibilizando suas táticas de adequação e seus indícios de autonomia.

# CAPÍTULO 1

## AS MULHERES NA HISTORIOGRAFIA DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO

### 1. Mulheres no Protestantismo

Neste capítulo serão investigadas as narrativas e informações sobre as mulheres na historiografia do protestantismo brasileiro, pois há indícios de que a participação das mulheres na gênese e no desenvolvimento do protestantismo é bem mais significativa do que a historiografia deixa transparecer. Buscamos assim visibilizar as mulheres presentes no protestantismo e neste propósito rastreamos a bibliografia, perguntando como as mulheres aparecem no âmbito doméstico (familiar), pastoral (missionárias, diaconisas e esposas de missionários) e educacional (professoras, educadoras, fundadoras de escolas).

Quanto às mulheres metodistas é importante destacar que esta pesquisa visa, especialmente, o período de 1930 (autonomia da Igreja Metodista) a 1970/71 (quando o Concílio Geral aprova a ordenação das mulheres). Pois, neste ínterim, a Igreja nacional passa a determinar a agenda, e há um certo silenciamento e/ou ocultamento da mulher metodista, o que será demonstrado no próximo capítulo. Porém, entendemos que é necessário visibilizar a mulher metodista antes de 1930, pois neste período, apesar das dificuldades presentes no metodismo nascente em terras brasileiras e do entendimento

sobre a presença da mulher na sociedade, nos surpreenderemos em ver como estas mulheres desbravam novos caminhos em busca da sua emancipação, deixando suas marcas no decorrer da história.

Iniciemos esta trajetória a partir da obra *O Protestantismo Brasileiro*<sup>10</sup>. Pois, trata-se de um estudo pioneiro sobre o protestantismo, situa-se na área da história cultural e não está comprometido institucionalmente com a propagação do protestantismo. Demonstraremos a seguir algumas situações no intuito de visibilizar a presença das mulheres, ora citadas literalmente, ora seguindo indícios de sua presença.

No que diz respeito às festas religiosas<sup>11</sup>, especialmente as realizadas no período anterior ao estabelecimento das missões estrangeiras, estas são descritas como pitorescas e exóticas, destacam-se, sobretudo as devoções familiares. Porém, não há nenhuma referência à presença das mulheres, somente usam-se os termos família, familiar e familiares.

Quanto às primeiras manifestações de um protestantismo brasileiro, destacamos o comentário do historiador Leonard sobre as palavras do Marquês de Paraná: “Meu governo, dizia ele no discurso do trono de 3 de maio de 1855, empenha-se com particular interesse na tarefa de promover a colonização, da qual depende essencialmente o futuro do país’. Para tanto, era necessário assegurar aos ‘mais evoluídos’ desses colonos esperados, pertencentes a nações protestantes, a possibilidade de exercer seu culto e de nele educar seus filhos”.<sup>12</sup> Deve-se ressaltar que as mulheres não são citadas no discurso do Marquês, nem como mães. Contudo, na narrativa deste historiador sobre o protestantismo brasileiro, encontramos algumas mulheres que atuavam somente no âmbito doméstico, pois neste período histórico a vida feminina estava restrita “ao bom desempenho do governo doméstico e a assistência moral à família, fortalecendo seus laços”.<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> LEONARD, Emile G. *O Protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. São Paulo: ASTE, s/d.

<sup>11</sup> LEONARD, Emile G. op. cit. p. 34

<sup>12</sup> LEONARD, Emile G. op. cit. p. 48.

<sup>13</sup> SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 59.

## 1.1 Mulheres presentes no protestantismo nascente

Apresentamos inicialmente algumas histórias que encontramos em livros, não considerados convencionalmente na bibliografia protestante, mas que descrevem o cotidiano das mulheres, como por exemplo: *Mulheres, Trens e Trilhos: modernidade no sertão paulista*,<sup>14</sup> da historiadora Lídia M. Vianna Possas. Ela descreve a história de mulheres que vão construindo o seu cotidiano a partir dos trilhos da ferrovia localizada no interior do Estado de São Paulo.

Dentre as histórias narradas por Possas, destacamos a de Lourdes Repiso Dias, que se refere à influência do protestantismo materno na sua formação religiosa, baseada em princípios morais arraigados, sem que isso interferisse no modo autônomo como construiu sua forma de pensar e de movimentar-se com desenvoltura de opinião diante das coisas. Lourdes sempre lia muito e praticava constantemente o exercício da escrita, expondo de maneira velada os seus pensamentos em cadernos e bilhetes. Esse hábito ela também levou para a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil - NOB, registrando, muitas vezes, nos papéis timbrados da Estrada, seus sentimentos e frustrações diante das injustiças e dos limites impostos às mulheres como funcionárias.<sup>15</sup> Esta mulher passou a ser membro atuante da Sociedade Auxiliadora Feminina – SAF<sup>16</sup>, órgão da Igreja Presbiteriana, onde concentrou seus esforços procurando ajudar o próximo:

Foi uma vida, viu! A gente viveu, gostou, porque foi útil, mas um pouco frustrada, porque a gente era respeitada como pessoa, mas não acreditavam na capacidade das mulheres, não davam valor ao nosso trabalho. Nós não conseguíamos mostrar que a gente era capaz, eles não davam chance.<sup>17</sup>

Estas e outras histórias de Lourdes “foram guardadas à sua maneira, por lembranças fragmentadas de fatos, pessoas e de alguns objetos, como fotos, cartões,

---

<sup>14</sup> POSSAS, Lídia M. Vianna. *Mulheres, Trens e Trilhos: modernidade no sertão paulista*. Bauru: Edusc, 2001.

<sup>15</sup> POSSAS, Lídia M. Vianna. op cit. p. 393.

<sup>16</sup> Sociedade Auxiliadora Feminina (SAF) – Igreja Presbiteriana do Brasil - É a organização do Trabalho Feminino em uma Igreja, Congregação ou Ponto de Pregação. Funciona com a autorização e sob a jurisdição do Conselho da igreja local, que indica um Conselheiro para servir de elo com a Sociedade. Disponível em <http://www.saf.org.br/> Acesso em 27 de março de 2007.

<sup>17</sup> Lourdes Repiso Dias, com 80 anos completos e algumas dificuldades de movimento, por causa de um reumatismo infeccioso que a obrigou a usar muletas para melhor locomoção, vive sempre acompanhada do marido, da filha casada e dos seus “tesouros”, os netos, intercalando a supervisão da casa com atividade junto à Igreja Presbiteriana, da qual é um dos membros atuantes. POSSAS, Lídia M. Vianna. op. cit. p. 397.

bilhetes e, principalmente, por um caderno de poesias que ela transformou em um Álbum de recordações”.<sup>18</sup>

O livro de Possas descreve histórias de mulheres ferroviárias se encontrando no espaço dos trens e trilhos, deixando marcas e registros de momentos em que aspiravam ser mais do que esposas e mães almejavam ser pessoas livres para pensar, agir e sentir.<sup>19</sup> No entanto, muitas delas viram-se excluídas até mesmo do exercício da memória, pois não há registro de suas histórias de vida, apenas indícios ou fragmentos.

Segundo a autora, ao olhar de novo para os trens e trilhos, buscando sintonias e ruídos, ela reconhece que não foi possível captar a presença de todas as mulheres nesse mundo predominantemente considerado dos homens. Mas foi possível perceber, nos caminhos da pesquisa, que elas conseguiram introduzir, num mundo que não era visto como seu, o jeito de ser mulher.<sup>20</sup>

Quanto à presença de mulheres nas origens do protestantismo brasileiro, iniciemos esta trajetória trazendo a memória à cidade de Brotas, no interior de São Paulo, que se destacou especialmente pela atuação do ex-padre José Manuel da Conceição<sup>21</sup>, considerado o primeiro pastor brasileiro. De acordo com Leonard, no dia 13 de novembro de 1859, também ocorreu nessa cidade o batismo de várias pessoas, incluindo algumas mulheres: Lina Maria, esposa, e Sabina Maria, filha de Joaquim José de Gouvêa, e as três filhas de Antônio Francisco Gouvêa: Belmira Maria, Maria Vitória e Maximina Maria; Severino José de Gouvêa e sua mulher Maria Joaquina. Na mesma ocasião foram batizadas algumas crianças.<sup>22</sup>

A seguir vieram os parentes de Conceição que, nas semanas seguintes, aderiram à Igreja; a saber: sua cunhada, sobrinho e a irmã mais moça, chamada de Tudica. Esta atraiu seu marido, a sogra Cândida Cerqueira Leite, considerada a fundadora do povoado, e todos os filhos dela<sup>23</sup>. Deve-se considerar o destaque que o autor faz ao trabalho desenvolvido pela moça chamada Tudica. Em 21 de outubro de

---

<sup>18</sup> POSSAS, Lúcia M. Vianna. op. cit. p. 397-99.

<sup>19</sup> Id. Ibid. p. 413.

<sup>20</sup> Id. Ibid. p. 415.

<sup>21</sup> “O padre José Manoel da Conceição, da Diocese Paulopolitana, aliou à invejável cultura, grande zelo por uma reforma espiritual, de fundo bíblico, o que lhe grangeou a alcunha de Padre Protestante (...) o iniciador da lista de padres que aderiram ao protestantismo no Brasil movidos por intensa aspiração de reformas religiosas” RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e Cultura Brasileira: aspectos da implantação do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Casa Publicadora Presbiteriana, 1981. p. 15.

<sup>22</sup> LEONARD, Emile G. p. 58.

<sup>23</sup> Id. Ibid. p. 59.

1866, professavam e eram batizados João Claro Arruda e sua mulher Maria Antônia de Arruda (uma índia); João Claro ex-escravo e ex-sacristão de José Manoel da Conceição.<sup>24</sup>

São mulheres do âmbito doméstico, mulheres de todas as idades, como Paulina, com idade de 74 anos, que foi a primeira a pedir o batismo juntamente com sua filha, Joaquina.<sup>25</sup> Consta que esta solicitação ocorreu durante a madrugada de sábado, pois ela estava muito ansiosa em participar da comunidade nascente. Destacamos também o trabalho desenvolvido pela doméstica, Inácia Maria Barbosa, pois “não foram os (...) cuidados missionários, nem os cuidados das damas da alta sociedade paulista, mas os de uma humilde doméstica, Inácia Maria Barbosa que trouxeram a nova fé àquela casa”.<sup>26</sup> A casa a que se refere o autor é a fazenda São Luís, que pertencia a Luís Antônio de Souza Soares.<sup>27</sup> Devido à solicitação de um pernoite do missionário Chamberlain e família, que acabaram realizando um culto na fazenda. Todavia, não há narrativas da continuidade deste trabalho por parte do missionário, e sim da doméstica anteriormente citada. É importante ressaltar que: “(...) quase sempre eram empregados domésticos que adotavam a religião de seus patrões; outras vezes as convicções eram independentes e em alguns casos, opostas mesmo a de seus senhores: uma das escravas negras de 1879, Felismina, esperou por quatro anos a permissão de seu senhor à sua profissão de fé.”<sup>28</sup>

O historiador Leonard recolhe em seus textos fragmentos de histórias de mulheres, consideradas senhoras do povo, como Felicidade, de Recife, e Januária, da comunidade de Tijuca, no Rio, que “analfabetas, pobres e modestas, mas inteligentes e distintas, sabiam testemunhar o poder do Evangelho e levar as almas ao conhecimento de Cristo”.<sup>29</sup> Há ainda outros destaques apresentados por Leonard, como por exemplo, no que diz respeito à insubmissão dos fiéis, ele apresenta a história de uma senhora de Cunha, interior de São Paulo, que contava a Emílio Willems sobre um padre que havia excluído do coro da Igreja uma de suas filhas: “O padre não pode expulsar ninguém da Igreja. A Igreja pertence ao povo. Nós podemos expulsar o padre, mas ele não pode

---

<sup>24</sup> LEONARD, Emile G. p. 59.

<sup>25</sup> Id. Ibid. p. 88.

<sup>26</sup> Id. Ibid. p. 96.

<sup>27</sup> Filho de Brigadeiro e neto do lado materno de um bandeirante, que no final do século XVIII a procura de ouro, acabou constituindo uma enorme fortuna na Mina de Melgueira (Mato Grosso).

<sup>28</sup> Id. Ibid. p. 101.

<sup>29</sup> Id. Ibid. p. 103.

expulsar ninguém. Minha filha o ajuda a ganhar o seu dinheiro.”<sup>30</sup> É importante destacar que nos escritos de Leonard encontramos estas mulheres do povo, enquanto que outros historiadores, quando citam a presença das mulheres, destacam especialmente as estrangeiras e raramente as mulheres brasileiras.

Quanto às mulheres da elite, Leonard conta que com a chegada de Sarah Poulton Kalley e Robert Reid Kalley, foram batizadas no dia 7 de janeiro de 1859, em Petrópolis, duas damas da corte imperial, Gabriela Augusta Carneiro Leão, irmã do Marquês do Paraná, aquele que procurava por imigrantes “mais evoluídos” procedentes de países protestantes, e do Barão de Santa Maria, e sua filha Henriqueta<sup>31</sup>. E que em 1878 a Igreja Presbiteriana em São Paulo, recebeu por transferência, Gabriela e Henriqueta (que havia casado em 1860 com um correligionário irlandês, William Esher)<sup>32</sup>. Em 5 de maio recebeu por profissão de fé, Rosa Edite de Souza Ferreira, filha de Miguel Vieira Ferreira, e por transferência alguns de seus parentes, Ana Rita Vieira Ferreira Pinto e suas filhas Luiza e Estefânia. Essas admissões tiveram grande importância na vida do protestantismo em São Paulo, que haveria de propagar-se pela aristocracia dos “paulistas de quatrocentos anos”.<sup>33</sup> O autor destaca a presença das mulheres na sociedade paulista: “todas estas famílias e especialmente a de Henriqueta de Couto Esher, tornaram-se instrumentos ativos da propaganda protestante.”<sup>34</sup>

Como representativo da atuação de mulheres como missionárias autônomas, ou seja, não vinculadas a agências missionárias nem enviadas por alguma igreja a um campo de missão, destacamos Sarah Kalley, e nos reportamos à obra intitulada: “Sarah Kalley: Missionária Pioneira na Evangelização do Brasil”,<sup>35</sup> de autoria de Douglas Nassif Cardoso. Neste livro, além de resgatar a biografia de Sarah Kalley, o autor descreve as teias de relações do protestantismo e a sociedade brasileira. A história de Sara Kalley será apresentada no decorrer desta pesquisa, bem como a análise do texto a *Alegria da Casa* que trata de mulheres no âmbito doméstico.

<sup>30</sup> LEONARD, Emile G. p. 212-213.

<sup>31</sup> Id. Ibid. p. 51.

<sup>32</sup> É importante perceber as redes de relações que se estabelecem. Pois, Esher é um dos primeiros presbiterianos a pleitear um cargo político em nível nacional. Para aprofundamento deste assunto, indicamos a dissertação de mestrado, cf. SOUZA, Márcio Pereira. *Palanque de papel: o discurso político dos jornais evangélicos brasileiros no período da república velha*. 2007. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)-Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

<sup>33</sup> LEONARD, Emile G. p. 95.

<sup>34</sup> Id. Ibid. p. 96.

<sup>35</sup> CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley: missionária pioneira na evangelização do Brasil*. São Bernardo do Campo: Ed. do Autor, 2005.

### 1.1.1 Mulheres ativas no âmbito pastoral

Usaremos doravante a designação no âmbito pastoral para discorrer sobre as mulheres missionárias, diaconisas e esposas de missionários. Porém, temos dificuldades em apresentar estas mulheres somente a partir desta referência, pois muitas delas desempenhavam diversos papéis ao mesmo tempo, por exemplo, missionária e educadora. Apesar desta dificuldade, procuraremos apresentar o papel em destaque, não deixando de nos referir às demais atuações dessas mulheres.

O historiador Leonard destaca o nome de algumas esposas de missionários: a esposa do Rev. Blackford, Anna Bagby, esposa do fundador da Missão Batista; a esposa do Rev. Carrington, a missionária professora Cunningham; e uma filha do missionário presbiteriano Chamberlain.<sup>36</sup> Algumas destas mulheres, devido à febre amarela, faleceram ainda na tenra idade. Entretanto, o trabalho destas mulheres era essencial para o desenvolvimento missionário, pois além de cuidar dos afazeres domésticos, elas se dedicavam à visitação, ao ensino das primeiras letras, e na ausência do esposo por motivo de viagem ou dificuldades na saúde, não hesitavam em realizar as atividades de cunho pastoral. Apesar do intenso trabalho missionário e de sua importância na história, a maioria das mulheres era identificada somente como esposa ou filha de missionários.

Neste processo de rastreamento bibliográfico também encontramos mulheres historiadoras como Maria de Melo Chaves, membro da Igreja Presbiteriana e autora do livro *Bandeirantes da Fé*<sup>37</sup>. Esta obra apresenta diversas biografias, e segundo a própria autora, ela enfatiza os detalhes, pois considera estes indispensáveis à concatenação dos fatos narrados. Nestas narrativas são mencionados missionários norte-americanos e ministros evangélicos brasileiros. A autora agradece as missionárias metodistas Mary Helen Clark e a Verda Farrar pelo apoio concedido na realização desta obra.<sup>38</sup> Preocupada com os detalhes, a historiadora dedicou o protagonismo desta narrativa aos homens, pois no que tange às mulheres, na maioria das vezes, é citado somente o primeiro nome, sem o sobrenome, ou quaisquer outras informações que possam colaborar para o processo de visibilidade delas na história do protestantismo brasileiro.

---

<sup>36</sup> LEONARD, Emile G. op. cit. p. 77-8.

<sup>37</sup> CHAVES, Maria de Melo. *Bandeirantes da Fé*. Belo Horizonte: Associação Evangélica Beneficente de Minas Gerais, 1947.

<sup>38</sup> Id. Ibid. p. 7-8.

Quanto às mulheres luteranas, o historiador Wilhelm Wachholz, no livro *Atravessem e ajudem-nos*,<sup>39</sup> destaca o trabalho desempenhado pelas esposas dos pastores, dizendo que elas “eram aquelas que efetivamente davam apoio aos pastores. Quando citadas, em cartas de seus maridos à SEB<sup>40</sup>, isto normalmente ocorria em casos de dificuldades, conflitos, doenças, nascimento de filhos e morte. Também foram citadas por ocasião da separação dos filhos, quando estes iam estudar na Europa.”<sup>41</sup> Elas eram companheiras e conselheiras neste processo de inserção do luteranismo no Brasil, zelavam pela economia doméstica e eram responsáveis pela educação dos filhos e filhas, e em algumas situações exerciam atividades agrícolas. Nas comunidades colaboravam especialmente na área da música com atividades voltadas para a juventude e às crianças.<sup>42</sup> E na ausência do pastor, por motivo de viagem e outros, também proferiam as reflexões junto à comunidade. Temos aí os primeiros indícios, em terras brasileiras, das mulheres na trajetória para o pastorado feminino. É importante destacar que as esposas de pastores

também exerceram o papel de ‘advogadas’ e interlocutoras em lugar de seus maridos junto à SEB, quando estes estavam envolvidos em conflitos com a mesma ou com colegas pastores. Nestas situações, eram elas que descreviam o estado de espírito físico, o abatimento, as frustrações, as tristezas, enfim, o lado frágil de seus maridos. Em vários momentos, também procuraram interceder em favor do estabelecimento da paz em meio às situações de conflitos.<sup>43</sup>

Esta breve incursão na pesquisa sobre as mulheres de pastores e mulheres luteranas, nos permite levantar duas suspeitas, que deveremos aprofundar quando tratarmos especificamente das mulheres metodistas: elas desempenharam um papel

<sup>39</sup> WACHHOLZ, Wilhelm. *Atravessem e ajudem-nos: A Atuação da “Sociedade Evangélica de Barmen” e de seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sul (1864-1899)*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. (Série Teses e Dissertações).

<sup>40</sup> SEB – Sociedade Evangélica de Barmen (Evangelische Gesellschaft zu Barmen).

<sup>41</sup> Id. Ibid. p. 560. Primeiramente esclarecemos o que é a SEB – Sociedade Evangélica de Barmen (Evangelische Gesellschaft zu Barmen). O autor afirma a citação acima baseado nas seguintes cartas - Cf. Carta de H.[ermann] Borchard a [Fabri] de 20/5/1897 (EZA 121/5/2); carta de H.[ermann] Borchard a [Fabri] de 10/5/1868 (EZA 121/5/3); carta de Chr [istian] Smidt a esposa de [Fabri] de 11/6/1868 (EZA 121/5/9); carta de C. [arl] Wegel a [Fabri] de 25/7/1870 (EZA 121/5/13); carta de Chr [istian] Smidt a Von Rohden de 29/10/1873 (EZA 121/5/1); carta de Chr [istian] Smidt a esposa de [Fabri] de 17/7/1881 (EZA 121/10/59); carta de J [ohannes] C. [aspar] Schwartz a [Fabri] de 2/6/1883 (EZA 121/10/63); cartas de H.[einrich] Hunsche a [Fabri] de 6/8/1883 e 6/11/1883 (EZA 121/10/64); cartas de H.[einrich] Hunsche a [Fabri] de 29/6/1885 (EZA 121/9/58); carta de Rotermund `esposa de [Fabri] de 28/11/1888 (EZA 121/9/58); cartas de W. [ilhelm] Hasenack a [Dedekind] de 4/5/1908 e 25/5/1909 (EZA 121/113); carta de Conrad Schreiber a [Dedekind?] de 11/2/1920 (EZA 121/94).

<sup>42</sup> Id. Ibid. p. 560/1.

<sup>43</sup> Id. Ibid. p. 562-563.

relevante no contexto daquelas comunidades religiosas e este papel não está explícito nas fontes que tratam da história das comunidades.

### 1.1.2 Mulheres ativas no âmbito educacional

No que diz respeito à criação das escolas, conforme o historiador Leonard, estas começavam modestamente. Por exemplo, o autor narra que em 1870, a esposa do missionário Chamberlain ministrava aulas particulares em sua própria casa, uma hora por dia, onde recebia as crianças impedidas de freqüentar a escola devido à intolerância religiosa<sup>44</sup>. Muitas escolas surgiram a partir deste trabalho desenvolvido com as crianças. O mesmo fenômeno se constata em relação às primeiras comunidades do protestantismo de missão, decorrentes da ação missionária do casal Kalley, no Rio de Janeiro.

Leonard também apresenta Charlotte Kemper,<sup>45</sup> diretora do Colégio de Lavras, e narra uma pequena história que se passou com a sua criada quando ela resolveu observar a diretora fazendo compras, pois se dizia que o dinheiro dos protestantes era do diabo e se transformava em carvão nas mãos de quem o aceitasse. Como o vigário morava perto, a criada resolveu tirar satisfação do vigário, pois observara que nada de anormal ocorrera com o dinheiro entregue pela diretora. Na ocasião, o vigário teria explicado o caso desta maneira: “ele mesmo havia previamente abençoado o dinheiro”.<sup>46</sup> Estes casos eram comuns neste período histórico e demonstram a intolerância entre católicos e protestantes, e ao mesmo tempo a presença das mulheres no sistema educacional e exercendo atividades cotidianas. Todavia, há que ressaltar ainda, o questionamento da criada perante os ensinamentos da Igreja Católica em relação à presença protestante.

No livro intitulado *Prática Educativa e Sociedade: Um estudo de Sociologia da Educação*<sup>47</sup>, o autor descreve a contribuição do protestantismo à sociedade Brasileira,<sup>48</sup> e não cita a presença das mulheres neste processo. Somente no capítulo “Os colégios protestantes”, ele descreve que, para dirigir o Jardim de Infância vem dos Estados

---

<sup>44</sup> LEONARD, Emile G. p. 134.

<sup>45</sup> Id. Ibid. p. 108

<sup>46</sup> Id. Ibid. p. 108.

<sup>47</sup> RAMALHO, Jether Pereira. *Prática Educativa e Sociedade: Um estudo de Sociologia da Educação*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

<sup>48</sup> Id. Ibid. p. 67-8.

Unidos a missionária Phebe Thomas.<sup>49</sup> Em 1896 a Training Class é transformada na Escola Normal do Mackenzie College. Para dirigir essa escola é indicada Márcia Brown, missionária e professora de pedagogia, formada nos Estados Unidos. Destacamos ainda que Marcia Brown e mais quatro professoras (das quais não consta o nome)<sup>50</sup>, além de Horácio Lane, são nomeadas para o serviço público do Estado de São Paulo, por lei especial, a fim de orientar o ensino primário e normal, sendo Lane considerado o Consultor Educacional do Governo. É o modelo de Escola Americana que dá origem ao conhecido “Grupo Escolar”.<sup>51</sup>

A presença das mulheres nas escolas é cada vez mais evidente, como descreve Ramalho: “chegam para a Escola Normal, enviados pela Junta de Richmond, o Dr. C.A. Baker, para as cadeiras de pedagogia e sociologia, e Miss Ruth Randall, para a de história da Educação.”<sup>52</sup> Em 1925, já funcionavam plenamente no Colégio dez departamentos, dentre eles destacamos o Colégio Feminino.<sup>53</sup>

Neste processo de rastreamento da história das mulheres, encontramos a obra intitulada *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil: um estudo de caso*.<sup>54</sup> O autor relata que a segunda metade do século XIX caracterizou-se por um aumento no ensino particular na Província de São Paulo, sobretudo na instrução secundária.<sup>55</sup> No entanto, segundo o testemunho de Maria Lucia Spedo Barbanti Hilsdorf Barbanti, “não havia mais de 10 escolas particulares de primeiras letras para moças.”<sup>56</sup> Maria Lúcia visibiliza as dificuldades no que tange ao acesso das mulheres à educação, pois a maioria dos estabelecimentos de ensino eram destinados à instrução masculina.

O historiador Leonard também destaca a presença das mulheres no processo de cismas das comunidades. Ele relata que a Igreja Evangélica Brasileira durante o

---

<sup>49</sup> RAMALHO, Jether Pereira. op. cit. p. 85.

<sup>50</sup> Mulheres anônimas neste processo. Depois de uma vasta pesquisa infelizmente não foi possível encontrar o nome destas quatro professoras.

<sup>51</sup> RAMALHO, Jether Pereira. p. 87.

<sup>52</sup> Id. Ibid. p.96.

<sup>53</sup> Id. Ibid. p.97.

<sup>54</sup> MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil: um estudo de caso*. Juiz de Fora/São Bernardo do Campo: EDUFJF/Editeo, 1994.

<sup>55</sup> Id. Ibid. p. 62.

<sup>56</sup> Id. Ibid. p. 63. Maria Lúcia Spedo Barbanti Hilsdorf, atualmente é professora doutora na USP. Escreveu sua dissertação de mestrado em 1977 na Faculdade de Educação da USP, intitulada “Escolas americanas de confissão protestante na Província de São Paulo”.

ministério de Luís<sup>57</sup> demonstrou o desejo de aproximar-se de outras denominações protestantes, mas depois de sua morte, em 1908, a igreja sofreu diversas crises e, conseqüentemente, cismas: “Enquanto sua maioria desejava que o sucedesse o filho do fundador, chamado dos Estados Unidos, onde estava estudando, no Colégio Moody, uma minoria chefiada por uma filha do Dr. Luís e Da. Sara, proclamava pastor um homem de negócios que fora o braço direito do seu pai.”<sup>58</sup>. Este cisma gerou a coexistência de duas comunidades.

Neste processo de rastreamento bibliográfico, e antes de apresentarmos as mulheres metodistas, destacamos ainda as seguintes obras: Na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil encontramos o livro *Retalhos no tempo: 100 anos de OASE*, organizado pela jornalista Sibyla Baeske,<sup>59</sup> que apresenta um breve histórico dos movimentos de mulheres luteranas, como se organizaram as primeiras sociedades, quando chegaram as primeiras diaconisas e como se organizou a Casa Matriz de Diaconisas, em São Leopoldo. Como a própria autora assevera, ela está apresentando uma colcha de retalhos, com pequenos recortes da história de norte a sul do país. É necessário dizer que este trabalho também foi realizado no contexto da Década de Solidariedade das Igrejas com as mulheres, criado pelo Conselho Mundial de Igrejas – CMI, além de ser um livro escrito para celebrar o centenário da Ordem Auxiliadora de Senhoras (OASE), organização de mulheres da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

Sibyla Baeske também organizou a obra intitulada *As mulheres desafiam as Igrejas Cristãs*.<sup>60</sup> Neste livro a autora apresenta uma seqüência lógica de tempo, num estilo de história linear, sem intenção de apresentar uma análise mais ampla dos acontecimentos em relação ao seu contexto. Neste sentido, a narrativa ordenada oferece importantes informações, organizadas pelas pessoas envolvidas no processo. Este livro também foi escrito no contexto da Década de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres.

Na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil encontramos um livro organizado pela União das Mulheres Anglicanas do Brasil (UMEAB), intitulado *Mulheres Anglicanas –*

---

<sup>57</sup> Oficial e engenheiro, sucessor e irmão de Miguel Vieira Ferreira considerado um campeão do iluminismo. Não consta seu sobrenome. LEONARD, Emile G. p. 339.

<sup>58</sup> LEONARD, Emile G. op. cit. p. 339.

<sup>59</sup> BAESKE, S. (org.). *Retalhos no tempo: 100 anos de OASE*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

<sup>60</sup> BAESKE, S. (org.). *Mulheres desafiam as igrejas cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2001.

*Vida e Missão*,<sup>61</sup> que retrata a memória das mulheres desta igreja. Este livro também foi escrito para celebrar o centenário da organização do trabalho feminino nesta Igreja.

Até aqui buscamos visibilizar as mulheres presentes no protestantismo, perguntando como elas aparecem no âmbito doméstico (familiar), pastoral (missionárias, diaconisas e esposas de missionários) e educacional (professoras, educadoras, fundadoras de escolas), o que evidenciamos nas diversas obras, especialmente no trabalho desenvolvido pelo historiador Leonard. Este historiador se destaca por visibilizar também as mulheres do povo em sua vida cotidiana, enquanto nas outras obras persiste certa opção pelas estrangeiras e por mulheres da elite brasileira. Quanto às historiadoras, destacamos Maria de Melo Chaves que infelizmente destina o protagonismo das suas narrativas aos homens.

Reconhecemos que há muitas possibilidades de reflexão sobre as mulheres protestantes, na historiografia brasileira. No entanto, devido à abrangência temática, e a necessidade de delimitação, esta pesquisa visa, especialmente, o período de 1930 (autonomia da Igreja Metodista) a 1970-71, quando o Concílio Geral desta igreja aprova a ordenação das mulheres. A nossa hipótese principal é a de que neste período a Igreja nacional passa a determinar a agenda, e há um certo silenciamento e/ou ocultamento da mulher metodista durante este momento da história. Portanto, entendemos que é necessário estabelecer uma trajetória e inicialmente visibilizar a mulher metodista antes de 1930, pois apesar das dificuldades presentes no metodismo nascente em terras brasileiras e do entendimento sobre a mulher na sociedade, certamente nos surpreenderemos com a atuação das mulheres nos primórdios desta história.

## 2. Mulheres Metodistas

No que diz respeito à presença de mulheres na herança metodista é imprescindível destacar algumas figuras situadas fora do nosso recorte histórico, por seu valor de referência. Uma delas é Susana Wesley, mãe de John Wesley, considerado o fundador do Metodismo. Segundo a tradição metodista, Susana era uma mulher firme e metódica que sabiamente educou dezenove filhos. Ela sabia grego, latim e tinha um bom conhecimento da língua francesa. Insistia na educação não somente dos filhos, mas também das filhas.

---

<sup>61</sup> UMEAB. *Mulheres Anglicanas: Vida e Missão*. Pelotas: UFPel, 1998.

Há muita história de vida ainda a ser contada a seu respeito. Todavia, vamos trazer à memória um relato de um episódio que ocorreu em 1712, quando Susana escreveu, no dia seis de fevereiro, uma carta a Samuel Wesley, seu esposo e pastor, que atendia a uma convocação da assembléia deliberativa de bispos e clérigos anglicanos, em Londres, Inglaterra. Susana começou a ler os sermões para a sua família como forma de educação religiosa. Mas, os criados e amigos pediram permissão para assistir e, eventualmente, ela chegava a reunir em sua casa mais de quarenta pessoas. O marido, inquieto com essas práticas, a questiona em uma carta, ao que Susana responde, também por meio de uma carta:

como sou mulher, também sou a senhora de uma numerosa família. Muito embora a maior responsabilidade das almas nela contidas caia sobre ti, mesmo assim, na tua ausência, não posso deixar de encarar cada alma que tu deixas sob meus cuidados como um talento entregue a mim sob confiança, pelo grande Senhor de todas as famílias do céu e da terra. E se for infiel a Ele ou a ti, em aumentar estes talentos, como lhes responderei quando ele me mandar prestar contas da minha mordomia? (...) Quanto à sua proposta de deixar uma outra pessoa [do sexo masculino] ler, infelizmente tu não consideras que naípe de gente é este! Não acho que qualquer homem entre eles possa ler um sermão sem soletrar uma boa parte dele; nenhum membro de nossa família tem voz suficientemente forte para fazer-se ouvir por um número tão grande de pessoas.<sup>62</sup>

Susana Wesley insistiu e persistiu, pois entendia que maior era aquele que a mandava falar do que aquele que a mandava calar-se. Essas e tantas outras situações marcaram também a vida de John Wesley e a história do metodismo. Wesley dizia que o chamado ordinário de Deus para o ministério era para os homens e o chamado extraordinário era para mulheres.

Destacamos também a participação da Condessa de Huntington, que ajudou a sustentar o trabalho missionário de John Wesley e George Whitefield (pregador leigo). As mulheres também iniciaram trabalhos missionários em lugares nos quais o movimento wesleyano ainda não havia chegado. Por exemplo,

Leslie F. Church conta que, quando George Whitefield foi a Barnard Castle, em 1753, perguntou ao dono da hospedaria se havia metodistas na vizinhança. O homem o olhou e disse: Não ouvi falar de nenhum, porém aqui tem as que chamamos “tamancos barulhentos”. Surpreso, Whitefield descobriu que esse era o nome dado no local às mulheres metodistas. Elas se

---

<sup>62</sup> REILY, Duncan A. *Metodismo brasileiro e wesleyano*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1981. p. 50-52.

locomoviam desde suas casas, todas as manhãs muito cedo, para o local de reunião de oração, usando seus tamancos de madeira. Elas tinham que usar esses tamancos por causa dos pântanos e lama que havia na localidade. No silêncio da madrugada, tantos tamancos deviam realmente fazer muito barulho.<sup>63</sup>

Há mulheres, como Ana Ball, que organizou a Escola Dominical em 1769, onze anos antes do jornalista Robert Raikes, considerado o fundador da Escola Dominical, e mulheres, como Mary Bosanquet, guia de classe e pregadora leiga. John Wesley considerava a pregação de Mary como sendo “luz e fogo”; ou seja, sábia e inteligente, cheia de ânimo e vivacidade. As mulheres também participavam no sustento do trabalho missionário, com sua participação pessoal e seus recursos financeiros.

Nos Estados Unidos, destacamos a participação de Frances Willard<sup>64</sup> presidente Nacional da União Cristã de Mulheres pela Temperança. Também defendeu outras causas, referentes ao direito de voto feminino e à educação. O grupo liderado por Frances foi considerado a primeira organização de mulheres americanas.

No Brasil, destacamos a presença das mulheres metodistas, pois elas são o objeto principal desta pesquisa. Iniciamos pelas mulheres ativas no âmbito pastoral.

## 2.1 Mulheres ativas no âmbito pastoral

Conforme já explicitamos anteriormente, usaremos esta designação para apresentar as mulheres missionárias, esposas de missionários e diaconisas.

Segundo o historiador Kennedy, o trabalho metodista inicia no Rio de Janeiro, no dia 19 de agosto de 1835, com a chegada do Rev. Pitts, que após um ano de permanência no Brasil, retornou aos Estados Unidos em 1836.<sup>65</sup> Neste mesmo ano, é enviado ao Brasil pela Missão Oregon, dos Estados Unidos, o Rev. Justin Spaulding, e para reforçar este trabalho, em novembro de 1837, chegam ao Rio de Janeiro o Rev. Daniel P. Kidder, R.M. Murdy e esposa. Durante o primeiro ano de residência e trabalho do Rev. Kidder no Brasil faleceu a sua esposa Cynthia Harriet Kidder, e assim

<sup>63</sup> CHURCH, Leslie F. “The Early Methodist people”. In: SIMEONE, Maria Inês. *As extraordinárias irmãs metodistas*. São Bernardo do Campo: IMS, 1996.

<sup>64</sup> Para aprofundamento indicamos o livro de SMITH, Grace Buyers. *A vida de Frances E. Willard*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã, 1940.

<sup>65</sup> KENNEDY, James L. *Cincoenta annos de methodismo no Brasil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1928. p. 13-4.

em 1840 ele retornou à cidade de Nova York com um filho menor de idade.<sup>66</sup> As dificuldades enfrentadas pelos missionários pioneiros e especialmente pelas esposas, entre muitas razões deve-se também ao precário atendimento na área da saúde.

Kennedy destaca que a “sepultura de Mrs. Cynthia Harriet Kidder é o resultado permanente desses primeiros labores, monumento que tem actuado e continua a actuar como estimulante poderoso em os (*sic*) obreiros evangélicos do Brasil.”<sup>67</sup> Este monumento era visitado constantemente, especialmente por ocasião das conferências anuais, conforme descreveremos posteriormente.

Os historiadores metodistas narram que após estes acontecimentos há um silenciamento de aproximadamente 25 anos. Todavia é importante lembrar que no período de 1861 a 1865 ocorre a Guerra da Secessão<sup>68</sup> nos EUA, país de onde provinham os missionários e missionárias pioneiros/as no trabalho de implantação do metodismo no Brasil.

Após 25 anos de silêncio por parte dos metodistas, o historiador Leonard relata que no mês de agosto de 1870, organizava-se em Santa Bárbara do Oeste-SP, a Igreja Metodista Episcopal sob a orientação do Rev Junius E. Newmann. Esta pequena comunidade religiosa contava com nove membros.<sup>69</sup> Segundo o historiador Kennedy, a organização da primeira Igreja Metodista ocorreu no terceiro domingo de agosto de 1871, e não em 1970 conforme Leonard. Há dificuldades em definir o ano deste trabalho. Mas nessa ocasião estavam presentes as seguintes pessoas: Rev. J. E. Newman e esposa, Mary A. Newman; A. I. Smith e esposa, Sara J. Smith; Richard Carlton e esposa, Cinthia Carlton; T.H. Smith e esposa; e Leonor Smith, filha deste último casal. Mais tarde ela tornou-se missionária, e por alguns anos representante no Brasil da Junta

---

<sup>66</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 14.

<sup>67</sup> Id. Ibid. p. 15.

<sup>68</sup> Durante a expansão territorial ocorreu um desequilíbrio político entre os estados industriais do norte e os estados agrários e escravistas do sul. Nos estados onde predominava a mão-de-obra livre cresceu o número de eleitores que eram vinculados ao mercado do norte industrial; o sul, voltado para a exportação de produtos agrícolas, tinha suas reivindicações examinadas em segundo plano. O norte, interessado na ampliação do mercado interno, defende a abolição da escravidão; o sul rejeita a proposta, com medo de perder o monopólio mundial do algodão. Em 1861, o sul declarou independência em relação ao norte, e o presidente Lincoln apoiou a manutenção da União, iniciando a Guerra de Secessão. O sul foi derrotado e o saldo de mortos foi de 600 mil. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/2001> e ARRUDA, José J.A. e PILETTI, Nelson. *Toda a história: história geral e história do Brasil*. São Paulo: Ática, 1996. Acesso 18 de setembro 2007.

<sup>69</sup> LEONARD, Emile G. p. 75.

Missionária de Mulheres da Igreja-Mãe.<sup>70</sup> Desse modo percebe-se a presença das mulheres na comunidade nascente.

Nesse período consta também uma informação de Mary Newman Carr sobre o trabalho do seu pai, ela expressou-se dizendo as seguintes palavras:

O primeiro lugar de culto foi uma sala de alguns 14 pés quadrados, não assoalhada e coberta de sapé. A mesma sala tinha servido de venda onde se negociava em licores alcoólicos. O Senhor abençoou este pequeno começo que logo resultou em uma sociedade de 50 comungantes e o característico mais notável desta igreja nascente era a sua espiritualidade.<sup>71</sup>

Quanto aos primeiros brasileiros a tornarem-se membros da comunidade, Kennedy descreve que no dia 9 de março de 1879 Ranson acolheu o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, e a senhorita Francisca de Albuquerque, ambos recebidos sob o seu batismo romano.<sup>72</sup> Outras pessoas foram recebidas ao longo do ano. Em 1880 ocorreu a morte da filha de Ranson, Annie, e logo após este acontecimento, o missionário retornou a sua terra natal, Nova York.

No ano seguinte, em 1881, no dia 26 de março, o Rev. Ranson partiu de Nova York, via Europa, em direção ao Brasil, na companhia das seguintes pessoas: Rev. J.W. Koger, esposa e filho, a missionária Martha Watts e o Rev. J.L. Kennedy.<sup>73</sup>

Quanto ao trabalho inicial de Martha Watts,<sup>74</sup> consta que no princípio do mês de julho desse mesmo ano, ela reuniu várias crianças todos os domingos antes do culto da manhã, e assim organizou efetivamente e dirigiu uma escola dominical. A missionária contribui efetivamente neste trabalho pioneiro. Iremos descrever posteriormente a sua atuação não somente como missionária, mas especialmente como educadora.

A organização da Igreja Metodista em Piracicaba ocorre no dia 2 de setembro, sob o pastoreio do Rev. Koger, ocasião em que foram recebidos nove membros americanos por certidão do circuito de Santa Bárbara do Oeste. Das pessoas mencionadas destacamos as seguintes mulheres: Elizabeth C. Smith, Newman, Leonara D. Smith, Laura A. Smith, Frances S. Koger e Martha Watts, que formaram a comunidade de mulheres, pois além delas, constam somente o nome de três homens,

---

<sup>70</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 16-7.

<sup>71</sup> Id. Ibid. p. 17.

<sup>72</sup> Id. Ibid. p. 21.

<sup>73</sup> Id. Ibid. p. 22.

<sup>74</sup> Id. Ibid. p. 25.

totalizando assim os nove membros recebidos na ocasião. Neste sentido, destacamos as mulheres como protagonistas na formação e organização da terceira Igreja Metodista estabelecida no Brasil.<sup>75</sup>

Quanto à primeira “Sociedade Missionária Metodista de Senhoras”,<sup>76</sup> segundo a carta impressa no *Christian Advocate* de Nashville, Tenn, foi organizada na Igreja Metodista do Catete, em 05 de julho de 1885, e intitulou-se “Sociedade Auxiliadora”, porém esta sociedade era inicialmente filial da “Sociedade Missionária de Senhoras nos Estados Unidos da América”. Notamos que o historiador Kennedy apresenta com reverência os nomes de algumas sócias dessa primeira sociedade, como S.T. Langstreth, reconhecida pelo trabalho desenvolvido na Igreja do Catete e entre pessoas estrangeiras. Era considerada uma mãe para as professoras missionárias e admirada por todos que a conheciam. Também destaca Clementina Gomes de Souza Shalders, “por sua lealdade à Cruz de Cristo”, os trabalhos desenvolvidos entre estrangeiros e brasileiros e, especialmente, pelos filhos e outras pessoas que por ela foram influenciadas. Outra mulher destacada por Kennedy foi Jennie Wallace Kennedy, sua primeira esposa e que por quase trinta anos foi também cooperadora no trabalho. Ele cita ainda H.C. Fernandes Röhe, como uma das sócias fundadoras desta Sociedade Missionária. Quanto aos outros nomes, Kennedy salienta que alguns escapam da sua memória.

Neste mesmo ano é iniciado o trabalho metodista no Rio Grande do Sul. O ano de 1885 é considerado oficial, devido à carta encaminhada por Thomas Wood, superintendente da Missão Platina, que relata o seguinte:

Montevidéu, 21 de março de 1885.

Sr. João C. Corrêa, estimado irmão em Jesus Christo:

Em vista de sua nomeação desta superintendência, datada de 28 de fevereiro p. p., designando-lhe a cargo do circuito da Província do Rio Grande do Sul e de se encontrarem promptos todos os requisitos preliminares inseparáveis de sua entrada neste cargo, translade-se com máxima brevidade, acompanhado de sua família, para a cidade de Porto Alegre a fixar residência allí, formando o centro das operações de sua obra, a qual iniciará e levará avante sob o systema que é de praxe desta missão.

Fraternalmente em Jesus Christo,

<sup>75</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 25.

<sup>76</sup> Id. Ibid. p. 41.

Thomas Wood – Superintendente.<sup>77</sup>

Ainda no mês de março chegaram a Porto Alegre, João C. Correa, sua esposa, filha e Carmem Chacon. Organizaram a primeira Igreja Metodista na capital gaúcha, no dia 27 de setembro de 1885.<sup>78</sup>

Enquanto o trabalho missionário prossegue no Rio Grande do Sul, como Missão da Igreja Metodista no Uruguai, em 1886 chega ao Rio de Janeiro o Bispo J.C. Granbery, Bispo superintendente da Missão no Brasil, enviado pela Igreja Mãe, Igreja Metodista Episcopal do Sul, nos Estados Unidos. Consta no *Jornal Methodist Catholico*<sup>79</sup> de 15 de julho, a seguinte notícia:

No vapor Advance chegou à corte no dia 04 de julho o Bispo J.C. Granbery, da Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos, veio acompanhado do Rev. H. C. Tucker (...) e sua filha, d. Elvira que a pouco se formara no Wesley Methodist Institute do Estado da Geórgia, e que neste mesmo ano ficou sendo professora do colégio piracicabano e mais tarde representante da Junta de Missões Estrangeiras de Mulheres dos Estados Unidos da América.<sup>80</sup>

As mulheres continuam chegando ao Brasil para participar da missão, além de missionárias e diaconisas, também na condição de esposas, mães e filhas. Quanto à Junta de Missões Estrangeiras de Mulheres dos Estados Unidos da América, é importante esclarecer que:

Além da Junta de Missões, fundaram-se no século XIX várias sociedades femininas com o mesmo objetivo: sustentar trabalhos missionários. Em 1869, por iniciativa da missionária Lois Parker, fundou-se a Sociedade Missionária para Mulheres Estrangeiras da Igreja do Norte dos Estados Unidos. O objetivo dessa sociedade era o de educar a mulher nos países onde se implantavam as missões religiosas. Esse grupo de mulheres lutou contra vários obstáculos dentro da estrutura da própria Igreja Metodista norte-americana. Temia-se que as campanhas para angariar fundos para a nova sociedade enfraquecessem as

<sup>77</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 175. Apesar do ano 1885, ser considerado oficial, o trabalho metodista iniciou no Rio Grande do Sul em 1875 com a vinda de João C. Corrêa, membro da Igreja Metodista Episcopal, da República do Uruguay. A primeira visita ao Rio Grande do Sul, foi realizada devido ao seu trabalho, pois era colportor, e na ocasião partiu da cidade de Uruguaiana (fronteira) em direção à Porto Alegre (capital). Porém, a data considerada oficial é 1885, devido à carta encaminhada por Thomas Wood.

<sup>78</sup> Id. Ibid. p. 175-176. Corrêa permaneceu no Rio Grande do Sul até a sua morte, que ocorreu no dia 25 de abril de 1926 e alguns meses depois faleceu também a sua esposa Maria.

<sup>79</sup> Hoje “Expositor Cristão”.

<sup>80</sup> Id. Ibid. p. 44.

contribuições destinadas à Junta de Missões. Depois de muita discussão a sociedade de mulheres foi oficializada, em 1884.<sup>81</sup>

A colaboração da Junta tem o objetivo de conceder às mulheres, em países que estão sendo alcançados pela ação missionária da Igreja Metodista, a capacitação para que elas possam sustentar-se a si mesmas e não depender meramente do provedor masculino.

Ainda sobre a primeira visita episcopal, é importante ressaltar que o Bispo Granbery convocou uma reunião de todos os missionários, de ambos os sexos, para o dia 17 de julho em Piracicaba.<sup>82</sup> A terminologia “ambos os sexos” não era comum neste período, certamente que a presença de Elvira Tucker e a ação de outras mulheres contribuíram para esta compreensão.

A seguir nos propomos a perseguir os rastros das mulheres visitadoras e pregadoras.

### 2.1.1 Nos rastros das visitadoras

Para desenvolver este tema nos reportamos aos jornais *Expositor Cristão* e *O Testemunho*, pois nestes encontramos alguns rastros e rostos da trajetória destas mulheres. Além de nos referirmos às atas das primeiras conferências realizadas na Igreja Metodista do Brasil, ainda em processo de formação, e de pesquisas realizadas pelo historiador Duncan Alexander Reily.

Nas primeiras atas das conferências destacamos as seguintes palavras: visitantes e visitadoras. Inicialmente nos parece redundante, mas somente após percorrer aproximadamente quinze anos destas atas, é que constatamos os nomes das pessoas que são visitantes nestas primeiras conferências, como pastores, missionários, autoridades locais. Contudo, não é possível encontrar nelas uma referência explícita ao trabalho desenvolvido pelas mulheres visitadoras. Estas que se deslocavam de casa em casa, especialmente para ler a Bíblia para as pessoas, num período em que a Bíblia era lida

---

<sup>81</sup> MESQUITA, Zuleica de Castro Coimbra. A proposta Educacional Metodista no Brasil: fase de implantação (1876–1914). *Revista de Educação do Cogeime*, n. 6, junho. São Paulo, 1995. p. 95-6.

<sup>82</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 44

em latim e de difícil acesso ao povo, sem contar as dificuldades em relação à leitura, devido ao alto índice de analfabetismo.<sup>83</sup>

O historiador Reily, no que tange às visitadoras, descreve o seguinte:

Rev. Vollmer tem desenvolvido um grupo de líderes de classes e é ajudado por um grupo esplêndido de Mulheres da Bíblia que dão uma parte de cada dia à visita e leitura da Bíblia (...) a Reitora do Colégio Americano “nossa mulher da Bíblia tem sido fiel na visitação e na distribuição de literatura cristã” (...) em “Santa Maria, (RS) uma mulher da Bíblia está empregada.”<sup>84</sup>

O Rev. Vollmer atuava em Porto Alegre, onde também é citado o trabalho desenvolvido pela reitora e por um grupo de mulheres da Bíblia, e no interior do Estado do Rio Grande do Sul, no caso, na cidade de Santa Maria há uma mulher exercendo esta atividade. O historiador também se refere ao trabalho desenvolvido pela missionária Amélia Elerding, o que se encontra em uma das notas de rodapé do artigo intitulado *Os metodistas no Brasil (188 –1930)*:

O Trabalho em São Paulo foi liderado por uma missionária Amélia Ellerding, a qual trabalhou por uns sete anos, geralmente com a cooperação de quatro mulheres da Bíblia. Cada ano entre 1915 e 1922, menos 1919, há um relatório circunstanciado desse trabalho. Sofreu solução de continuidade com a volta da missionária para os Estados Unidos, mas foi retomado pelas próprias mulheres da Bíblia depois (AR 122, p.130).<sup>85</sup>

Neste processo de rastreamento, verificamos que a citação acima originalmente encontra-se no *Annual Report of the Board of Missions of the Methodist Church South*,<sup>86</sup> documentos em que constavam o relato das pessoas designadas pela Igreja

---

<sup>83</sup> Para termos uma noção do índice de analfabetismo neste período em relação a atualidade, o site *Reescrevendo a educação* destaca o seguinte: “As taxas de analfabetismo entre os brasileiros com 15 anos ou mais decresceram de 65% em 1920 para 13% em 2000. Esse decréscimo resulta da expansão paulatina dos sistemas de ensino público, ampliando o acesso à educação primária. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tal como se faz em outros países, sempre apurou os índices de analfabetismo com base na auto-avaliação da população recenseada sobre sua capacidade de ler e escrever.” Disponível em <http://www.reescrevendoeducacao.com.br/2006/pages.php?recid=28> Acesso em 29 de dezembro de 2007.

<sup>84</sup> REILY, Duncan Alexander. “Os metodistas no Brasil (1889 – 1930)”. In: *História, Metodismo, libertações: Ensaios*. São Bernardo do Campo: EDITEO, 1990, p. 82.

<sup>85</sup> Id. Ibid. p. 91.

<sup>86</sup> No que tange ao trabalho desenvolvido pelas mulheres, posteriormente encontramos relatos no *Annual report of the Woman's*. New York: Board of Missions and Church Extension of the Methodist Church. Que a partir dos anos 40 passa a ser editada como uma revista. Na Biblioteca da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista encontramos alguns números a partir de 1949.

Metodista dos Estados Unidos para exercer atividades missionárias em diversos países, especialmente África, América Latina e China.

Quanto ao trabalho desenvolvido pela missionária Amélia Elerding, e mais quatro mulheres da Bíblia, o historiador Reily declara que o trabalho mais intenso foi realizado no em São Paulo: “Em 1914, quatro mulheres da Bíblia realizaram 3.493 visitas, quase 2.500 com leitura da Bíblia e oração”.<sup>87</sup>

Ao perseguir os rastros, na busca de informações sobre o trabalho desenvolvido pelas visitadoras, encontramos mulheres como Elisa V. de Jesus, protestante de berço, nascida no Rio Grande do Sul, que desde 1896 exerceu a função de visitadora; Della V. Wright<sup>88</sup>, oriunda dos Estados Unidos, além de ensinar um grupo de aproximadamente 40 a 50 crianças, dedicou as suas tardes à visitação.

Adélia Mayer, natural da Alsacia Lorena, que chegou ao Brasil em 1899, casou-se e enviuvou muito cedo. O jornal, *O Testemunho*, também destaca na primeira página, Elizabeth Hafeley, que chegou ao Brasil, depois de ter tido uma experiência na África. Quanto ao trabalho em Porto Alegre, este era “limitado aos membros da vasta colônia alemã desta cidade a quem ela visita com assiduidade religiosa. E esta irmã uma poetisa de fina tempera e queremos crer que quando ela estiver familiarizada como o nosso idioma, nosso hynario evangélico será enriquecido com suas produções”.<sup>89</sup>

Neste rastreamento da trajetória das visitadoras encontramos um breve relato das atividades realizadas por Julia Ribeiro, Maria Araújo, Albertina Guimarães e Núncia Bevilacqua. Para melhor as visualizarmos apresentamos o gráfico<sup>90</sup> abaixo:

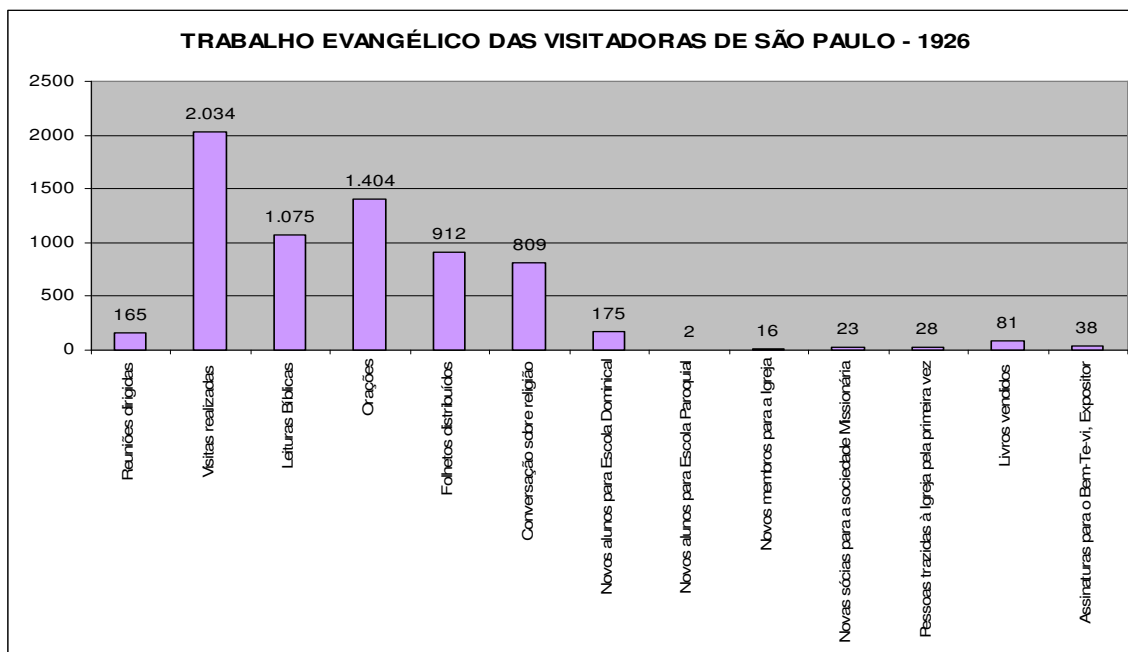
---

<sup>87</sup> REILY, Duncan Alexander. op. cit. p. 82.

<sup>88</sup> “D. Della é moça que, a par de vastos conhecimentos possui um coração meigo e carinhoso que a tornam a predilecta das crianças. Com geral satisfação tem ella dirigido o anexo n. 1 de nosso collegio, que funciona a rua do Parque n.76, onde nossa igreja possui uma missão muito prospera (...) DD. Clara Fullerton e Della Wright tem contribuído para o desenvolvimento de nossos collegios”. In: O TESTEMUNHO: Orgam da Igreja Methodista no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, vol. 2, 15 de janeiro de 1905. p. 1.

<sup>89</sup> O TESTEMUNHO: Orgam da Igreja Methodista no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, vol. 2, 1º de julho de 1905. p. 1.

<sup>90</sup> Este gráfico foi realizado com as informações obtidas do jornal O EXPOSITOR CRISTÃO: Orgam da Igreja Methodista Episcopal do Sul, no Brasil. São Paulo, vol. 41, n. 4, 26 de janeiro de 1927, p.12.



Em 1926, as visitadoras realizaram 2.034 vistas, enquanto que, segundo Reily, em 1914 elas haviam realizado 3.493 visitas em São Paulo. O número está diminuído, mas por outro lado, está aumentado o número de missionários que exercem atividades junto às Igrejas nascentes e das missionárias junto às escolas paróquias e aos colégios, e ainda o trabalho desenvolvido pelas Sociedades Missionárias de Senhoras.

No gráfico apresentado verificamos alguns dos resultados imediatos destas 2.034 visitas, ou seja, o encaminhamento de 23 novas sócias à Sociedade Missionária de Senhoras, 16 novos membros à Igreja Metodista, 175 novos alunos à Escola Dominical, e 2 pessoas à Escola Paroquial. Quanto à venda de livros, consta 81, além das assinaturas do *Expositor Cristão* e do *Bem-Te-Vi* (revista destinada às crianças). Podemos dizer que além de visitar, ler a Bíblia, as visitadoras também realizavam o serviço de colportagem.<sup>91</sup>

A colportagem foi essencial na propagação do protestantismo brasileiro. Segundo o historiador Leonard

Desde a Independência eram distribuídas Bíblias – primeiro pela Sociedade Bíblica Britânica, e depois pela Sociedade Bíblica Americana, que se valiam especialmente dos bons

<sup>91</sup> A palavra “colportagem” vem da palavra “Colporteur” que deriva do francês e significa “levar no pescoço”. Esse nome originou-se do costume que tinham os colportores valdenses de levar os escritos sagrados debaixo da roupa, ou numa bolsa que pendia do pescoço. Disponível <http://www.asdmr.org.br/html/colportagem.html> acesso em 27 de dezembro de 2007.

ofícios de comerciantes em viagem que colocavam caixas de Escrituras Sagradas, à disposição de quem as desejasse (deixando-as mesmo, algumas vezes pura e simplesmente abertas nas alfândegas).<sup>92</sup>

O serviço de venda e distribuição era realizado pelos chamados colportores, que eram na maioria missionários, ou pessoas contratadas pelas Sociedades Bíblicas para oferecer a Bíblia de casa em casa. Algumas destas pessoas contratadas eram mascates, ou exerciam outra profissão além da colportagem. No entanto, pelo menos neste período de implantação do protestantismo não encontramos estas terminologias “colportores/colportagem” sendo utilizadas quando se refere às mulheres exercendo esta atividade. Somente “mulheres da Bíblia” conforme apresentamos anteriormente.

No que diz respeito aos nomes de visitadoras, encontramos até o momento: Elisa V. de Jesus, Della V. Wright, Adélia Mayer, Elizabeth Hafeley, Adelaide Vurlod, Amélia Elerding, Julia Ribeiro, Maria Araújo, Albertina Guimarães e Núncia Bevilacqua; além do grupo de mulheres da Bíblia que atuava em Porto Alegre, Santa Maria e São Paulo. Mulheres solteiras, viúvas, estrangeiras, brasileiras que exerceram a função de visitadoras; dirigindo reuniões, distribuindo e procedendo à leitura da Bíblia, dialogando sobre religião, e preparando a trajetória dos missionários que implantaram igrejas a partir do trabalho destas pioneiras.

Ao percorrer os rastros, temos a possibilidade de descrever o rosto, ou seja, conhecer um pouco mais da história<sup>93</sup> destas mulheres, como Núncia Bevilacqua, Adelaide Vurlod e Amélia Ellerding.

A visitadora Núncia Bevilacqua<sup>94</sup> nasceu em 17 de novembro de 1866, em Corato, província de Bari, Itália. Casou-se em 29 de maio de 1885, e após nove anos mudou-se com o marido para o Brasil, fixando sua residência na cidade de São Paulo. Ela ingressou na Igreja Metodista, no dia 7 de maio de 1899, sua profissão era costureira, mas além de cuidar do lar, ela trabalhou durante trinta anos, especialmente nas regiões de influência italiana, nas cidades de Taubaté, São Roque, Campinas, Amparo, Porto Novo, Boa Esperança e Dourado, exercendo o cargo de visitadora junto com Amélia Elerding, e também chegou a substituí-la por um ano na direção do trabalho.

<sup>92</sup> LEONARD, Emile G. op. cit. p. 42.

<sup>93</sup> O rosto diz respeito à face do ser humano, mais do que a fisionomia, a presença.

<sup>94</sup> Informações baseadas no jornal EXPOSTOR CRISTÃO. Organ oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 44, nº. 41, 26 de novembro de 1930 p. 6.

A visitadora Adelaide Vurlod<sup>95</sup> nasceu em 1878 na cidade de Uruguaiana (Rio Grande do Sul), filha de Aleixo Vurlod (fundador do Colégio União, em Uruguaiana) e Thereza Vurlod. Na cidade de Alegrete, desempenhou diversas atividades, como professora de Escola Dominical, membro da Junta de Ecônomos, fundou um Centro Social para o trabalho com a juventude, isto como parte das atividades da Liga Epworth, além de ser professora no Colégio Alfa Ômega. Em Uruguaiana, trabalhou como professora do Colégio União; em Caxias do Sul, atuou como professora da Escola Paroquial e fundadora da Sociedade Missionária de Senhoras Metodistas; em Porto Alegre, ajudou a organizar a Sociedade Missionária de Senhoras da Igreja Metodista Institucional, e durante sete anos foi diretora e professora da Escola Paroquial; em Quaraí, fundou a Sociedade Missionária de Senhoras, e posteriormente torna-se membro da Sociedade Missionária Conferencial, desempenhando o cargo de superintendente de estudos, publicações e educação. Além destas atividades, Adelaide Vurlod era visitadora oficial de todas as Igrejas em que seu cunhado, o Rev. A. M. Ungaretti, serviu como pastor. Ela faleceu em Alegrete no dia 4 de maio de 1926, e consta que uma multidão acompanhou a cerimônia de sepultamento.

Em homenagem à Adelaide Vurlod, durante o Congresso das Sociedades Missionárias de Senhoras da Conferência Anual Sul Brasileira da Igreja Metodista, realizado no período de 14 a 16 de fevereiro de 1928, evento que contou com 21 delegadas, sob a presidência de Odette Barbieri, foi apresentada e aprovada a seguinte moção:

Considerando também a grande falta de trabalhadores na Seara do Mestre, foi fundado um cofre que se denominará “Adelaide Vurlod” em honra da saudosa obreira que consagrou sua vida ao trabalho do Senhor no meio da mocidade. Este cofre será permanente e custeará as despesas de um ou mais estudantes para o ministério.<sup>96</sup>

Em todas as Sociedades Missionárias de Senhoras da Conferência Anual Sul Brasileira eram recolhidas constantemente às ofertas de gratidão contidas no Cofre Adelaide Vurlod e encaminhadas para o sustento de pastores em período de formação, posteriormente estes valores também foram partilhados visando à formação das diaconisas, o que será apresentado no decorrer desta pesquisa.

---

<sup>95</sup> Informações baseadas no jornal O EXPOSITOR CRISTÃO: Orgam da Igreja Metodista Episcopal do Sul, no Brasil. São Paulo, vol. 40, n.º. 21, 26 de maio de 1926, p. 5 e 15; vol. 40, n.º. 25. 2 de junho de 1926, p. 2 e 13; vol. 40, n.º. 22, 23 de junho de 1926, p. 8 e 15.

<sup>96</sup> Id. Ibid, vol. 42, n.º. 13, 28 de março de 1928, p. 14.

A visitadora Amélia Elerding<sup>97</sup> oriunda dos Estados Unidos, começou seu trabalho no Rio de Janeiro em 1892, e atuou como visitadora até 1901, quando foi transferida para São Paulo, conforme já descrevemos anteriormente, especialmente como coordenadora do trabalho realizado pelas visitadoras. O historiador Kennedy, por ocasião da celebração do cinquentenário do metodismo no Brasil, se refere a ela dizendo: “Miss Amélia Elerding por longos annos missionaria e leitora da Bíblia no Brasil, especialmente na cidade de São Paulo”.<sup>98</sup>

Na condição de jubilada (aposentada) continuava a contribuir com o orfanato no Rio de Janeiro; a Igreja em Bom Retiro (Igreja em que se filiou, em São Paulo) também colaborou na construção do salão da Igreja da Luz – SP, e na expedição de Bíblias que constantemente eram encaminhadas às suas companheiras de trabalho no Brasil. A visitadora Amélia faleceu no dia 17 de abril de 1928 em Freeport, Illinois, Estados Unidos.<sup>99</sup>

No entanto, o trabalho das visitadoras prosseguiu, especialmente como parte das atividades das Sociedades Missionárias de Senhoras. Durante a realização do Congresso em 1929 foi designada à missionária Leila Epps como visitadora oficial das três conferências:

No Congresso de 1929, relatei que obedecêra ao mandato que me fora imposto pelo Congresso de Uruguayana, em 1928, escrevendo ao Concilio Missionario nos Estados Unidos, pedindo que destacasse uma missionaria para ajudar no trabalho das sociedades. A resposta da sra. Case foi que seria impossível dar-nos alguém para este fim. O tempo passou e enquanto eu participava do Congresso esta negativa, pedindo-lhe que reiterasse o seu pedido, eis que já chegava ao Brasil, nomeada pra este fim, a irmã Leila Epps. A sua nomeação foi confirmada pela Junta Interconferencial em setembro p.p., sendo ela designada “Visitadora Geral” das tres Conferencias do Brasil, e redactora de uma revista adequada a nossas necessidades – revista que baptizámos com o nome de ‘A Voz Missionária’.<sup>100</sup>

Sobre a designação para a revista *Voz Missionária*, esta questão será abordada no decorrer desta pesquisa. Quanto à designação como visitadora, no momento é

<sup>97</sup> Em alguns documentos encontramos Amélia Ellerding, mas optamos por Amélia Elerding devido a maior incidência. As demais informações são oriundas do jornal O EXPOSITOR CRISTÃO: Orgam da Igreja Methodista Episcopal do Sul, no Brasil. São Paulo, vol. 43, nº. 20, 29 de maio de 1929. p. 3-4.

<sup>98</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 274.

<sup>99</sup> O EXPOSITOR CRISTÃO: Orgam da Igreja Methodista Episcopal do Sul, no Brasil. São Paulo, vol. 42, nº. 21, 23 de maio de 1929, p. 1 e 14 ; vol. 42, nº. 35, 29 de agosto de 1928, p. 9; vol. 43, nº. 20, 29 de maio de 1929, p. 3 e 4; vol. 43, nº. 21, 5 de junho de 1929, p. 5 e 8.

<sup>100</sup> Id. Ibid, vol. 44, nº. 9, 26 de fevereiro de 1930, p. 8 e 9.

importante ressaltar que a missionária Leila Epps é chamada para atuar como visitadora às vésperas da autonomia da Igreja Metodista (1930), quanto às atividades desenvolvidas estas serão descritas quando nos referirmos ao trabalho desenvolvido pelas Sociedades Missionárias de Senhoras Metodistas.

No que diz respeito às chamadas “Mulheres da Bíblia”, que exerceram também a função de colportagem, trabalho árduo de casa em casa, mas permaneceram incansáveis; mulheres que dedicaram aproximadamente trinta anos de sua vida para o desenvolvimento deste trabalho. Seriam elas as visitadoras e “mulheres da Bíblia” uma espécie de vanguarda, no sentido de quem abre caminhos, para a propagação de comunidades metodistas?

### 2.1.2 Nos rastros das pregadoras

Na tradição wesleyana a precursora das pregadoras é Susana Wesley, mãe de dezenove filhos e filhas, sendo o décimo quinto filho, John Wesley, considerado o fundador do metodismo. Wesley ouvia a sua mãe pregar desde os nove anos, especialmente durante as viagens do seu pai, o então pastor Samuel Wesley.

John Wesley, depois de fortes resistências, “foi obrigado a aceitar que o Espírito de Deus queria falar através de homens e mulheres não formados, mas que receberam o poder de pregar a mensagem do Evangelho. Wesley aceitou a evidência dos fatos e os inseriu, de forma típica para ele, na organização de seu movimento”.<sup>101</sup> Wesley apoiou a pregação dos leigos e, no que tange às mulheres, autorizou cerca de vinte e sete mulheres como pregadoras, entre elas Sarah Crosby, Grace Murray, Sarah Mallett, Hanah Ball e Elizabeth Ritchie. Entretanto, a questão das mulheres pregadoras foi sendo tratada conforme a inserção do movimento metodista nas diferentes culturas.

No Brasil, encontramos algumas notícias que chamam a atenção em relação a este assunto. Do jornal *O Expositor Cristão*, destacamos a matéria intitulada “As mulheres do púlpito”, que trata de informar sobre a criação da Associação Internacional de Mulheres Pregadoras, com quinze denominações representadas. Com relação aos metodistas, consta o seguinte: “Na última Conferência Geral os Methodistas (uma das maiores seitas) providenciaram para licenciar mulheres como pregadora locais; e outras

---

<sup>101</sup> KLAIBER, Walter e MANFRED, Marquart. *Viver a Graça de Deus: Um Compêndio da Teologia Metodista*. São Bernardo do Campo: Editeo, 1999. p. 190.

denominações grandes estão estudando o assunto”.<sup>102</sup> Ao anunciar a novidade a redatora diz que não quer argüir sobre o caso, mas inicia o seu pronunciamento fazendo referência ao texto paulino em que as mulheres devem permanecer caladas na igreja, e no final da pequena matéria, manifesta-se dizendo: “Serão as nossas contemporaneas menos competentes e inspiradas por Deus? Ou deixou Christo de alistar as mulheres para auxiliá-lo em chamar a si os peccadores?”<sup>103</sup> Curiosamente esta matéria encontra-se na mesma página em que outro artigo trata de uma receita de cenoura a la Dresden (Alemanha). O que nos leva a refletir sobre as razões do encaminhamento deste assunto em terras brasileiras. Provavelmente a redatora, em meio ao cotidiano das mulheres, quer trazer à tona esta discussão.

Aproximadamente três anos depois desta notícia, encontramos outra matéria em relação a este assunto intitulada “Mulheres pregadoras”:

A Conferencia Geral da Igreja Methodista Episcopal, reunida em Springfield acaba de conceder às mulheres a faculdade de receberem ordenação como pregadoras locais. A Igreja Methodista da Inglaterra está discutindo diariamente a mesma questão. A esse respeito o orgam methodista inglez “The Methodist Recorder”, assim se exprime: “Não há, em princípio, no ministério ordenado, função alguma para a qual a mulher seja desclassificada, por mera razão do seu sexo.”<sup>104</sup>

Novamente a redatora se expressa dizendo: “Em toda, o acto da Conferencia não seria mais do que o reconhecimento de um direito conferido pelo Espírito Santo”.<sup>105</sup> Neste período a equipe de redação do Expositor Cristão contava com a participação de uma mulher chamada Eula Long, cuja história será contada no decorrer desta pesquisa.

Este tema passa a ser debatido, especialmente em 1926, com a chegada ao Brasil, de Willia Caffray, a primeira mulher norte-americana que recebeu ordenação ministerial na Igreja Metodista Ela realizou várias conferências no Rio de Janeiro, São Paulo, e assim muitas pessoas tiveram a oportunidade de conhecê-la e ouvi-la. Consta que, em São Paulo, estas conferências eram extraordinariamente concorridas.<sup>106</sup>

Destacamos a seguir algumas impressões das pessoas que leram as notícias sobre a Revda. Daisy Willia Caffray:

<sup>102</sup> O EXPOSITOR CRISTÃO: Orgam da Igreja Methodista Episcopal do Sul, no Brasil. São Paulo, vol. 35, n. 18, 04 de maio de 1921, p. 8.

<sup>103</sup> Id. Ibid. p. 8.

<sup>104</sup> Id. Ibid, vol. 38, n. 29, 13 de agosto de 1924, p. 5.

<sup>105</sup> Id. Ibid. p. 5.

<sup>106</sup> Id. Ibid, vol. 40, n. 36, 8 de setembro de 1928, p. 7; vol. 40, nº. 37, 15 de setembro de 1928, p. 14.

Li no Expositor de 1º. De setembro, uma notícia com a epigraphe acima.

O paragrapho 681 de nossa Disciplina de 1922 diz assim: As mulheres não podem ser pregadores (...). O apóstolo São Paulo, no capitulo 2 vs. 9 a 15 da sua primeira carta a Timotheo e capitulo 14, vs. 33 a 38 da 1ª. Aos Corinthios, é bem claro nos seus ensinamentos, em se tratando deste assumpto. Eu desejo portanto saber das nossas autoridades ecclesiasticas e dos irmãos leigos se houve alguma mudança daquelle paragrapho da Disciplina e também se temos autoridade para corrigir a Palavra Santa.

Cyro Gusmão, guia leigos da Igreja Methodista de Juiz de Fora.<sup>107</sup>

Em nome da equipe de redação do jornal, assinam a resposta o Rev. Dr. J. E. Tavares e o Rev. A. M; Ungaretti, dizendo que:

É certo, porém, que a Igreja Methodista, organização nascida de um movimento essencialmente popular e que, apesar das possíveis apparencias em contrario, mantém o espirito da verdadeira democracia, tente, cada vez mais, a novelar, pondo em igualdade de condição o leigo e o ecclesiastico, a mulher e o homem, no trabalho, no ministério. Haverá erro nisso? É cedo para um juízo seguro. Entretanto, se Deus demonstrar de modo positivo que approva o serviço official da mulher, como poderá a Igreja, ser contrario à vontade de Deus, fechar-lhe a porta do ministério? Alem disso, se desde as épocas mais remotas, mulheres teem sido rainhas e governado povos; directoras de grandes movimentos políticos e religiosos, como Débora; oradoras, escriptoras, poetizas, etc., como negar-lhes agora, em pleno século vinte, o exercicio de dignidades que se concede, até a homens medíocres? Deus oportunamente demonstrará se a Igreja está ou não errando neste particular.<sup>108</sup>

Estes posicionamentos geraram muita discussão sobre as mulheres pregadoras, alguns se reportaram ao que diz a disciplina, e manifestaram-se com diferentes interpretações, chegando-se a questionar a autoridade da Revda. Willia Caffray. Neste caso, foi recomendado que se respeitasse à decisão da Igreja que a autorizou a exercer este ministério, o que acirrou uma nova discussão, questionando quem teria preparado série de Conferências e provocado tamanha discussão em torno deste assunto.

Quanto à Disciplina consta no artigo 681:

A nossa Igreja não reconhece o emprego das mulheres como prégadores, com auctoridade para occupar o pulpito, lendo as Sagradas Escripturas e prégando-as como ministro de nosso

<sup>107</sup> A epigrafe que Cyro Gusmão faz referência, é a seguinte: pastora metodista. O EXPOSITOR CHRISTÃO: Orgam da Igreja Methodista Episcopal do Sul, no Brasil. São Paulo, vol. 40, nº. 38, 22 de setembro de 1928, p. 12.

<sup>108</sup> Id. Ibid, vol. 40, nº. 38, 22 de setembro de 1928, p. 15.

Senhor Jesus Christo, nem auctoriza a um pregador convidar uma mulher que pretenda ser ministro do Senhor Jesus Christo, a occupar nossos pulpitos, para expor e explicar as Escripturas como prégador. Taes convites feitos, e taes serviços assim prestados, offendem e são contrários á autoridade e á ordem da Egreja.<sup>109</sup>

Quanto ao convite para a série de conferências, deve-se ao fato de que além de ser a primeira mulher norte-americana que recebeu ordenação ministerial, ela também era a Diretora do Departamento de Evangelização da Igreja Metodista.

Na tentativa de conter estas discussões a redação do jornal apresenta a seguinte declaração:

Publicamos no presente número um artigo do rev. Guaracy Silveira, sobre este assumpto. Temos em mãos outros originaes sobre a mesma questão. Mas considerando que tal assumpto já foi bastante elucidado e que em nossa Egreja não há actualmente, nenhum projecto de lei que justifique mais amplo debate dessa questão, deixamos de publicar os originaes em nosso poder, dando-nos por dispensados de voltar ao assumpto.<sup>110</sup>

No artigo mencionado o Rev. Guaracy Silveira após discorrer sobre a Disciplina e comentar os artigos anteriores, diz: “Eu não concordo com isso, mas isso é isso mesmo... quer queiram, quer não queiram”.<sup>111</sup> Apesar do que consta na Disciplina e dos diversos pronunciamentos em relação a esta questão, encontramos registros de mulheres metodistas que pregavam nas reuniões das Sociedades Missionárias, nos Congressos, por exemplo: “Instalação do concílio (...) leitura dos relatórios (...) os cultos foram dirigidos por D. Francisca de Carvalho”<sup>112</sup>. Também evidenciamos a presença das mulheres na direção da Escola Dominical: “Em Novo Hamburgo (...) Foi ahi fundada a escola dominical sob a superintendência de nossa prestimosa irmã d. Almedorina

<sup>109</sup> EGREJA METHODISTA EPISCOPAL, SUL. *Doutrinas e Disciplina da Egreja Methodista Episcopal, Sul*. São Paulo, Imprensa Metodista, 1922.

<sup>110</sup> O EXPOSITOR CRISTÃO: Orgam da Egreja Methodista Episcopal do Sul, no Brasil. São Paulo, vol. 40, n. 47, 24 de novembro de 1928, p. 7. Guaracy Silveira foi um dos protagonistas da autonomia da Igreja Metodista em 1930, e o primeiro pastor protestante da história do parlamento brasileiro, eleito em 1933. Para maiores informações sobre a vida de Guaracy Silveira, vide: OLIVEIRA, Cilas Ferraz. *Nunca, na história deste país... A contribuição de Guaracy Silveira ao metodismo do Brasil*. Piracicaba, 2008, Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2008.

<sup>111</sup> O EXPOSITOR CRISTÃO: Orgam da Egreja Methodista Episcopal do Sul, no Brasil. São Paulo, vol. 40, n. 47, 24 de novembro de 1928, p. 8.

<sup>112</sup> Artigo: “Sociedade Conferencial das Senhoras, reunida em Santa Rita – SP”. Autoria: Texto da redação do Jornal, O EXPOSITOR CRISTÃO: Orgam da Egreja Methodista Episcopal do Sul, no Brasil. São Paulo, vol. 34, nº. 35, 2 de setembro de 1920, p.7

Apollo”.<sup>113</sup> Ou seja, a presença das mulheres é constante nos diversos âmbitos do cotidiano e na inserção eclesial.

## 2.2 Mulheres ativas no âmbito social

Quanto à atuação social, encontramos Eunice Weaver, nascida em São Manuel - SP, em 20 de setembro de 1904. Estudou no Colégio Piracicabano, em Piracicaba-SP, no Colégio União, em Uruguaiana – RS, na Escola Americana, em Buenos Aires e também realizou o curso de Serviço Social e Jornalismo nos Estados Unidos.<sup>114</sup> Eunice utilizou-se desta formação em sua atuação especialmente com os portadores de hanseníase. A origem desta preocupação está registrada em matéria do *Expositor Cristão*:

Sua preocupação com a sorte dos leprosos e seus filhos sadios, data de um dia primaveril de 1916, quando sentiu ainda menina-moça, horrorizada com a sorte de uma conhecida sua de nome Rosa Fernandes, nas plagas do Rio Grande do Sul. Rosa havia contraído o mal de Hansen, fingiu afogar-se em um rio, para desaparecer (...) Enquanto todos diziam nada poder fazer pela moça (...) ela pensou que podia fazer alguma coisa.<sup>115</sup>

Eunice Weaver organizou a Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra, na cidade de Juiz fora, onde também se casou com o prof. Anderson Weaver, o então reitor do Instituto Granbery. Ela também percorreu Institutos e Clínicas de tratamento da Lepra, existentes nos Estados Unidos, na Índia, nas Filipinas, no Egito, o que será evidenciado no próximo capítulo, quando abordaremos o período de 1930 a 1970.

Na dimensão social encontramos também Ana Kopal, nascida no Rio de Janeiro, em 6 de setembro de 1889, filha Matilda H. Kopal e de Carlos Kopal, família de origem alemã. Ela estudou no Colégio Fluminense onde conheceu Layona Glenn que influenciou sua trajetória de vida. Em maio de 1904, tornou-se membro da Igreja Metodista do Catete, Rio de Janeiro. Nesta mesma Igreja apresentou durante uma Conferência Religiosa, um texto intitulado “O problema da cidade”, em que expressa a sua preocupação com questões urbanas, discorre sobre a necessidade de saneamento

<sup>113</sup> Novo Hamburgo pertencia nesta ocasião ao chamado Circuito de Montenegro – RS, esta notícia consta no jornal, O EXPOSITOR CRISTÃO: Orgam da Igreja Methodista Episcopal do Sul, no Brasil. São Paulo, vol. 44, nº. 35, 24 de setembro de 1930, p.10.

<sup>114</sup> Id. Ibid, vol. 85, nº 2, 31 de janeiro de 1970.p.27. p.1e 13.

<sup>115</sup> Id. Ibid, vol. 85, nº 5 e 6, 15 e 31 de março de 1970. p.27.

básico, o aumento das regiões periféricas, questões de higiene, e os problemas a serem resolvidos neste sentido. Ana Kopal denuncia as desigualdades sociais e conclama a Igreja a cumprir com a sua responsabilidade diante daquela realidade.<sup>116</sup>

A sua atuação foi intensa em relação às questões sociais a ponto de

Neste mesmo ano [1933], data de falecimento de Ana Kopal] a Federação das Sociedades de Senhoras do Concílio Central do Brasil recommendou que todas as senhoras, de todas as sociedades, se unissem com o fim de levantar fundos para a construção de um pavilhão onde os leprosos Christãos, internados na colônia de Pirapitinguy, pudessem livremente adorar a Deus. As senhoras resolveram organizar o “Fundo Anna Kopal” em honra à nossa mui querida, D. Anna Kopal, cujo admirável testemunho Christão é, sem duvida, uma inspiração para todos nós.<sup>117</sup>

No combate à febre amarela, destaca-se o trabalho desenvolvido por Ada May Stewart Parker,<sup>118</sup> nascida no dia 20 de fevereiro de 1871 em Grandall, Município de Nassau, nos Estados Unidos. Com apenas 16 anos começou a lecionar em escolas públicas, formou-se em enfermagem, em 1901, e neste ano chegou ao Brasil para atuar como missionária. Inicialmente trabalhou na cidade de Ribeirão Preto como professora do Colégio Metodista, ocasião em que era diretora Leonora Smith. Neste Colégio Ada também serviu como diretora durante três anos, sendo posteriormente transferida para o Colégio Fluminense [hoje, Colégio Bennett].

Ada Parker também teve uma participação ativa na Escola Dominical e na Sociedade Metodista de Senhoras. Seu nome se inclui na atuação social, pois nos rastros de sua história, a cidade de Ribeirão Preto foi atingida pela peste da febre amarela e muitas pessoas abandonaram a cidade, inclusive o colégio encerrou as suas atividades durante este período, assim como outros estabelecimentos na cidade. Ada Parker recebeu ordens da Junta de Missões, para que em companhia da sua colega Willie Bowman abandonasse também a cidade. No entanto, Ada resolveu ficar e colocar em prática os seus conhecimentos de enfermagem, e elas também serviram durante alguns meses os hospitais improvisados da cidade. Terminada a crise epidêmica o Colégio Metodista abriu novamente as suas portas.

---

<sup>116</sup> O EXPOSITOR CRISTÃO: Orgam da Igreja Methodista Episcopal do Sul, no Brasil. São Paulo, vol. 26, nº 24, 15 de junho de 1911. Ana Kopal faleceu no dia 30 de janeiro de 1933.

<sup>117</sup> VOZ MISSIONÁIRA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 5 nº 3, Ago-Set de 1934.

<sup>118</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 63, nº 34, 19 de outubro de 1948. p. 2.

Em 10 de março de 1908 Ada casou-se com o Rev. George D. Parker, e atuou como esposa de pastor em duas nomeações no norte e no sul do País, mas devido uma moléstia que atingiu os olhos do esposo, que o deixou cego, tiveram que retornar aos Estados Unidos.

Willie Bowman Blackwell, citada anteriormente, chegou ao Brasil, em 1895, nomeada para trabalhar com Amélia Ellerding como visitadora em São Paulo. Depois de quatro anos, passou a trabalhar nas escolas, das quais destacamos o Colégio em Ribeirão Preto, onde atuou durante o período da epidemia de febre amarela, como enfermeira voluntária.<sup>119</sup>

As mulheres também se empenharam na luta contra o analfabetismo, como é possível constatar por meio do discurso da presidente conferencial, na reunião realizada em Cataguases - MG:

As estatísticas constantemente nos entristecem, dizendo-nos que a doença orgânica da Pátria é o analfabetismo. (...) Imagine que encontrei numa das ruas mais centrais desta cidade mais de dois terços de analfabetos. E' vergonha dizê-lo mas é verdade! Como, então, irmãos debellarmos o mal senão pela criação de escolas, onde as crianças, com exuberância, receberão instrução e, mais do que instrução – os elementos de uma sã religião. As escolas dominicais estão fazendo muito neste sentido.<sup>120</sup>

Esta questão também é abordada nos Congressos das Sociedades de Senhoras. Como no artigo de Etelvina Dias Becker, apresentado durante o Congresso realizado no Rio de Janeiro em 1920, intitulado “Educação Christã, seu valor e desenvolvimento”. Ela afirma que a educação prepara para a vida, e que deve andar junto com a instrução, e ainda, convoca as mulheres, especialmente as jovens a cooperarem na diminuição do índice de analfabetismo no Brasil.<sup>121</sup>

Neste contexto de reivindicações sociais, encontramos um artigo de Alice Cremm Martins intitulado “Questões sociais”, em que destacamos o seguinte:

Por ahí estão milhares de mulheres inanimadas, indiferentes ao problema social, ao feminismo, em um único ideal! Este mal social aumenta assombrosamente mercê da ignorância de

<sup>119</sup> Em 1906, Miss Willie retornou ao Estados Unidos e casou-se com M. H. Blackwell, e trabalhou em diversas atividades vindo a falecer em 11 de setembro de 1948. EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 63, nº 46, 11 de setembro de 1948.

<sup>120</sup> Id. Ibid, vol. 34, nº 40, 07 de outubro de 1920. p. 2.

<sup>121</sup> Id. Ibid. p. 3

milhares de homens e maridos. Pasmem irmãs! Já ouvi de diversos maridos esta explosão: “A mulher foi feita para casa; feminismo, bonito só em theoria, cada um para o que Deus fez” Em absurdos como este, já tropecei muitas vezes em meu caminho (...) E’ preciso que haja ideal e vida nas sociedades. E’ tempo de sahir fora dos arraiaes em que estivemos! Erguermos nossas vistas, alargarmos nossos horizontes e aumentarmos nossa esphera de ação! Urge que cada sócia da Sociedade Missionária de Senhoras se compenetre deste ideal, unindo-se mutuamente, para que vejamos em cada igreja, um grupo de propugnadores desdobrando o pavilhão de suas reivindicações na vanguarda! Quaes os grandes males sociaes? Todo mundo responderá commigo: fumo, analfabetismo, jogo e álcool. Uma campanha contra qualquer um destes males desenvolverá a Sociedade e despertará mais as sócias o sentimento missionário.<sup>122</sup>

No ano de 1924, evidenciamos mulheres metodistas conclamando outras mulheres a ações de vanguarda, especialmente enfrentando as barreiras impostas em relação ao lugar da mulher na sociedade, alargando assim os horizontes de sua atuação na área social.

### 2.3 Mulheres ativas no âmbito educacional

No âmbito educacional é importante ressaltar que no Brasil, em 1827, “surge a primeira lei sobre educação das mulheres, permitindo que freqüentassem as escolas elementares; as instituições de ensino mais adiantado eram proibidas a elas.”<sup>123</sup> Esta decisão contribuiu para o processo missionário, que teve na educação um forte aliado para implantação da missão metodista na sociedade brasileira.

Em novembro de 1837, o Rev. Daniel P. Kidder, novo missionário, e R.M. Murdy e esposa, na qualidade de professores partiram de Boston para o Rio de Janeiro a fim de reforçar o trabalho já começado por Spaulding.<sup>124</sup> Destacamos aqui a presença da professora e a esposa de Murdy, cujo nome é ocultado pelo historiador Kennedy, porém foi uma das pioneiras que deixou o seu legado também no âmbito educacional. Ao

<sup>122</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 38, nº 51, dezembro de 1924. p.2.

<sup>123</sup> Disponível em <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/mulher/mulherhistoria.html>. Acesso em 15 abril 2007.

<sup>124</sup> Durante o primeiro ano de residência e trabalho do Rev. Kidder no Brasil faleceu a sua esposa Cynthia Harriet Kidder, voltando por isso em 1840 para a cidade de Nova York com o filho menor de idade. KENNEDY, James L. op. cit. p.14

verificar diversos documentos deste período descobrimos que seu nome era Marcela Russel Murdy.

No mês maio de 1879, o Rev. J. E. Newman, juntamente com sua esposa Mary A. Newman e as filhas Mary e Annie, fixou residência na cidade de Piracicaba. No mês de junho as filhas abriram um internato e externato, o qual começou com dez alunos e encerrou o ano com 40.<sup>125</sup> É importante destacar que neste ano de 1879<sup>126</sup> as mulheres passam a ter autorização do governo brasileiro para estudar também em instituições de ensino superior, o que certamente contribuiu para o aumento da presença das mulheres nas escolas.

Miss Annie casou-se com Rev. Ranson, em dezembro de 1879, e em Janeiro de 1880, terminado o período de férias, o colégio em Piracicaba retornou as suas atividades, apesar da ausência de sua diretora. Contudo, devido à dificuldade de saúde de Mary, tornou-se difícil conservar as aulas, encerrando as atividades do colégio naquele mesmo ano.<sup>127</sup>

No entanto, em 13 de setembro de 1881, Martha H. Watts reabriu o Colégio Piracicabano. Consta que “por três meses, teve ela uma só aluna - Maria Escobar; mas com a tenacidade que lhe era característica, Miss Watts continuou, dia após dia, a dirigir o colégio como se fosse 100 alunos, em lugar de uma, e para esta só aluna o estabelecimento teve pelo menos três professoras.”<sup>128</sup> Sobre Martha Watts posteriormente descreveremos outros aspectos de sua história.

Os primeiros missionários também desejavam construir um colégio no Rio de Janeiro, “por isso, os esforços foram feitos, já em 1882, para a compra de um colégio na capital do Império. Trata-se de uma instituição de ensino particular dirigida por uma educadora norte americana, Miss Eleonor Leslie Hentz, tendo o patrocínio da elite intelectual e política da região”.<sup>129</sup>

Em maio de 1883, Mary Newman e Leonor Smith participavam ativamente da Igreja Metodista em Piracicaba. Mary organizou uma escola paroquial. Leonor

---

<sup>125</sup> KENNEDY, James L. op cit. p.18

<sup>126</sup> Disponível em <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/mulher/mulherhistoria.html>. Acesso em 15 abril 2007.

<sup>127</sup> KENNEDY, James L. op. cit. 1928. p. 18.

<sup>128</sup> Id. Ibid. p. 319.

<sup>129</sup> MESQUIDA, Peri, *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil: um estudo de caso*. Juiz de Fora/São Bernardo do Campo: EDUFJF/Editeo, 1994. p. 149.

encaminhou-se para os Estados Unidos, onde se formou no Alabama College for Women, e ao voltar dedicou-se aos trabalhos missionários no Brasil.<sup>130</sup>

Em março de 1885 chegou em Porto Alegre, o Sr. João Correa, esposa e filha, juntamente com a professora Carmem Chacon. No mês de outubro Carmem abriu um colégio e conseguiu matricular neste mesmo ano 87 alunos. O superintendente Thomas Wood, da Missão Platina (Igreja Metodista do Uruguai), se expressa por meio de carta, dizendo que: “ao designar a ida de V. Excia. para Porto Alegre, a senhora encheu as minhas esperanças todas e principalmente tenho que admirar a paciência e abnegação com que tem trabalhado noite e dia sem olhar recompensa, a não ser galardão espiritual”.<sup>131</sup> O trabalho desenvolvido por Carmem Chacon, que foi marcante para a história da educação metodista, só parou devido a problemas de saúde, que lhe provocaram a morte, no dia 15 de novembro de 1889.

Destacamos em 1886, em Porto Alegre, conforme o relato de João Corrêa no jornal *O Testemunho*, a inauguração de uma escola para mulheres pobres:

Durante o anno inauguramos uma escola nocturna para mulheres pobres e o número foi crescido, contando uma matricula de 84. Essa escola funcionava todas as noites com grande proveito para as alumnas. E nos grato mencionar aqui, que presentemente existe n'uma das povoações perto da capital uma d'essas alumnas dirigindo uma escola publica, havendo tido a primeira parte dos seus estudos em a nossa humilde escola, conservando ella ainda as impressões recebidas na practica dos nossos trabalhos evangélicos.<sup>132</sup>

Destacamos, portanto, as missionárias promovendo a acessibilidade de outras mulheres, especialmente as pobres, à educação, e isto foi possível também devido à colaboração da Junta de Missões Estrangeiras de Mulheres, que visava à capacitação de mulheres em países onde o metodismo era implantado.

Dentre muitas atividades, a Junta de Missões também adquiriu em 1887 um terreno no Rio de Janeiro, onde já se achavam duas professoras missionárias, a saber, Mary W. Bruce e Mattie Jones, que não tardaram em abrir o que se chamava “Escola do

<sup>130</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 32.

<sup>131</sup> Id. Ibid. p. 32. Curiosamente nesta data 15 de novembro de 1889 acontece a Proclamação da República do Brasil. Com o falecimento de Carmem Chacon, chega ao Brasil em 1890, Rachel Foladori, que depois de três anos de trabalho retorna a sua terra natal para casar-se com José Maria Vasges.

<sup>132</sup> JORNAL O TESTEMUNHO: Orgam da Igreja Methodista no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, vol.. 5, anno II, janeiro-dezembro de 1905. p. 18. Disponível no Centro Teológico João Wesley, em Porto Alegre-RS.

Alto”, nome devido à sua localização, pois entendia-se que as pessoas estariam mais seguras nos morros, especialmente em relação à febre amarela.<sup>133</sup> Neste ano também chega ao Brasil uma nova missionária, Márcia Marvin, filha do Bispo Marvin.<sup>134</sup>

É importante destacar que estas professoras missionárias se reuniam constantemente, apesar das dificuldades de saúde, transporte e outras. Sobre essas reuniões consta no relatório da Conferência Anual, realizada em 1889, a seguinte narrativa:

A segunda sessão anual das professoras da Sociedade Missionária de Senhoras da Igreja Metodista Episcopal do Sul, realizada em São Paulo, no salão de cultos da Igreja Metodista, efetuou-se nos dias 1 a 4 de janeiro de 1890. Trataram de importantes assuntos da causa em seu circuito de ação, que é principalmente o de educação. Esta conferência tratou da fundação de um Colégio para meninas em Taubaté, o que não foi avante sob os “auspícios dessa Sociedade, mas cedo, neste mesmo ano foi fundado ali o colégio Americano de Taubaté”.<sup>135</sup>

As missionárias também se reuniram na Escola do Alto, no Rio de Janeiro, no dia 29 de dezembro 1890, presididas por Mary W. Bruce, na ocasião em que compareceram nove missionárias.<sup>136</sup> As reuniões eram realizadas preferencialmente nas escolas, visando assim à partilha das experiências e o aperfeiçoamento na área educacional.

Nas respectivas Conferências as missionárias apresentavam relatórios sobre o trabalho desenvolvido na obra educacional, demonstrando os desafios e os obstáculos, dentre estes destacamos a febre amarela,<sup>137</sup> que também atingiu algumas missionárias e motivou o fechamento da Escola do Alto, que depois de um certo tempo retornou às atividades. Apesar das dificuldades, as missionárias continuavam abrindo escolas. Em 1891, na cidade de Juiz de Fora, Mary W. Bruce fundou o Colégio Americano Mineiro, mais tarde, em 1915, foi anexado ao Colégio Granbery.<sup>138</sup> Destacamos ainda que:

<sup>133</sup> KENNEDY, James L. p. 32.

<sup>134</sup> Id. Ibid. p. 53.

<sup>135</sup> Id. Ibid. p. 58.

<sup>136</sup> Id. Ibid. p. 60-61.

<sup>137</sup> Id. Ibid. p. 61. No ano de 1889, quando da instauração da República, a Sociedade já era reconhecida e apresentava como grande preocupação o tratamento da febre amarela, que dizimava a população do Rio de Janeiro. A busca de soluções para a epidemia mobilizou os médicos em torno da Sociedade, que se destacou como um espaço para o debate da questão. Disponível em:

<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/socmedcirj.htm>. Acesso em 18 de abril de 2007. Entre 1850 e 1899, a febre amarela matou oficialmente 56.436 pessoas apenas no Rio de Janeiro.

<sup>138</sup> MESQUIDA, Peri. op. cit. p. 150.

a sociedade de Missões das Mulheres tomou amplamente à frente do movimento educacional metodista na região, já que as mulheres que já haviam fundado os colégios Piracicabano, Fluminense, Americano de Petrópolis, Mineiro e a Escola do Alto, foram também as responsáveis pela instalação dos colégios Metodistas de Ribeirão Preto (São Paulo) e Isabela Hendrix (Belo Horizonte, Minas Gerais).<sup>139</sup>

No mesmo ano em que foi aberto o colégio em Juiz de Fora, as missionárias reuniram-se no dia 28 de dezembro, desta vez em Piracicaba. Participaram da reunião seis missionárias que relataram o progresso que estavam fazendo os colégios por elas dirigidos. Na ocasião resolveu-se abrir um colégio em Capivary e outro em São Paulo.<sup>140</sup> A seguir uma nota extraída da *Gazeta de Piracicaba*, e transcrita no *Expositor Cristão* de 6 de janeiro de 1894 sobre o Colégio Capivary:

No dia 15 do corrente este estabelecimento de educação, aberto em princípio de fevereiro deste ano e dirigido pela boa vontade e competência do Rev. Sr. Dickson, auxiliado por dois professores inteligentes e operosos, submeteu a exames os seus 43 alunos que deram provas convincentes de grande aproveitamento nas diversas matérias que constituem o curso disciplinario da casa..<sup>141</sup>

É necessário esclarecer que em Capivary trata-se de uma Escola Paroquial e não um colégio como os que anteriormente foram citados.

Quanto ao Colégio no Sul, aquele fundado por Carmem Chacon, consta que, em 1896 com a chegada da H.M. Hegeman foi imediatamente reaberto para o trabalho escolar. Em 1899 ocorre a mudança do nome da escola de “Colégio Evangélico Misto” para “Colégio Americano”<sup>142</sup>, nome que permanece até hoje.

O estabelecimento de ensino de Ribeirão Preto foi fundado devido à atuação de Leonor Smith, da colônia de imigrantes norte-americana de Santa Bárbara, ex-aluna do Colégio Piracicabano, missionária a serviço da Sociedade de Missões.<sup>143</sup> Leonor tentou angariar verbas em seu país, mas não conseguiu. Contudo, por meio dos seus esforços e o apoio da Igreja Metodista em Ribeirão Preto, no dia 5 de setembro de 1899, foi fundado o Colégio Metodista, com nove estudantes. É importante ressaltar que nesta

<sup>139</sup> MESQUIDA, Peri. op. cit. p. 152-153. O nome do Colégio Isabela Hendrix foi dado em homenagem à mãe do Bispo Hendrix, cf. KENNEDY, James L. *Cincoenta annos de methodismo no Brasil*. São Paulo: Imprensa Methodista, 1928. p. 353.

<sup>140</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 62.

<sup>141</sup> Id. Ibid. p. 73

<sup>142</sup> Id. Ibid. p. 181/3.

<sup>143</sup> MESQUIDA, Peri. op. cit. p. 153.

escola foi criado um curso de alfabetização com o propósito de atingir a população rural e analfabeta.<sup>144</sup> A educadora também registra em relatório encaminhado à “Woman’s Board of Foreign Missions” a sua impressão sobre a cidade de Ribeirão Preto:

Eu sabia muito pouco a respeito desse lugar, com exceção da poeira vermelha que está fora de qualquer descrição. Há 16.000 habitantes nas corporações, mais um número de vilas suburbanas. A cidade foi construída rapidamente e tem a aparência inacabada, feita às pressas. A moralidade está em um nível muito baixo. As ruas de pó vermelho fino, calçadas nos lados com pedras de diferentes tamanhos e formatos – chata, arredondadas e pontiagudas, colocadas sem ordem.<sup>145</sup>

Em 1903, ocorreu surto de febre amarela na cidade, e a escola virou um ambulatório para abrigar os doentes. Em 1914, o Colégio mudou para o prédio onde se encontra até hoje.

As missionárias continuaram chegando ao Brasil, dando assim prosseguimento à obra educacional. No ano 1901, chegam a Porto Alegre Della W. Wright e Mary T. Pescud para dar continuidade ao trabalho de Hegeman, que retornou aos Estados Unidos em 1900 e se tornou diretora de um asilo para órfãos.<sup>146</sup> No ano de 1903, devido a problemas de saúde a Mary T. Pescud também retorna aos Estados Unidos, e assim Della W. Wright prossegue o trabalho, contando com a colaboração da Clara B. Fullerton, que chegou em Porto Alegre no mês de agosto daquele ano.<sup>147</sup> E assim sucessivamente, em 1906 chega a Estelle Hood, em 1908 Elisabeth Lamb, que assume a direção do Colégio Americano, com a licença de Carla Fullerton, que também retornou aos estados Unidos.<sup>148</sup>

Em 1908, Della Wright passa a atender o trabalho na Escola Diária da Igreja Institucional, em Porto Alegre.<sup>149</sup> Estas escolas constantemente colocavam propagandas nos veículos de comunicação da época. Destacamos a seguir uma notícia do Jornal *O Testemunho* “Escola Nocturna da Igreja Methodista Institucional, geographia, historia, línguas (inglez e francez), desenho e gymnastica. A mensalidade é tão pouca que esta

---

<sup>144</sup> Disponível em: <http://www.colegiometodista.edu.br/leonora.asp> Acesso em 16 de maio 2007.

<sup>145</sup> ALMEIDA, Vasni. *Um século de ensino metodista no nordeste paulista*. Ribeirão Preto: IMERP, 1999, p. 40.

<sup>146</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 189-200.

<sup>147</sup> Id. Ibid. p. 200.

<sup>148</sup> Id. Ibid. p. 212-18.

<sup>149</sup> Id. Ibid. p. 216.

instituição esta ao alcance de todos. As aulas funcionam todas as noites no prédio à rua Voluntários da Pátria, nº. 503.”

É importante ressaltar também que a Igreja surge a partir do trabalho desta Escola Paroquial, por isto o nome Igreja Metodista Institucional.

Neste período há uma função que até então era exercida somente por homens, e Della Wright se oferece para exercê-la, a preparação de lições de Escola Dominical, conforme consta no jornal *O Testemunho*:

Devido aos muitos afazeres do seu cargo pastoral o nosso irmão revdo. C.L. Smith não pode continuar o preparo das lições da Escola Dominical. Felizmente a nossa prezada irmã D. Della V. Wright veio em nosso auxílio e já tem preparado as lições para os dois números anteriores.<sup>150</sup>

Estas lições eram preparadas e publicadas quinzenalmente no jornal *O Testemunho*, visando à capacitação dos professores e professoras de escola dominical.

Evidenciamos ainda a presença das mulheres no cotidiano, especialmente nas festas, por exemplo:

A festa de Natal em São Lucas foi realizada no dia 26 de dezembro sob a direção do pastor. Diremos que dita festa esteve simplesmente magnífica, considerando as circunstâncias dos irmãos ali. O salão estava adornado com folhagens, arcos e flores e tradicional árvore do Natal. O programma muito agradou ao numerosíssimo auditorio, sendo executado por senhoras, senhoritas e alunos da Escola Dominical. Um duetto foi cantado por D. Anna C. Ruiz e senhorita Arminda da Silva, as quaes acompanharam o pastor na sua viagem até lá.<sup>151</sup>

A comunidade de São Lucas pertencia nesta ocasião ao circuito de Cruz Alta – RS. A presença das mulheres é intensa, pois também elas acompanhavam os pastores nas suas trajetórias missionárias.

## Período de 1910 – 1920

Em 1910, ocorre o falecimento da missionária Martha Watts. Consta no relatório da 24ª sessão da Conferência Anual Brasileira, realizada em Piracicaba, o seguinte: “no dia primeiro de janeiro de 1910, faleceu em Louisville, E.U.A. a veneranda missionária

<sup>150</sup> O TESTEMUNHO: Orgam da Igreja Metodista no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, vol. 7, 1º de maio de 1909. p. 9.

<sup>151</sup> Id. Ibid, vol. 8, 15 de janeiro de 1908, p. 21.

Miss Martha H. Watts, primeira colaboradora na obra do Senhor em nossa Igreja no Brasil”.<sup>152</sup> Porém, o trabalho prossegue no Colégio Piracicabano, agora com L. A. Stradley.<sup>153</sup>

Em 1913, Maggie Lee Kenney chega a Porto Alegre para colaborar na Escola Diária da Igreja Institucional.<sup>154</sup> Sobre Belle Harris Bennett, destacamos um trecho extraído da publicação oficial da Igreja Metodista:

No ano de 1913, Belle Harris Bennett, então presidente do Conselho de Senhoras Metodistas (da Igreja Metodista dos Estados Unidos), visitou o Brasil. Suas observações levaram-na a seguinte conclusão: O Colégio Fluminense deveria ser fechado e um trabalho educacional mais sério iniciado. Ela própria determinou o seu fechamento e propôs-se a remoção do colégio e dos professores que quisessem para o Colégio Americano em Petrópolis. Voltou para os Estados Unidos e durante cinco anos trabalhou para levantar fundos suficientes para a realização de uma obra educacional de real valor.<sup>155</sup>

Este trabalho se desenvolveu, e em 1921, com professores, alunos, móveis, biblioteca e utensílios trazidos de Petrópolis começa a funcionar o Colégio chamado Bennett<sup>156</sup>, em homenagem à fundadora, hoje [2008] “Centro Universitário Metodista do Bennett”.

Em 1915, durante a sexta Conferência Anual, realizada em Porto Alegre, foram reconhecidas as seguintes escolas paroquiais: “Igreja Institucional de Porto Alegre, Cachoeira, Santana do Livramento, Alegrete e Cruz Alta”.<sup>157</sup> E em 1917, o Colégio Noroeste, inaugurado em Birigui pela Sociedade Missionária Conferencial das Senhoras, foi recomendado à Conferência Anual.<sup>158</sup> É importante destacar que as escolas paroquiais funcionavam no período matutino e estavam abertas a todas as pessoas, sem nenhuma distinção de sexo. Quanto ao período noturno, era destinado aos jovens operários e adultos, devido à demanda da sociedade no que diz respeito ao acesso ao ensino escolar. Segundo Mesquita,

O grande ímpeto do movimento de criação de escolas paroquiais verificou-se a partir dos anos 1914/1916 e

<sup>152</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 138.

<sup>153</sup> Id. Ibid. p. 143.

<sup>154</sup> Id. Ibid. p. 229.

<sup>155</sup> COGEIME, *Estudos das Instituições de Ensino da Igreja Metodista (Rio: 1968)*, p. 99, citado por: RAMALHO, Jether Pereira, *Prática Educativa e Sociedade: um estudo de Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. p. 105.

<sup>156</sup> RAMALHO, Jether Pereira. p. 106.

<sup>157</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 238.

<sup>158</sup> RAMALHO, Jether Pereira. op. cit. p. 154-155.

intensificou-se após a primeira guerra mundial quando a Conferência Geral de 1919 recomendou aos colégios criar um 'curso especial de formação de professores para as escolas paroquiais. (...) A Igreja Metodista, não estando ainda satisfeita com os resultados obtidos, recomendou a fundação de uma escola de ensino elementar e religioso em cada paróquia, mantida pela Sociedade Missionária Paroquial de Mulheres. Ao mesmo tempo, a Junta de Missões Estrangeiras das Mulheres, da Igreja nos Estados Unidos, enviou um montante em dinheiro destinado exclusivamente às escolas paroquiais, e o Rev Charles A. Long criou o Patrimônio Ula Wickline Memorial, com um fundo de 300 mil dólares americanos, destinado à formação de moças que desejassem se consagrar ao ensino.<sup>159</sup>

Há várias evidências do papel preponderante de mulheres, principalmente na área da educação. Nesta década as Escolas Paroquiais tiveram um papel relevante assim como colégios. Nos estudos realizados por Silvana Malusá e por Elias Boaventura, encontramos alguns dados que colaboram no processo de visibilidade do trabalho das mulheres neste período. Pois, com exceção do Colégio Granbery, as demais instituições começaram a partir do trabalho das missionárias, com o auxílio da Junta de Missões dos Estados Unidos que provinha os recursos para o avanço missionário.

### **Estudantes nas Escolas Paroquiais<sup>160</sup>**

Conferências	1910	1911	1912	1913	1914	1915	1916	1917	1918	1919	1920
Conferência Annual Brasileira	464	518	431	426	259	150	264	425	590	552	709
Conferência Central Brasileira										86	154
Conferência Annual Sul Brasileira	111	194	245	311	387	226	218	204	163	160	284
Total	575	712	676	737	646	376	482	629	753	828	1147

<sup>159</sup>MESQUIDA, Peri. op. cit. p. 141-142.

<sup>160</sup>BOAVENTURA, Elias e MALUSÁ, Silvana. "Escolas Paroquiais". *Revista do Cogeime*. Piracicaba: COGEIME, vol. 5, n. 9, 1996. p. 87.

### Estudantes nos Colégios<sup>161</sup>

Conferências	1910	1911	1912	1913	1914	1915	1916	1917	1918	1919	1920
Conferência Annual Brasileira	1179	1252	1213	1362	952	863	766	783	761	442	446
Conferência Central Brasileira										359	152
Conferência Annual Sul Brasileira	458	463	484	519	581	490	512	520	286	375	460
Total	1637	1715	1697	1881	1533	1353	1278	1303	1047	1176	1078

É visível o crescimento tanto das escolas paróquias, quanto dos colégios. Contudo, estes números oscilam devido a diversos fatores, dentre estes a Primeira Guerra Mundial<sup>162</sup> que certamente trouxe conseqüências, tendo em vista especialmente o sustento e trabalho das missionárias nas escolas pela Junta de Missões dos Estados Unidos.

Neste período também ocorre o fechamento do Colégio Americano Fluminense, do Colégio Americano de Petrópolis, e do Colégio Mineiro em Juiz de Fora.<sup>163</sup>

Em contrapartida, durante este período, mais especificamente no ano de 1916, o Arcebispo Metropolitano de Olinda, Dom Sebastião Leme,<sup>164</sup> escreve em sua carta pastoral à diocese que a Igreja Católica deve ter uma atuação mais efetiva na vida nacional por meio da instrução religiosa nas escolas de nível elementar e também superior, bem como conclamou a formação de professores. Esta pastoral repercutiu tanto na Igreja Católica, como nas Igrejas que estavam chegando ao País, e assim no que tange à Igreja Metodista, apesar das dificuldades enfrentadas, foi acelerado o processo educacional tanto nas escolas paroquiais, quanto nos colégios.

<sup>161</sup> BOAVENTURA, Elias e MALUSÁ, Silvana. op. cit. p. 87.

<sup>162</sup> Disponível em <http://www.culturabrasil.org/primeiraguerramundial.htm> Acesso 15 de maio de 2007.

<sup>163</sup> Livro de Atas da Diretoria O Granbery, Juiz de Fora, MG, p. 7.

<sup>164</sup> Disponível em <http://www.fae.ufmg.br>

## Período de 1920 – 1930

Neste período a Junta de Missões das Mulheres Metodistas solicitava às Igrejas e especialmente aos pastores que empregassem esforços em favor da fundação da escola paroquial.

Segundo a tese defendida pelo Dr. Parker, estas escolas tinham os seguintes objetivos e características: funcionavam nas instalações da Igreja Local, o pastor era o diretor da escola, a preferência de matrícula deveria ser dada aos filhos e filhas dos membros, era obrigatório o estudo das doutrinas, os professores deveriam ser membros da Igreja Metodista, os saldos financeiros deveriam ser positivos.<sup>165</sup> Deve-se ressaltar que a maioria das pessoas que exerciam a atividade educacional nestas escolas paroquiais eram professoras e missionárias. E que dentre os objetivos propostos buscava-se a formação de quadros para a Igreja e o País.

Para melhor visibilizar a presença dos estudantes neste período, apresentamos o quadro abaixo:

### Estudantes nas Escolas Paroquiais<sup>166</sup>

Conferências	1920	1921	1922	1923	1924	1925	1926	1927	1928	1929	1930
Conferência Annual Brasileira	709	534	909	462	546	655	549	761	610	757	750
Conferência Central Brasileira	154	129	51	100	174	275	174	125	65	12	43
Conferência Annual Sul Brasileira	284	330	433	641	593	812	755	458	587	575	580
Total	1147	993	1393	1203	1313	1742	1478	1344	1262	1344	1373

<sup>165</sup>BOAVENTURA, Elias. “Instituições Metodistas de Ensino na República Velha”. *Revista do Cogeime*. Piracicaba: COGEIME, vol. 3, nº. 5, 1994. p. 95.

<sup>166</sup>BOAVENTURA, Elias e MALUSÁ, Silvana. op. cit. p. 89.

### Estudantes nos Colégios<sup>167</sup>

Conferências	1920	1921	1922	1923	1924	1925	1926	1927	1928	1929	1930
Conferência Annual Brasileira	466	548	615	781	831	950	931	987	1032	1061	1119
Conferência Central Brasileira	152	379	499	558	572	580	648	608	612	740	752
Conferência Annual Sul Brasileira	460	560	619	586	936	986	822	1073	1175	1394	1016
Total	1087	1487	1733	1925	2339	2576	2401	2668	2819	3195	2887

É importante perceber que em alguns momentos durante esta década o número de estudantes nas escolas paroquiais superou ao número de estudantes matriculados nos colégios.

Os estudantes das escolas paroquiais eram na maioria filhos e filhas dos membros, geralmente pessoas de pouco poder aquisitivo.

Nas escolas paroquiais somente era concedida a educação fundamental, e os melhores alunos e alunas eram na maioria transferidos para os colégios visando assim à continuidade dos seus estudos.

Neste período, destacamos ainda que, em 1925, Eva Louise Hyde assume a direção do Colégio Bennett,<sup>168</sup> em cujo cargo permaneceu até 1952, o que viria a ser um elemento decisivo para o desenvolvimento do Colégio. O novo instituto, em 1941 propõe-se a organizar cursos regulares de formação de professoras pré-primárias, de educação e economia doméstica, o que constitui uma iniciativa pioneira no Brasil. Estas idéias foram fruto do trabalho conjunto da diretora Hyde e da professora Heloisa Marinho, ex-aluna e professora do colégio, com cursos de especialização nos Estados Unidos e na Europa, na área de ensino pré-primário.<sup>169</sup> A professora Sarah Dawsey é convidada para dirigir o Departamento Pré-Primário, pois é considerada pessoa altamente qualificada no assunto para implantar essa nova modalidade de ensino no Brasil.<sup>170</sup>

<sup>167</sup> BOAVENTURA, Elias e MALUSÁ, Silvana. op. cit. p. 89.

<sup>168</sup> RAMALHO, Jether Pereira. *Prática Educativa e Sociedade: Um estudo de Sociologia da Educação*. p. 107.

<sup>169</sup> Id. Ibid. p. 108.

<sup>170</sup> Id. Ibid. p. 109.

Em 1953, com a aposentadoria de Hyde, assume a reitoria Anita Harris, e o colégio conta, nesta ocasião, com seis departamentos.<sup>171</sup> Neste período, o relatório da primeira diretora, Perkinson, destaca que:

Desde o princípio o grande alvo desta escola tem sido fazer dela uma Escola Normal para preparar professoras. Não há outra falta maior no trabalho geral do que a falta de boas professoras. A instrução e a educação têm de andar ombro a ombro com a pregação do Evangelho, para que assim se acabe com a ignorância e a superstição.<sup>172</sup>

Tem-se aí um indício da familiaridade destas mulheres com o ideal de civilização do protestantismo de missão, um aspecto a ser aprofundado no decorrer desta pesquisa.

A sociedade brasileira expressou a gratidão aos missionários norte-americanos e às educadoras, como Layona Glenn (50 anos de trabalho no Brasil) e Eva Hyde (41 anos de obra missionária neste país), que foram as primeiras mulheres estrangeiras a terem recebido do governo brasileiro, respectivamente, a “Ordem do Cruzeiro do Sul” (1956), a mais alta condecoração nacional, e a “Ordem Nacional do Mérito” no grau de oficial (1954), condecoração reservada aos grandes generais e aos diplomatas de renome internacional.<sup>173</sup> O próximo capítulo trará outras abordagens sobre este assunto.

## 2.4 Rastros e rostos de mulheres diante da conjuntura eclesiástica

Nos primórdios da inserção do protestantismo, e especialmente do metodismo, há questões que entendemos ser necessário destacar, especialmente no que diz respeito à organização das conferências eclesiásticas e das sociedades de mulheres, bem como o desenvolvimento no cotidiano. Busca-se assim visibilizar os rastros e rostos de mulheres nos espaços de exercício do poder e da cidadania.

A organização das conferências eclesiásticas baseava-se em princípios contidos nas *Doutrinas e Disciplinas*.<sup>174</sup> A primeira edição de 1898 é inglesa, somente em 1900 foi traduzida para o português, publicada em 1913 no Rio de Janeiro, e em 1919 em São Paulo e assim sucessivamente conforme as decisões das Conferências Gerais.

---

<sup>171</sup> RAMALHO, Jether Pereira. op. cit. p. 110.

<sup>172</sup> Id. Ibid. p. 113.

<sup>173</sup> Id. Ibid. p. 182.

<sup>174</sup> *Doutrinas e Disciplinas*, posteriormente este documento receberá o nome de *Cânones da Igreja Metodista do Brasil*.

As doutrinas e disciplinas inicialmente eram escritas em forma de perguntas e respostas, conforme encontramos no capítulo II – Conferências, seção I:

Quem constituirá a Conferencia Geral e quaes são os seus regulamentos e attribuições? Resposta 1. A Conferencia Geral constituir-se-á de um membro clérigo para quarenta e oito membros de cada Conferencia Annual, e um numero igual de membros leigos. Dos membros leigos de uma Conferencia Annual um pode ser pregador local.<sup>175</sup>

O representante clérigo era eleito dentre os clérigos da conferência, e o representante leigo era eleito pelos membros leigos, e deveria ter mais de vinte e cinco anos e ser membro da Igreja por mais de seis anos.

A Conferência Geral reunia-se de quatro em quatro anos e tinha plenos poderes para mudar os regulamentos da Igreja, exceto os Artigos de Religião ou estabelecer regras contrárias às doutrinas estabelecidas pela Igreja.<sup>176</sup>

Nesta conjuntura eclesiástica, temos ainda as Conferências Anuais, Distritais, Trimestrais e Locais. A conferência Anual era composta de “todos os pregadores itinerantes em conexão plena com ella, e quatro representantes leigos, um dos quaes pode ser pregador local, eleitos no districto de cada presbytero presidente”.<sup>177</sup>

Os membros leigos poderiam manifestar-se e votar em quase todos os assuntos, excetos os considerados de caráter ministerial. Estas conferências normalmente eram presididas por um bispo e no caso de vacância, deveria ser eleito um presbítero por meio de escrutínio e sem debate.<sup>178</sup>

Nestas conferências eram realizadas as ordenações dos presbíteros, e encaminhadas às transferências dos pregadores, presbíteros e diáconos; bem como a realização da eleição de pregadores locais e do encaminhamento de jubilados (ou seja, presbíteros aposentados). As estatísticas eram apresentadas com a intenção de visibilizar o número de pessoas participantes da Escola Dominical e pessoas batizadas. Também

<sup>175</sup> EGREJA METHODISTA EPISCOPAL, SUL. *Doutrinas e Disciplina da Egreja Methodista Episcopal, Sul 1910*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Methodista, 1913. p.16

<sup>176</sup> Id. Ibid. p.17-18.

<sup>177</sup> No período em questão, a mudança que ocorreu diz respeito à representação de leigos, que a partir da Conferência Anual de 1918 passou de quatro para oito representantes leigos. EGREJA METHODISTA EPISCOPAL, SUL. *Doutrinas e Disciplina da Egreja Methodista Episcopal, Sul 1910*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Methodista, 1913. p. 20.

<sup>178</sup> Id. Ibid. p. 20-21.

ocorria a apresentação de orçamento, situação das casas pastorais, e procedimentos para queixa e execução de processos disciplinares.<sup>179</sup>

As Conferências Distritais eram realizadas anualmente a fim de avaliar o trabalho distrital, especialmente relacionado à missão, encaminhar pessoas para o processo de admissão às ordens de presbítero e diácono, conceder licença para pessoas idôneas pregarem. É importante ressaltar que a concessão de licença para a pregação é realizada mediante votação por escrutínio. Quanto à representação, cada Conferência Distrital “elegerá anualmente, por escrutínio quatro delegados do districto à Conferência Annual seguinte, com tanto que nenhum membro da Conferência Annual tome parte da votação”.<sup>180</sup>

As Conferências Trimestrais eram realizadas quatro vezes ao ano, com a participação de todos os pregadores locais, itinerantes, jubilados, residentes dentro do circuito da conferência. Também participavam os ecônomos, exortadores, guias de classe, superintendentes das escolas dominicais e presidentes das Ligas Epworth.<sup>181</sup> As sessões destas conferências eram presididas pelo presbítero presidente e tinham a finalidade de receber e julgar as apelações e queixas, bem como avaliar o trabalho distrital, recomendar pessoas para a conferência distrital, eleger os ecônomos e verificar as atas e documentações sob a sua responsabilidade.<sup>182</sup>

As Conferências locais eram chamadas de “Conferências da Igreja”. Nela participam todos os membros da Igreja e membros residentes da Conferência Anual, que se reúnem uma vez por mês, ou a cada três meses. Para receber os relatórios dos pregadores, guias de classe, das escolas dominicais, ecônomos e das Ligas Epworth. As atas destas sessões eram lavradas e encaminhadas juntamente com as estatísticas à Conferência Trimensal e assim sucessivamente, ou seja, à Conferência Distrital e Anual.

Para melhor visualização da presença das mulheres nas Conferências, segue abaixo a tabela do período de 1886 a 1890.

---

<sup>179</sup> EGREJA METHODISTA EPISCOPAL, SUL. *Doutrinas e Disciplina da Igreja Methodista Episcopal, Sul 1910*. op. cit. p. 21-25.

<sup>180</sup> Id. Ibid. p. 31.

<sup>181</sup> As ligas Epworth tem a finalidade de promover entre a juventude e a mocidade a piedade e a lealdade para com a Igreja, o conhecimento da Bíblia, da literatura e do trabalho missionário da Igreja, sua animação para os trabalhos de graça e caridade. In: EGREJA METHODISTA EPISCOPAL, SUL. *Doutrinas e Disciplina da Igreja Methodista Episcopal, Sul 1910*. op. cit. p. 94

<sup>182</sup> Id. Ibid. p. 33-35

<b>Conferência</b>	<b>Local</b>	<b>Data</b>	<b>Presença mulheres</b>	<b>Destaques</b>
Primeira Conferência Anual Brasileira	Rio de Janeiro	16/09/1886	Fannie S. Koger (Viúva do Rev. Koger e mãe de 4 filhos) Jennie W. Kennedy (esposa do Rev. Kennedy).	Retorno das esposas dos missionários aos EUA. Fannie S. Koger (devido ao falecimento do esposo); e Jennie W. Kennedy (devido a problemas de saúde)
Segunda Conferência Anual Brasileira	Rio de Janeiro	14/07/1887		Junta de Missões Estrangeiras de Mulheres dos EUA
Terceira Conferência Anual Brasileira	São Paulo	27/07/1888	Bella, Elvira Granbery, Esposa de Miguel Dickie	Elvira Granbery – Representante da Junta de Missões Estrangeiras de Mulheres dos EUA
Quarta Conferência Anual Brasileira	Rio de Janeiro	15/07/1889	E.V. Yarrel e Lídia Howell	Chegada das novas missionárias, Yarrel e Howell, enviadas a lecionar na Escola do Alto e Colégio Piracicabano. Falecimento de Clara Christman. <sup>183</sup>
Quinta Conferência Anual Brasileira	Juiz de Fora	13/08/1890	Mary W. Bruce	Área Educacional

Neste período evidenciamos a presença atuante da Junta de Missões Estrangeiras de Mulheres dos Estados Unidos,<sup>184</sup> que coordena o encaminhamento das mulheres ao trabalho missionário, o sustento delas, e no caso de dificuldades na área da saúde, providencia tratamento médico, e o retorno ao país de origem. Algumas mulheres não resistiram às doenças da época e faleceram no trabalho.

A Junta de Missões acompanha de perto a implantação missionária em terras brasileiras, encaminhando representantes às conferências, e neste processo também é destaque na 2ª Conferência a compra de bens patrimoniais: “A Junta de Missões Estrangeiras de Mulheres, dos Estados Unidos, adquiriu um excelente e vasto terreno

<sup>183</sup> “falecimento de Miss Clara Christman quando em viagem para o Brasil, como missionária. Foi vítima do Johnstown Flood – inundação de águas.” In: KENNEDY, James L. op. cit. p. 57. Sobre Johnstown Flood - Disponível em [www.johnstownpa.com/History/hist19.html](http://www.johnstownpa.com/History/hist19.html). Acesso em 18 de novembro de 2007. Johnstown, cidade da companhia de aço dos alemães e do Galês, em 1889 tinha uma população de aproximadamente 30.000 pessoas. Todavia, no dia 31 de maio os habitantes foram surpreendidos com a maior inundação da história da nação até aquele ano. Após uma noite de chuvas pesadas, a represa sul acabou arrebentando e emitiu 20 milhões de toneladas de água sobre a cidade. Consta que muitos corpos nunca foram identificados e muitas pessoas nunca foram encontradas.

<sup>184</sup> “Em 1878 com autorização da Conferencia Geral da Igreja foi organizada a Junta de Missões Estrangeiras em resposta aos apelos urgentes feitos por mulheres dedicadas.” Informação do jornal O EXPOSITOR CRISTÃO: Orgam da Igreja Methodista Episcopal do Sul, no Brasil. São Paulo, vol. 39, n. 35, 02 de setembro de 1925, p.15.

com uma casa enorme com o fim de mui breve abrir um colégio para meninas, internato e externato na Corte do Império. Custou cerca de vinte mil dólares”.<sup>185</sup>

As missionárias são acolhidas pelas conferências e encaminhadas para atuarem no âmbito educacional, na maioria são solteiras, questão que será abordada no decorrer da pesquisa.

Apresentamos a seguir, a presença das mulheres nas Conferências realizadas no período de 1886 a 1890.

<b>Conferência</b>	<b>Local</b>	<b>Data</b>	<b>Presença mulheres</b>	<b>Destaques</b>
Sexta Conferência Anual Brasileira	Piracicaba	13/07/1891	Marian Washington Bruce	Área Educacional
Sétima Conferência Anual Brasileira	Juiz de Fora	11/08/1892	Elvira Tucker Eugênia Smith e Zaida Guerra	Colaboradora na pregação (Elvira)
Oitava Conferência Anual Brasileira	Piracicaba	27/07/1893	Antonia Bueno de Camargo	Doação de recursos financeiros à IM
Nona Conferência Anual Brasileira	Rio de Janeiro	26/07/1894	Adelina Nunes	Falecimento de Lida Howell Dickson
Décima Conferência Anual Brasileira	São Paulo	25/07/1895	Martha Watts	Área Educacional
11ª Conferência Anual Brasileira	Juiz de Fora	23/07/1896	As mulheres não são citadas nominalmente, somente há menção às sociedades.	Menção de honra às Sociedades Auxiliadoras de Senhoras devido à contribuição financeira
12ª Conferência Anual Brasileira	Rio de Janeiro	29/07/1897	Não constam nomes de mulheres nas atas.	Martha Watts e Miss Glenn constam no relatório das comissões.
13ª Conferência Anual Brasileira	Piracicaba	04/08/1898	Martha Watts	Organização de Sociedades Auxiliadoras de Senhoras
14ª Conferência Anual Brasileira	Petrópolis	27/07/1899	Martha Watts May Umberger, Margaret Holder, Willie Bowman	Falecimento Bella Dickie  <i>* Transferência do Trabalho realizado no Rio Grande do Sul (Missão Platina, I M do Uruguai) para a Igreja Metodista Episcopal do Sul (EUA)</i>
15ª Conferência Anual Brasileira	São Paulo	26/07/1900	As mulheres são citadas na organização das sociedades.	Sociedades Auxiliadoras de Senhoras Falecimento de Laurinda da Costa

<sup>185</sup> KENNEDY, James L. op.cit. p. 51.

Nesta década, evidenciamos no âmbito pastoral, o protagonismo de mulheres, como Elvira Tucker. No relatório da sétima sessão da Conferência Anual, ela é apresentada como colaboradora na pregação do evangelho, pois “em outubro desse anno, seguiram para Bello Horizonte a fim de tentar de novo a pregação do Evangelho, A.C.da Fonseca e H.C. Tucker com sua esposa d. Elvira Tucker. Mais felizes que seus antecessores, puderam esses irmãos deixar ali alguma semente do Evangelho.”<sup>186</sup>

Na nona sessão da Conferência anual, é registrado no relatório um voto de pesar pela morte da Mrs. Lida Howell Dickson.<sup>187</sup> Na organização da Igreja Metodista de Serra Azul, no dia 7 de julho de 1895, entre os nomes da membresia constavam os nomes do “sr. José Benedicto Nunes, de saudosa memória, e sua esposa D. Adelina Nunes, que quaes Prisca e Acquila, eram realmente os fundadores da Igreja de Serra Azul”<sup>188</sup> O historiador Kennedy não cita o que foi escrito na ocasião sobre Lida, no entanto na ata consta “nossa cooperadora no trabalho de evangelização da Pátria”.<sup>189</sup> Portanto, apesar de não termos maiores detalhes sobre o trabalho desenvolvido por esta mulher, ela tem o seu nome registrado em ata, reconhecendo-se assim a sua atuação no trabalho missionário.

Nas conferências há menção honrosa às Sociedades Auxiliadoras de Senhoras, devido à contribuição financeira. Os valores eram destinados à construção e compras de casas para a realização dos cultos e residências pastorais. Contudo, as mulheres são mencionadas tendo em vista os interesses econômicos, como exemplo Antônia,<sup>190</sup> a brasileira que viabilizou recursos para a compra da primeira propriedade imobiliária da Igreja Metodista:

uma importância vultosa (20 contos) em apólices da dívida pública, a qual se empregou na compra da primeira propriedade imobiliária que a Igreja possui em São Paulo, os prédios geminados sob os números 12 e 14 do Largo do Arouche. Esta compra foi efetuada neste mesmo ano. O prédio nº 12 foi

<sup>186</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 65.

<sup>187</sup> Id. Ibid. p.79.

<sup>188</sup> Id. Ibid. p. 83. Quanto a cidade de Serra Azul, é um município próximo à Ribeirão Preto – SP.

<sup>189</sup> ACTAS DA CONFERENCIA ANNUAL BRAZILEIRA DA EGREJA METHODISTA EPISCOPAL DO SUL, reunida no Rio de Janeiro nos dias 26 a 31 de julho de 1894. São Paulo: Casa Publicadora Metodista, 1894, p. 10. Disponível no Arquivo de Obras Raras da Biblioteca de Teologia da Igreja Metodista, em São Bernardo do Campo – SP.

<sup>190</sup> Antonia Bueno de Camargo casada em 1827, em Atibaia, com Francisco Pereira Bueno filho de Lourenço da Silva Bueno e de Maria Antonia, n. p. de Salvador da Silva Bueno e de Rosa Maria, n. m. do tenente Francisco Pereira Pacheco e de Anna Rosa. Tit. Pires Cap. 7.º § 3.º Dados da obra Genealogia Paulista organizada por Luiz Gonzaga da Silva Leme (1852-1919). Disponível em [http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Camrg\\_4.htm](http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Camrg_4.htm). Acesso em 07 de julho de 2007.

adaptado ao culto ao passo que o nº 14 servia como residência pastoral, e hospedagem de ministros em trânsito.<sup>191</sup>

Na 12ª sessão da Conferência Anual, segundo o historiador Kennedy, não há menção sobre o trabalho desenvolvido pelas mulheres. No entanto, consta no relatório das comissões da conferência, especialmente no que foi encaminhado por Martha Watts, o seguinte:

Miss Glenn tem licença de abrir no Rio de Janeiro escolas que pelo menos pagarão as suas despesas. Por isso os amigos da escola do Jardim Botânico deverão renovar seus esforços se quiserem ver esta obra continuar; e veio também ao nosso conhecimento a resolução do W.B.F.M. que permite externatos só, sobre as bases de sustento próprio.<sup>192</sup>

Esta situação surpreendeu a comissão, pois as escolas, consideradas meio de evangelização, não seriam estabelecidas, devido às dificuldades da população em prover recursos necessários para o estabelecimento delas. E assim a comissão decidiu pedir a Junta que reconsiderasse este ato. E que as escolas fossem estabelecidas, auxiliadas e inspecionadas pela Junta, aumentando assim o maior número possível de escolas. É importante destacar que no relatório desta comissão somente são citados os nomes das escolas, e não o nome dos responsáveis por elas e pelo encaminhamento dos relatórios à comissão, exceto o nome de Watts, que é a única nominalmente citada, seguida de uma crítica à situação apresentada. Provavelmente Watts, ao descrever esta questão, quer chamar à atenção primeiramente da comissão, e a seguir da Conferência, sobre as dificuldades enfrentadas na implantação das escolas. Ela também solicita auxílio como “representante da Sociedade de Temperança, que fez exposição do trabalho em que está empenhada, pedindo aos membros da Conferência o auxílio necessário para a organização de sociedades locais.”<sup>193</sup>

Também é possível observar que as mulheres são citadas na maioria dos relatórios das Conferências pela organização das Sociedades de Senhoras, ou por

<sup>191</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 73-75

<sup>192</sup> ANUÁRIO BRAZILEIRO DE 1896-1897. *Registro Oficial da Conferência Anual da Missão Brasileira da Igreja Metodista Episcopal do Sul, Décima segunda sessão*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Methodista, p. 22. Disponível no Arquivo de Obras Raras da Biblioteca de Teologia da Igreja Metodista, em São Bernardo do Campo, SP. W.B.F.M significa “Woman’s Board of Foreign Missions”.

<sup>193</sup> ANUÁRIO BRAZILEIRO DE 1897-1898. *Registro Oficial da Conferência Anual da Missão Brasileira da Igreja Metodista Episcopal do Sul, Décima terceira sessão*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Methodista, p.11. Disponível no Arquivo de Obras Raras da Biblioteca de Teologia da Igreja Metodista, em São Bernardo do Campo, SP.

motivo de morte, como, por exemplo, na 14ª sessão da Conferência Anual é encaminhada uma moção de pesar:

sobre a morte de mrs. Bella Dickie, bella de nome e também muito bella de character, morte que se deu no dia 5 de janeiro do corrente anno, a Conferencia adoptou a seguinte moção de pesar: Sentimos profundamente a falta do nosso prezado irmão Miguel Dickie, nesta Conferencia, como lembramos com tristeza do prematuro passamento de sua digna consorte, nossa irmã mrs. Bella Dickie que auxiliou seu dileto esposo na obra do Senhor entre nós por 10 annos. (...) Petrópolis 28 de julho de 1899.<sup>194</sup>

E na 15ª sessão da Conferência Anual é registrada a morte de Laurinda da Costa, esposa do Rev. Guilherme R. da Costa.<sup>195</sup> Não constam outras informações. O trabalho desenvolvido pelas esposas dos pastores será apresentado no decorrer desta pesquisa.

O trabalho desenvolvido pelas mulheres durante esta década, continua sendo acompanhado pela Junta de Missões Estrangeiras de Mulheres dos Estados Unidos com a presença de representantes nas Conferências.

Segue abaixo a presença das mulheres no período de 1901 a 1910:

<b>Conferência</b>	<b>Local</b>	<b>Data</b>	<b>Presença mulheres</b>	<b>Destaques</b>
16ª Conferência Anual Brasileira	Rio de Janeiro	12/07/1901	As mulheres são citadas na organização das sociedades	Visita ao túmulo de Cynthia Harriet Kidder
17ª Conferência Anual Brasileira	Juiz de Fora	24/07/1902	As mulheres são citadas na organização das sociedades Mrs. Lee	
18ª Conferência Anual Brasileira	Piracicaba	30/07/1903	As mulheres são citadas na organização das sociedades	Sra. da cidade de Uruguaiana Protagonista do evangelho. (descendente dos huguenotes)
19ª Conferência Anual Brasileira	Petrópolis	04/08/1904	Rita Curytuba Fullerton	Trabalho de visitação das mulheres Amélia Elerding
20ª Conferência Anual Brasileira	São Paulo	27/07/1905	L.A. Stradley, Leonor D. Smith, Mrs. Brown e Jennie Stradley. Wright, Adélia Meyer, Hilda Weber e Theophila Wagner.	Eugênia Becker (Trabalho com crianças) Organização de Sociedades Auxiliadoras de Senhoras
21ª Conferência Anual Brasileira	Ribeirão Preto	21/07/1906	Idalina Torres, Mariazinha Pires, Rita Curytuba	Sociedade Auxiliadora de Senhoras

<sup>194</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 99.

<sup>195</sup> Id. Ibid. p.101-107.

22ª Conferência Anual Brasileira	Rio de Janeiro	25/07/1907		Sociedade Auxiliadora de Senhoras
23ª Conferência Anual Brasileira	Juiz de Fora	23/08/1908		
24ª Conferência Anual Brasileira	Piracicaba	29/07/1909	Guilhermina W. Moor	Valéria Wollmer (bolsa concedida a jovens mulheres)
25ª Conferência Anual Brasileira	Ribeirão Preto	28/07/1910	Layona Glenn	Missionárias e diretoras de escolas, Sociedade Auxiliadora de Senhoras <i>*Organizada a Conferência Anual Sul Brasileira (PR, SC, RS)</i>

No relatório da 16ª sessão da Conferência Anual consta que no dia 15 de julho de 1901 foi comemorado o:

25º aniversário do restabelecimento do trabalho de nossa igreja no Brasil. Houve diversos discursos sobre o assunto e foi feita uma excursão pelos conferencistas à Fortaleza de Villegaignon, cujas recordações históricas estão ligadas ao início da evangelização no Brasil: e à Gamboa, em visita ao túmulo de Mrs. Cynthia Harriet Kidder, esposa de um dos primeiros missionários methodistas ao Brasil, Rev. Daniel P. Kidder.<sup>196</sup>

O túmulo de Cynthia Harriet Kidder [cemitério dos ingleses no Rio de Janeiro] era considerado um marco na história do pioneirismo metodista em terras brasileiras. Neste relatório também consta que no mês de dezembro foi organizada a “Sociedade Auxiliadora de Senhoras na Igreja de Porto Novo”.<sup>197</sup>

Na 17ª sessão da Conferência Anual é registrado que no dia 3 de setembro foi organizada na Igreja de Vila Isabel uma Sociedade Auxiliadora de Senhoras, inscrevendo-se nesta ocasião 19 sócias. Também nesta conferência foi nomeada a Mrs. Lee como “Superintendente Geral da Liga Infantil no Brasil,”<sup>198</sup> organização que coordenava o trabalho desenvolvido com as crianças na Igreja Metodista.

Do relatório da 18ª sessão da Conferência destacamos a notícia da reorganização da “Sociedade Auxiliadora de Senhoras da Igreja Metodista de Piracicaba.”<sup>199</sup> E ainda uma informação sobre a Igreja Metodista em Uruguaiana – RS, “Quando o Rev. Joiner chegou em 1903, já havia lá vestígios de propaganda evangélica. Residia também lá

<sup>196</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 111.

<sup>197</sup> Id. Ibid. p. 113..

<sup>198</sup> Id. Ibid. p. 104.

<sup>199</sup> Id. Ibid. p. 116-118.

uma ilustre e digníssima senhora, veneranda por todos os títulos, que era descendente de uma família de huguenotes da França. Esta senhora foi fiel até a morte.”<sup>200</sup> Nos primórdios deste trabalho evidenciamos a presença de mulheres anônimas.

Segundo Kennedy não há nenhuma menção ao trabalho desenvolvido pelas mulheres na 19ª sessão da Conferência. Porém, no Anuário desta Conferência encontramos o registro da leitura do relatório de trabalho de visitação realizado em São Paulo por Amélia Elerding.<sup>201</sup>

Quanto ao trabalho realizado no Rio Grande do Sul, consta neste mesmo ano que: “O Rev. J. Leonel Lopes de Santa Maria foi visitar a cidade de Cachoeira, pregando na residência da “D. Rita Curytuba, anciã respeitável. A casa de D. Rita era denominada a ‘Capelinha’ onde os protestantes realizavam cultos.”<sup>202</sup> É importante destacar que na residência de Rita são acolhidas pessoas de diversas denominações protestantes, e este é o marco inicial do metodismo nesta cidade. No mês de maio ocorre a Conferência Distrital, em Santa Maria, e na tarde deste evento é realizada uma reunião das senhoras, presidida por Fullerton, a então diretora do Colégio Americano.<sup>203</sup>

No relatório da 20ª sessão da Conferência Anual é registrada a visita de L.A. Stradley, Leonor D. Smith, F. K. Browm e Jennie Stradley, bem como a organização da “Sociedade Jóias de Cristo na Igreja de Franca”, com 21 sócios, sob a direção de Eugenia Becker.<sup>204</sup> Ainda neste ano, no dia 17 de dezembro, em Porto Alegre, foi organizada a Sociedades de Senhoras, na ocasião foi eleita como presidente Wright, que também contou com a colaboração de Adélia Meyer, Hilda Weber e Theophila Wagner.<sup>205</sup>

Na 21ª sessão da Conferência Anual consta o pesar pela morte da esposa do irmão E.B. Croks. Não é registrado o nome dela. E há informação de que no dia 28 do mês de abril foi organizada a “Sociedade Auxiliadora de Senhoras em Itapecerica da

---

<sup>200</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 198.

<sup>201</sup> Maiores informações sobre a Amélia Elerding, vide nesta pesquisa: Nos rastros das visitadoras. ANNUARIO DA IGREJA METHODISTA BRASILEIRA 1903-1904. *Registro Oficial da Conferência Annual da Missão Brasileira da igreja Methodista Episcopal do Sul*. RJ: Casa Publicadora Methodist, p.12.

<sup>202</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 200.

<sup>203</sup> Id. Ibid. p. 202-204. No ano de 1904 surge o Jornal “O Testemunho”, por iniciativa do Dr. Wollmer e do Rev. Dickie, os primeiros redatores.

<sup>204</sup> Id. Ibid. p. 125. “Sociedade Jóias de Cristo”, assim é denominado o trabalho desenvolvido com as crianças.

<sup>205</sup> Id. Ibid. p. 208.

Serra”, com 12 sócias.<sup>206</sup> Em dezembro deste ano, também é organizada a Igreja em Cachoeira-RS: “Citamos os nomes de ter venerandas senhoras, que, entre outras pessoas, eram membros fundadores da congregação cachoeirense: D. Idalina Torres, D. Mariazinha Pires, D. Rita Curytuba”.<sup>207</sup>

Na 22ª sessão da Conferência Anual é registrada a organização da “Sociedade Auxiliadora de Senhoras na Igreja de Cunha”, com 18 sócias.<sup>208</sup> É importante ressaltar que em muitos lugares a Igreja Metodista começou com a organização das Sociedades de Senhoras e posteriormente com a organização da Igreja local. Na 23ª sessão da Conferência não há registro sobre o trabalho desenvolvido pelas mulheres.

E no relatório da 24ª sessão da Conferência há um destaque especial para a Guilhermina W. Moor: “Foi inaugurada a Capela em Bom retiro, circuito de Itapecerica, construída a expensas da irmã D. Guilhermina W. Moor, crente zelosa e fiel ao Senhor.”<sup>209</sup> Temos aqui, o registro de mais uma mulher brasileira que ao construir a capela, certamente contribui para o aumento do patrimônio da Igreja Metodista, no Brasil. Neste período também há um relato sobre Valéria Woller, dizendo: “A senhorinha Valeria Wollmer, a primeira das jovens riograndenses que teve o privilegio de ir estudar no estrangeiro, voltou como missionária da Sociedade de Senhoras da Igreja Mãe”.<sup>210</sup> Valéria foi a primeira a usufruir não em terras brasileiras, mas nos Estados Unidos de uma bolsa concedida a jovens mulheres de países em que estava sendo implantado o metodismo, visando assim a sua capacitação e posterior encaminhamento à terra de origem para colaborar no trabalho missionário, com o objetivo de mais eficácia.

Em 1910, destacamos a presença de Ercília, conforme consta no jornal *O Testemunho*: “Na estância da Figueira de propriedade do Sr. Major Firmino Silveira, devo acrescentar que encontrei uma mocinha, talvez de 15 annos, que apesar de não conhecer as Sagradas Escripturas, tem trabalhado para o engrandecimento do Evangelho n’aquella zona. Essa boa mocinha é a senhorita Ercília, filha do Sr. Major F. Silveira”.<sup>211</sup> Há que ressaltar a presença de jovens mulheres neste processo do

<sup>206</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p.126-130.

<sup>207</sup> Id. Ibid. p. 212-213.

<sup>208</sup> Id. Ibid. p. 130-132.

<sup>209</sup> Id. Ibid. p. 137-138.

<sup>210</sup> Id. Ibid. p. 207.

<sup>211</sup> O TESTEMUNHO: Orgam da Igreja Methodista no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, vol. 6, 15 de março de 1910. p.86

metodismo nascente. Estas pessoas eram encontradas durante as trajetórias dos missionários, quando estes percorriam as diversas Igrejas, e provavelmente várias não foram citadas nos breves relatórios publicados nos jornais da época.

Quanto à 25ª sessão da Conferência Anual consta, pela primeira vez, que as missionárias diretoras prestaram relatórios sob as suas respectivas escolas. Na ocasião estavam presentes seis diretoras. Também é eleita Layona Glenn como membro da Associação Metodista, sendo ela representante da “Sociedade Missionária de Mulheres Estrangeiras”, pois esta organização “tem dispendido milhares de contos de réis em propriedades no Brasil, principalmente em nobre edifícios escolares”.<sup>212</sup> É importante esclarecer que a Associação da Igreja Metodista é o órgão que funciona como pessoa jurídica da Igreja. Vale destacar que a presença de uma mulher em pleno início de século XX, numa associação predominantemente constituída por homens de negócios, deveu-se provavelmente a interesses na sustentação financeira e patrimonial da nascente Igreja. Ainda é registrada, nesta conferência a organização das Sociedades Auxiliadoras de Mulheres, no mês de setembro, em Monte Alegre com 16 sócias, e na Missão do Braz, com 22 sócias; e no mês de novembro, em Caparaó. No Rio Grande do Sul,<sup>213</sup> também é organizada uma Sociedade de Mulheres na cidade de Santana do Livramento.

Ainda em 1910, no dia 26 de agosto, em Santa Maria – RS, é organizada a Conferência Anual Sul Brasileira, que inclui os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.<sup>214</sup>



<sup>212</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 140-141. Layona Glenn não foi eleita como representante do Concílio de Mulheres, conforme registro do historiador Kennedy, e sim como representante da Sociedade Missionária de Mulheres Estrangeiras.

<sup>213</sup> Id. Ibid. p. 219.

<sup>214</sup> Id. Ibid. p. 220-222. Hoje, Segunda Região Eclesiástica: Rio Grande do Sul, e Sexta Região Eclesiástica: Paraná e Santa Catarina.

A seguir destacaremos a presença das mulheres na década de 1911 a 1920:

<b>Conferência</b>	<b>Local</b>	<b>Data</b>	<b>Presença mulheres</b>	<b>Destaques</b>
26ª Conferência Anual Brasileira	Rio de Janeiro	03/08/1911	Esposa de Chas A. Long, Esposa de Anderson Weaver, Sophia Schalch, Barton, Epps, Simpson e Ferguson	<i>Na Conferência do Distrito de Porto Alegre é eleita Carmem Sabatina como representantes as IM de Porto Alegre.</i>
27ª Conferência Anual Brasileira	São Paulo	17/07/1912		Sociedades Auxiliadoras de Senhoras Falecimento de Mrs. Jennie W. Kennedy
28ª Conferência Anual Brasileira	Porto Alegre	06/08/1913	Bell Bennett Maria Gibson	Sociedades Auxiliadoras de Senhoras
<i>Quarta Conferência Anual Sul Brasileira</i>		28/08/1913	L. Gibson, Belle H. Bennett e L. Glenn	
29ª Conferência Anual Brasileira	Juiz de Fora	02/07/1914	Amélia Elerding (visitadora em SP)	Sociedades Auxiliadoras de Senhoras
30ª Conferência Anual Brasileira	Piracicaba	11/08/1915	L. Glenn, Sophia Schalch, Emília Fonseca, Eunice Ferraz e Eugênicia Becker.	Criação da Sociedade Missionária Conferencial Anual Brasileira, e Organização de Sociedades Auxiliadoras de Senhoras
31ª Conferência Anual Brasileira	Ribeirão Preto	12/08/1916	L. Glenn, Francisca de Carvalho, Evelina Perrir, L.A. Stradley, Jennie Stradley, e Amélia Elerding (visitadora em SP)	Relatos da Sociedade Missionária Conferencial de Senhoras e do trabalho realizado nas escolas.
32ª Conferência Anual Brasileira	Rio de Janeiro	12/07/1917		Organização de seis sociedades de senhoras
33ª Conferência Anual Brasileira	Juiz de Fora	15/08/1918		Organização de sociedades Auxiliadoras de senhoras Aprovação da Nova Lei sobre as mulheres exercerem na Igreja os direitos de leigo.

<i>Conferência Central Brasileira</i>			<i>L.A. Stradley, F. Kennedy Brown, Sophia Schalch, Mary Sue Brown, Sara Stout, Jennie Stradley, Ethel Brown, Virginia Howell e Amélia Elerding.</i> <b>Conferências Distritais:</b> <b>Piracicaba</b> - <i>Áurea Gonçalves, Francisca Carvalho e Sophia Schalch (eleita delegada)</i> <b>São Paulo</b> - <i>Julia Ribeiro</i>	<i>* Organização da Conferência Central Brasileira</i> <i>Transferências de missionárias para a Conferência Central Brasileira.</i> <i>Destaca-se o trabalho de Etelvina Silveira e Maria Guimarães.</i>
34ª Conferência Anual Brasileira	Petrópolis	04/09/1919		Reunião da Conferência Distrital de Belo Horizonte com organização da Sociedade de Senhoras em B.H.
<i>Primeira sessão da Conferência Central Brasileira</i>	<i>Piracicaba</i>	17/09/1919	<i>Áurea de Campos Gonçalves (eleita secretaria da conferência)</i> <i>Estella Afinni (eleita delegada)</i>	<i>Organização de sociedades Auxiliadoras de senhoras</i>
35ª Conferência Anual Brasileira	Cataguazes	01/09/1920		Não há menção ao trabalho desenvolvido pelas mulheres
<i>Segunda sessão da Conferência Central Brasileira</i>	<i>Ribeirão Preto</i>	15/09/1920		<i>Mulheres citadas no âmbito educacional.</i>

Neste período evidenciamos a presença das mulheres visitadoras, como Amélia Elerding citada nas seguintes Conferências 19ª, 29ª e 31ª. Este trabalho de visitação foi registrado nos jornais da Igreja Metodista, por exemplo, *O Testemunho* conforme apresentado anteriormente, e também nas atas e documentos das Conferências.

Por ocasião da 28ª Conferência, há registro das seguintes visitas: “Miss Bell Bennett, distinctíssima e operosa irmã, por longos anos presidente do Concílio das Mulheres da nossa Igreja; Miss Maria Gibson, veneranda irmã, que havia annos era directora do Training School então de Kansas City, e membro fundadora da Sociedade Missionária Estrangeira de Senhoras, da Igreja Metodista.”<sup>215</sup>

<sup>215</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p.148.

Na Quarta Conferência Anual Sul Brasileira registra-se a presença das seguintes visitas: L. Gibson, Belle H. Bennett e L. Glenn respectivamente presidente do Scarritt Bible and Training School, presidente do Concílio Missionário das Senhoras e secretária do Concílio Missionário no Brasil.<sup>216</sup> Estas mulheres visitavam as conferências no intuito de animar e orientar as sociedades de mulheres, e verificar as demandas em relação à capacitação delas, conforme comentamos anteriormente.

Por ocasião da 30ª sessão da Conferência Anual discutiu-se o trabalho missionário das mulheres a partir do relato da comissão que era composta por “J.E. Tavares, Arino Ferreira de Moraes, Miss L. Glenn, D. Sophia Schalch, D. Emília da Fonseca, D. Eunice Ferraz e Eugenia Becker. O plano apresentado por esta comissão annual desde 1915 foi aprovado”.<sup>217</sup> Inicia-se assim um movimento que foi incorporado a cada uma das conferências anuais. A primeira Sociedade Missionária Conferencial Anual Brasileira foi incorporada em São Paulo, no período de 20 e 24 de abril de 1916.<sup>218</sup> Contudo, ainda persistiu a organização da Sociedade Auxiliadora de Senhoras.

Durante a 31ª sessão da Conferência Anual Brasileira as mulheres apresentaram diversos relatórios: L. Glenn, Francisca de Carvalho e Evelina Perrir falaram sobre a Sociedade Missionária Conferencial de Senhoras; L. Glenn, L. A. Stradley e Jennie Stradley relataram sobre o trabalho próspero dos seus colégios.<sup>219</sup>

Há um marco na 33ª conferência Anual Brasileira em relação às mulheres, pois “foi referida à Conferência a nova lei sobre as mulheres exercerem na Igreja os direitos de leigos. Esta resolução foi apoiada por unanimidade.”<sup>220</sup> É possível que este movimento de mulheres que reivindica os seus direitos dentro da Igreja, resulte do

<sup>216</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 230-231. Sobre o Concílio Missionário de Senhoras - Em 1870, consta que cinco ou seis senhoras se reuniram para dialogar sobre o desafio de levar o evangelho (...) houve outra reunião em 1880, e deste período em diante realizou-se anualmente. Em 1920, conta com 9779 sociedades e 213.388 membros. Nos concílios são representadas 41 conferências com centenas de delegadas e visitantes. A organização: presidente, vice - presidente, quatro secretarias administrativas, duas domésticas e uma para o oriente, e outra para América Latina e África, duas secretarias, uma tesoureira e superintendentes. Esta informação consta no do Jornal O EXPOSITOR CRISTÃO: Orgam da Egreja Methodista Episcopal do Sul, no Brasil. São Paulo, vol. 34, nº. 5, 5 de fevereiro de 1920. p. 6.

<sup>217</sup> Id. Ibid. p.152.

<sup>218</sup> “Em 1916 a Conferencia Annual nomeou uma comissão para promover a federação das Sociedades Auxiliares em Sociedades Missionarias Conferencial, sendo escolhidas para organizá-la D. Layonna Glenn e D. Sophia Schalch.Em abril foi fundada a Sociedade Missionária Conferencial (...) A sociedade procura animar as sócias ao estudo bíblico regular e sistemático; a oração; a alargar os horizontes (visão de mundo), e desenvolver os talentos (...)” Informação do Jornal O EXPOSITOR CRISTÃO: Orgam da Egreja Methodista Episcopal do Sul, no Brasil. São Paulo, vol. 39, n. 36, 9 de setembro de 1925, p. 11;15.

<sup>219</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 152-153.

<sup>220</sup> Id. Ibid. p. 156-8.

movimento de mulheres que evoca os seus direitos civis. Encontramos no Jornal *O Expositor Cristão* um comentário sobre o Código Civil de 1916, intitulado “A situação da mulher brasileira”:

O código civil, votado em 1916, colocou a mulher solteira em igualdade de condições com o homem, enquanto que restringiu injustamente a liberdade da mulher casada, principalmente no que respeita ao exercício de uma profissão.(...) Os cargos publicos são accessíveis a todos os brasileiros, nas condições do artigo 73 da Constituição Federal.<sup>221</sup>

Consta no Código Civil de 1916 art. 1.299 que “a mulher casada não pode aceitar mandato sem autorização do marido.”<sup>222</sup> Contudo, as mulheres reivindicavam inclusive o direito ao voto, o que vai ocorrer oficialmente, no Brasil, em 1934.

Durante a 33ª sessão da Conferência Anual Brasileira, foi organizada a Conferência Central Brasileira,<sup>223</sup> da qual passam a fazer parte as missionárias: “Miss L.A. Stradley, Mrs. F. Kennedy Brown, D. Sophia Schalch, Miss Mary Sue Brown, Miss Sara Stout, Miss Jennie Stradley, Miss Ethel Brown, Miss Virginia Howell e Miss Amelia Elerding.”<sup>224</sup> Nesse relatório também destaca-se o trabalho exercido pelo Rev. Guaracy Silveira, sua esposa Etelvina Silveira e D. Maria Guimarães, especialmente no Brás, em São Paulo.

Para melhor visibilizarmos esta questão, são apresentados nos mapas abaixo a nova configuração da Igreja Metodista no território brasileiro. A Conferência Anual Brasileira foi dividida em duas: A Conferência Anual Brasileira e a Conferência Central Brasileira. Portanto, a Igreja Metodista passa a ter três Conferências, as duas referidas anteriormente, e a Conferência Sul Brasileira (compreendendo os estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina).

<sup>221</sup> “A primeira mulher a ingressar no serviço público foi a senhorinha Rebello Mendes, no Ministério das Relações Exteriores, em 1918. A segunda, senhorinha Bertha Lutz em 1919, após concurso no Museu Nacional. Nas profissões liberais estão ingressando muitas brasileiras.” Informação disponível no jornal *O EXPOSITOR CRISTÃO: Orgam da Igreja Methodista Episcopal do Sul, no Brasil*. São Paulo, vol. 44, n.º. 15, 9 de abril de 1930, p. 15.

<sup>222</sup> Capítulo VII Do mandato, seção I – Disposições gerais. Disponível em: <http://www.juspodivm.com.br/novodireitocivil/legislacao/ccivil.pdf>. Acesso em 16 de março de 2008.

<sup>223</sup> A Conferência Anual Brasileira foi dividida em duas: A Conferência Anual Brasileira e Conferência Central Brasileira. A primeira ficou constituída dos antigos distritos do Rio de Janeiro, Carangola e Belo Horizonte; e a segunda, dos antigos distritos de São Paulo, Ribeirão Preto e Piracicaba.

<sup>224</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 265.



Visando especialmente à eleição da delegação à Conferência Anual Brasileira, em 1919, o Distrito de Piracicaba reuniu-se, em Penápolis e as mulheres começam a serem eleitas como delegadas. Na ocasião Sophia Schalch, foi eleita para compor a delegação. Participaram deste distrital Áurea de Campos Gonçalves, diretora do Colégio em Birigui, e a presidente da Sociedade Conferencial Brasileira, Francisca de Carvalho.<sup>225</sup>

Quanto à primeira sessão da Conferência Central, é importante destacar que, até este momento, nas atas não há registro de que a secretaria de uma Conferência ficasse a cargo de uma mulher, pois esta atividade era predominantemente de dominação masculina. No entanto, Áurea de Campos Gonçalves é eleita para secretariar a

<sup>225</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 265-268.

Conferência, e também como guia distrital; e Estella Affini é eleita como delegada à Conferência Anual.<sup>226</sup>

Na segunda sessão da Conferência Central Brasileira, há somente uma menção às missionárias educadoras, o que será contemplado quando abordarmos as mulheres atuantes no âmbito educacional.<sup>227</sup>

Nessa década consta a organização das seguintes Sociedades de Senhoras: Guriry, com 18 sócias; Retiro (Cabo Frio) com 15 sócias; Santa Maria de Itabira do Matto de Dentro, com 9 sócias; São Tomé (RS) com 20 sócias; Poços de Caldas, Campinas (SP); Guarany (MG); Tapera (RS); Barbacena e Campestre (MG); Realengo com 40 sócias; Uberaba com 11 sócias; Cascadura com 25 sócias; São Roque; Palmyra; Itaquera com 12 sócias; no dia 11 de maio de 1919 foi organizada por Julia Ribeiro, a Sociedade de Senhoras na Congregação do Brás, com 23 sócias; no dia 15 de abril foi organizada a Sociedade Missionária em Juiz de fora; no dia 9 de maio, em Franca; neste período também foram organizadas as sociedades de Pontal e Cunha (SP).<sup>228</sup>

A seguir visibilizamos a presença das mulheres no período de 1920 a 1926:

<b>Conferência</b>	<b>Local</b>	<b>Data</b>	<b>Presença mulheres</b>	<b>Destaques</b>
36ª Conferência Anual Brasileira	Rio de Janeiro	03/08/1921	Daisy Kennedy (Eleita suplente)  Olga Braga	Organização das Sociedades Auxiliadoras de Senhoras
<i>Terceira sessão da Conferência Central Brasileira</i>	<i>Piracicaba</i>	09/08/1921	<i>P.O. Hicks, Sinhazinha Duarte, Helena Di Giacomo, Núncia Bevilacqua. (eleitas à Conferência Geral)</i>	<i>Mulheres eleitas como representantes à Conferência Geral</i>
37ª Conferência Anual Brasileira	Belo Horizonte	08/08/1922		Aprovada a Constituição da Sociedade Missionária de Senhoras
<i>Quarta sessão da Conferência Central Brasileira</i>	<i>São Paulo</i>	16/08/1922	<i>Hercília de Moraes, Maria Bueno, Sinhazinha Duarte, Belmira Fagundes, Jovita Lopes, Maria Azara Pereira e Gertrudes de Mello.</i>	<i>Organização de Sociedades Auxiliadoras de Senhoras</i>

<sup>226</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 273-275.

<sup>227</sup> Id. Ibid. p. 276.

<sup>228</sup> Id. Ibid. p. 146, 148, 230, 150,153, 154 -156, 272, 159, 275.

38ª Conferência Anual Brasileira	São Paulo de Muriaé	08/08/1923		Relatório da Sociedade Missionária de Senhoras, e organização de Sociedades Auxiliadoras de Senhoras.
<i>Quinta sessão da Conferência Central Brasileira</i>	<i>São Paulo</i>	15/08/1923	<i>Francisca de Carvalho</i>	
39ª Conferência Anual Brasileira	Petrópolis	21/08/1924	Etelvina Becker, Lucy, Esther Case, Estelle Haskin, Alice.	Pronunciamento sobre a Guerra Mundial. Organização de Sociedades de Mulheres.
<i>Sexta sessão da Conferência Central Brasileira</i>	<i>Piracicaba</i>	27/08/1924		<i>Destaque ao valoroso trabalho da Sociedade Missionária das Senhoras</i>
40ª Conferência Anual Brasileira	Juiz de Fora	06/08/1925	Catherine Davis	
<i>Sétima sessão da Conferência Central Brasileira</i>	<i>Piracicaba</i>	12/08/1925	<i>L.A. Stradley Ferguson e Francisca de Carvalho.</i>	
41ª Conferência Anual Brasileira	Rio de Janeiro	08/10/1926		Esta sessão encerrou o período do cinquentenário do metodismo no Brasil.

Durante a 36ª sessão da Conferência Anual Brasileira foram eleitas as seguintes pessoas como delegadas à Conferência Geral, a reunir-se em Hot Springs, EUA: Clérigo - J.L. Becker, e leigo - Josué Cardoso, como suplentes J.L.Kennedy e Daisy Kennedy, a única mulher a fazer parte desta delegação ao geral, porém, como suplente. Também consta deste relatório a eleição dos delegados à Conferência Anual: “Arthur Fernandes da Silva, Álvaro dos Santos Silva, Ataliba de Oliveira Castro, Dr. Cyro Gusmão, Abel Pinto de Souza, Alfredo Cabral e João Leal, e a D. Olga Braga.”<sup>229</sup>

Na terceira sessão da Conferência Central Brasileira, foram eleitas as seguintes pessoas como representantes à Conferência Anual: “Miss P. O. Hicks, D. Sinhazinha

<sup>229</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 162

Duarte, Helena Di Giacomo, Núncia Bevilacqua, Pedro Escobar, Francisco Ulliana, J. Jardim e Attilano Calvo.”<sup>230</sup> Há que se destacar o número de mulheres eleitas nesta Conferência, e a eleição de uma visitadora, Núncia Bevilacqua.<sup>231</sup>

A aprovação da Constituição da Sociedade Missionária de Senhoras ocorre durante a 37ª sessão da Conferência Anual Brasileira, e também uma festa comemorativa ao centenário da Independência do Brasil.<sup>232</sup>

Do relatório da 39ª sessão da Conferência Anual Brasileira destacamos a presença das mulheres em visita à Conferência: “D. Etelvina Becker e Mrs. Lucy, respectivamente presidente, e secretaria correspondente da Sociedade Missionária de Senhoras (...); Mrs Esther Case, secretaria para América Latina do Concílio de Mulheres, Miss Estelle Haskin, secretaria do Departamento de Literatura Infantil do mesmo Concílio.”<sup>233</sup>

Do relatório da sexta sessão da Conferência Central Brasileira, realizada em 1924, destacamos a recomendação de que “o redactor do Expositor Christão reservasse uma página do mesmo para a Sociedade Missionária das Senhoras e que o material para a mesma fosse fornecido pela dita sociedade.”<sup>234</sup> Devido ao valoroso trabalho prestado pelas mulheres, a Conferência entende que este deve ser publicado, possibilitando assim a acessibilidade do povo, especialmente dos metodistas, a esta informação.

Neste período organizaram-se as seguintes Sociedades de Senhoras: Santa Luzia (Carangola), Paraíba do Sul, Caparaó, Santa Rita do Glória, Bertioga, Pindamonhangaba, Tucuruvi, Camargos (Distrito de Muriaé), Jacarezinho, Barra do Piraí-RJ, esta curiosamente foi organizada pelo pastor da Igreja local.<sup>235</sup>

Durante a 41ª sessão da Conferência Anual Brasileira foi celebrado o encerramento do cinquentenário do metodismo no Brasil, esta sessão ocorreu na Igreja do Catete, local da primeira Conferência Anual. Devido ao atraso do navio em que estava o Bispo Cannon a Conferência foi presidida por Charles A. Long.<sup>236</sup>

<sup>230</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 283-284

<sup>231</sup> *Núncia Bevilacqua*, breve história de vida, desenvolvida no tópico: Nos rastros das visitadoras.

<sup>232</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 165.

<sup>233</sup> Id. Ibid. p.167.

<sup>234</sup> Id. Ibid. p. 294-301. Este assunto será desenvolvido quando nos reportarmos ao seguinte tópico: comunicação.

<sup>235</sup> Id. Ibid. p. 163, 267, 293, 168, 295.

<sup>236</sup> KENNEDY, James L. op. cit. p. 172.

É importante destacar que, por meio dos relatórios, atas e documentos das diversas Conferências nos foi possível visibilizar a atuação das mulheres metodistas ocupando espaços especialmente na estrutura organizacional e administrativa da Igreja.

## 2.5 Rastros e rostos de mulheres no processo de autonomia da Igreja Metodista.

O movimento em busca da autonomia da Igreja Metodista inicia-se em meados de 1910 com diversas manifestações por parte dos pastores e também leigos e leigas da Igreja. Nesse mesmo ano organizou-se também a Conferência Sul Brasileira,<sup>237</sup> A partir de então, diversas reuniões foram realizadas, em 1911 na cidade de Juiz de Fora - MG, evidenciou-se a necessidade de buscar o auto sustento, esta questão foi discutida posteriormente em todas as conferências. Em meio a forte ideologia nacionalista vigente no País, este assunto percorreu as mais diversas instâncias da Igreja.

Nesta trajetória para a autonomia foi constituída uma comissão que deveria levar à Igreja Mãe, no caso, a dos Estados Unidos, os anseios da Igreja no Brasil, a chamada Grande Comissão do Nacionalismo, criada pela Conferência Geral em 1926 que resolveu: “mandar ao Brasil uma comissão de alto nível constituída de cinco membros para, em comum acordo com cinco delegados de cada uma das três Conferências Anuais do Brasil, formarem uma Comissão de Vinte, com poderes constituintes, para organizar a Igreja Metodista do Brasil ‘com o grau de relação orgânica por ela mesma determinado’ ao nível de Igreja Autônoma”.<sup>238</sup>

Quanto à participação das mulheres neste processo, destacamos a atuação de Otília de Oliveira Chaves, que estrategicamente declarou: “Sabia-se que, dos 5 delegados da Igreja- mãe, uma era senhora, e que a referida Igreja apreciaria que, nas delegações das conferências brasileiras, também fosse incluída uma senhora”.<sup>239</sup> E assim as mulheres se organizaram de tal maneira que foram eleitas: Otília de Oliveira Chaves, pela Conferência Anual Brasileira; Francisca de Carvalho, pela Conferência Central Brasileira e Eunice Andrew (Missionária e diretora do Colégio Centenário, em

---

<sup>237</sup> Esta conferência foi organizada diferentemente conforme consta neste capítulo, vide tabelas das conferências. Aguardando formatação.

<sup>238</sup> CHAVES, Otília O. *Itinerário de uma vida: Memórias de Otília de Oliveira Chaves*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1977.p. 95.

<sup>239</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 35, nº 1, 12 de janeiro de 1921. p. 1.

Santa Maria) pela Conferência do Sul. A Comissão Constituinte reuniu-se, elaborou a Constituição e convocou a Conferência Geral, perante a qual proclamou a autonomia da Igreja Metodista do Brasil<sup>240</sup>, no dia 2 de setembro de 1930, em ato celebrativo realizado na Igreja Metodista Central de São Paulo – SP.

### 3 Excurso: “Alguns rostos”

Tendo em vista que um dos propósitos desta pesquisa é visibilizar a presença das mulheres, apresentamos a seguir, Sarah Kalley, Martha Watts e Maria Rennotte, mulheres protagonistas e pioneiras na implantação do protestantismo, no Brasil.

#### 3.1 Sarah Kalley

Sobre Sarah Kalley encontramos uma tese,<sup>241</sup> com posterior publicação,<sup>242</sup> na tese Sarah é apresentada como professora, missionária e poetisa. Porém, no livro é apresentada como a missionária pioneira na evangelização do Brasil. Entendemos que o primeiro trabalho responde a demanda acadêmica e o segundo a demanda eclesial.

O autor apresenta em ambas as obras uma breve biografia sobre Sarah Poulton Kalley (1825 a 1907), segundo ele “Sarah descende tanto do lado materno como do lado paterno de famílias inglesas não conformistas que possuíam forte vinculação com o movimento puritano inglês.”<sup>243</sup> Ela também possuía influência da tradição huguenote e a maioria de sua família era formada por pessoas vinculadas à indústria têxtil. Sobre sua vida há que se destacar o seguinte:

Sarah Poulton Kalley nasceu em 25 de maio de 1825, na rua St. James, uma estrada que unia o antigo castelo de Nottingham à região do mercado, na região leste da cidade de Nottingham, Inglaterra. Era filha de William Wilson (1801) e Sarah Poulton Morley (1802 – 1825).<sup>244</sup>

<sup>240</sup> Documento da Proclamação da autonomia da Igreja Metodista do Brasil, In: REILY, Duncan A. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo, Aste, 1933. p. 192.

<sup>241</sup> CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Poulton Kalley (1825-1907): professora, missionária e poetisa*. 2004. 487f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Curso de Pós-Graduação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2004.

<sup>242</sup> CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley: missionária pioneira na evangelização do Brasil*. São Bernardo do Campo: Ed. do Autor, 2005.

<sup>243</sup> Id. Ibid. p. 40.

<sup>244</sup> CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley: missionária pioneira na evangelização do Brasil*. p. 79

Em diversas obras Sarah Kalley é citada como a esposa do Dr. Robert Reid Kalley, considerado por muitos autores como o sujeito principal da história. Ela é reconhecida também como a autora de hinos e pela organização do hinário “Salmos e Hinos”.<sup>245</sup> No entanto, Sarah Kalley possuía uma personalidade notável, decisiva e independente, por exemplo:

em diversas ocasiões, em todos os lugares em que estava com Kalley, ela escolhia onde queria ir ou não. Caso não gostasse do sermão do pregador evitava ouvi-lo em outra ocasião. Em seu diário, por exemplo, no dia 19 de dezembro 1852, após terem estado juntos pela manhã na Igreja Batista, Kalley foi convidado pelo Sr. Brace, ministro da Capela Independente para o culto noturno. Sarah optou por ficar em casa”.<sup>246</sup>

Sob o ponto de vista eclesiástico, consta que o ministério dos Kalley começou efetivamente na cidade de Springfield, segundo Cardoso:

Kalley iniciou uma classe de estudos Bíblicos que se reunia duas vezes por semana. Sarah, em paralelo, iniciou uma classe de música, se reunia também durante a semana. Além da classe de música, Sarah começou a dar aulas de piano e ensaiar hinos cantados nos cultos. Como resultado desta ação conjunta de Sarah e Kalley, houve aumento significativo na frequência dos cultos e do número de membros da Igreja, a ponto de no ano seguinte, 1824, ser necessário ordenarem mais quatro presbíteros e quatro diáconos para fazerem frente às exigências decorrentes do crescimento da igreja.<sup>247</sup>

Posteriormente, encontramos o casal entre os madeirenses de Ilínois, e destacamos o protagonismo de Sarah Kalley que não se limitou meramente ao desenvolvimento do ministério da área da música, mas iniciou diversas classes, especialmente de alfabetização, Cardoso citando Sarah Kalley descreve o seguinte: “Tenho uma classes de homens, de mais ou menos quarenta anos de idade, e os ensino a ler, ... uma classe de garotas,... uma classes de senhoras,... Aos domingos após os cultos matinais e noturno... uma classe grande de jovens senhores, alguns com mais de trinta anos de idade e... aulas bíblicas em inglês”.<sup>248</sup> Sarah Kalley certamente enfrentou dificuldades, mas evidenciamos a iniciativa desta mulher que ao capacitar pessoas

<sup>245</sup> “O valor de ‘Salmos e Hinos’ é inegável; e o seu passado histórico e atuante através dos anos (...) foi o primeiro hinário evangélico brasileiro no vernáculo, tendo servido a todas as denominações, indistintamente, até que organizassem seus próprios hinários”. BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. “Salmos e hinos: sua origem e desenvolvimento”, citado por CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley: missionária pioneira na evangelização do Brasil*. p. 62.

<sup>246</sup> Id. Ibid. p. 99-100.

<sup>247</sup> Id. Ibid. p. 117.

<sup>248</sup> CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley: missionária pioneira na evangelização do Brasil*. p. 119.

independente da idade, sexo ou quaisquer outras distinções, demonstra a atuação de mulheres no processo educacional no Brasil.

Quanto à trajetória em direção ao Brasil, consta que o casal Kalley teve acesso ao livro escrito pelo missionário metodista Daniel Parish Kidder,<sup>249</sup> e ficou impressionado com as experiências e os desafios relatados pelo missionário. No dia 10 de maio de 1855, o casal aportou na cidade do Rio de Janeiro, com a missão de estabelecer uma Igreja Protestante na capital brasileira. No entanto, o desencantamento com a situação sanitária, as epidemias e outras situações quase abortaram o projeto.

Diante deste contexto, o casal se mudou para Petrópolis. Nesta localidade Kalley iniciou o seu processo de inserção colaborando com as autoridades locais como médico e farmacêutico. No caso de Sarah Kalley “a precariedade do ensino religioso para as crianças em Petrópolis, estimulou-a a desenvolver de forma marginal ao projeto da educação pública, o seu ministério de Escola Dominical, e a música era a atração simbólica, pois os encontros eram chamados de ‘classes musicais’”.<sup>250</sup>

Kalley foi acusado diversas vezes por exercer atividades consideradas ilegais. No entanto, “Sarah agia conscientemente, tomando decisões e correndo riscos, pois seu papel não era o de mera coadjuvante, mas sim parceira, líder também do projeto missionário dos dois”.<sup>251</sup> Nesse período, o casal recebeu a visita inesperada do imperador D. Pedro II, mas Kalley não pode recebê-lo, pois estava adoentado. Coube então a Sarah Kalley estabelecer o diálogo com o imperador.

A visita do Imperador o D. Pedro II e o convite para Kalley apresentar-se à família Imperial no Palácio de Verão de Petrópolis, foram a chancela da aprovação do Imperador ao seu ministério e estada no Brasil. Por meio deste episódio o Protestantismo de missão obteve a autorização pessoal de D. Pedro II – abriram-se as portas do Brasil Império para as diversas denominações que depois chegariam.<sup>252</sup>

Devido a problemas de saúde, especialmente do esposo, o casal ausentou-se do Brasil algumas vezes, mas Sarah Kalley, mesmo à distância continuava acompanhando,

---

<sup>249</sup> “Daniel Parish Kidder escreveu em seu livro sobre o Brasil em 10 de maio de 1845, dez anos antes de Sarah e Kalley chegarem ao Brasil”. CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley: missionária pioneira na evangelização do Brasil*. p. 123.

<sup>250</sup> Id. Ibid. p. 147-8.

<sup>251</sup> Id. Ibid. p. 168.

<sup>252</sup> Id. Ibid. p. 173.

por meio de cartas, os alunos e alunas da Escola Dominical, deixando na direção deste trabalho mulheres como Carlota da Gama.<sup>253</sup>

O casal retornou para o Rio de Janeiro em 1864. Sarah Kalley também assumiu o trabalho de colportagem, e assim recebia os colportores que prestavam relatório das atividades realizadas, “desta forma, participava de todos os problemas da Igreja e supervisionava o trabalho de campo de seus presbíteros”.<sup>254</sup> Sarah tinha autonomia no exercício deste trabalho, e era muito exigente, pois mesmo à distância cobrava as informações, por exemplo, dizia que: “ainda não recebemos suas cartas no mês passado e provavelmente será preciso mandar-lhe esta, sem sabermos o que nos informam do Brasil. Oxalá que recebamos boas notícias de todos que amamos aí”.<sup>255</sup> Provavelmente nesta atividade, devido a sua bagagem cultural e religiosa, e especialmente a sensibilidade com que tratava as diversas situações, ela se tornou conselheira de muitas pessoas.

Ainda nos surpreendemos com Sarah Kalley, pois num período em que a questão financeira era entendida como função exclusivamente do homem, há registros de que ela exerceu esta tarefa, como descreve Rocha, “inclusive a compra e envio de dinheiro ou das passagens para as viagens dos colportores era administrado pela missionária inglesa”.<sup>256</sup>

Quanto à pregação, Sarah Kalley não chegou a ocupar o púlpito devido ao seu entendimento sobre esta questão, ou seja, a sua formação cultural no que tange à mulher e o púlpito. No entanto escreveu vários sermões para o seu esposo, especialmente quando ele estava doente, neste caso outra pessoa era designada para proceder à leitura do mesmo durante os cultos, ela também preparava sermões para outros pastores.

Quanto à literatura, “Sarah também preparava textos que eram utilizados como folhetos evangelísticos, escrevendo-os ou traduzindo-os.”<sup>257</sup> Sarah escreveu o livro; “A alegria da casa,”<sup>258</sup> e elaborou a edição brasileira de “Salmos e Hinos”, esta obra é bem conhecida não somente no contexto do protestantismo, mas também é considerada entre as obras da hinódia brasileira.

---

<sup>253</sup> Sarah designou sua discípula predileta Carlota da Gama para assumir a classe de Escola Dominical CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley: missionária pioneira na evangelização do Brasil*. p. 192.

<sup>254</sup> Id. Ibid. p. 199.

<sup>255</sup> ROCHA, J.G. *Lembrança do Passado, Vol. III*. p. 83. Ibidem. p. 201.

<sup>256</sup> ROCHA, J.G. *Manuscritos não editados*. p. 524. Id. Ibid. p. 204.

<sup>257</sup> ROCHA, J.G. Id. Ibid. p. 213

<sup>258</sup> KALLEY, Sarah Poulton. *A alegria da casa*. 5ª edição. Lisboa: Barata & Sanches, 1894.

Quanto à obra “Alegria da Casa” que é pouco conhecida, possui 59 páginas e aborda temas relacionados à casa. O texto começa pela cozinha, dizendo ser este o lugar mais utilizado de toda a casa, pois a família se encontra constantemente para realizar as refeições. Esta questão nos faz recordar de uma temática muito atual, a comensalidade,<sup>259</sup> comer e beber juntos, a convivência ao redor da mesa, espaço de socialização. Ainda sobre a cozinha, é importante ressaltar que Sarah preocupa-se em descrever os utensílios domésticos, como devem ser conservadas, as limpezas, o zelo, ela diz que “um lugar certo para cada coisa, e cada coisa no lugar certo”,<sup>260</sup> e ainda desafia as leitoras dizendo, que “não será, talvez, fora de propósito lembrar aqui, minhas leitoras, que o hábito de ordem exterior nos ajuda muito em adquirir hábitos de ordem no regulamento de nossas idéias, pensamentos e costumes”.<sup>261</sup> A autora apresenta os passos que se deve ter no cuidado com os quartos, as salas, e o exterior da casa, todos com muitos detalhes. Ela orienta as mulheres não meramente nas questões consideradas domésticas, mas também como estruturar os pensamentos metodicamente, um aspecto recorrente ao longo do texto.

Kalley também alerta para cuidados com a saúde, como por exemplo, “quem deseja gozar de boa saúde nunca deixará ajuntar-se água em pequenos charcos perto de sua casa. A água estagnada é um verdadeiro foco de moléstias, e tem tanto de feio, como de pernicioso”.<sup>262</sup> A autora também alerta para o cuidado com as despesas da casa, e o não desperdício especialmente de alimentos, o cuidado com o corpo, pois este deve ser considerado templo do Espírito Santo, além do zelo com o vestuário.

No que diz respeito ao tratamento para com os doentes, Kalley valoriza o trabalho exercido pelas enfermeiras, segundo ela, “uma boa enfermeira é tão necessária a um doente, como um médico perito; talvez possamos dizer que a enfermeira é mais indispensável do que o próprio médico”.<sup>263</sup> Ela descreve detalhadamente os cuidados que se deve ter com as pessoas enfermas, e condena o charlatanismo no tratamento de doenças psíquicas: “E se o charlatanismo, no tratamento de doenças psíquicas, produz resultados funestos, ainda mais indispensável é achar médico competente para tratar as doenças do espírito humano!”<sup>264</sup> A autora aproveita esta metáfora para introduzir

---

<sup>259</sup> Sobre a comensalidade posteriormente iremos aprofundar esta temática.

<sup>260</sup> KALLEY, Sarah Poulton. op. cit. p. 7

<sup>261</sup> Id. Ibid. p. 7.

<sup>262</sup> Id. Ibid. p. 20.

<sup>263</sup> Id. Ibid. p. 38.

<sup>264</sup> Id. Ibid. p. 42.

explicitamente os objetivos religiosos, de resto subjacentes a toda à obra. Este médico, segundo ela, é Jesus Cristo.

Quanto aos filhos, ela recomenda primeiramente que os pais tratem de si mesmos, e posteriormente descreve o cuidado com o bem-estar da criança, a alimentação, a higiene, a educação e os hábitos que devem ser adquiridos, por exemplo, dormir em horas certas. Kalley recomenda não gritar com as crianças, pois “uma palavra suave fará calar mais depressa e melhor do que a gritaria, que é mais própria para assustar, que para aclamar qualquer criatura”.<sup>265</sup> A autora apresenta uma breve reflexão sobre a obediência, e aproveita a oportunidade e enfatiza a obediência a Deus.

Quanto ao relacionamento entre marido e mulher, Kalley recomenda que nos momentos de irritação e queixas, em que o marido pensar consigo mesmo: “minha mulher deve compreender que eu a amo; quando não, não a teria desposado; amo-a, e sempre, sem dúvida alguma; todavia isso não é razão para lho estar a repetir cem vezes, pois não vale a pena dizer-se a mesma coisa a todas as horas (Sarah acrescenta dizendo) Meu amigo fica bem ciente de que não satisfaz ao seu coração somente o compreender que é assim amada; gosto, sobretudo de ouvi-lo e de ver as provas do vosso amor”. Pressupõe-se que não sejam somente leitoras, mas também leitores tiveram acesso a este conteúdo. Sara apresenta-se aqui como conselheira de casais, destacando também textos bíblicos que dizem respeito ao relacionamento entre marido e mulher, no caso dela ser dedicada, submissa e alegre, sobre esta questão, Sarah certamente corresponde ao contexto em que está inserida.

Entretanto, Sarah colaborou na formação de diversas sociedades de mulheres, capacitando-as e incentivando-as diante dos desafios do cotidiano. Algumas de suas atividades desenvolvidas na Igreja Evangélica Fluminense – IEF<sup>266</sup> como lecionar a homens, liderar os presbíteros da Igreja, estabelecer aulas noturnas para trabalhadores braçais. Como missionária pioneira enfrentava constantemente situações novas, que permitiam alterações nos papéis sociais tradicionais.<sup>267</sup> Sarah certamente deixou marcas na história do protestantismo brasileiro, atuando não meramente como coadjuvante, mas como protagonista nesta história.

---

<sup>265</sup> KALLEY, Sarah Poulton. op. cit. p. 45.

<sup>266</sup> Para maiores esclarecimentos ver: [www.strategicnetwork.org/pdf/kb17012.pdf](http://www.strategicnetwork.org/pdf/kb17012.pdf). Acesso em 14 de junho de 2008.

<sup>267</sup> CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley: missionária pioneira na evangelização do Brasil*. p. 243

### 3.2 Martha Hitte Watts

Na implantação do protestantismo brasileiro no que diz respeito à Igreja Metodista, destacamos Martha Hitte Watts, a primeira missionária enviada ao Brasil pela Sociedade de Missões Estrangeiras das Mulheres da Igreja Metodista Episcopal do Sul.<sup>268</sup> Martha Watts era natural do Kentucky, EUA. Chegou ao Brasil em 19 de maio de 1881, acompanhada dos reverendos J. J. Ransom, J. L. Kennedy e J. W. Koger. Estudou por quatro meses o idioma português, e em 13 de setembro desse mesmo ano abriu o Colégio Piracicabano.

Martha Watts se procurava em colaborar com as mulheres no que diz respeito aos seus direitos e especialmente no tocante ao acesso à educação. As alunas de Martha esforçavam-se ao propor mudanças, o que é possível evidenciar, por exemplo, no discurso da aluna Ana de Moraes Barros.

Aqui, no Brazil, onde não há instituição alguma apropriada á educação da mulher, esta é nulla, os paes querem ver os filhos doutores, mas, quanto as filhas, basta que saibam fazer o serviço de casa e mais algumas prendas, porque, dizem elles, a mulher não precisa saber mais que isso, sua vida circuncreve-se no interior da casa, criando filhos; e outros ainda tem idéas mais crenças, nem querem que suas filhas aprendam a escrever, e isto a bem da moralidade das mesmas. Isto é uma vergonha para o nosso paiz, mas é a verdade! (...) proclamo a regeneração da mulher pela educação, instrucção e liberdade. (...) o Brazil é uma das nações que ainda não comprehendeu que a sua felicidade ou desgraça, progresso ou decadência provem da boa ou má educação da mulher. (...).<sup>269</sup>

A influência de Martha no processo de educação é destacada pelo governador do Estado de São Paulo na ocasião, Prudente de Moraes, que salienta o seguinte sobre ela:

Dotada de espírito superior, intelligência solidamente cultivada e coração generoso, miss Martha Watts soube grangear nesta terra a verdadeira amizade de innumeradas pessoas que a cercavam de maior estima e respeito. Tendo chegado ao Brasil em maio de 1881, a 13 de Setembro do mesmo anno fundou nesta cidade o acreditado Collegio Piracicabano, estabelecimento que neste Estado veiu abrir novos horizontes ao ensino publico adoptando e diffundindo os excellentes

<sup>268</sup> MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil: um estudo de caso*. p. 130.

<sup>269</sup> BARROS, Anna. *A Educação da Mulher*. Gazeta de Piracicaba. Piracicaba, 14 de janeiro de 1883, p. 1. Citado por: COSTA, Márcia Oehlmeyer. *Martha H. Watts e os direitos da mulher à educação no século XX*. p. 7.

metodos de pedagogia americana, de que tanto se utilizou S. Paulo graças a esta illustrada educadora.<sup>270</sup>

Martha valorizou a mulher e lutou por seus direitos, bem como marcou a história da educação em terras brasileiras, especialmente devido aos seus métodos pedagógicos e filosóficos. Quanto aos objetivos da prática pedagógica e o corpo docente, a autora apresenta o seguinte destaque em relação ao Colégio Piracicabano: “ministrar uma educação liberal às moças para que seu horizonte espiritual e intelectual se amplie e elas possam ser convenientemente preparadas para agir com independência, seja na qualidade de mães de família, seja de professoras ou amigas da instrução”.<sup>271</sup>

Para o aprofundamento dos estudos sobre a vida de Martha Hitte Watts, podemos contar com a colaboração da professora e historiadora Zuleica Mesquita, que organizou as cartas de Martha Watts, no livro intitulado: *Evangelizar e civilizar. Cartas de Martha Watts, 1881-1908*. Estas cartas narram a trajetória de uma mulher lutadora, professora e missionária, que com sua astúcia e perseverança marcou a história da educação brasileira.

### 3.3 Maria Rennotte

Ao percorrer a trajetória de vida de Martha Watts encontramos a história da médica obstetra, Maria Rennotte, que passamos a descrever:

Nasceu na Bélgica no dia 11 de fevereiro de 1852, com pouco mais de 20 anos terminou o curso de magistério em Paris, obtendo o diploma com distinção. Por três anos foi professora em Mannheim. Lá ensinou francês com bastante sucesso, conforme carta de apresentação da diretora da escola e, em 1878, teria se transferido para o Brasil, onde ensinou por seis meses na casa de uma família com muito carinho, assiduidade, interesse, talento, conhecimento e procedimento exemplar, sendo considerada por isso uma professora.<sup>272</sup>

Em 1882, Maria Rennotte foi contratada pela missionária Martha Watts para trabalhar no Colégio Piracicabano, como professora na área de ciências. Em 1980 foi convidada para dar aulas de caligrafia, alemão, francês e desenho, no Colégio Werneck, Rio de Janeiro.

<sup>270</sup> WATTS, Martha. Jornal Gazeta de Piracicaba. Piracicaba, 20/01/1910. Citado por: COSTA, Márcia Oehlmeyer. *Martha H. Watts e os direitos da mulher à educação no século XX*. p. 12.

<sup>271</sup> Id. Ibid. p. 157.

<sup>272</sup> MOTT, Maria Lúcia. “De educadora a médica: trajetória de uma pioneira metodista”. *Revista do Cogeime*. Piracicaba: COGEIME, vol. 8, n. 15, 1999. p. 116.

Em 1888 e 1889 colaborou como o jornal *A Família*<sup>273</sup> que contava com a participação de algumas escritoras brasileiras.

Em 1889, Rennote foi à Filadélfia, nos Estados Unidos, com o propósito de estudar medicina, e em 1895 apresentou a sua tese intitulada, *Influência da Educação da Mulher sobre a medicina*, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a fim de reconhecer o seu diploma no Brasil. No mesmo ano começou a trabalhar na Maternidade São Paulo, tornando-se diretora interna desta instituição, durante um período de quatro anos.

Rennote trabalhou em diversos hospitais, participou de associações, congressos, e se tornou uma das fundadoras da Cruz Vermelha<sup>274</sup> e do Hospital Indianópolis, em São Paulo.

Na década de 30, segundo a historiadora Mott, a professora e médica encontrava-se quase cega e surda e, devido a dificuldades financeiras, recebeu uma pensão do governo do Estado de São Paulo. Consta que “morreu aos 90 anos, em novembro de 1942”.<sup>275</sup>

Entretanto, temos o desafio de buscar maiores informações sobre o cotidiano das mulheres, especialmente no que tange ao silenciamento e ou ocultamento das mulheres no período de 1930 (data da autonomia da Igreja Metodista) a 1970/71 (quando o Concílio Geral aprova a ordenação das mulheres), pois neste ínterim a institucionalização da Igreja passa a determinar a agenda. Portanto, no próximo capítulo iremos perseguir os rastros para podermos evidenciar o rosto destas mulheres.

---

<sup>273</sup> Artigos publicados por Rennote: *A luta pela existência e a necessidade de associação para a luta* (04/05/-1888); *Mulher força ativa da sociedade* (20/04/1889) *A mulher e a liberdade* 25/05/2889.

<sup>274</sup> A Cruz Vermelha Brasileira foi fundada em 5 de dezembro de 1908 na forma prevista nas Convenções de Genebra. Seu primeiro presidente foi o Dr. Oswaldo Cruz, médico, patrono da Saúde Pública no Brasil, responsável pelas principais campanhas sanitárias do início do século XX no Rio de Janeiro. Atua com base nos princípios fundamentais da Cruz Vermelha. Disponível em <http://www.cvb.org.br/>. Acesso em 31 de maio de 2007.

<sup>275</sup> Foi enterrada no cemitério protestante, em São Paulo. In: *Jornal Estado de São Paulo*, 22/11/1942.

## CAPÍTULO 2

# MULHERES METODISTAS: DA AUTONOMIA DA IGREJA À ORDENAÇÃO FEMININA

Este capítulo abrange o período da autonomia da Igreja Metodista (1930) à ordenação feminina (1970/1). Procurar-se-á demonstrar se é plausível a hipótese de um certo silenciamento ou ocultamento da mulher metodista durante este período.

Neste propósito usufruímos das seguintes fontes: o jornal *Expositor Cristão*. Procedemos inicialmente à leitura de todos os jornais deste período e verificamos que no período de 1930 a 1960 são publicados semanalmente; de 1960 a 1970, são publicados quinzenalmente. É importante ressaltar que o nº 53 não existe, por equívoco de impressão ou da direção do jornal; portanto, do nº 52 salta-se para o nº 54, mas não há prejuízo nas informações, pois os jornais seguem naturalmente a seqüência estabelecida. Também há alguns equívocos de numerações em alguns jornais, o que foi acertado, por arquivistas que colocaram o novo número ao lado do número impresso.

Outra fonte consultada foi a revista *Voz Missionária*. Também foram lidas todas as revistas do período em evidência, que são trimestrais. É importante salientar que o nº 34 repete-se duas vezes, e o nº 50 refere-se aos meses de janeiro a junho de 1970, e o número 51 aos meses de julho a dezembro do mesmo ano. Contudo, não há prejuízo nas informações, pois as revistas seguem naturalmente a seqüência estabelecida.

Nesta trajetória também utilizamos a carta manuscrita de Mary Sue Brown e três cartas datilografadas de Mary Helen Clark, com a assinatura de próprio punho. Estas cartas foram cedidas pelo Museu do Colégio Americano, em Porto Alegre – RS. Necessitando ainda de alguns jornais da época, percorremos algumas bibliotecas públicas, o Centro Cultural Vergueiro, o Arquivo Público do Estado de São Paulo, e o Serviço de Memória e Acervo de São Bernardo do Campo, usufruímos também das fontes secundárias que serão apresentadas no decorrer deste capítulo.

É importante ressaltar que no intuito de perseguir os rastros e visibilizar o rosto das mulheres metodistas, procuramos os nomes de mulheres, histórias, notícias e nos deparamos com a necrologia<sup>276</sup>, estas certamente dependem do autor ou autora da nota de falecimento, e ainda muitas vezes contém indicações de leituras favoritas, liturgias, cânticos e outros, mas em meio a este emaranhado de questões, encontramos fragmentos de história, e assim procuramos reconstituir alguns dos rostos destas mulheres metodistas. Especialmente no *Expositor Cristão* havia uma sessão intitulada Galeria dos Triunfantes, com foto e quase uma página sobre a vida da pessoa, mas em geral trata-se dos pioneiros na história do metodismo, ou de pastores, raramente encontramos mulheres nestas páginas.

E assim perseguimos os rastros, percorrendo a seguinte trajetória: Buscamos evidenciar a atuação das mulheres metodistas na área social, educacional, pastoral, bem como a vivência eclesial, e nos atrevemos a percorrer novos caminhos em busca do rosto de mulheres na mídia, e desvelando novos rostos, neste último procuramos apresentar, em sua maioria, o rosto de mulheres em setores emergentes da sociedade.

## Ultrapassando as fronteiras eclesiais

A ação social é constitutiva da própria identidade do metodismo, cuja preocupação pelo ser humano não se restringe ao aspecto espiritual, mas visa sua integralidade, como fica evidente nos Cânones da Igreja Metodista do Brasil.

De modo especial, os metodistas se preocupam com a situação de penúria dos pobres. Como Wesley combatem tenazmente os problemas sociais que oprimem os povos e as sociedades onde Deus os tem colocado, denunciando as causas sociais, políticas,

---

<sup>276</sup> Necrologia: relação de óbitos; livro de assentamento de óbitos; o conjunto de notícias sobre óbitos. Disponível em <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=necrologia&stipe=k&x=15&y=3>. Acesso em 29 de julho de 2008.

econômicas e anunciando a libertação que o Evangelho de Jesus Cristo oferece às vítimas da opressão. Esta compreensão abrangente da salvação faz com que os metodistas se comprometam com as lutas que visam a eliminar a pobreza, a exploração e toda a forma de discriminação.<sup>277</sup>

O Credo Social estava, inicialmente, presente no Anexo dos Cânones. Mas a partir da autonomia da Igreja Metodista em 1930, iniciou-se um processo que culminou em 1934 na transição do Credo Social para a primeira parte dos Cânones, logo após a descrição da Constituição da Igreja Metodista, na secção – Das Doutrinas e Costumes. Como defende Renders, em comparação com as outras tradições Metodistas como a Igreja Metodista Episcopal e a Igreja Metodista Episcopal, Sul.

A Igreja Metodista do Brasil se mostrou, em 1934, a mais compromissada com o anúncio abrangente do Reino de Deus. Nas edições dos Cânones de 1942, 1946, 1950, 1955 a localização e o conteúdo do Credo Social foram mantidos. Porém em 1960, o Credo foi de novo para o anexo.<sup>278</sup>

E assim permaneceu na edição de 1965, desaparecendo na edição de 1971 por um intervalo de três anos.<sup>279</sup> Portanto, o período a ser apresentado neste estudo pode ser considerado o auge do interesse eclesiástico pelo Credo Social. Mas, como isso influenciou as ações da Igreja Metodista propriamente dita, e especialmente das mulheres metodistas.

Há caminhos possíveis de serem trilhados, mas com a intenção de vislumbrarmos o rosto das mulheres metodistas e sua atuação social, optamos por continuar esta trajetória procurando pinçar alguns dados presentes no jornal *Expositor Cristão*. A história das fontes mostra a ambigüidade da memória oficial. Neste sentido, as fontes mais ricas são os necrológicos. Ou seja, vale especialmente para as mulheres leigas sem função institucional, pois elas, com raríssimas exceções, são apresentadas durante a sua vida como protagonistas na área social. No entanto, elas permanecem nas entrelinhas das informações publicadas.

<sup>277</sup> IGREJA METODISTA, *Cânones da Igreja Metodista*. São Paulo: Cedro, 2002. p. 75-6.

<sup>278</sup> RENDERS, Helmut. “Um precursor do PVM na época da autonomia – A declaração ‘A atitude da Igreja Metodista do Brasil perante o Mundo e a Nação, de 1934’”. In: *Revista Caminhando*, vol. 12, n. 20, 2º semestre de 2007, São Bernardo do Campo, SP: Editeo/Umesp, 1982. p. 172.

<sup>279</sup> Em 1974 o Credo Social retorna a parte de Doutrinas e Costumes, posteriormente seguem-se algumas atualizações visando especialmente o contexto brasileiro. Por ocasião da celebração do Centenário do Credo Social da Igreja Metodista foram realizadas duas programações na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista/UMESP, a Sema Wesleyana e o Encontro Nacional de Capacitação para Mulheres da Igreja Metodista nas quais foram enfatizados estes documentos.

Optamos por organizar estas informações de tal modo que as atuações específicas de algumas mulheres sejam visíveis de forma contínua e começamos com as missionárias empregadas pela igreja para atuar nas suas instituições sociais.

## 1 As mulheres metodistas e suas atuações sociais

### 1.1 Atuações sociais em geral

#### 1.1.1 Mary Allie Cobb Buyers

No Instituto Central do Povo<sup>280</sup> atuou Mary Allie Cobb Buyers<sup>281</sup> Por meio da necrologia é possível rastrear os seus primeiros passos. Ela nasceu no dia 04 de março de 1901 nos Estados Unidos, e chegou ao Brasil no dia 13 de agosto de 1927. Primeiramente estudou português, e somente no ano de 1928 recebeu a sua primeira nomeação como missionária para atuar no Instituto Central do Povo. Na ocasião foi incumbida de abrir um Jardim da Infância, respondendo assim a uma das demandas do Morro da Providência, no Rio de Janeiro.

Cobb promoveu diversas campanhas para construção e ampliação dos trabalhos do Instituto, além do Jardim de Infância, Primário, Admissão, Ginásio, também eram oferecidos cursos no período noturno. No decorrer dos anos ampliou a biblioteca, fundou uma policlínica, e colaborou na constituição de grêmios estudantis, e na promoção de cursos profissionalizantes como corte e costura, cerâmica e outros. A atuação desta missionária era intensa, encontramos em um dos seus relatórios, apresentado durante o 6º Congresso da Federação das Sociedades Metodistas da Região Eclesiástica do Norte realizado no Rio de Janeiro no período de 22 a 26 de junho de 1938:

A diretora do Instituto Miss Cobb, auxiliando-a no trabalho social Miss Ruth Hills. O Instituto mantém uma escola

---

<sup>280</sup> Instituto Central do Povo (ICP) foi fundado em 13 de maio de 1906 pelo casal de missionários metodistas Elvira G. Tucker e Hugh Clarence Tucker, instituto pioneiro na ação social, localizado no Morro da Providência, Rio de Janeiro. VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 14, nº 4, Out-Dez de 1943. p. 16.

<sup>281</sup> Informações obtidas: EXPOSITO CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol. 66, nº 22, 31 de maio de 1951. p. 8; Id. Ibid., vol. 66, n. 22 (31/05/1951), p. 8. ; VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 22, nº 4, Out-Dez de 1951, falta a página. Cobb também foi agente geral da *Revista Voz Missionária* na ausência de Epps quando em férias pelos Estados Unidos. Ela casou-se no dia 28 de junho de 1945 com Paul Eugene Buyers e faleceu na sua cidade natal Columbia, South Carolina, Estados Unidos, em 26 de abril de 1951.

primaria, jardim de infancia, serviço pre – natal gratuito, assistencia dentaria infantil, curso de corte e costura, curso de arte culinária, serviços de instrução a surdos-mudos, sopa ao marinheiro, todos estes trabalhos de assistencia social gratuitos.<sup>282</sup>

Tendo em vista a atuação desta instituição ela tornou-se referência no Morro da Providência, contando sempre com a presença de autoridades nas suas inaugurações e comemorações. Por exemplo, na inauguração do Ed. Tucker realizada no dia 27 de novembro de 1949, “a cerimônia foi coordenada pela Miss Allie Cobb Buyers atual Superintendente do ICP, com a presença do Ministro da Educação e Saúde - Sr. Clemente Mariani”.<sup>283</sup>

### 1.1.2 Marfízia Becker Braga

No jornal em estudo, o *Expositor Cristão*, encontramos também no necrológio de Marfízia Becker Braga,<sup>284</sup> ela era professora do curso de corte e costura e costumava confeccionar roupas para as crianças do ICP. Na Igreja Metodista de São João – R.J. trabalhou como secretária da Sociedade Metodista de Senhoras e professora da Escola Dominical. É importante ressaltar que as Sociedades de Senhoras colaboraram nas diversas atividades promovidas pelo Instituto Central do Povo ao longo destes anos.

### 1.1.3 Layona Glenn

Nesta trajetória destacamos o Instituto Ana Gonzaga, nome dado em homenagem à idealizadora e protagonista desta instituição, Anna da Conceição Gonzaga.<sup>285</sup> Quanto à localização encontramos duas breves descrições datadas da década de trinta, o que certamente contribui para compreensão do cotidiano desta Instituição.

Esta fazenda está a 42Km (...) da E. Pedro II. No centro está situada a Estação da E. F. C. do Brasil, por onde correm mais de 54 trens de passageiros por dia. Duas das melhores estradas de

<sup>282</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 52, nº 26, 19 de julho de 1938. p. 26.

<sup>283</sup> Id. Ibid., vol. 64, nº 52, 29 de dezembro de 1949. p. 4.

<sup>284</sup> Marfízia nasceu 17 de março de 1898 e faleceu em 10 de janeiro de 1950. Id. Ibid. vol. 65, nº 11 e 12, 16 e 23 de março de 1950. p. 29.

<sup>285</sup> GLENN, Layona. *Dona Anna da Conceição Gonzaga (1851-1932): um tributo de homenagem por sua amiga Layona Glenn*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1949. A sua história de vida está descrita no capítulo 1.

rodagens (Real da Santa Cruz e Palmares, que se liga à Rio – S. Paulo), rasgam o seio da fazenda.

Da cidade do Rio de Janeiro levá-mos uma hora e meia de trem para fazer esta viagem. (...) Inhoahyba é uma velha palavra indígena que significa Campo Ruim (...) Esta fazenda foi doada à Igreja Methodista por D. Anna Gonzaga sob a condição de crear allí um orphanato e uma escola, onde as crianças possam trabalhar e estudar, tendo a oportunidade de receber uma educação christã.<sup>286</sup>

O sonho de Ana Gonzaga encontrou guarida em Layona Glenn<sup>287</sup> diretora do Instituto que foi inaugurado no dia 1º de maio de 1932, e a partir de então ela insistentemente solicita a colaboração<sup>288</sup> da Igreja Metodista, especialmente das mulheres e da sociedade em geral para o sustento deste trabalho. Nesta instituição eram acolhidas crianças abandonadas e carentes com as mais diversas histórias de vida, como por exemplo, o menino Augusto José Moreira:

Apresentado ao Instituto Anna Gonzaga por ocasião de seu internamento em 12 de março de 1934. Existia na Fazenda do Snr. Virgilio Laviola, no Districto de São Francisco da Gloria, Município de Carangola, Estado de Minas Gerais, um colono de nome Anysio José Moreira, casado ecclesiasticamente e de cujo consorcio vieram dois filhos, o pequeno Augusto e uma irmãzinha menor. Em dias do mez de junho de 1932 desabou n'aquelle local uma tremenda tempestade, tendo formidável tromba d'agua cahido no logar onde morava Anysio e sua família, isto às 11 horas da noite. Os visinhos, que habitavam o mesmo sitio, ouviram enorme rumor, parecendo-lhes que se arrazava aquella partícula do mundo! Era a tromba d'agua que vinha arrastando tudo quanto encontrava, pedras enorme, arvores inteiras eram arrancadas pelo ímpeto das águas que se avolumavam, envolvendo então a casa de Anysio, com toda a sua família. No dia seguinte os visinhos deram falta da casa, pois, esta não havia deixado sequer vetigios da sua existência. Dado o alarme, foram em procura da casa e seus habitantes,

<sup>286</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Methodista, anno 7, nº 1, Jan-Mar de 1936. p. 6.

<sup>287</sup> A história da sua vida está descrita também neste capítulo como educadora.

<sup>288</sup> Jornais em que foram publicadas as solicitações de colaboração para o Instituto Ana Gonzaga – (Fazenda Inhoayba). EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão official da Egreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 46, nº 10, 9 de março de 1932; Id. Ibid. vol. 46, nº 23, 15 de junho de 1932; vol. 47, nº 15; vol. 49, nº 5, 29 de janeiro de 1935; vol. 49, nº 34, 20 de agosto de 1935; vol. 49, nº 40, 1º de outubro de 1935; vol. 50, nº 45, 17 de novembro de 1936; vol. 50, nº 47, 1 de dezembro de 1936; vol. 50, nº 48, 8 de dezembro de 1936; vol. 51, nº 3, 19 de janeiro de 1937, p. 11; vol. 51, nº 32, 17 de agosto de 1937, p. 5; vol. 52, nº 2, 11 de janeiro de 1938, p. 15; vol. 52, nº 20, 26 de maio de 1938, p. 3,4 e 7; vol. 52, nº 21, 31 de maio de 1938, p. 12; vol. 52, nº 31, 11 de agosto de 1938, p. 7; vol. 52, nº 32, 18 de agosto de 1938, p. 8; vol. 52, nº 33, 25 de agosto de 1938, p. 7; vol. 54, nº 4, 31 de janeiro de 1939, p. 7; vol. 54, nº 15, 18 de abril de 1939, p. 8; vol. 54, nº 16, 25 de abril de 1939, p. 2; vol. 54, nº 21, 30 de maio de 1939, p. 7; vol. 54, nº 21, 6 de junho de 1939, p. 6; vol. 56, nº 22, 8 de julho de 1941, p. 8; vol. 57, nº 11, 17 de março de 1942, p. 7; vol. 59, nº 27, 6 de julho de 1944, p. 3; vol. 63, nº 19, 6 de maio de 1948; vol. 66, nº 16, 19 de abril de 1951, p. 5; vol. 67, nº 16, 17 de abril de 1952; vol. 68, nº 12, 19 de março de 1953; vol. 69, nº 3, 21 de janeiro de 1954; vol. 77, nº 15, 1º de agosto de 1962, p. 9. As contribuições poderiam ser realizadas por meio de ofertas em dinheiro ou produtos alimentícios e materiais de higiene.

encontrando em primeiro lugar um braço de criança, mais adiante o cadáver de Anysio, nu e de todo mutilado, com pernas e braços quebrados, completamente deformado e preso debaixo de montão madeiras e pedras. Em semelhante estado, um pouco mais abixo, foi encontrado sua esposa e também sua filha completamente esmagadas, sedo que esta ultima com falta de um braço. Só ao meio dia, foi encontrado o pequeno Augusto, que contava então com 9 annos, preso nos galhos de uma árvore (. . .) Foi neste estado que a Sra. Francisca G. de Oliveira (. . .) teve compaixão (. . .) e começamos eu e ella (. . .) a pleitear um logar no Instituto Anna Gozaga (. . .) dois annos depois (. . .) no dia 11 de março de 1934, embarquei para o Rio de Janeiro, levando o pequeno Augusto, que se internou no dia seguinte.<sup>289</sup>

Crianças como aquele Augusto Moreira, foram encaminhadas ao Orfanato, que em meados de 1942, passou a ter 76 crianças internas e mais 150 externas, este trabalho contava com a fiscalização do governo federal<sup>290</sup> e a contribuição da Prefeitura Municipal, do Serviço de Assistência aos Menores e da Legião Brasileira de Assistência. É importante ressaltar que esta Instituição não faz distinção no que tange a denominação religiosa, o que é possível evidenciar no relatório encaminhado à Junta de Ação Social da Região Eclesiástica do Norte, onde consta em 1952 a presença de 92 crianças, destas 37 eram católicas, 32 metodistas, 6 adventistas, 5 batistas, 4 presbiterianas, 4 Assembléia de Deus e 4 Congregacionais.<sup>291</sup>

#### 1.1.4 Eunice Weaver

Na história do Orfanato Ana Gonzaga, também encontramos Eunice Weaver,<sup>292</sup> que atuou como Secretaria do Conselho Superior, e devido a sua influência ampliou os donativos à Instituição, e também colaborou no processo de inclusão de filhas e filhos de pais portadores de hanseníase.

#### 1.1.5 Luiza Vurlod Ungaretti

No Rio Grande do Sul, escreve como redator desta região, o então pastor, Sante Umberto Barbieri: “As senhoras desta região teem trabalhado muito para o

<sup>289</sup> A VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Methodista, anno 7, nº 1, Jan-Mar de 1936. Escreve esta história o Sr. Jovelino Alves de Oliveira esposo de D. Francisca G. de Oliveira.

<sup>290</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão official da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 57, nº 11, 17 de março de 1942, p. 7.

<sup>291</sup> Id. Ibid. vol. 67, nº 16, 17 de abril de 1952, p. 9.

<sup>292</sup> Eunice Weaver será apresentada a seguir, quando tratarmos sobre o tema da hanseníase.

estabelecimento de nosso orfanato, ora sediado em Santa Maria. De fato, a elas devemos o sucesso alcançado neste setor de nosso trabalho.”<sup>293</sup> Nesta Instituição destacamos o trabalho desenvolvido por Luiza Vurlod Ungaretti, nascida em 20 de março de 1885, na cidade de Uruguaiana – RS, filha do professor Aleixo Vurlod, fundador do Colégio União. Ela inicialmente trabalhou como professora no Colégio União e em outras escolas paroquiais. No ano de 1912 casou-se com o Rev. Adolpho Ungaretti.<sup>294</sup> Sendo ele, o primeiro diretor do Orfanato Metodista EM Santa Maria - RS, que foi inaugurado no dia 24 de maio de 1939.<sup>295</sup> Porém, no exercício do terceiro mandato veio a falecer, e Luiza não hesitou em dar continuidade a este trabalho, sendo diretora por um período de dez anos.

#### 1.1.6 Joy Betts

No trabalho desenvolvido nesta Instituição, encontramos Joy Betts, que nasceu em 26 de julho de 1925 nos Estados Unidos, filha de Francisca Betts e do Rev. Daniel Betts. Ela Estudou em Porto União, Santa Catarina; Colégio Centenário, Santa Maria – RS; Colégio Bennett – Rio de Janeiro; e fez o curso de enfermagem na Universidade de Vanderbilt nos Estados Unidos. Atuou como missionária em 1952 especialmente na Segunda Região Eclesiástica, em Porto Alegre, no Colégio Americano; em Passo Fundo trabalhou como diretora do Curso de Enfermagem, e em Santa Maria, no Colégio Centenário e como Provedora no Lar Metodista.<sup>296</sup>

#### 1.1.7 Anaildes Ferreira

Neste período contou com a colaboração da Diaconisa Anaildes Ferreira<sup>297</sup>, responsável pela vida interna do Lar Metodista, instituição está localizada em Santa

<sup>293</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 54, nº 9, 7 de março de 1939. p. 7

<sup>294</sup> Id. Ibid., vol. 63, nº 46, 11 de novembro de 1948, p. 5.

<sup>295</sup> Id. Ibid., vol. 54, nº 26, 18 de julho de 1939, p. 5. Antes do trabalho desenvolvido no Orfanato Metodista, Luiza colaborou no ministério pastoral do seu esposo, desenvolvendo diversas atividades junto às seguintes comunidades: Cruz Alta, Caxias, Porto Alegre, Alegrete, Uruguaiana e Santa Maria, todas no Estado do Rio Grande do Sul. Luiza Vurlod Ungaretti faleceu no dia 20 de setembro de 1955, conhecida como a “mãe querida das crianças do Lar Metodista”, cf. VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 71 nº 1, Jan-Mar de 1956.

<sup>296</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 82, nº 7, 1º de abril de 1966, p. 12. Ela faleceu de câncer no dia 10 de março de 1966.

<sup>297</sup> Informações sobre a vida da Diaconisa Anaildes Ferreira, vide pastoral – Trabalho desenvolvido pelas diaconisas.

Maria – RS, que contava com 74 crianças, sendo 64 meninos e 10 meninas<sup>298</sup>, que exercem diversas atividades, além do trabalho desenvolvido na horta e na tipografia.

### 1.1.8 Alcina Araújo Rossi

A atuação das mulheres não se restringe meramente à fundação de orfanatos, mas também na fundação de creches, como a Creche Josefina G. da Silva que atendia diariamente 25 crianças, na cidade de Birigui. A sua diretora era Alcina Araújo Rossi. Além disso, contava a creche com a continua colaboração da Sociedade de Senhoras da igreja local<sup>299</sup>. E também a fundação de casas para abrigar pessoas idosas, como o Lar Otília Chaves, protagonizado por Suzelita Gomes Rolim, que nasceu em Cruz Alta – RS, filha de Cândida Gomes e Delfino Gomes. Estudou no Colégio Centenário, casou-se com o Pastor Antônio Rolim<sup>300</sup>. Durante o exercício do ministério pastoral do seu esposo, Suzelita dedicou-se à obra social, realizando diversas atividades, dentre estas destacamos a coleta anual no comércio de Porto Alegre, de gêneros alimentícios com os quais beneficiava mais de 400 famílias. Ela também conseguiu os primeiros recursos para a construção do “Asilo da Velhice Otília Oliveira Chaves”, autorizado pelo Concílio Distrital.

### 1.1.9 Serena Hoorich

Também foi fundado o Lar Suzana Wesley, em Santo Ângelo; e em 1959 a Fundação de Amparo à Velhice<sup>301</sup>, em Uruguaiana – RS. E no ano do Centenário surge em Passo Fundo o “Lar das Vovozinhas”, na ocasião a história de Serena Hoorich sensibilizou e levou a Sociedade de Senhoras de Passo Fundo a organizar a instituição, apresentamos a seguir esta narrativa:

O ponto crítico chegou quando D. Serena ficou sabendo de uma senhora cujo filho não a queria dentro de casa. Como não tinha lugar para onde mandá-la colocou-a na estrebaria junto à mula.

<sup>298</sup> Id. Ibid., vol. 78, nº 9, 1º de maio de 1963, p. 3.

<sup>299</sup> Id. Ibid., vol. 75, nº 2, 14 de janeiro de 1960, p. 12.

<sup>300</sup> Como esposa de pastor colaborou na Igreja Metodista em Santana do Livramento – RS; no trabalho missionário na Ilha da Madeira, onde permaneceram dois anos. De regresso ao Brasil foram para a paróquia Wesley, em Porto Alegre, depois para Passo Fundo e, de volta a Porto Alegre, na Igreja Metodista da Glória, onde exerceu a presidência da sociedade de mulheres por muitos anos. VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 30, nº 3, Jul – Set de 1958, p. 20-21.

<sup>301</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 77, nº 6, 15 de março de 1962, p. 2.

Lá ela ficou, muito doente, e veio a morrer no seu sofrimento. Esta velhinha foi a mártir anônima que levou outros corações grandes como o de D. Serena a se unirem na criação do Lar.<sup>302</sup>

## 1.2 Partilhando as primeiras letras: o Analfabetismo

### 1.2.1 Abigail Dutra Gelcich

Nesta trajetória evidenciamos os rostos de algumas mulheres, como Abigail Dutra Gelcich, presidente da Federação das Sociedades Metodistas de Senhoras da Região Eclesiástica do Centro. A reportagem a seguir também foi veiculada pelo Diário de São Paulo, no dia 1º de maio de 1953:

No quilometro 23 da via Anhanguera, município da capital, existe um bairro que se denomina bairro Jaraguá. É bem possível que a maioria dos paulistanos desconheça que nas faltas do pico famoso do histórico Jaraguá, há um conglomerado de gente que cuida da lavoura, trabalhando intensamente pela grandeza de S. Paulo. Essa gente vivia abandonada, à margem da organização que constitui a grande cidade, mas devia estar integrada nos seus benefícios. Entretanto, naquele lugar só proliferaram os males que a ausência da administração costuma gerar. O povo era analfabeto. O alcoolismo e a prostituição campeavam, os casais se uniam ilegalmente, as crianças não eram registradas. Por toda a parte só se via má alimentação, falta de higiene e de conforto nas casas. Mas a D. Abigail foi morar lá. D. Abigail Dutra Gelcich, funcionária do consulado americano e professora normalista foi morar no bairro do Jaraguá. Comprou uma chácara (...) e fundou de parceria com o Sr. M. Suzuki, um remediado sitiante local, o “Centro Social de São Paulo do Jaraguá” que se propunha a fazer e fez uma porção de coisas em favor daquela gente.

O Sr. Suzuki, japonês de velha estirpe, que não admite analfabetos na colônia, entusiasmou-se e doou o terreno para ser instalada a primeira escola. Os japoneses do bairro, que constituem cerca de 30 famílias, cultivam a terra e vendem os seus produtos nas feiras da Lapa e Perdizes. São, também, aguerridos inimigos do analfabetismo. Ajudaram D. Abigail a construir a escola. Ela riscou a planta e os japoneses ergueram um sólido prédio de pau a pique.<sup>303</sup>

Esta mulher além de arriscar-se como engenheira, combateu o analfabetismo, e melhorou o padrão de vida da população das pessoas desta comunidade. Inicialmente

<sup>302</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 77, nº 6, 15 de março de 1962, p. 9.

<sup>303</sup> Id. Ibid. vol. 68, nº 28, 9 de julho de 1953, p. 1.

ela realizou um recenseamento, visitando todas as casas, e começou o trabalho de alfabetização em junho de 1949, com quarenta crianças, além de um curso de marcenaria e de corte e costura. As crianças desta localidade foram acompanhadas pela “4<sup>a</sup> Delegacia Regional do Ensino e pelo Sr. Lázaro Gonçalves Teixeira, diretor do serviço de Educação de Adultos”.<sup>304</sup> A escola foi inaugurada no dia 27 de setembro de 1953, com o nome de Centro Social Rural de São Paulo do Jaraguá, na ocasião compareceram representantes dos consulados Americano e Japonês.<sup>305</sup> E ainda, a escola, no período de 12 a 19 de janeiro de 1954 hospedou o Congresso Regional de Senhoras da Região do Centro.

### 1.2.2 Sociedades de Senhoras

As Sociedades de Senhoras, em geral, colaboravam para o êxito das campanhas desenvolvidas contra o analfabetismo, e tomavam iniciativas diante da realidade das suas comunidades. A seguir apresentaremos alguns destes exemplos:

Em São Paulo, na cidade de Avaré, a Sociedade de Senhoras “mantém cultos semanais, e uma aula de alfabetização, que funciona no templo, todas as segundas e têrças-feiras”<sup>306</sup>. No Paraná, a Sociedade de Senhoras de Porto União apóia a iniciativa de duas sócias: “As quintas-feiras das 2 às 5 horas da tarde, duas irmãs, dirigem uma classe de “alfabetização e higiene” num bairro pobre chamado Favela. Assistem às aulas não só as crianças, mas também algumas senhoras.”<sup>307</sup> No Recife, a juvenil de 14 anos, Maria das Graças alfabetizou a própria mãe, pois era “professora da classe de alfabetização na Igreja de Caixa d’água no campo missionário do Recife”.<sup>308</sup>

Neste propósito as mulheres também colaboravam com as Escolas Paróquias, o que nos é possível evidenciar no necrológio de Maria das Dores, conhecida como Milica, membro da Congregação de Serro Azul, Paróquia de Batatais, em Minas Gerais. Ela faleceu aos 72 anos, mas “quando começou a participar da Igreja Metodista não

---

<sup>304</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 68, nº 28, 9 de julho de 1953, p. 2.

<sup>305</sup> Cf. informações contidas no jornal: EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo vol. 68, nº 52, 31 de dezembro de 1953, p. 5.

<sup>306</sup> Id. Ibid, vol. 56, nº 11, 25 de março de 1941. p. 10.

<sup>307</sup> Id. Ibid. vol. 67, nº 38, 18 de setembro de 1952. p. 14.

<sup>308</sup> Id. Ibid. vol. 81, nº 16, 15 de agosto de 1966.

sabia ler e nem escrever, a despeito da idade ingressou na Escola Paroquial de Serra Azul alcançando o objetivo proposto.”<sup>309</sup>

É importante ressaltar a informação transcrita do periódico *Educación Cristiana* no artigo intitulado: “Algumas considerações sobre o analfabetismo”,<sup>310</sup> no que tange ao Brasil o índice de analfabetismo passou de 65,3% em 1900 para 50,5% em 1965. Certamente o trabalho desenvolvido pelas mulheres metodistas colaborou na mudança desta face do analfabetismo brasileiro.

### 1.3 Enfrentando as dores: A luta contra o alcoolismo, a lepra, a tuberculose e o câncer

#### 1.3.1 A luta contra o alcoolismo

Evidenciamos a presença das mulheres metodistas na luta contra o alcoolismo, a lepra, a tuberculose e o câncer. No que diz respeito ao alcoolismo nos reportamos às palavras de Francisca F. de Carvalho, presidente da Federação das Sociedades de Senhoras da Região do Centro:

É sem dúvida um grande privilegio como sócias da Sociedade de Senhoras, continuarmos na luta contra o analphabetismo no Brasil (...) os corações generosos das irmãs pulsarão mais apressados na ansia de contribuir para a fundação do nosso orphanato – O Instituto Anna Gonzaga. (. . . ) Estamos informadas de que todas as Sociedades se empenham infatigavelmente em trabalhos locais. (. . . ) Fazemos tudo ao nosso alcance em favor dos pobre (. . . ) Fazemos guerra ao alcool e analphabetismo. Tomemos parte activa na solução das questões sociaes do nosso paiz.<sup>311</sup>

Estas não são meramente as palavras de Francisca, mas também de outras mulheres da Igreja Metodista, como por exemplo, no Relatório do Congresso das Sociedades Missionárias de Senhoras realizado em Santa Maria – RS, no período de 5 a 8 de janeiro de 1930, encontramos a seguinte resolução: “Foi resolvido que mandasse um memorial ao exmo. Sr. Getulio Vargas pelo trabalho que fez, contra o

<sup>309</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 58, nº 33, 17 de agosto de 1943. p. 8

<sup>310</sup> Informação transcrita do periódico *Educación Cristiana*, Abril-junho de 1964. p. 3. cf Autora *Algumas considerações sobre o analfabetismo*. Id. *Ibid.*, vol. 80, nº 5, 1º de março de 1965. p. 5.

<sup>311</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 44, nº 44, 24 de dezembro de 1930.

analfabetismo, bebidas alcoólicas e demais vícios”,<sup>312</sup> o que foi realizado. Pois, as mulheres não pleiteavam as causas meramente por pleitear, mas sim buscavam informações e se organizavam diante dos desafios. Os Congressos oportunizaram a capacitação das mulheres para o desenvolvimento de diversos trabalhos. No que tange ao alcoolismo, foram realizadas algumas atividades, dentre elas destacamos o tema apresentado pela executiva da União Paulista Pró – abstinência – Hilda Araújo, que partilhou o seguinte:

As estatísticas informam que cada brasileiro bebe diariamente 24grs. de álcool, o que nos colloca ao lado dos paizes tidos por primeiros neste lamentável concurso. Oitenta por cento dos criminosos no Rio de Janeiro são alcoólatras; em São Paulo deve-se ao álcool 60% dos crimes de sangue.

Estas e outras informações foram perpassando pelas Sociedades de Senhoras, que imediatamente tomaram iniciativas e promoveram eventos em suas comunidades, inclusive contando com a assessoria de Hilda Araújo que esteve na cidade de Ribeirão Preto: “D. Hilda pôde falar e cantar em nossa igreja, no Collegio Methodista, e no grande salão da Legião Brasileira. (...) Um discurso sobre “o alcool e a tuberculose”, e dois cantos foram irradiados pela Radio Club. Ela também visitou os jornais locais (...) e fez mais uma conferencia sobre “o álcool e os meios de combatê-lo”.<sup>313</sup> Também esteve nas cidades de Presidente Prudente, Ourinhos<sup>314</sup> e outras localidades.

Com este trabalho a União Pró-temperança estava presente na década de trinta, em setes estados do Brasil, tendo a sua sede na cidade de Porto Alegre, onde Flora Strout e Maria Guimarães, a secretária-executiva, acolhiam as pessoas e encaminhavam as devidas informações para o desenvolvimento deste trabalho. A partir de então são realizadas, campanhas e atividades especiais na Semana Antialcoólica, próximo ao dia 31 de outubro, pois nesta data é celebrado o Dia Mundial da Temperança.

### 1.3.2 A luta contra a lepra

Quanto à atuação das mulheres metodistas em relação à lepra, apresentamos inicialmente uma estatística da década de trinta em que nos é possível evidenciar a situação do País em relação a esta doença:

<sup>312</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 44, nº 12, 19 de março de 1930, p. 9.

<sup>313</sup> Id. Ibid. vol 45, nº 13, 29 de abril de 1931, p. 8.

<sup>314</sup> Id. Ibid. vol. 45, nº 35, 7 de outubro de 1931, p. 11

Com a condensação das nossas populações neste últimos 30 anos a lepra expandiu-se assustadoramente por todo o Brasil onde existem aproximadamente 30.000 doentes para uma população de 36.633.803 habitantes, não se contando um único Estado indemne da moléstia.<sup>315</sup>

Diante desta situação as mulheres promoveram diversas palestras, convidando médicos para esclarecer às sócias, aos membros da Igreja e a população em geral sobre este assunto. Destaca-se como protagonista na luta contra a lepra Eunice Weaver, conforme já exposto no capítulo anterior desta pesquisa. No dia 2 de julho de 1934 ela tornou-se membro da Igreja Metodista de São João (Instituto Central do Povo–ICP) devido a nomeação do seu esposo, como pastor do ICP, o Rev. Charles Anderson Weaver<sup>316</sup>. Eunice era constantemente convidada para participar nos congressos de senhoras, e concílios da Igreja Metodista, especialmente como presidente da Federação de Assistência aos Lázarus, e nestas oportunidades enfatizava a necessidade de promover campanhas contra a lepra.<sup>317</sup> Ela era considerada “heroína” nas campanhas de leprosários e abrigos, visando especialmente à vida das filhas e filhos de pais portadores de hanseníase. Trabalhou intensamente em todo o País, percorrendo mais de 146 cidades, sendo também a delegada do Brasil na Conferência do Cairo, Egito, na qual este assunto foi tratado em nível mundial.<sup>318</sup>

Eunice Weaver recebeu o reconhecimento de muitos setores da sociedade brasileira e internacional. Foram concedidos a ela os seguintes títulos: Condecoração da Ordem ao Mérito, distinção esta concedida pelo governo do Paraguai; da Sociedade Internacional de Leprologia recebeu o título de “Full Member” que lhe dá os mesmos direitos que gozam seus membros regulares, ou sejam, os médicos leprologistas; de Cuba recebeu a condecoração de Ordem ao Mérito Carlos Finley; do governo brasileiro recebeu a Ordem Nacional do Mérito no grau de comendador, e em 1956 a Ordem do Mérito da Aeronáutica. Eunice Weaver recebeu, ainda, o Diploma da Inconfidência

<sup>315</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Methodista, anno I, nº 2, Abr- Jun de 1930. p. 9.

<sup>316</sup> Que faleceu em 1955. E o corpo de Eunice Weaver “chegou de Porto Alegre na madrugada do dia 10 de dezembro de 1969 para a Capela da Igreja do Catete (. . .) até o Cemitério dos Ingleses – Gamboa (Jazigo 139 – 1. 528) junto à Charles Anderson Weaver, cf. Falta autor e título do artigo da notícia ou da rubrica. EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 85, nº 5/6, 15 e 31 de março de 1970.

<sup>317</sup> A Federação das Sociedades de Assistência aos Lázarus foi fundada em 1932, e em 1935 Eunice Weaver tornou-se presidente. Quanto a sua participação em concílios da IM, destacamos o Concílio Regional do Centro, cf. Falta autor e título do artigo da notícia ou da rubrica. EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 50, nº 4, 4 de fevereiro de 1936. p. 4.

<sup>318</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 55, nº 42, 3 de dezembro de 1940. p. 1.

conferido pelo Estado de Minas Gerais. É também é cidadã benemérita do Rio de Janeiro, da Bahia e do Pará.<sup>319</sup>

O trabalho extraordinário desenvolvido por Eunice Weaver transformou a vida de muitas pessoas, e também colaborou na mudança do índice brasileiro em relação à lepra, que caiu de 4 por mil habitantes em 1931 para 1 e ½ por 1.000 habitantes em 1961.<sup>320</sup>

### 1.3.3 A luta contra a tuberculose e o câncer

Quanto à atuação das mulheres metodistas em relação à tuberculose, elas também promoveram encontros e palestras sobre este assunto. No entanto, estavam mais preocupadas no tratamento preventivo da tuberculose infantil, o que nos é possível evidenciar pelas recomendações de Lucila Batista Pereira, pois no texto em que apresenta vários conselhos às mães, ela enfatiza as seguintes palavras: “não podemos esquecer que a ciência moderna em relação a tuberculose, tem conseguido imensas vitórias, as quais se baseiam em rigorosa higiene e tratamento conveniente. Não deixemos pois de obedecer aos ensinamentos de ambos”.

No que tange à ação das mulheres em relação ao câncer, observamos que a revista *Voz Missionária* apresenta este tema pela primeira vez em meados de 1948, convidando as mulheres para uma campanha contra o câncer, com o seguinte slogan: “Educar para vencer.”<sup>321</sup> A matéria ensina também como detectar os primeiros sinais do câncer e as causas que contribuem para o aparecimento da doença, e assim são desenvolvidas palestras nas comunidades visando o esclarecimento sobre este assunto.

## 1.4 Solidariedade: Atuação das mulheres metodistas com os povos indígenas.

A redatora da *Voz Missionária*, Leila Epps visitou o trabalho desenvolvido com a tribo indígena dos Caiuás, e publicou uma extensa matéria com mapa da localização,

<sup>319</sup> O Decreto do governo brasileiro data de 17 de dezembro de 1950. cf. EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 76, nº 19 e 20, 15 de outubro e 1º de novembro de 1961. 6.

<sup>320</sup> Id. Ibid, vol. 85, nº 5 /6, 25 e 31 de março de 1970. p. 27

<sup>321</sup> Artigo publicado inicialmente na *Separata* de “Unum Corpus”, de setembro de 1947, Órgão da Confederação Evangélica do Brasil, cf. VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 19, nº 4, Out – Dez de 1948.

fotos dos indígenas procurando assim apresentar a cultura deste povo. Ela também procedeu a uma entrevista com o Dr. Nelson, leigo e médico metodista que residia com os indígenas.<sup>322</sup> Leila Epps impressiona-se com a presença de aproximadamente seiscentos indígenas e os desafios deste trabalho. Ela também passa a publicar nos próximos números da revista, pequenos artigos sobre o trabalho desenvolvido junto aos Caiuás e solicita a colaboração por meio de ofertas voluntárias, estas notícias também são veiculadas pelo jornal, o *Expositor Cristão*.<sup>323</sup> Entre os Caiuás encontramos Áurea Batista, professora da escola e Loide Bomfim que atua na equipe de enfermagem da Missão Evangélica Caiuá.

Atuando junto aos índios Kaingangues e Guaranis, em Laranjeiras do Sul, Paraná, encontramos Jandyra Esteves, professora da Escola Primária, que juntamente com o seu esposo Geraldo Esteves desenvolve o trabalho missionário. Estas são as mulheres que encontramos atuando com os povos indígenas no período em estudo.

Perseguindo os rastros, visibilizamos o rosto das mulheres metodistas em sua atuação social. Mulheres que buscam melhores condições de vida para as pessoas. Mulheres que aparentemente não possuem o “poder eclesiástico”, mas possuem o poder para transformar o cotidiano.

Apesar do seu caráter fragmentado as fontes deixam transparecer uma ampla atuação de mulheres leigas e mulheres empregadas nas áreas sociais. Destacam-se as posições de liderança de mulheres nas instituições sociais de caráter pioneiro nas campanhas preventivas de saúde e nas atuações em relações aos povos indígenas. As propostas institucionais de programas e a disponibilidade individual vista tanto nas instituições como em nível das igrejas locais encontram a necessária solidariedade por meio da Sociedade de Senhoras capaz de agir como multiplicadora de idéias, programas e esforços tanto do nível geral para o nível local como pelo contrário. Da mesma forma ela parece ser também a mais disposta organização da Igreja Metodista em preservar estas memórias.

---

<sup>322</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 7, nº 2, abr – Jun de 1936. p. 9-11.

<sup>323</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 54, nº 46, 12 de dezembro de 1939. p. 10; vol. 55, nº 19, 21 de maio de 1940. p. 6/7; vol. 55, nº 19, 21 de maio de 1940. p. 8; vol. 55, nº 40, 19 de novembro de 1940. p. 10; vol. 56, nº 1, 1 de janeiro de 1941; vol. 56, nº 10, 18 de março de 1941. p. 10; vol. 57, nº 24, 16 de junho de 1942. p. 5.

## 2 As mulheres metodistas e a atuação educacional

Na década de 30, o Brasil inicia uma fase de remodelação da política educacional em nível nacional e estadual, com a criação do Ministério da Educação e das Secretarias de Educação dos Estados. Paralelamente, tem início na Igreja Metodista o período pós-autonomia, e no que tange aos colégios, estes paulatinamente passam para a jurisdição da Igreja Metodista do Brasil. Diante deste contexto, durante esta fase de múltiplas transições, os colégios passam por um período de crescimento.

Nessa década também encontramos sete colégios de um total de doze instituições estes foram direcionadas por mulheres, conforme apresentamos a seguir:

Colégio	Direção		Cidade/Estado
	Feminina	Masculina	
Collegio Bennett	Diretora: Eva L. Hyde		Rio de Janeiro, RJ
Granbery		Dr. W. H. Moore	Juiz de Fora, MG
Collegio Isabela Hendrix	Diretora Mary A. Lamar		Belo Horizonte, MG
Porto Alegre College		Prof. J. E. Moreland	Porto Alegre, RS
Instituto Gymnasial		Prof. Eugenio Chesson	Passo Fundo, RS
Collegio Centenário	Diretora: Eunice Andrew		Santa Maria, RS
Collegio União		Rev. J.E. Ellis	Uruguaiana, RS
Collegio Americano	Diretora: Mary Sue Brawn		Porto Alegre, RS
Collegio Piracicabano	Diretora: Mary Jane Baxter		Piracicaba, SP
Gymnasio Americano		Rev. Clemente E. Hubbard	Lins, SP
Collegio Methodista	Diretora: Emma Christiane		Ribeirão Preto, SP
Collegio Noroeste	Diretora: Sophia Schalch		Biriguy, SP <sup>324</sup>

A contribuição das mulheres metodistas na área educacional é inegável, quer como diretoras, quer como professoras. No cumprimento de sua missão como educadoras, elas transcenderam as fronteiras das escolas, e desenvolveram trabalhos nas instituições educacionais a serviço da comunidade.

Com isto pretendemos preencher uma lacuna dos já numerosos estudos sobre a educação metodista: com raras exceções, eles discutem o papel das instituições educacionais metodistas relacionado às compreensões da missão da igreja em transição,

<sup>324</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 44, nº 16, 16 de abril de 1930. p. 16.

a relação entre o contexto político e a implementação das instituições ou as concepções pedagógicas em vigor nas instituições e na sociedade, mas não destacam fato e forma da presença feminina nestes processos.<sup>325</sup>

Além das mulheres citadas no capítulo anterior, que continuavam atuando nos colégios, percorremos, então, os Colégios Metodistas, os Institutos de Educação Religiosa e as Escolas Paróquias, buscando especialmente visibilizar os rostos das mulheres metodistas neste processo educacional que lá trabalharam. Iniciamos com as professoras e continuamos, depois, com as diretoras.

## 2.1 Educadoras

### 2.1.1 Elisa Hees

Na década de 30, encontramos a professora Elisa Hees<sup>326</sup>, que nasceu na cidade de Anta, Rio de Janeiro, no dia 21 de junho de 1870 e faleceu no dia 07 de setembro, aos 69 anos. Destacamos o trabalho que ela realizou no antigo Colégio Mineiro de Juiz de Fora, no Colégio União, em Uruguaiana - RS e depois retornou a Minas Gerais atuando em 1938 no Colégio Granbery.<sup>327</sup>

### 2.1.2 Katherine Scurlock

A professora Katherine Scurlock<sup>328</sup> nasceu em Americana – SP, no dia 7 de abril de 1875. Em 1888 estudou no Colégio Piracicabano, e em 1894 seguiu para Juiz de Fora, a fim de atuar junto ao Colégio Mineiro, onde lecionou até a extinção da

---

<sup>325</sup> MESQUITA, Zuleica de Castro Coimbra. *Educação metodista: uma questão não resolvida*. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 1992. 285 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Metodista de Piracicaba, 1992; BOAVENTURA, Elias. “Historiografia da história da educação metodista no Brasil”. *Revista do Cogeime*, Piracicaba: vol. 10, n. 19, p. 87-118, dez./2001; OLIVEIRA, Clory Trindade. “A trajetória da educação metodista PVM e Deim: 20 anos de história. *Revista do Cogeime*, Piracicaba: vol. 12, n. 23, p. 15-34, dez./2003; OLIVEIRA, Adriana Menelli de; TIMM, Edgar Zanini. “Teorizando um pensamento para a educação metodista”. *Revista do Cogeime*, Piracicaba: vol. 13, n. 24, p. 89-93, jun./2004; CÉSAR, Ely Eser Barreto. “A educação metodista considerada em seu papel transformador - uma perspectiva bíblica”. *Revista do Cogeime*, Piracicaba: vol. 15, n. 29, p. 41-54, dez./2006; DORNELES, Simone Silva. *O sujeito do discurso: uma leitura de gênero das diretrizes para a educação na Igreja Metodista*. São Leopoldo: EST/ Sinodal, 2007.

<sup>326</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 54, nº 36, 3 de outubro de 1939. p. 14.

<sup>327</sup> Este trânsito das professoras entre os colégios, em sua maioria, respondia às demandas familiares.

<sup>328</sup> Id. Ibid. vol.56, nº 2, 24 de junho de 1941, p. 14.

instituição, e por vinte e cinco anos, trabalhou no Colégio Piracicabano. Durante este período permaneceu solteira, vindo a falecer aos 65 anos.

No período em evidência era muito importante ser professora, pois além de ultrapassar as barreiras do analfabetismo, ter um diploma era “uma verdadeira carta de alforria para muitas mulheres, e era um sinal indiscutível de promoção pessoal, familiar e social porque certificavam as suas competências. Ser professora tornou-se um desígnio”.<sup>329</sup>

### 2.1.3 Adelina Maranhão

Além das professoras solteiras, destacamos a professora Adelina Maranhão<sup>330</sup>, que ficou viúva aos 38 anos de idade e assim teve de sustentar a família. Ela lecionou inicialmente no Colégio Anglo-Americano, e quando se transferiu para Belo Horizonte, lecionou no Colégio Isabel Hendrix, numa árdua e incansável atividade, pois para dar conta do sustento de seus familiares lecionava das 7h às 22 horas no colégio e também particularmente.

### 2.1.4 Maria Augusta Sampaio de Carvalho

Também encontramos a professora Maria Augusta Sampaio de Carvalho.<sup>331</sup> Conhecida como Sinhá, ela estudou no Colégio Piracicabano, e logo após a sua formação exerceu o magistério neste educandário e faleceu no dia 2 de dezembro 1959. A data de nascimento não foi publicada. A professora Maria Augusta foi encaminhada aos Estados Unidos a fim de complementar os seus estudos e retornar para como missionária para atuar no Brasil, porém decidiu-se casar com o Paulo da Carvalho abdicando assim deste trabalho. Não temos como afirmar se esta decisão lhe foi imposta, ou se ela é uma decisão pessoal. Mas na busca de outras informações sobre a sua história, verificamos que ela trabalhou na Igreja Central de São Paulo, na Sociedade de Senhoras, na Escola Dominical, nos Departamentos de Ação Social e Evangelização, e ainda quando viúva foi diretora da Escola Paroquial da Igreja Central de São Paulo.

---

<sup>329</sup> As pequenas coisas. Recordações de mulheres de 1910 – 1950. Informação disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo11691.pdf>. Acesso em 8 de maio de 2008.

<sup>330</sup> Ela também foi professora da Escola Dominical e tesoureira da Igreja Metodistas em Belo Horizonte, cf. EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 39, 26 de setembro de 1957.p. 15.

<sup>331</sup> Id. Ibid., vol. 75, nº 3, 21 de janeiro de 1960. p. 11.

Certamente exerceu estas atividades, não com o título sonhado, mas diante das possibilidades do seu cotidiano.

### 2.1.5 Lilia Martins Guimarães

Encontramos vestígios de outras mulheres neste processo educacional, como a prof<sup>a</sup> Lilia Martins Guimarães, que por ocasião da celebração dos noventa anos do Colégio União, em Uruguaiana-RS, celebrou cinquenta anos como professora daquele educandário. No entanto, não foram encontradas mais informações sobre a atuação desta mulher.

### 2.1.6 Áurea de Campos Gonçalves

Destacamos ainda, a história da professora Áurea de Campos Gonçalves.<sup>332</sup> Nasceu em 28 de julho de 1894 e faleceu em 19 de julho de 1963 com 69 anos. Formou-se professora pelo Colégio Piracicabano, era organista, tocava acordeon e violino. Também foi protagonista na fundação do Colégio Noroeste, que passou a chamar-se posteriormente Instituto Noroeste, e ainda trabalhou como professora no Instituto Americano de Lins. Nesta cidade a sua presença foi marcante, pois recebeu o Diploma de Cidadã de Lins - SP.

## 2.2 Diretoras

Das fontes desta pesquisa foram estas as professoras encontradas entre os fragmentos das notícias publicadas e especialmente no necrológico. Passamos agora a apresentar as diretoras destes educandários.

### 2.2.1 Emma Christine

Emma Christine<sup>333</sup>, diretora por muitos anos do Colégio Isabela Hendrix, e também diretora do Instituto Metodista em Ribeirão Preto, atuou na área educacional e em outra área afins. Por exemplo, ela foi membro da Comissão que organizou os

---

<sup>332</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol.78, nº 19, 1º de outubro 1963. p. 9.

<sup>333</sup> Miss Emma Christine faleceu dia 9 de agosto 1941, cf. Id. Ibid., vol. 56, nº 30, 16 de setembro de 1941.p.6; Id. Ibid. vol. 56, nº 32, 30 de setembro de 1941. p.6.

estatutos da Sociedade Missionária Conferencial da Região do Norte e também colaborou na organização do primeiro Congresso de Senhoras.

### 2.2.2 Leonora Smith Meriwether

Leonora Smith Meriwether,<sup>334</sup> já citada no capítulo anterior, chegou no Brasil juntamente com os pais depois da Guerra Civil nos Estados Unidos. Nesse período tinha aproximadamente oito anos, e quando jovem retornou ao seu País de origem para estudos. No Brasil, começou a atuar no Colégio Piracicabano. E em 1889 foi para Ribeirão Preto a fim de abrir uma escola, e assim trabalhou intensamente para alcançar este objetivo, tornando-se também diretora deste educandário, vindo a falecer no dia 18 de outubro de 1942, com 77 anos.

### 2.2.3 Ida Shaffer

Ida Shaffer<sup>335</sup>, diretora do Colégio Mineiro em Juiz de Fora, também citada no capítulo anterior, retornou aos Estados Unidos por problemas de saúde, e em 1941 foi acometida de uma paralisia, vindo a falecer em 19 de janeiro de 1944. Na maioria, as missionárias retornavam aos Estados Unidos, para tratamento de saúde ou aposentadoria.

### 2.2.4 Eunice Andrew

Eunice Andrew,<sup>336</sup> diretora do Colégio Centenário, em Santa Maria – RS. Este educandário iniciou as suas atividades no dia 27 de março de 1922, ano do Centenário da Independência do Brasil. É importante ressaltar que Eunice Andrew também contou com o apoio de Louise Best e com apenas sete pessoas matriculadas começaram estes trabalhos. A partir de então Andrew esteve à frente desta instituição até 1937, quando retornou aos Estados Unidos devido a sua aposentadoria. No dia 10 de agosto de 1946

---

<sup>334</sup> Id. Ibid. vol. 58, nº 14, 67 de abril de 1943. p.8.

<sup>335</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 59, nº 13, 28 de março de 1944. p. 8.

<sup>336</sup> CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 61, nº 37, 19 de setembro de 1946.p. 5; Id. Ibid., vol. 71, nº 41, 11 de outubro de 1956. p. 5; VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 26, nº 3, Jul-Ago de 1955. p. 30.

foi inaugurada, naquele educandário, uma placa em sua homenagem. Andrew faleceu no dia 10 de agosto de 1956 em Kentucky, EUA aos 84 anos.

### 2.2.5 Louise Best

Louise Best,<sup>337</sup> uma das fundadoras do Colégio Centenário, em Santa Maria – RS. Ela nasceu dia 10 de novembro de 1892 na Carolina do Sul, Estados Unidos, e foi consagrada missionária em abril de 1921 e no mês de julho deste mesmo ano chegou ao Brasil para trabalhar como assistente de Eunice Andrew. Sendo eleita reitora logo após a aposentadoria de Andrew. Devido aos trabalhos desenvolvidos em Santa Maria, especialmente aos 36 anos de dedicação a este educandário, ela recebeu o título de cidadã santamariense, que lhe foi entregue no dia 9 de novembro de 1957 no Colégio Centenário, onde ocorreu a sessão da Câmara de Vereadores.

### 2.2.6 Ruth Dewey Anderson

Ruth Dewey Anderson<sup>338</sup>, reitora do Colégio Americano em Porto Alegre. Nasceu dia 29 de abril de 1898 e faleceu no dia 15 de dezembro de 1949. Realizou o curso de Educação Religiosa nos Estados Unidos e chegou ao Brasil em 1930. Iniciou o seu trabalho lecionando no Colégio Americano, tornando-se a diretoria deste educandário. Em 1946 retornou ao Estados Unidos por um período de férias e especializou-se em Educação religiosa em Nova York. Retornando ao Brasil colaborou com a reitora do Colégio Americano Sue Brown, e com o retorno de Brown aos Estados Unidos, Ruth assumiu novamente a reitoria do colégio. Além de colaborar com o trabalho das senhoras, era professora da Escola Dominical na Igreja Metodista Wesley, em Porto Alegre e Diretora Regional da Ordem das Diaconisas.

### 2.2.7 Eva Louise Hyde

---

<sup>337</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 28, nº 2, Abr-Jun de 1958. p.8 e 9; EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 9, 27 de fevereiro de 1958.p.1; Id. Ibid., vol. 81, nº 19, 1º de outubro de 1966. p. 11.

<sup>338</sup> Id. Ibid. vol. 65, nº 2, 12 de janeiro de 1950. p. 2.

Eva Louise Hyde<sup>339</sup>, citada no capítulo anterior, chegou ao Brasil em 1912, e desempenhou funções educacionais no antigo Colégio de Petrópolis, em Juiz de Fora e trabalhou durante 30 anos no Colégio Bennett, RJ. Foi uma das fundadoras da Associação Brasileira de Educação e membro do seu Conselho Diretor. Durante a Segunda Guerra Mundial, Hyde organizou no Colégio Bennett, sob o patrocínio da Legião Brasileira de Assistência, um curso intensivo para a formação de professoras voluntárias para abrigos infantis. Pelos trabalhos desenvolvidos ela também foi a primeira mulher estrangeira a receber a condecoração da Ordem do Mérito<sup>340</sup>, o que ocorreu no dia 1º de dezembro de 1953, conforme o Diário de Notícias do Rio de Janeiro:

Em cerimônia a realizar-se hoje, às 15 horas, no Palácio da Catete, a Sra Eva Louise Hyde missionária metodista de nacionalidade americana receberá a Ordem Nacional do Mérito, que lhe foi concedida pelo governo Brasileiro, como recompensa pela alta contribuição da veneranda educadora na formação intelectual e moral da juventude brasileira, em quarenta anos de permanência no Brasil, trinta dos quais à frente do Colégio Bennett, desta capital.<sup>341</sup>

Após estes 40 anos de serviços prestados em colégios da Igreja Metodista do Brasil, Hyde viaja aos Estados Unidos, como missionária aposentada aos 67 anos de idade.

### 2.2.8 Mary Sue Brown

<sup>339</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 67, nº 49, 11 de dezembro de 1952.p.7; Id. Ibid., vol. 69, nº 9, 4 de março de 1954.p.1; VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 25, nº 3, Jul-Set de 1954.

<sup>340</sup> A Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul originou-se da extinta Ordem Imperial do Cruzeiro, instituída por Decreto de 1º de dezembro de 1822 de D. Pedro I, para assinalar de modo solene a sua Aclamação, Sagração e Coroação como Imperador Constitucional do Brasil e seu Defensor Perpétuo e em alusão à posição geográfica do país, sob a Constelação do Cruzeiro e também em memória do nome – Terra de Santa Cruz – dado ao Brasil por ocasião de seu descobrimento. A Ordem Imperial do Cruzeiro foi abolida pela Constituição de 24 de fevereiro de 1891 e restabelecida, com sua nova denominação, pelo Decreto 22.165, de 5 de dezembro de 1932, do Presidente Getúlio Vargas. Enquanto a Ordem Imperial do Cruzeiro se destinava a dignitários brasileiros e estrangeiros, a ONCS ficou restringida a personalidades estrangeiras. Sua concessão dá-se por decreto presidencial, configurando-se em ato de relações exteriores. É a mais alta condecoração brasileira atribuída a cidadãos estrangeiros. A Ordem compreende os seguintes graus: Grande Colar, Grã-Cruz, Grande Oficial, Comendador, Oficial e Cavaleiro. Disponível em: <http://www2.mre.gov.br/cerimonial/CruzeirodoSul/Home-CS.htm> Acesso em 7 de julho de 2008.

<sup>341</sup> Diário de Notícias do Rio de Janeiro 1 de dezembro de 1953.

Mary Sue Brown,<sup>342</sup> também foi citada no capítulo anterior, atuou como diretora do Colégio Americano nos seguintes períodos 1920-1921; 1923-1927; 1929-1934; 1946-1948. Nestes intervalos ela retornava em férias ou estudos para os Estados Unidos, exceto o período de 1936 a 1941 quando esteve à frente do Colégio Isabela Hendrix, em Belo Horizonte – MG. Sob a sua direção, o Colégio Americano recebeu em 1945 a classificação de excelente, conceito dado pela Divisão do Ensino Secundário da Educação e Saúde do Governo Federal. Devido ao trabalho desenvolvido, e logo após a sua despedida do Colégio Americano, a Capela recebeu o nome de Mary Sue Brown em sua homenagem. Em 1955, por ocasião das celebrações dos 75 anos do Colégio Americano, o Grêmio Estudantil de ex-alunas trouxe novamente Sue Brown para o Colégio Americano, e na ocasião recebeu o título de “Missionária Emérita”. Ela dedicou 33 anos de sua vida ao trabalho missionário no Brasil, vindo a falecer no dia 13 de junho em sua terra natal aos 83 anos.

Encontramos também nesse museu uma carta assinada por Mary Sue Brown, datada de 18 de novembro de 1948, em que relata a sua história em relação ao Colégio Americano. Passamos a descrever um pequeno extrato deste conteúdo de duas páginas:

Chegando pela terceira vez ao Colégio Americano em janeiro de 1929, reassumi a direção do colégio, onde continuei trabalhando durante quase seis anos, vendo neste tempo colégio sobre o regime oficial do Ministério Nacional de Ensino muito aumentado e desenvolvido, gozando de boa fama em todo o Estado. Segui para férias nos Estados Unidos em setembro de 1934. Permaneci nos E.U. durante todo o ano de 1935, fazendo estudos especializados no que diz de construção de edifícios escolares. Voltando para o Brasil em janeiro de 1936 fui a Belo Horizonte, onde fiquei até os fins de 1941, dirigindo o Colégio Izabela Hendrix e construindo os quatro novos edifícios do mesmo. Em 3 de dezembro de 1942, após uma ligeira visita aos Estados Unidos cheguei pela quarta vez ao Colégio Americano para dirigir a construção dos novos edifícios. Esses trabalhos ocuparam quase todo o meu tempo e esforço durante esses anos. Em janeiro, 1946 assumi outra vez a direção do colégio em conjunto com a direção da obra que ainda não estava completa. Agora, em fins de 1948, estou outra vez na hora de partida para meu ano de descanso e férias. Tendo completado mais de trinta e três anos no Brasil, vinte e dois destes pertencem ao meu amado Colégio Americano. Amar uma instituição fraca e moribunda para fazê-la re-viver, recuperar, fortalecer-se e tornar-se uma verdadeira força no mundo educacional, foi

---

<sup>342</sup> Nasceu no Texas -Estados Unidos e chegou ao Brasil em 1915, seguindo para Piracicaba em 1916 e para o Colégio Americano, em Porto Alegre em 1919, cf. informações EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 60, nº 36, 13 de setembro de 1945.p.11;vol.64, nº 6, 10 de fevereiro de 1949. p. 3; Id. Ibid., vol. 83, nº 15, 1º de agosto de 1968. p. 11

necessário entregar-me alma, mente e corpo à tarefa de conseguir êsta transformação. A poucas pessoas é dada a satisfação de ver a realização dos sonhos e aspirações da mocidade – à mim foi me dado este grande privilégio. Não há palavras que possam exprimir o que eu sinto por esta casa e por seu trabalho. Sempre acompanharei a vida que se vice aqui: as vidas das queridas antigas alunas, quais filhas amadas, as vidas das atuais alunas, muitas das quais são filhas daquelas; as vidas dos professores e dirigentes do grande colégio que é o Colégio Americano. Deixo as mais profundas saudades de Mary Sue Brown 18-nov.1948.<sup>343</sup>

Mary Sue Brown além de engenheira, administradora de construções, era também é uma mulher visionária. É interessante perceber que as missionárias em sua maioria, quando se referem às instituições em que trabalharam, parece que estão descrevendo uma parte de si mesmas, devido à dedicação e empenho que demonstram em seus trabalhos.

### 2.2.9 Mary Helen Clark

Mary Helen Clark,<sup>344</sup> reitora do Americano de 1936 a 1939; 1950-1952; 1954-1958; 1960-1967, ela também esteve no Colégio Isabela Hendrix e Colégio Bennett. Chegou ao Brasil em 13 de agosto de 1928 e trabalhou durante 40 anos como missionária. Mary Clark costumava escrever muitas cartas e algumas destas estão no museu do Colégio Americano, em Porto Alegre, mas a grande maioria está na Vanderbilt University Library.<sup>345</sup> No Museu do Colégio encontramos a carta<sup>346</sup> dirigida a Miss Erna Slagg, datada de 4 de março de 1969 escrita em inglês e datilografada, porém assinada de próprio punho. Nesta correspondência ela pergunta sobre o encaminhamento da bolsa a Anaildes [diaconisa], relata também que esteve com Sarah Bennet, dizendo que ela estava apreensiva quanto ao seu futuro. Fala sobre o Colégio Americano e as dificuldades no departamento de nutrição e, imediatamente, quase que emendando os assuntos, refere-se a Érica [também diaconisa] e ao seu trabalho no Colégio Centenário. Volta novamente a referir-se a Anaildes dizendo que vai escrever

<sup>343</sup> Carta manuscrita de Mary Sue Brown ao Colégio Americano, 18 de novembro de 1948.

<sup>344</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 76, nº 2, 1º de fevereiro de 1961. p. 5 e 15.

<sup>345</sup> Mary Heln Clark Collection - Mary Helen Clark's "Cartas do Brasil: 1929-1945" foram doados para Coleções Especiais da Vanderbilt University Library por sua irmã, Blanche Henry Weaver, em 10 de Março de 1982. Disponível em: [www.library.vanderbilt.edu/speccol/vrr/biographybiblio.shtml](http://www.library.vanderbilt.edu/speccol/vrr/biographybiblio.shtml). Acesso em 10 de junho 2008.

<sup>346</sup> Carta escrita por Helen Clark no dia 4 de março de 1969 à Erna Slagg em New York.

para ela qualquer dia destes. Clark é muita rápida em suas palavras e pela maneira com que conduz o texto à destinatária esta deve ser conhecedora do seu cotidiano, pessoa de relacionamento muito próximo da remetente. Na correspondência de 11 de setembro de 1969, ela diz que tem várias cartas para responder, e que estava muito feliz em receber notícias do Colégio Americano. Também solicita que seja encaminhado seu cumprimento a Marta [umas das professoras do colégio] que estará se casando nos próximos dias, dirige ainda as seguintes palavras:

É tão difícil explicar coisas de uma escola a quem não sabe nada do sistema de educação às vezes a gente tem de repente uma oportunidade para fazer algo que precisa aproveitar e que não pode esperar uma correspondência longa. Sei que cada vez mais o Colégio precisa defender-se a se mesmo, por isso temos que sempre estar preparando o pessoal, com mais cursos, mais atividade, etc. Sinto muito o rumo que está tomando o curso normal o que vamos fazer no futuro próximo si não temos formadas preparadas para lecionar no primário.<sup>347</sup>

Logo em seguida refere-se à festa de “D. Francisca” e de deseja que ela esteja muito feliz e passa a falar das visitas que tem acolhido em sua casa. Clark mesmo à distância continua acompanhando o cotidiano do Colégio Americano e preocupada com os rumos que está tomando, bem como a necessidade de pessoas capacitadas para enfrentar esta situação.

Na correspondência encaminhada em 21 de abril de 1970, a primeira pergunta é “Como vai tudo no Americano? Estou pensando hoje, dia 21 no aniversário de Miss Anderson e da bolsa oferecida todos os anos na memória dela. Quem está com a bolsa êste ano? Espero que seja ótima aluna e pronta sempre a contribuir ao bem estar de todos.”<sup>348</sup> Clark demonstra sempre a preocupação pela cotidiano desta instituição, assim como partilha nesta carta um pouco sobre as suas últimas viagens.

No que diz respeito a sua atuação como diretora do Colégio Americano, destacamos a seguinte notícia:

Foi com muita alegria que recebemos a notícia no dia 19 de dezembro de 1958, um telegrama do Conselho Nacional de Educação, avisando que o plano para a classe experimental na primeira série ginásial fora aprovado com louvores. (...) Em julho, um representante do Ministério da Educação nos trouxe a notícia da possibilidade de fazermos algo diferente no curso ginásial (...) Um grupo de professores estudou o plano. Baseia o

<sup>347</sup> Carta datada de 11 de setembro de 1969.

<sup>348</sup> Carta datada de 21 de abril de 1970.

plano no desenvolvimento integral do aluno, respeitando seus interesses e capacidades. (...) evitar-se-á a repetição de série. Pelo rádio temos a notícia de que haverá no Brasil, em 1959, 33 escolas com classes experimentais.<sup>349</sup>

Evidenciamos, que sob a direção de Mary Clark o Colégio Americano encontravam-se na vanguarda da educação. Devido a sua história, ela recebeu o título de cidadã de Porto Alegre<sup>350</sup>, a Câmara de Vereadores de aprovou dia 22 de outubro, o projeto do vereador Say Marques conferindo a Clark este título.

### 2.2.10 Layona Glenn

Layona Glenn foi citada no capítulo anterior, e também neste capítulo quando abordamos a atuação social das mulheres metodistas. A sua história está muito ligada ao Instituto Metodista Ana Gonzaga, onde trabalhou como diretora e especialmente como educadora. Ela esteve no Brasil em 1949 por ocasião da inauguração do novo prédio daquela instituição. Do período em estudo, destacamos o artigo escrito por Otília de Oliveira Chaves, intitulado “Como viver 100 anos,” em que ela conta que “aos 97 anos, Layonna Glenn ainda viaja, prega, escreve uma coluna semanal para um jornal, e relembra os seus 40 anos de vida missionária no Brasil,”<sup>351</sup> onde recebeu a comenda da “Ordem do Cruzeiro do Sul”.

Glenn esteve novamente no Brasil, no dia 13 de março de 1966. Chegou ao Rio de Janeiro, onde foi acolhida no Colégio Bennett e no Instituto Ana Gonzaga (em que ela foi uma das fundadoras). Em São Paulo esteve na Igreja Central e também no Instituto Metodista; em Brasília.<sup>352</sup> Foi considerada hóspede oficial do governo e recebeu todas as honras. Na ocasião, foi recebida pelo presidente Castelo Branco, e depois seguiu sua viagem rumo a Porto Alegre. A última notícia que temos durante o período em estudo, é que ela recebeu em 1968 uma condecoração durante o Congresso Nacional das Senhoras Metodistas Americanas, quando dez mil delegadas levantaram-

<sup>349</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 74, nº 9, 26 de fevereiro de 1959.p.14.

<sup>350</sup> Esta notícia foi veiculada na mídia: Folha de São Paulo: “Norte americana é cidadã de Porto Alegre” (23/10/68); Correio do Povo: “Cidadã pôrto-alegrense” (24/10/68) O Noticiário: “Profª Mary Helen Clark - Cidadã de P. Alegre alegrense” (24/10/68).

<sup>351</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 33, nº 4, Out-Dez de 1963.p. 20,21.

<sup>352</sup> É importante ressaltar que os jornais da época veicularam seu nome como sendo da Igreja Batista, adventista. EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 81, nº 8, 15 de abril de 1966. p. 2.

se para aplaudir, uma das missionárias pioneiras do Brasil. Nessa ocasião, Miss Glenn estava com 101 anos.<sup>353</sup>

### 2.2.11 Elizabeth Borchers

Nesta trajetória, encontramos Elizabeth Borchers<sup>354</sup>, que trabalhou no Rio de Janeiro com Layona Glenn, e depois colaborou com o Colégio Piracicaba, e durante a ausência de Lily Stradley, ficou na direção. Com o retorno de Stradley, voltou a trabalhar com Layona Glenn até casar-se com o Rev. Walter Borchers. Acompanhando o pastoreio do seu esposo, trabalhou em diversas cidades: Pirassununga, Santa Rita, Santos e Campinas, onde atendia as jovens missionárias que chegavam para o curso de línguas. Ela faleceu no dia 7 de dezembro de 1963.

### 2.2.12 Ormindia França

Finalmente, destacamos a história de Maria Ormindia França<sup>355</sup>, brasileira, nascida em Batatais em 25 de abril de 1893, falecida em 30 de outubro de 1965. Na ocasião estava arrolada como membro da Igreja Metodistas em Pinheiro, São Paulo. Ela estudou no Colégio Mineiro em Juiz de Fora e no Colégio Americano em Porto Alegre. Como diretora, esteve à frente do Colégio Metodista em Birigui, também colaborou na construção da Faculdade de Teologia de São Bernardo do Campo, e no desenvolvimento do Instituto Metodista. Segundo os fragmentos encontrados de sua história, além de professora também era dentista.

Estas são as diretoras que encontramos relacionadas no *Expositor Cristão*, na *Voz Missionária*, nas cartas referidas anteriormente, e especialmente no necrológio. Pessoas que marcaram não somente a vidas das instituições em que trabalharam, mas especialmente o cotidiano das pessoas que passaram pelos colégios e também da comunidade em geral, o que pode ser evidenciado pelo recebimento de títulos,

---

<sup>353</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 38, nº 1, Jan-Mar de 1968.p. 13.

<sup>354</sup> Elizabeth Borchers, nasceu 15 de novembro de 1874 nos Estados Unidos, e chegou ao Brasil em 1908. Quando residiu em Campinas, foi incansável em fazer “pó royal” que vendia em favor da construção do templo. (fermento usado no preparo do pão). Informações cf. EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol 79, nº 5, 1º de março de 1964. p.10.

<sup>355</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 82, nº 7, 1º de abril de 1966. p. 6.

comandas e outras honorarias. Mas não podemos deixar de citar a existência de mulheres anônimas presentes nesta trajetória educacional.

## 2.3 Serviço à comunidade

Estas mulheres apresentam uma nova face destes educandários, quando os colocam a serviço da comunidade. Passamos a descrever abaixo algumas destas atuações:

### 2.3.1 Eva Louise Hyde

No Colégio Bennett, Rio de Janeiro – RJ,<sup>356</sup> Destacamos o trabalho desenvolvido pela diretora Eva Louise Hyde durante a Segunda Guerra Mundial, conforme citado anteriormente. E ainda, visando o processo de formação, a direção deste educandário desafiou as alunas a assumirem responsabilidades extra-curriculares, colaborando com orfanatos, leprosários, com a missão entre os Índios Caiuás. Estas jovens também formaram um comitê internacional de socorro à criança, realizando atividades e promoções para angariar fundos.

### 2.3.2 Verda Norrene Farrar

No Colégio Isabela Hendrix, Belo Horizonte-MG,<sup>357</sup> Verda Norrene Farrar, promovia cursos em período de férias, de piano, violino, e incentivava a criação de grêmios e clubes estudantis, como o Grêmio Ellering Gonzaga, Isabela Hendrix Club, Clube de Declamação, Clube de Inglês e Francês, que eram organizados por professores e estudantes, que por sua vez também promoviam atividades para a comunidade, entre elas destacamos o atendimento médico e dentário gratuito.

No Colégio Americano<sup>358</sup>, em Porto Alegre - RS, o educandário metodista mantinha gratuitamente uma escola noturna de alfabetização para atender as necessidades das pessoas adultas do bairro. A ministração das aulas era realizada pelas alunas e professoras do colégio.

---

<sup>356</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 59, nº 5 e 6, 1 e 8 de fevereiro de 1944. p. 7.

<sup>357</sup> Id. Ibid. vol. 59, nº 9, 29 de fevereiro de 1944, p. 3.

<sup>358</sup> Id. Ibid. vol. 60, nº 36,13 de setembro de 1945. p. 1.

### 2.3.3 Helen Clark

Sob a direção de Helen Clark, o Colégio Americano acolheu 119 flagelados devido a enchente de 1965, e continuou acompanhando estas pessoas com orientação educativa, médica, higiênica, treinamento profissional, e também concedeu cinco máquinas de costuras para as mulheres da Vila Teodora de onde procediam, e ainda

o Colégio, desde muitos anos, vem colocando suas instalações (praça de esporte, campo de treinamento e jogos, pavilhão e piscina) no período de férias de verão à disposição das crianças (de 4 a 14 anos) das vizinhanças, embora sem serem alunos do Colégio. Professores especializados dão o atendimento necessário durante dois turnos<sup>359</sup>.

Estas são algumas das atuações de cidadania em meio à comunidade.

## 2.4 Breves inserções na educação brasileira

Preocupadas com as crianças de suas comunidades, especialmente no que diz respeito ao acesso à escola, as mulheres se uniram, se organizaram e fundaram alguns educandários. Em Brasília encontramos Valdete Ferreira, na direção do Jardim da Infância de Taguatinga, Cacilda Bertoni, na direção Jardim da Infância Asa Norte, Elza G. Pinheiro, na direção do Jardim da Infância de Vila Matias, Maria Amarantes na direção da Escola Primária de Sobradinho e Maria Luiza Schlottfeldt Fagundes na direção do Instituto Educacional de Brasília.<sup>360</sup>

No *Expositor Cristão* encontramos a data de fundação do Instituto Educacional de Brasília, 22 de outubro de 1967,<sup>361</sup> com curso pré-primário e alfabetização. Este trabalho era realizado com o apoio da Igreja Metodista da Asa Sul de Brasília. Neste educandário ocorreram algumas formaturas. Destas notícias somente foram veiculadas no jornal oficial da Igreja Metodista a formatura do segundo ano que teve como paraninfo o Deputado Aldo Fagundes<sup>362</sup>, esposo da diretora do IEB.

<sup>359</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 38, nº 1, Jan-Mar de 1968. p. 21.

<sup>360</sup> Escreve Antônio Correia – Superintendente Distrital com cópia ao Bispo Oswaldo Dias da Silva, In: EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 85, nº 21, 15 de novembro de 1970. p. 26.

<sup>361</sup> Id. Ibid., vol. 84, nº 2, 31 de janeiro de 1969. p. 9.

<sup>362</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 85, nº 3, 15 de fevereiro de 1970. p. 1.

Estas mulheres protagonistas trabalharam durante um período de aproximadamente três a cinco anos, variando entre os educandários citados. Pois, com a expansão do ensino público estes educandários foram encerrando as suas atividades.

## 2.5 As mulheres e a Educação Religiosa

### 2.5.1 Instituto Metodista de Ribeirão Preto-SP e Instituto Rural Evangélico de Colatina-ES

Os institutos que apresentaremos a seguir foram criados inicialmente visando à formação de quadros para a Igreja Metodista, especialmente na área de Educação Religiosa.

Conforme a professora Gelda Camargo, “O curso de Educação Religiosa visa o preparo de obreiras para as igrejas; oferece um campo largo de atividades, desenvolvendo as capacidades, assim no terreno da igreja como do lar e da sociedade”.<sup>363</sup> Este curso começou a funcionar no Instituto Metodista de Ribeirão Preto, no ano de 1941. Na busca de relatos de pessoas que passaram por este instituto, encontramos alguns anos mais tarde, o relato de uma das alunas que logo após a sua formação e aprimoramentos dos estudos retornou para colaborar com o mesmo. Assim escreve Julieta R. Castro:

Quando terminei o curso do Instituto Metodista, uma parte do meu desejo foi satisfeita, e assim o mundo crescera mais um pouquinho. Agora já tinha novos planos. Resolvi fazer o curso de enfermagem. Sei que em nossa época é bem difícil ganhar o título de Florence Nightengale – “A Dama da Lâmpada”, Mas como Florence, tive o desejo de suavizar e amenisar as dores de muita gente de nossa terra. Na Escola de Enfermagem e Obstetrícia “Florence Nightengale” que está situada em Anápolis - Goiás, é que fiz o curso, terminando-o no início de 1948. Voltei ao (...) Instituto a fim de dar um pouquinho às minhas ex-professoras e alunas atuais. A estas, procuro auxiliá-las, dando-lhes uma noção de “primeiros socorros”.<sup>364</sup>

A professora Julieta continuou trabalhando no Instituto de Ribeirão Preto, e a professora Gelda Camargo,<sup>365</sup> quando encerrou o seu curso de Educação Religiosa, colaborou com o Instituto Rural Evangélico de Colatina, no Espírito Santo, que também

<sup>363</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 18, nº 2, Abr-Jun de 1947. p.21.

<sup>364</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 63, nº 34, 19 de agosto de 1948. p. 3.

<sup>365</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 62, nº 31 e 32, 31 de junho e 7 de agosto de 1947. p. 4.

é uma instituição metodista. E tendo em vista o trabalho desenvolvido naquela localidade, o prefeito de Colatina a nomeou como professora municipal daquele educandário. Ainda, quanto ao Instituto Rural, destacamos a reunião do seu Conselho Superior que se realizou em Vitória, nos dias 28 e 29 de outubro de 1952, que resolveu oferecer pela primeira vez um curso especial para pastores e obreiros, conforme consta no *Expositor Cristão* “terminado o curso, prestará (*sic*) exames para ser admitido à experiência preliminar para o ministério sendo nomeado e começando seu trabalho na Igreja e para a Igreja. As moças estudarão as mesmas matérias, mas naturalmente não farão os exames perante a Igreja.”<sup>366</sup>

A resolução do conselho do Instituto Rural se respalda nas leis da Igreja Metodista, que neste período considerava como “natural” as mulheres estudarem as mesmas matérias e não proceder aos exames perante a Igreja. Contudo esta situação vai gerando constrangimentos, discussões e inquietações, o que será abordado na parte deste capítulo referente às mulheres e suas atuações pastorais.

É importante ressaltar quanto ao Instituto Metodista de Ribeirão Preto, que ele foi transferido para a Chácara Flora em Santo Amaro, São Paulo, por decisão do VI Concílio Geral de 1950,<sup>367</sup> tornando-se assim uma instituição da área geral da Igreja Metodista.

### 2.5.2 Instituto Metodista, Santo Amaro – SP

O Instituto Metodista iniciou os seus trabalhos em 1950 com 20 moças, sendo a primeira reitora Sarah Benett, que relatou ao Concílio Geral de 1955, dizendo que no primeiro quinquênio foram recebidas “alunas de doze estados brasileiros e do Distrito Federal, e mais uma da África portuguesa. O fato destas alunas terem vindo de setores tão diversos do país, é evidência de que instituto está alcançado um dos seus objetivos de uma instituição geral - o de servir à Igreja toda”.<sup>368</sup>

Encontramos ainda notícias de que, estas moças além das atividades realizadas no instituto, durante o período de recesso das aulas promoveram 35 escolas bíblicas de

<sup>366</sup> Id. Ibid. vol. 67, nº 49, 11 de dezembro de 1952 . p. 5.

<sup>367</sup> Relatório do Instituto Metodista, In: ATAS E DOCUMENTOS DO SÉTIMO CONCÍLIO GERAL da Igreja Metodista do Brasil, Rio de Janeiro – DF, 10 a 21 de julho de 1955, Imprensa Metodista, SP, 1956. p. 109-10.

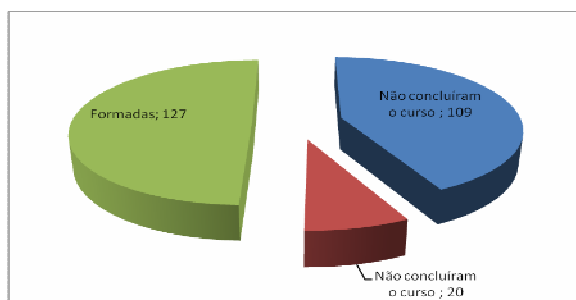
<sup>368</sup> Relatório do Instituto Metodista, In: ATAS E DOCUMENTOS DO SÉTIMO CONCÍLIO GERAL DA Igreja Metodista do Brasil, Rio de Janeiro – DF, 10 a 21 de julho de 1955, Imprensa Metodista, SP, 1956.p.109-10.

férias, com de 1625 pessoas matriculadas<sup>369</sup>, também visitavam hospitais, consertavam móveis de igrejas, cooperaram com trabalhos evangelísticos e sociais, e nas escolas dominicais. As moças desempenhavam diversas atividades: aprendiam a lavar, cozinhar, costurar, sabiam como administrar o dia a dia de uma casa, bem como noções de agricultura, enfermagem e música, além das aulas do curso de Educação Religiosa.

Com a chegada da nova diretora, Dina Rizzi<sup>370</sup>, ampliou-se o oferecimento de cursos no Instituto, além do curso de Educação Religiosa, Elementos de Serviço Social, Artes Domésticas e Música na Igreja.<sup>371</sup>

A diretora apresentou durante o IX Concílio Geral da IM<sup>372</sup> um relatório amplo das atividades do instituto desde 1941, quando estava sediado em Ribeirão Preto até 1965, já na Chácara Flora, em Santo Amaro, São Paulo. Com base neste relatório passamos a destacar alguns dados:

#### **Instituto Metodista - de 1941 a julho 1965: 256 matriculadas**



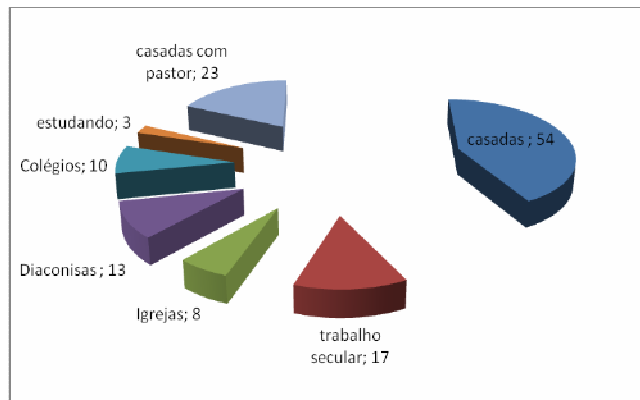
<sup>369</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 70, nº 19, 12 de maio de 1955.p.7.

<sup>370</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 31, nº 2, Abr-Jun 1961 p. 3. Dina Rizzi, formou-se pelo Colégio Piracicabano e pelo antigo Colégio Metodista (na ocasião deste relato, chamado Instituto Metodista), além de realizar especialização nos Estados Unidos.

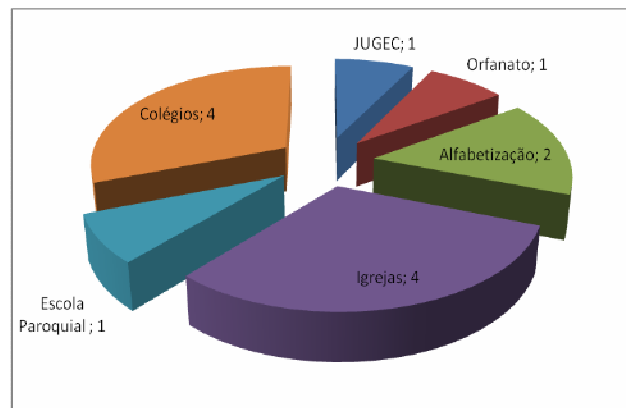
<sup>371</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 7, nº 19, 11 de fevereiro de 1960.p.6. Dina Rizzi além das atividades junto ao Instituto Metodista, ela também tornou-se em 1964 a nova redatora da revista *VOZ MISSIONÁRIA*, conforme informação do jornal EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 79, nº 22, 15 de novembro de 1964.p. 9

<sup>372</sup> ATAS, DOCUMENTOS E REGISTROS DO IX CONCÍLIO GERAL da Igreja Metodista do Brasil, p. 182-186.

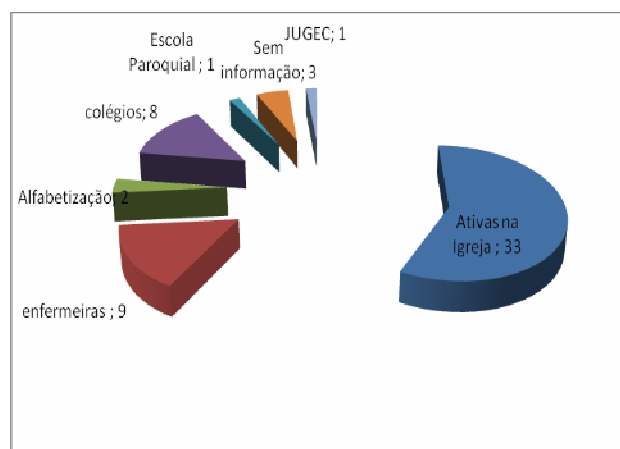
## 127 Formadas



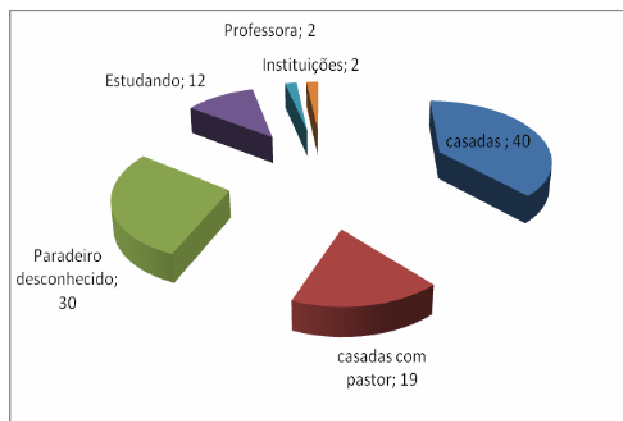
## 13 Ordem das Diaconisas



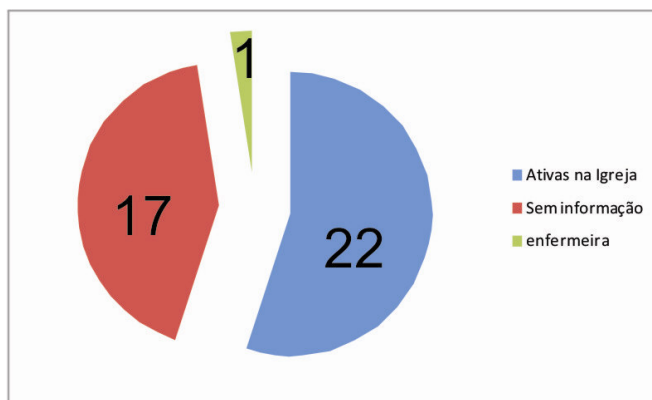
## 54 Casadas (Não com pastor)



### 109 Não concluíram o curso



### 40 Casadas (com pastor)<sup>373</sup>



Esta pesquisa foi realizada com a finalidade de demonstrar à Igreja o trabalho desenvolvido pelo Instituto Metodista, e também verificar onde estão as pessoas concluintes ou não dos diversos cursos oferecidos por esta instituição.

Pelos gráficos verificamos que num período de vinte anos foram formadas 13 diaconisas, quanto ao trabalho desenvolvido por elas, o mesmo será evidenciado na parte pastoral desta pesquisa.

É importante ressaltar que das 127 formadas, 22 casaram com pastores, e das 109 que não concluíram, 40 casaram-se com pastores. Portanto, além das que não se tem informação totalizaram 62 pessoas casadas com pastores. Esta instituição também

<sup>373</sup> Das 109 que não concluíram o curso 40 casaram-se com pastor, conforme abaixo.

tinha a “fama” de preparar esposas de pastores, o que é demonstrável também pelo relatório.

E tanto as que concluíram como as não concluintes, permanecem na maioria, ativas na Igreja e também exercem atividades na área educacional e da saúde, além é claro das pessoas que não foram contempladas com as devidas informações, no caso 17.

Neste período também começa a ser cogitada a possibilidade do Instituto transferir-se para a Faculdade de Teologia, em São Bernardo do Campo, conforme o jornal *Expositor Cristão* de 1966 “O Instituto Metodista já no próximo ano funcionará junto à Faculdade de Teologia.”<sup>374</sup> E também nas palavras da ex-aluna Romilde dos Santos Sant’Ana: “Em 1966, o Instituto Metodista anuncia a criação da Faculdade de Educação Cristã que substituiria o curso de Ensino Religioso e se cogita a transferência das alunas para a Faculdade de Teologia em Rudge Ramos, São Bernardo do Campo. Ali, de preparo leigo passa a ser clérigo e se inicia uma nova etapa na Educação da Mulher Metodista Brasileira.”<sup>375</sup>

Entretanto, crises ocorreram na década de sessenta e deixaram as suas marcas na história do País, e até hoje impulsionam reflexões com diferentes olhares e perspectivas.<sup>376</sup> Porém, no que tange à Igreja Metodista, os problemas conjunturais, em meio a repressão política e autoritária, e especialmente do exercício do poder eclesiástico, levaram ao fechamento da Faculdade de Teologia em 1968, e conseqüentemente da Faculdade de Educação Cristã recentemente organizada nas mesmas instalações.

---

<sup>374</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 81, nº 21, 1º de novembro de 1966. p. 9

<sup>375</sup> Artigo intitulado: “Trago na memória: O Instituto de Santo Amaro”, escreve Romilde dos Santos Sant’Ana, disponível em:

<http://www.fef.unicamp.br/sipc/anais7/Trabalhos%5CxTrago%20na%20memoria-Instituto%20Metodista%20de%20Santo%20Amaro.pdf>. Acesso em junho de 2008. Outras informações sobre o Instituto Metodista poderão ser obtidas SANT’ANA, Romilde dos Santos . Instituto Metodista: Percorso histórico de um projeto de formação religiosa para mulheres: 1941-1966 Piracicaba: 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba Orientador: Elias Boaventura.

<sup>376</sup> Maiores informações: MESQUITA, Zuleica de Castro Coimbra. A Faculdade de Teologia Metodista na crise planetária de 1968: Interação entre o micro e o macro. Revista de Educação do Cogeime, Piracicaba: vol. 6, n. 10, p. 105-116, jun./1997; SAMPAIO, Jorge Hamilton. Sobre sonhos e pesadelos da juventude Metodista brasileira nos anos sessenta. São Bernardo do Campo, 1998. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1998.

Encontramos ainda, o relatório da reunião ordinária do conselho diretor do Instituto Metodista que encerra as suas atividades em 1968<sup>377</sup>, e deste destacamos a 27ª formatura do Instituto que entregou à Igreja Metodista sete alunas diplomadas, e também dentre as atividades relatadas a Consulta sobre o ministério feminino que será citada nesta pesquisa na parte referente às mulheres e suas atuações pastorais.

## 2.6 Escolas Paroquiais

As escolas paroquiais já foram abordadas no capítulo anterior até 1930. A partir de então com a remodelação da política educacional, especialmente com a expansão do ensino público, aos poucos estas escolas encerram as suas atividades.

Contudo, no início de 1930 encontramos notícias de que a Visitadora Geral, Leila Epps esteve em visita às escolas paroquiais na região do Sul, e lá encontrou “10 escolas parochiais e aproximadamente 600 alunos matriculados”<sup>378</sup> e destacou as iniciativas para o sustento próprio destas escolas.

Na escola paroquial do Jardim Botânico,<sup>379</sup> Rio de Janeiro, encontramos a diretora Laura Alcina, que mesmo em meio as dificuldades enfrentadas no que diz respeito ao sustento da escola contava com a matrícula de 28 crianças.

Na Escola Paroquial do Catete<sup>380</sup> encontramos a diretora Maria Lemos e a professora Adelina Maranhão, que lecionava não somente na escola paroquial, mas também em outros colégios da capital Esta escola contava com a matrícula de 70 crianças. É importante ressaltar que em 1936 a escola “tomou o nome de Escola Parochial Maria de Lemos em homenagem àquela nossa irmã, falecida há pouco, a qual dedicou 15 anos á direção da mesma”.<sup>381</sup>

A Escola Paroquial do Instituto Central do Povo<sup>382</sup> no dia 4 de março de 1931 contava com a matrícula de 320 crianças.

---

<sup>377</sup> Relatório assinado por Pythagoras D. da Silva – Reitor do Instituto Metodista, cf. EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 84, nº 4 e 5, 28 de fevereiro e 15 de março de 1969. p. 24.

<sup>378</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol.44, nº 18, 7 de maio de 1930.p.1.

<sup>379</sup> Id. Ibid., vol. 44, nº 31, 6 de agosto de 1930.p.10.

<sup>380</sup> Id. Ibid., vol 45, nº 13, 29 de abril de 1931. p.13.

<sup>381</sup> Id. Ibid., vol. 50, nº 13, 7 de abril de 1936. p.13.

<sup>382</sup> Id. Ibid., vol 45, nº 15, 20 de maio de 1931. p.14.

A Escola Paroquial de Igarapava<sup>383</sup> foi criada em 1931, e funcionou inicialmente com 26 crianças, as quais receberam gratuitamente os estudos, devido às condições precárias em que se encontravam.

Em Belo Horizonte,<sup>384</sup> a Escola Paroquial de Vila Concórdia foi organizada por L. Ptina, e contou com a matrícula de 34 crianças, sendo Nídia Abreu, recém formada pelo Colégio Isabela Hendrix, a nova professora.

A Escola Paroquial da Institucional,<sup>385</sup> em Porto Alegre – RS em 1935 contava com 102 estudantes, e em 1939 com 130 estudantes, sob a direção de Zula Terry.

E assim outras escolas paróquias prosseguiram, algumas com aumento de estudantes, e outras em decréscimo em relação às matrículas, mas todas com dificuldades de manutenção, pois atendiam prioritariamente os membros da igreja local, e as pessoas pobres na circunvizinhança.

Porém nesta trajetória, há indícios de muitas mulheres anônimas que certamente trabalharam nestas escolas paroquiais, concedendo a acessibilidade de pessoas pobres ao ensino. Destacamos ainda, a Sra Isolina Rodrigues, natural de Taquari – RS, nascida em 27 de julho de 1877, cursou o ensino primário da época, casou-se com um operário, e faleceu em maio de 1939. Mas devido ao trabalho que ela desenvolveu em Arroio dos Ratos, “um de seus netos fundou um Jardim de Infância e uma escola Primária, anexa à Igreja, para a instrução e enlevamento das crianças filhas dos operários das minas de carvão. Hoje [1956] a “Escola Paroquial Isolina Rodrigues.”<sup>386</sup> Atualmente, neste local funciona uma creche, chamada Isolina Rodrigues.

Nesta trajetória encontramos professoras, diretoras, estrangeiras e brasileiras, viúvas, solteiras, de todas as idades, com diversas formações, inclusive engenheiras, dentistas, mulheres que receberam honorarias, e vestígios de mulheres anônimas. Mulheres que atuaram nos colégios, nas escolas paroquiais, nos institutos educacionais. Mulheres protagonistas na história educacional não somente da Igreja Metodista, mas da sociedade em geral.

---

<sup>383</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol 47, nº 11, 22 de março de 1933. p. 11.

<sup>384</sup> Id. Ibid., vol. 48, nº11, 28 de março de 1934. p.11.

<sup>385</sup> Id. Ibid., vol. 49, nº 26, 25 de junho de 1935. p. 12; Id. Ibid., vol. 54, nº 23, 20 de junho de 1939. p. 8.

<sup>386</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 27, nº 1, Jan-Mar de 1956. p. 17.

### 3 As mulheres metodistas e suas atuações pastorais

No intuito de visibilizarmos as ações pastorais das mulheres metodistas, percorreremos a seguinte trajetória: inicialmente as esposas dos pastores, seguida das missionárias, das diaconisas e das pastoras.

#### 3.1 Esposas de pastores

##### 3.1.1 Justina da Consagração

Iniciemos esta trajetória com o depoimento de Justina da Consagração, esposa de pastor:

A esposa do ministro methodista precisa coparticipar da vocação de seu esposo.(...) a esposa não é pastora (...) A economia doméstica exige mãos habilidosas e cabeça sensata para que haja equilíbrio financeiro na residência parochial e os compromissos satisfeitos a tempo e a hora. (...) A esposa do ministro em actividade não poderá escolher a parochia para o esposo. Ella precisa acompanha-lo (...) A esposa do ministro methodista precisa ser robusta physicamente para resistir aos contra-tempos da vida. (...) deve ter cuidado no escrever cartas às suas amigas e ex-parochianas do esposo(...) esta prudencia deveria estender-se aos filhos.(...) esta é a minha experiencia pessoal.<sup>387</sup>

Esta era a visão de Justina sobre o cotidiano de uma esposa de pastor. Há também outras pessoas que se manifestam em relação a este assunto, como Nelson Godoy,<sup>388</sup> que escreve dizendo aos jovens seminaristas que eles deveriam olhar não somente para a beleza, mas especialmente para as privações que a futura esposa teria que enfrentar. E ainda, há um artigo que apresenta o decálogo da esposa do pastor, sendo que um destes dez itens diz: “Mesmo que ele te abandone, espere-o. Por que és somente mulher.”<sup>389</sup> Estes são textos impregnados de uma tradição androcêntrica.

Ocorreram ainda diversas situações, especialmente durante as homenagens, que em sua maioria eram destinadas aos pastores. É comum nos textos que narram estes eventos o uso da terminologia “e respectivas esposas”,<sup>390</sup> por exemplo, na realização do

<sup>387</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão official da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 50, nº 44, 1º de novembro de 1936.p.7 e 8.

<sup>388</sup> Artigo: GODOY, Nelson. “O problema da esposa do pastor” In: Id. Ibid. vol. 45, nº9, 25 de março de 1931. p.6.

<sup>389</sup> Decálogo da Esposa, tradução La Stampa, Torino cf. Id. Ibid., vol. 49, nº 12, 19 de março de 1935.p.8.

<sup>390</sup> Id. Ibid. vol.49, nº 9, 26 de fevereiro de 1935. p. 1.

Concílio Regional do Centro em que são homenageados os Reverendos Miguel Dickie e J.L. Becker, devido a sua aposentadoria, consta a terminologia acima citada, no entanto, estas mulheres têm nome: Julia Dikie e Eugenia Becker.

Portanto, neste contexto de consensos e contradições, buscamos construir a história destas mulheres a partir da necrologia e também da trajetória ministerial de seus esposos.

Iremos inicialmente apresentar, segundo as fontes em evidência neste estudo, a história das esposas brasileiras, e posteriormente as estrangeiras, bem como algumas das organizações de esposas de pastores metodistas, no Brasil.

### 3.1.2 Symiramis d'Avila Ramos

Pela necrologia, visibilizamos a Symiramis d'Avila Ramos.<sup>391</sup> Ela nasceu no dia 22 de junho de 1910 em Juiz de Fora, casou-se em 1927 com João Ramos Jr, e logo em seguida, passaram a residir em Alegre, Espírito Santo, onde trabalhou durante quatro anos como professora da classe e senhoras e também colaborou na construção do templo. Era conhecida como “Nenê”, e trabalhou ativamente em todas as igrejas em que seu o esposo exerceu o pastorado.

### 3.1.3 Elvira Stumpf Wagner<sup>392</sup>

Chamada de “semeadora de bondades”, casou-se com o Rev. João Wagner Filho e colaborou nas seguintes igrejas: Cruz Alta, Cachoeira do Sul, Porto Alegre, Caxias, e Uruguaiana; nesta cidade, também atuou no Colégio União. Ela dedicou aproximadamente 45 anos de trabalho à Igreja Metodista, vindo a falecer com 67 anos de idade.

### 3.1.4 Carmen Oliveira da Silva<sup>393</sup>

Sobre esta mulher, não encontramos a data de seu nascimento, apenas rastreamos a sua atuação na igreja. Ela trabalhou na Comissão de Ação Social, na Junta

<sup>391</sup> Symiramis d'Avila Ramos faleceu em 16 de junho de 1937. EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 51, nº 26, 6 de julho de 1937. p. 11

<sup>392</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol.68, nº4, 22 de janeiro de 1958. p. 14.

<sup>393</sup> Carmem da Silva faleceu no dia 29 de outubro de 1962. cf.: Id. Ibid. vol. 74, nº 24, 11 de junho de 1959. p. 10.

de Ecônomos; atuou como tesoureira, da Sociedade de Senhoras, foi professora da Escola Dominical e era participante do coral da Igreja. Em sua necrologia encontramos somente discriminada a Igreja de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Ela também era esposa do Rev. Juvenal Ernesto da Silva, que além de pastor da Igreja Metodista, atuava como Capelão Militar Evangélico no Exército.

### 3.1.5 May Terrel

Das mulheres estrangeiras, destacamos a história de May Terrel<sup>394</sup>, que após 42 anos de trabalho, como diretora do Colégio de Moças de Petrópolis, abdicou deste cargo para casar-se com o Rev. Dr. J. M. Terrel, o que ocorreu em 18 de julho de 1901. Durante este período colaborou em várias igrejas. Mas em 1931 o casal encontrava-se no Seminário do Instituto Granbery, e posteriormente atuou nas Igrejas em Caxias e Teresópolis, no Rio de Janeiro, aposentando-se em junho de 1942. Neste período de aposentadoria, o casal foi convidado para trabalhar no internato da Faculdade de Teologia em São Paulo, e assim passou a participar da Igreja Metodista do Ipiranga. Ela faleceu no dia 29 de janeiro de 1943.

### 3.1.6 Francisca Ellis

Encontramos também Francisca Ellis,<sup>395</sup> nascida no dia 27 de abril em Macon, no Estado da Geórgia, EUA. Diplomou-se pela Escola Normal, e foi professora durante quatro anos, deixando esta atividade para ocupar o cargo de Secretária da Conferência do Trabalho de Crianças no Estado da Carolina do Sul. A Sra. Francisca casou-se com o Rev. James E. Ellis, e ambos ao chegarem no Brasil, e após o estudo do português, passaram a fixarem residir em Uruguaiana, onde Ellis colaborou com o Colégio União, tornando-se a diretora do internato deste Colégio. O período de trabalho em Uruguaiana foi interrompido duas vezes, a primeira, quando o esposo foi nomeado para Itaqui e a segunda, quando foi nomeado para Santa Maria. Nestes períodos entre uma Igreja e outra, sempre retornavam a Uruguaiana, onde Francisca tinha a oportunidade de dar continuidade ao trabalho desenvolvido no Colégio União. Mas 1938 ambos foram

---

<sup>394</sup> May Terrel nascida em 8 de outubro de 1870 em Virgínia, nos Estados Unidos, veio para o Brasil, em 1895, e atuou primeiramente como professora do Colégio em Petrópolis – RJ. Id. Ibid. vol. 58, nº 6, 9 de fevereiro de 1943. p. 8; Id. Ibid., vol. 58, nº 3, 19 de janeiro de 1943.

<sup>395</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol. 64, nº 29, 21 de junho de 1949.

transferidos para a Região Eclesiástica do Centro, e a partir de então, ela começou a ocupar vários cargos na Federação de Senhoras, entre os quais, tesoureira, neste permaneceu a maioria do tempo, enquanto o esposo ocupava o cargo de Secretário Geral de Educação Cristã.

### 3.1.7 Lucy York Long

Encontramos ainda Lucy York Long,<sup>396</sup> nascida em 6 de maio de 1885, em Randieman, Estado de Carolina do Norte, EUA, filha de Zula Hayes York e do Rev. Davidson Victor York. Diplomou-se bacharel em Ciências e Letras, e também tornou-se missionária. Em 1911, quando se casou com o Rev. Charles Alexander Long, ambos decidiram trabalhar no Brasil, colaborando inicialmente com o Instituto Ana Gonzaga, na União da Temperança e no Colégio Granbery, até a sua aposentadoria em 1952. Quanto retornou aos Estados Unidos, continuou trabalhando até o dia 24 de março de 1970, data de seu falecimento.

### 3.1.8 Francisca Scott Betts

Quanto a Francisca Scott Betts,<sup>397</sup> a sua história será contada diferentemente, pois não temos a data de nascimento, apenas sabemos o seguinte: Após a formação nos Estados Unidos, durante a viagem em direção ao Brasil, ela encontrou-se com o Rev. Daniel Lander Betts, como estas viagens eram longas eles tiveram a oportunidade de conhecerem melhor um ao outro, e assim chegaram ao Brasil no dia 9 de setembro de 1919, e casaram-se em novembro de 1922. Ambos foram nomeados para trabalhar no Instituto Educacional, em Passo Fundo-RS, também colaboraram no Instituto Central do Povo (1926), e nas Igrejas de Passo Fundo, Cruz Alta (1928–1930), Uruguaiana (31-32); e Santa Catarina e Paraná. Nestes estados desenvolveram atividades missionárias a partir da cidade de Porto União, SC, (33–43). O casal também desenvolveu atividades relacionadas ao escotismo.

Após esta trajetória trabalharam novamente no Rio Grande do Sul, nas Igrejas Institucional, em Porto Alegre, e no município de Osório, próximo a capital (1944-1946), na Igreja Wesley, também em Porto Alegre (1947-1951) e novamente no

<sup>396</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol. 67, nº 14, 3 de abril de 1952. p. 9; Id. Ibid., vol.85, nº 19, 15 de outubro de 1970. p. 30; Id. Ibid., vol. 85, nº 22, 30 de novembro de 1970. p. 14.

<sup>397</sup> Id. Ibid. vol. 84, nº22, 30 de novembro de 1969. p. 5 e 12.

Instituto Educacional, em Passo Fundo – RS (1952) e no Instituto Porto Alegre- IPA (1954-1956) e em 1957 com a aposentadoria, permanecem em Porto Alegre com a Igreja Wesley. Evidenciamos a sua história pelo pastoreio do seu esposo, mas é importante registrar que ela desempenhou diversas atividades nas Igrejas e Instituições com as quais colaborou ao longo destes anos.

### 3.1.9 Ethel Sanders Dawsey

Das estrangeiras, destacamos ainda Ethel Sanders Dawsey,<sup>398</sup> que nasceu em Belmont, Estado da Carolina do Norte, EUA, em 9 de junho de 1887. Ela bacharelou-se em Ciências e Letras, e casou-se com o Rev. Cyrus Basset Dawsey, em 27 de junho de 1913. Em 1914 o casal veio para o Brasil, e ambos estudaram português em Piracicaba. O esposo foi nomeado para Birigui onde permaneceu durante 13 anos, e Marília, oito anos. Em 1946 foi eleito bispo, sendo designado a Região Eclesiástica do Centro, e assim Ethel Dassey passa a colaborar nesta nova trajetória, como esposa de bispo.

### 3.1.10 Associações

#### 3.1.10.1 Associação Elizabeth Price

Nesta trajetória, visibilizamos também iniciativas visando à formação de associações de esposas de pastores, o que ocorreu por ocasião do XXII Concílio Regional do Sul, realizado em Porto Alegre, no período de 13 a 19 de janeiro de 1952. Nesta ocasião foi organizada a Associação Elizabeth Price<sup>399</sup> (nome este dado em homenagem a viúva do Rev. John Price), e assim as esposas dos pastores foram sendo convidadas a filiarem-se à mesma. Importante registrar que na publicação da notícia consta a terminologia “batalhadoras anônimas do Reino de Deus”, o que demonstra o reconhecimento da atuação destas mulheres, ainda que, anônimas.

Nesse Concílio Regional, também foi comunicada a Igreja representada naquele

---

<sup>398</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 63 nº 49, 2 de dezembro de 1948. p. 7

<sup>399</sup> O repórter do Concílio, nesta ocasião era o Sr. Mário Coll de Oliveira. Id. Ibid. vol. 67, nº 10, 6 de março de 1952. p. 7. Na revista *Voz Missionária* também consta uma foto das fundadoras, cf. VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 26, nº 2, Jul-Set de 1955. p. 25.

conclave, o acidente ocorrido com Dalila Vilanova,<sup>400</sup> durante o trabalho desenvolvido na Igreja, em Ijuí. Ela teve suas pernas imobilizadas devido a uma fratura na coluna vertebral. Dalila era esposa do então pastor Wilson Vilanova.

A Associação reuniu-se algumas vezes, e estrategicamente, enquanto os pastores participavam dos Ministeriais Pastorais, reuniões exclusivas para os pastores visando especialmente à capacitação, avaliação e estabelecimentos de novos rumos para a região; elas reuniam-se no mesmo local e data, com uma programação estabelecida previamente pela Associação, com devocionais, celebrações e pessoas convidadas para palestras. Uma destas reuniões foi realizada em parceria com a Junta Regional de Educação da II Região Eclesiástica (Rio Grande do Sul), nesta ocasião foi publicada a seguinte notícia, se referindo as esposas de pastores, como pastoras:

A missão vocacional da pastora, há um tesouro que não pode ser menosprezado por todas aquelas que além de esposas querem ser pastoras! Infelizmente, aqui no Brasil, nada ou quase nada tem sido feito neste sentido, segundo informações que colhemos com o nosso secretário geral de educação cristã. Reconhecemos as dificuldades para um empreendimento desta natureza, mas as dificuldades na causa do Mestre existem para serem removidas.<sup>401</sup>

Esta trajetória para o pastorado será considerada alhures. No entanto, é importante registrar também a criação de outras Associações de Esposas de Pastores, como veremos a seguir.

### 3.1.10.2 Associação Susana Wesley<sup>402</sup>

Criada no dia 28 de outubro de 1966, VI Região Eclesiástica, por Grace B. Smith, Dionila V. Pôrto Alegre, Benilda Canfield e Gláucia Neves, a Associação organizou a diretoria e estabeleceu três departamentos: do lar, literatura e espiritualidade. Nos encontros realizados posteriormente, elas abordaram temas como a

<sup>400</sup> O acidente ocorreu no dia 25 de julho de 1951, conforme informação do noticiário daquele distrito, Sr. Adão Skonieski cf. EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 67, nº 14, 3 de abril de 1952.p.13. Também foi publicado um testemunho de Dalila Vilanova na revista VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 25, nº 2, Abr -Jun de 1954.

<sup>401</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol.74, nº 17 e 18, 23 e 30 de setembro de 1959. p. 12.

<sup>402</sup> Id. Ibid. vol.82, nº 2, 15 de janeiro de 1967. p.4; vol.84, nº 3; 15 de fevereiro de 1969.p.8; vol. 84, nº 4, 28 de fevereiro de 1970, p.13. Na revista *Voz Missionária* encontramos a foto das organizadoras da Associação cf. VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 37, nº 2, Jul-Set de 1967. p. 31.

planejamento da igreja, vida da esposa do pastor e diaconia. Nas fontes em evidência nesta pesquisa, não há relatos destas reuniões. Contudo, há informações de que estas documentações ficaram nas mãos das presidentes destas organizações, que foram passando de uma para outra, e nesta trajetória muitas histórias, até então registradas, encontram-se extraviadas.

### 3.1.10.3 Associação Eula Bodwen

Há também uma referência a Associação Eula Bodwen, convocando as esposas de pastores para a reunião, e solicitando que seja encaminhada a secretaria da Associação o relato da experiência de cada uma das esposas de pastores da 3ª. Região Eclesiástica. A secretária, Hermy de Godoy, notifica que até 1956 havia recebido somente o relato da experiência de Helena Clay. Portanto, há evidências de iniciativas tomadas no intuito de contar a história das esposas de pastores, no entanto, estas não foram concretizadas.

## 3.2 Missionárias

Sobre as missionárias, além das citadas anteriormente como esposas de pastores estrangeiros,<sup>403</sup> uma vez que elas também foram nomeadas como missionárias; descobrimos pela necrologia publicada as seguintes mulheres.

### 3.2.1 J. L. Bruce<sup>404</sup>

Esta mulher dedicou 47 anos ao trabalho missionário em terras brasileiras, falecida em 28 de julho de 1939, com aproximadamente 82 anos. Também era a viúva do Rev. L. L. Bruce. Há indícios de missionárias, como Bruce, que dedicaram quase meio século de sua vida ao trabalho missionário e, no entanto, encontramos apenas rastros de sua história.

---

<sup>403</sup> Vide texto sobre “Esposas de Pastores” no item 3.1, as seguintes missionárias: May Terrel, Francisca Ellis, Lucy York Long, Francisca Scott Betts e Ethel Sanders Dawsey.

<sup>404</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol.54, nº 35, 26 de setembro de 1939.p.14.

### 3.2.2 Elizabeth Nunes

Descobrimos ainda a missionária Elizabeth Nunes,<sup>405</sup> nascida na Espanha, filha de Manuela Nunes, e José Nunes. Seu pai foi por muitos anos, representante da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. Ainda em Portugal, Elizabeth casou-se com Rev. Álvaro Reis e ambos vieram para o Brasil, onde ela participou na Igreja Batista e Presbiteriana, mas tornou-se membro da Igreja Metodista.

Ela lecionou em várias escolas: na Escola Americana de Curitiba (4 anos), Colégio Piracicabano (1 ano) e por 4 anos foi diretora do Colégio Batista em São Paulo.

Em 1950, ela começou um projeto junto a Igreja Metodista em Campinas, denominado “o cesto do bebê”. A sociedade de senhoras confeccionava enxovais de bebês para serem distribuídos a pessoas de baixa renda. Este trabalho foi crescendo e com ajuda de parcerias transformou-se em um Dispensário Infantil, com trabalho para acompanhamento de gestantes, dentre outros. Em 1953 o Dispensário começou a chamar: “Dispensário Infantil Elizabeth Nunes”, atendendo aproximadamente duas mil crianças ao ano, e contava com a colaboração de seis médicos.

Há também outras missionárias que já foram citadas nesta pesquisa, especialmente quando nos referimos à atuação das mulheres na área educacional e social. A seguir descreveremos a história de três missionárias em contextos diferenciados.

### 3.2.3 Jacqueline Le Roy: de freira à missionária metodista

Nesta trajetória nos defrontamos com Jacqueline Le Roy, que viveu cerca de quinze anos em conventos católicos, era judia francesa, falava várias línguas, e também era especialista em química, filosofia e teologia. Quando foi recebida como membro da Igreja Metodista em Cascadura–RJ, ela declarou por escrito a sua solicitação:

Fui recebida por profissão de fé e batismo a comunhão da Igreja Batista, em Salvador, em 5 de março de 1950. (...) Os resultados de minha conduta concretizaram-se na minha vida de evangelista, através de 11 estados do Brasil, servindo a várias denominações evangélicas. No exercício deste trabalho, conheci

---

<sup>405</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 63, nº 28, 8 de julho de 1948. p. 12; Id. Ibid., vol. 63, nº 31, 29 de julho de 1948; Id. Ibid., vol. 81, nº 3, 1º de fevereiro de 1966. p.11; Id. Ibid., vol.79, nº 16, 15 de agosto de 1964. p. 5; VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 27, nº 2, Abr-Jun de 1956. p.14.

o metodismo (...) venho pedir-vos ser recebida à comunhão da Igreja Metodista do Brasil, em vossa Paróquia de Cascadura.<sup>406</sup>

A partir de então ela começou a ser convidada para diversas atividades na Igreja Metodista, e também em parceria com outras Igrejas Evangélicas. Por exemplo, em Guaçuí, Espírito Santo, o pastor José Neto, declarou que “o resultado do seu trabalho na paróquia de Guaçuí: Assistência total – 5049 assistência média por noite 350.”<sup>407</sup> Do trabalho realizado em parceria com a Igreja Presbiteriana em Presidente Soares, Minas Gerais, a notícia foi a seguinte: “praça Rev. Cícero Siqueira, onde milhares de pessoas cerca de 200 (duzentas) não crentes ouviram a palavra de Deus e exposição da mesma pela ex-freira.”<sup>408</sup> Ela também realizou várias séries de pregações em Igrejas do Rio de Janeiro, em Barra Mansa, Volta Redonda e outras. Devido às dificuldades de relacionamentos entre as igrejas protestantes e a Igreja Católica, certamente a audiência ampla resultava do elemento “chamativo” de ela ser uma ex-freira.

### 3.2.4 Maria Glicínia Fernandez: missionária metodista para o estrangeiro

Trazemos à memória que Otília de Oliveira Chaves, quando esteve nos Estados Unidos em 1948, providenciou o encaminhamento da jovem Maria Glicínia Fernandez, para estudar em Nashville, EUA, e retornar ao Brasil como missionária. A seguir apresentamos a carta em que Maria Fernandez conta a sua história:

Nasci na cidade de Rio Grande, porto do mar, em 1930, onde minha mãe e meu pai estavam passando as férias. Vivi em Bagé (...) até os 12 anos, quando os meus pais decidiram internar-me no Colégio Centenário (...) em Santa Maria. (...) Terminei o último ano do ginásio no Colégio Americano (...) onde encontrei da. Otília, Rev. Derly e Miss Jenny Lind, esta última missionária americana que havia passado 20 anos na China. (...) Em 1947 frequentava assiduamente a Classe Filatéia da Igreja Metodista Central, dirigida por da. Otília (...) na páscoa de 1948 era batizada pelo Rev. Derly de Azevedo Chaves e recebida como membro da Igreja.<sup>409</sup>

<sup>406</sup> Esta solicitação foi escrita no dia 1º de novembro de 1953. EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 69, nº 2, 14 de janeiro de 1954. p. 2.

<sup>407</sup> Escreve o pastor José Teixeira Neto em 15 de abril de 1954. Id. Ibid. vol. 69, nº 18, 6 de maio de 1954. p. 4.

<sup>408</sup> Id. Ibid. vol. 69, nº 35, 2 de setembro de 1954, p.12 e 13; Id. Ibid., vol. 69, nº 38, 23 de setembro de 1954, p.1.

<sup>409</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 70, nº 10 de novembro de 1955. p. 1; VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 27, nº 1, Jan-Mar de 1956. p.7.

Maria Fernandez foi a primeira missionária brasileira no Peru. Na ocasião a Revista *Voz Missionária*, publicou uma reportagem com o título: “É pastor” e declarava o seguinte: “Desde janeiro deste ano [1957] que Maria Glicinia é pastor suplente de uma das maiores paróquias do Peru”.<sup>410</sup> Se estivesse no Brasil, os Cânones ainda não lhe permitiriam galgar tal posição, pois seria acolhida apenas como missionária metodista.

No trabalho desenvolvido no Peru, ela conheceu o professor Zimmermann, mestre na língua indígena quéchua, e em 26 de abril de 1957 casaram-se em Porto Alegre, RS.

No período em estudo ela é a única missionária brasileira que se encontrava trabalhando no estrangeiro.

### 3.2.5 Gladys Oberlin: Missionária metodista para o nordeste brasileiro

Na cidade de Recife a desnutrição atingia, no início da década de 60, cerca de 30% das crianças não permitindo que elas chegassem ao seu primeiro ano de idade.

E assim nos deparamos com a missionária Gladys Oberlin,<sup>411</sup> que reunia as crianças nas praças, usando um projetor de cinema para ilustrar suas palestras.

Gladys Oberlin, nutricionista formada, usava uma farinha chamada MPF, que acrescentada à comida preenchia as deficiências nutricionais, especialmente das crianças. E assim prosseguia a missionária em suas viagens, não somente preocupada com a fé do povo, mas também com a sua saúde, ou seja, uma preocupação integral com o ser humano. Das fontes em evidência nesta pesquisa, Gladys Oberlin é a primeira missionária a atuar no nordeste brasileiro.

## 3.3 Diaconisas

A trajetória para a criação da Ordem das Diaconisas inicia-se no ano de 1940, quando os Concílios Distritais de Porto Alegre e Cruz Alta recomendaram ao Concílio Regional do Rio Grande do Sul que estudasse este assunto. Enquanto Zula Terry

---

<sup>410</sup> Informações sobre o prof. Zimmermann: Engenheiro francês, doutor em filosofia, conhecedor de várias línguas, ele também traduziu os quatro evangelhos, na língua quéchua. VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 28, nº 1, Jul- Set de 1957. p.21.

<sup>411</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 33, nº 2, Abr-Jun de 1963. p. 28; EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol.78, nº 5, 1º de março de 1963. p.12.

encaminhava esta questão à Junta Geral de Educação Cristã, Otília de Oliveira Chaves já trabalhava na elaboração dos planos.

O Concílio Geral de 1942 tomou conhecimento desta solicitação e decidiu que até o próximo quadriênio este assunto fosse estudado em todas as regiões eclesiais, e que o material sobre este tema fosse publicado no jornal *Expositor Cristão*.<sup>412</sup>

A Ordem das Diaconisas foi criada pelo Concílio Geral da IM no ano de 1946.

A ordem das diaconisas, criada pelo concílio geral da Igreja Metodista do Brasil, é constituída de mulheres piedosas, vocacionadas para o trabalho cristão que dedicam as suas vidas em cargos especiais sob a orientação da Igreja, e que depois do necessário preparo e período de experiência, foram devidamente licenciadas e consagradas.<sup>413</sup>

Este Concílio delegou à Junta Geral de Ação Social<sup>414</sup> a aprovação dos Estatutos da Ordem das Diaconisas, o que foi realizado no dia 20 de julho de 1950, e ainda o Conselho Superior<sup>415</sup> decidiu convidar Francisca Betts para assumir a direção geral da Ordem das Diaconisas.

Quanto ao processo de capacitação das diaconisas,

A única instituição da Igreja Metodista do Brasil credenciada para a preparação de diaconisa é o Instituto Metodista de Santo Amaro, que está devidamente aparelhado para atender às jovens vocacionadas, tendo um grupo diretor e docente à altura de tão elevada missão.<sup>416</sup>

E no VII Concílio Geral, realizado em 1955, no Rio de Janeiro ocorreu a consagração das primeiras diaconisas: Maria Onofre Gonçalves e Anaildes Ferreira.

É importante ressaltar que, este foi um grande passo para a Igreja Metodista e especialmente para as mulheres, mas não podemos deixar de registrar que havia restrições neste processo, especialmente no que tange ao casamento. A seguir passamos a descrever o que nos dizem os Cânones:

<sup>412</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol.74, nº 19,7 de maio de março de 1959. p.7 e 8.

<sup>413</sup> Id. Ibid. vol. 62, nº 7, 13 de fevereiro de 1947.p.7.

<sup>414</sup> Id. Ibid. vol.65, nº 43, 26 de outubro de 1950.

<sup>415</sup> O Conselho Superior da Ordem das dicaonisas era composto pelas seguintes pessoas: Bispo Isaias Fernandes Sucasas, Rev. Wilbur K. Smith, Rev. Daniel Betts, presidente Ângelo R. Brianez, Robert W. Wisdom, Sarah Bennett, Verda Ferrar e Otília Chaves.

<sup>416</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol.73, nº 17, 1º de maio de março de 1958. p. 11.

Art. 186 – Exigem-se para admissão como diaconisa, na Ordem, os seguintes requisitos:

3 – não ter encargos de família.

Art. 188 – São deveres e privilégios de uma diaconisa:

8 – retirar-se da Ordem, com aviso prévio de, pelo menos, 90 dias<sup>417</sup>.

Portanto, quando uma diaconisa desejava casar-se, ela deveria avisar previamente e desligar-se da Ordem. Esta é uma das razões porque as mulheres realizavam o curso de Educação Cristã, e não davam prosseguimento para chegar à Ordenação.<sup>418</sup>

Em 1961, assume a nova diretora da Ordem das Diaconisas Anídia César.<sup>419</sup> Nasceu em Mundo Novo, Bahia; e estudou em São Paulo e também no Granbery, no período em que era a sede da Faculdade de Teologia, onde realizou o curso de Bacharel em Educação Religiosa. Mas como se casou com o Rev. Crisanto César ela adiou a sua atuação como missionária. Contudo, continuou atuando na Igreja colaborando no pastoreio do seu esposo. Também exerceu o magistério, como professora de desenho, trabalhos manuais e economia doméstica nos cursos secundários do Estado de São Paulo. No período de 1959 a 1960 exerceu o cargo de vice-presidente da Federação de Senhoras da 5ª Região Eclesiástica.

No período em estudo encontramos as seguintes diaconisas<sup>420</sup>:

<b>Diaconisa</b>	<b>Local de Atuação</b>
Evelyn Alcântara	Instituto Ana Gonzaga – Inhoaíba – GB
Ercília Nascimento Reis	Paróquia de Itapava, Fagundes, Cuiabá
Érica Link	Professora no Instituto Metodista em Santo Amaro e presidente da Organização Interna das Diaconisas.
Anaildes Ferreira	Orfanato - Lar Metodista em Santa Maria
Marlene Dreyer dos Santos	Orfanato – Lar Metodista em Santa Maria

<sup>417</sup> CÂNONES DA IGREJA METODISTA DO BRASIL, São Paulo, Imprensa Metodista, 1960. p. 119. Outras informações vide entrevista da diretora Francisca Betts ao Expositor Cristão. Id. Ibid. vol. 67, nº 49, 11 de dezembro de 1952.p.5

<sup>418</sup> Para visualizar esta questão, vide gráficos no item “2.5.2 Instituto Metodista Santo Amaro”.

<sup>419</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol.76, nº 1, 15 de janeiro de 1961. p.10.

<sup>420</sup> EXPOSITOR CHRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 79, nº3, 1º de fevereiro de 1964 .p. 5.

Catarina Carvalho	Santa Maria - RS
Cassilda Canfiel	Escola Paroquial da Igreja Institucional em Porto Alegre
Maria Onofre Gonçalves	Realizando curso especial no Bennett
Elida Feliz	Diretora da Escola Metodista em Brasília
Elida dos Santos Maia	Paróquia Central em Juiz de Fora em responsabilidades especiais no campo de Educação cristã
Dalgisa Toledo Vieira	Paróquia Central em Salvador juntamente a diaconisa Ingborg Fehrman (Enfermeira da Alemanha)
Maria Lúcia Pereira	Paróquia do Rio Vermelho – Engenho Velho
Yeda Ximenes de Oliveira	Paróquia Metodista de Carlos Prates, em Belo Horizonte
Anita Cordeiro	Parteira e enfermeira no Centro Rural Metodista “Bispo Dawsey” - (próximo a Maringá, PR).
Rute Prates	Professora no Instituto Metodista

As diaconisas atuavam em diversas frentes de trabalho, por exemplo, a diaconisa Catarina Carvalho, logo após a sua formatura foi para Santa Maria - RS, e organizou uma escola paroquial, e em diálogo com Hospital Evangélico daquela localidade, conseguiu pessoas voluntárias para atender na Vila de Lata, nome devido às casas que eram construídas com caixotes e folhas de zinco. Ela também promoveu cursos de corte e costura para as mães, no horário noturno, e aos domingos dirigia uma escola dominical com aproximadamente 100 pessoas matriculadas.<sup>421</sup>

Elas também trabalhavam na área da saúde, algumas como enfermeiras. Além disso, promoveram vários cursos de alfabetização, e visando ao aprimoramento destes cursos, foram estabelecidas parcerias, por exemplo, a diaconisa Ruthe Prates esteve no período de setembro a dezembro de 1964 na Costa Rica, para fazer o Curso de Alfabetização de adultos patrocinado pela ALFALIT (que quer dizer ALFabetização e

<sup>421</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol.76, nº4, 1º de março de 1961. p. 5.

LITeratura cristã). Após esta experiência ela esteve em Brasília e também ofereceu este curso para alfabetizadoras e alfabetizadores de outras Igrejas Evangélicas.

Ainda no período de 1965 a 1970, passaram para a Ordem das Diaconisas, Erondina Heller e Amábile Correia.<sup>422</sup> Cabe salientar, que depois deste período a Igreja Metodista continua em processo de reorganização da Ordem Diaconal.<sup>423</sup>

### 3.4 A caminho da Ordem Presbiteral: Mulheres Pastoras

Por ocasião do encerramento das atividades do Instituto Metodista em 1968, o Conselho Diretor em seu relatório anual declarou que havia realizado uma consulta sobre o ministério pastoral feminino, abaixo consta o relato:

Esta consulta realizou-se no mês de setembro, de 26 a 29 e contou com a participação de 21 pessoas. Discutiu-se o ministério feminino, sua base Bíblico-teológico, sua base Sociológica, implicações históricas, bem como o Ministério Feminino à luz da legislação da Igreja. Esta também foi uma reunião de grande valor como grandes implicações para a vida da Igreja, se fôssemos tirar as conclusões práticas do referido estudo. Foi responsável pela convocação e hospedagem, a Diretora Administrativa, Da. Dina Rizzi que por sua vez, convocou senhoras das seis Federações da Igreja Metodista do Brasil, bem como algumas diaconisas formadas pelo Instituto Metodista.

Esta reflexão sobre o ministério feminino foi iniciada no capítulo anterior, quando nos referimos ao seguinte tema: “Nos rastros das pregadoras”. As mulheres metodistas ao longo destes anos ampliaram o seu campo de ação e chegaram-se mais próximas da sociedade. E ainda, com a emancipação da mulher e as reivindicações decorrentes, o que certamente contribuiu para que elas buscassem também na igreja os seus espaços de ação e o reconhecimento de sua vocação.

Nesta trajetória ocorreram situações favoráveis e contrárias a esta decisão. Situações consideradas atípicas, como a encontrada na reportagem da *Voz Missionária* em 1962, com o título “Uma pastora no sul”, em que o Bispo José Pedro Pinheiro escreve sobre Nadir Jaime Krüger, residente em Porto Alegre, R.S. Ela colaborava com as Igrejas em Esteio e Canoas, próximas à capital, conforme descreve o bispo: “Ela faz

<sup>422</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol.85, nº 21, 15 de novembro de 1970. p. 12.

<sup>423</sup> VV.AA. *Para um diaconato metodista hoje: memória do fórum sobre o ministério diaconal*. São Bernardo do Campo: Igreja Metodista/Editeo, 2004.

tudo que, mesmo não sendo pastor, pode fazer: ensina, visita, administra o programa da igreja, aconselha, orienta, prega e de tudo põe o pastor a par para os seus relatórios e o convoca para os atos do ritual que lhe são necessários.”<sup>424</sup> Devido ao crescimento destas igrejas, o bispo a nomeou como “Assistente do Pastor” no Concílio Regional de 1962. Neste ínterim, ocorreram situações constrangedoras em que se publicavam textos bíblicos com uma abordagem androcêntrica, no que diz respeito ao pastorado feminino. No entanto, as mulheres perseveraram e enfrentaram as diversas situações.

E assim, no X Concílio Geral da IM, realizado em julho de 1970, na cidade de Belo Horizonte, foi declarado por unanimidade de votos que as ordens na Igreja Metodista são as seguintes: “Art. 13 – As ordens na Igreja Metodista são duas: a presbiterial e diaconal, constituídas, respectivamente, de presbíteros e diáconos, sem distinção de sexo.”<sup>425</sup>

Inicia-se um novo tempo para a Igreja Metodista, agora [1970/71] com o ministério pastoral feminino.

## 4 As mulheres metodistas e a vivência eclesial

Para tentarmos desvelar o cotidiano das mulheres metodistas, percorreremos a trajetória, inicialmente com as Sociedades de Senhoras, e sua participação nos Congressos realizados no Brasil, na América Latina e os Mundiais. Assim como, perseguimos os rastros e rostos das mulheres metodistas nos Concílios Distritais, Regionais e Gerais.

### 4.1 Sociedades de Senhoras

A primeira Sociedade de Senhoras foi organizada em 5 de julho de 1885, na Igreja do Catete, Rio de Janeiro. Segundo os regulamentos da igreja autônoma, o nome foi mudado para “Sociedade Methodista de Senhoras”<sup>426</sup> Quanto ao número de sócias

<sup>424</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 32, nº 3, Jul-Set de 1962. p. 21.

<sup>425</sup> O documento data de 31 de janeiro de 1971, e segue assinado pelo então presidente Bispo Almir dos Santos – Presidente; Bispo Oswaldo Dias da Silva – Secretário; Bispo Wilbur K. Smith – Vogal. CÂNONES DA IGREJA METODISTA DO BRASIL, São Paulo, Imprensa Metodista, 1971.

<sup>426</sup> Antes da Autonomia era: Sociedade Auxiliadora de Senhoras. EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 44, nº 44, 24 de dezembro de 1930.

“em 1930 eram 4.497 sócias, hoje [1963] são mais de 11.628 sócias arroladas em 388 sociedades por este Brasil afora.”<sup>427</sup>

As sociedades promoviam o convívio entre as mulheres, a partilha de experiências e a vivência da espiritualidade. As reuniões eram realizadas semanalmente, onde se programavam as atividades, dentre elas, as celebrações de aniversário das sociedades, das sócias, dia das mães, dia da *Voz Missionária*, dia do orfanato, realizavam promoções para angariar fundos, culto do bebê, momentos de confraternização, integração e devoção<sup>428</sup>. Estas atividades eram realizadas com muita criatividade.

As sociedades se organizavam em departamentos: Departamentos Ação Social (cesta dos pobres, órfãos, e outros); Departamento de Cultivo Espiritual (estudos bíblicos, reuniões, oração); Departamento de Literatura e Recreação (festas, tardes recreativas, programas literários); Departamento de Missões (evangelização).<sup>429</sup>

E ainda as mulheres participantes eram desafiadas a serem uma boas sócias,<sup>430</sup> tendo como referencial o dez modos de ajudar a sociedade, ou seja, assistirem as reuniões, serem pontuais, que nada detenham a sua participação, animarem o trabalho, aceitarem cargos e servir com alegria, cumprirem deveres, confiarem nas companheiras, pagarem os compromissos, convidarem outras mulheres a participar da sociedade.

Destacamos segundo as fontes consultadas em especial o *Expositor Cristão* e a *Voz Missionária*, a Sra. Francisca Ferreira de Carvalho,<sup>431</sup> nascida em Campinas em 2 de abril de 1887, dedicou aproximadamente trinta anos de sua vida aos trabalhos desenvolvidos na Sociedade Metodista de Senhoras e na Escola Dominical. Ela tornou-se membro da Igreja Metodista em Pirassununga em 1915, também participou das

<sup>427</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol. 78, nº 13, 1º de julho de 1963. p.13.

<sup>428</sup> Id. Ibid., vol. 45, nº 30, 2 de setembro de 1931; Id. Ibid., vol. 45, nº 37, 21 de outubro de 1931. p. 12; Id. Ibid., vol. 46, nº 21, 1º de junho de 1932; Id. Ibid., vol. 47, nº 17, 10 de maio de 1933; Id. Ibid., vol. 47, nº 36, 4 de outubro de 1933; Id. Ibid., vol. 47, nº 3, 25 de janeiro de 1933; Id. Ibid., vol. 48, nº 24, 27 de junho de 1934; vol. 48, nº 38, 3 de outubro de 1934; Id. Ibid., vol. 59, nº 19, 11 de maio de 1944; Id. Ibid., vol. 66, nº 16, 19 de abril de 1951; Id. Ibid., vol. 50, nº 46, 24 de novembro de 1936; vol. 51, nº 18, 11 de maio de 1937; Id. Ibid., vol. 63, nº 18, 29 de abril de 1948. p. 3; Id. Ibid., vol. 64, nº 27, 7 de julho de 1949. p. 9; Id. Ibid., vol. 44, nº 22, 4 de junho de 1930; Id. Ibid., vol. 54, nº 18, 16 de maio de 1939; Id. Ibid., vol. 55, nº 24, 2 de julho de 1940; Id. Ibid., vol. 61, nº 7; Id. Ibid., vol. 59, nº 21, 25 de maio de 1944. p. 1. VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 31, nº 2, Abril – Maio - Junho de 1961. p. 2;

<sup>429</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 55, nº 34, 1 de outubro de 1940. p. 4.

<sup>430</sup> Id. Ibid., vol. 58, nº 20, 18 de maio de 1943. p. 7.

<sup>431</sup> Id. Ibid., vol. 60, nº 19, 17 de maio de 1945. p. 11.

Igrejas em Campinas, São Paulo e Rio de Janeiro. Em 1916 foi eleita presidente da Sociedade Conferencial das Sociedades Metodistas de Senhoras. A posse desta primeira organização Conferencial de Senhoras ocorreu no dia 23 de abril, por isso nesta data é celebrado o Dia da Sociedade de Senhoras, e até hoje [2008] esta data é lembrada, no entanto, como Dia da Sociedade de Mulheres. Ela também participou no processo de autonomia da Igreja Metodista sendo uma das quatro mulheres que assinou o documento no dia 2 de setembro de 1930, e exerceu o magistério público até a sua aposentadoria. Quando se mudou para o Rio de Janeiro, colaborou no Colégio Bennett, especialmente junto às moças do internato e transferiu-se para a Igreja do Catete e trabalhou na Sociedade de Senhoras e como professora de Escola Dominical.

Hordhalia Kuhlmann<sup>432</sup> nasceu em Tatuí, SP, filha de Laurinda Pedroso Costa e do Rev. Guilherme da Costa. Ela se tornou membro da Igreja Metodista em 21 de outubro de 1906. E foi uma das organizadoras da Federação das Sociedades de Senhoras, onde exerceu vários cargos, além de colaborar com a Junta de Econômos e a Escola Dominical. Em geral estas mulheres trabalhavam na Sociedade de Senhoras e exerciam simultaneamente outras funções na Igreja.

Nesta trajetória há muitas mulheres, algumas anônimas, que participaram dos primeiros passos das Sociedades de Senhoras. Elas também buscavam a formação de novas sociedades, e, conseqüentemente, novas sócias, conforme a amostragem a seguir:

#### 4.1.1 Organização das Sociedades

Nos primeiros anos do período em estudo há várias sociedades em processo de formação. Entretanto, elas vão sendo reestruturadas e algumas não foram registradas pelas fontes consultadas, vide tabelas nº 1 a 3 em anexo. Contudo é visível a mudança do papel da mulher na sociedade e na igreja, especialmente no que tange ao mercado de trabalho. As mulheres também atuaram visando o crescimento da área patrimonial da Igreja, conforme tabela nº 4 e 5 em anexo. A contribuição das mulheres é superior a amostragem das tabelas em anexo, pois há muitos dados que não foram registrados pelas fontes consultadas e citadas anteriormente.

Há um outro aspecto que também deve ser visibilizado: a preocupação das mulheres com as mulheres, especialmente na luta pela sobrevivência. Elas promoviam

---

<sup>432</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão Oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 9, 28 de fevereiro de 1957. p. 13.

curso de arte culinária, corte e costura, e outros. Por exemplo, a Sociedade Senhoras da Igreja Metodista Paulo de Tarso, em Porto Alegre, “Desde 1956 mantém um curso de Corte e Costura como trabalho social. Mas desde 1958 é reconhecido e registrado pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, Setor do Ensino Profissional Particular”,<sup>433</sup> orientado pelas professoras Lucy Estrela e Idorcina Dornelles e Marlene Silva.

Quanto à vivência da espiritualidade, além dos momentos celebrativos, das devocionais e estudos bíblicos, as Sociedades de Senhoras também se integravam com mulheres de outras igrejas especialmente para o Dia Mundial de Oração.<sup>434</sup>

## 4.2 Congressos de Senhoras

O primeiro Congresso de Senhoras, foi realizado no dia 23 de abril de 1916, idealizado e presidido por Layona Glenn. Os Congressos ocorrem nas instâncias Distrital, Regional e Geral. O Distrital reúne as sociedades presentes em um Distrito; o Regional reúne todos os distritos, e o Geral reúne todas as Regiões Eclesiásticas. Para estas instâncias são eleitas delegadas representantes das Sociedades de Senhoras.

Nestes congressos são acolhidos os relatórios das sociedades, há eleição de diretoria da federação (instância regional) e confederação (instância geral), também há deliberações, recomendações, momentos de celebração, estudos bíblicos e capacitação com temas relacionados aos diferentes contextos do período em estudo. Durante os Congressos, também são realizadas visitas a trabalhos sociais, visando especialmente à sensibilização e engajamento.

<sup>433</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol. 78, nº 5, 1º de março de 1963. p. 2.

<sup>434</sup> Id. Ibid., vol. 44, nº 7, 12 de fevereiro de 1930. p. 8 e 9; Id. Ibid., vol. 44, nº 10, 5 de março de 1930.p.10; Id. Ibid., vol. 45, nº 4, 4 de fevereiro de 1931. p. 9; Id. Ibid., vol. 45, nº16, 27 de maio de 1931.; Id. Ibid., vol. 46, nº 24, 22 de junho de 1932 ; Id. Ibid., vol. 47, nº 28, 2 de agosto de 1933; Id. Ibid., vol. 48, nº 25, 4 de julho de 1934.; Id. Ibid., vol. 49, nº 10, 5 de março de 1935.; Id. Ibid., vol. 49, nº 22, 28 de maio de 1935; Id. Ibid., vol. 50, nº 6, 18 de fevereiro de 1936. p. 12.; Id. Ibid., vol. 51, nº 9, 2 de março de 1937.; Id. Ibid., vol. 51, nº 16, 20 de abril de 1937.; Id. Ibid., vol. 52, nº 6, 8 de fevereiro de 1938.; Id. Ibid., vol. 54, nº 3, 24 de janeiro de 1939.; Id. Ibid., vol. 54, nº 12, 28 de março de 1939; Id. Ibid., vol. 57, nº 6, 10 de fevereiro de 1942; Id. Ibid., vol. 58, nº 49, 7 de dezembro de 1943.; Id. Ibid., vol. 67, nº. 16, 17 de abril de 1952. p. 9.; Id. Ibid., vol. 76, nº. 13, 15 de julho de 1961. p. 12.; Id. Ibid., vol. 77, nº. 5, 1º de março de 1962. p. 6.; Id. Ibid., vol. 82, nº 3, 1º de fevereiro de 1967. p. 5.; VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Methodista, anno VI, nº 4, Out-Dez de 1935p. 12., anno VIII, Num. 1, Jan- Mar de 1937;VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 13, nº 1, Jan- Mar de 1942. p. 24, ano 14 nº 1, Jan- Mar de 1943.; ano 16, nº. 1, Jan - Mar de 1945.p.14.; ano 19, nº.1, Jan-Mar de 1948.; ano 21, nº. 1, Jan - Mar de 1950.; ano 22, nº.1, Jan - Mar de 1951.; ano 23, n. 1, Jan - Mar de 1952.; ano 24, nº. 1, Jan - Mar de 1953.

As celebrações, em sua maioria, eram dirigidas por bispos e pastores, e as devocionais eram realizadas pelas mulheres.

Durantes os congressos ocorreram homenagens a mulheres de destaque na história das sociedades. Por exemplo: O 4º Congresso Regional reunido em Juiz de Fora, em junho de 1936, homenageou Eunice Buyers<sup>435</sup>; o XVIII Congresso das SMS da Região Eclesiástica do Centro, realizado em fevereiro de 1952, homenageou Lucy York Long; o XXII Congresso de Senhoras da Região Eclesiástica do Sul, realizado em Santa Maria, de 13 a 17 de janeiro de 1954, homenageou Luiza Ungaretti, a iniciadora do Lar Metodista<sup>436</sup>. Ocorreram também cerimônias marcantes como no XV Congresso da Federação das Sociedades Metodistas de Senhoras da Região Eclesiástica do Centro, realizado em São Paulo, de 12 a 16 de janeiro de 1949, inaugurou a sala Kennedy, “custeada e oferecida à Faculdade pela Federação, como preito de homenagem e gratidão à memória do Rev. J. L. Kennedy”,<sup>437</sup> organizador da Federação das Sociedades Metodistas de Senhoras.

Quanto à infra-estrutura dos Congressos, por exemplo, o XX Congresso da SS MM SS da Região Eclesiástica do Centro realizado no Centro Social Rural São Paulo do Jaraguá, de 14 a 17 de janeiro de 1954, contou com a colaboração dos escoteiros na organização. Também foi instalada uma clínica médica, sob a direção da Dra. Hisaco Watanabe, uma clínica dentária sob a direção da Dra. Glorita H. de Melo, e uma Escola Bíblica de Férias para 30 crianças, provavelmente, para acolher as filhas e filhos das congressistas.

Quanto aos temas desenvolvidos, visando especialmente à capacitação das mulheres, estes são relacionados à família, escola dominical, e outros mais adiante identificados neste capítulo no texto “As mulheres e a mídia”.

#### 4.2.1 Congressos Latino-Americanos

A Confederação Feminina da América Latina foi “criada por um grupo de senhoras uruguaias e argentinas, da Igreja Metodista, que nos amargos anos da II Guerra

<sup>435</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 50, nº 42, 27 de outubro de 1936. p. 9.

<sup>436</sup> Id. Ibid., vol. 69, nº 13, 1º de abril de 1954. p. 11.

<sup>437</sup> A sala Kennedy está situada no Ed. Alfa da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, no Campus Rudge Ramos – Universidade Metodista de São Paulo, conforme: Id. Ibid., vol. 64, nº 5, 3 de fevereiro de 1949. p. 4.

Mundial viram a necessidade pela afinidade de cultura, civilização e idioma da união das senhoras latino-americanas”.<sup>438</sup> A primeira reunião ocorreu em Buenos Aires, em 1942, e a partir de então se reúnem quadrienalmente.

Neste primeiro Congresso participou como representante do Brasil Otília de Oliveira Chaves desenvolvendo o tema: “Informes de la obra feminina en el Brasil”.<sup>439</sup>

Em 1950, o III Congresso da Confederação Feminina Metodista da América Latina foi realizado em Montevideu de 18 a 22 de setembro e o Brasil esteve representado por Abigail Gelcich, Mercedes Seabra e Otília Chaves.<sup>440</sup>

Quanto ao IV Congresso, Otília Chaves esteve novamente presente e recebeu uma homenagem como presidente da Federação Mundial de Senhoras. Este evento foi realizado em Lima, Peru de 15 a 23 de janeiro de 1955. Ela também encaminhou ao *Expositor Cristão* um relatório de participação no evento, divulgando assim o trabalho das mulheres na América Latina.<sup>441</sup> Neste congresso foram acolhidas oficialmente as Sociedades Metodistas de Senhoras do Brasil como parte integrante da Confederação da América Latina.

Neste contexto encontramos um artigo de Ada de Figueredo Sucasas, intitulado, “Condição da Mulher na América Latina”, em que ela se expressa da seguinte forma:

No entanto, em fins do século XIX e início do século XX, desenvolveu-se um amplo movimento em favor da participação da mulher na sociedade em condições de igualdade com o homem. De modo geral, tornou-se cada vez maior, no Ocidente, a atuação da mulher no desempenho das tarefas até então unicamente masculinas. (...) desde a primeira guerra mundial, quando a crise no mundo ocidental começou por sacudir os mais tradicionais padrões da família, ela também tem lutado por colocar-se ao lado do homem, não mais na condição de mera reprodutora ou dona de casa, mas também de “ajudadora” idônea em todos os setores da atividade humana.<sup>442</sup>

Ela também questiona o analfabetismo, reconhecendo as mulheres como maioria nesta classificação, e desafia a mulher latino americana a erguer esta bandeira e

<sup>438</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 46, 13 de novembro de 1958.

<sup>439</sup> Id. Ibid., vol. 58, nº 1, 5 de janeiro de 1943. p. 9.

<sup>440</sup> Id. Ibid., vol. 66, nº 2, 11 de janeiro de 1951. p. 1.

<sup>441</sup> Id. Ibid., vol. 70, nº 15, 14 de abril de 1955. p. 2; vol. 70, nº 22, 2 de junho de 1955. p. 2.

<sup>442</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 84, nº 21, 15 de novembro de 1969. p. 8-9;12;16.

contribuir para diminuir os índices do analfabetismo, e ainda ressalta que a educação é primordial e envolve as noções de progresso e justiça.

#### 4.2.1 Congressos Mundiais

Em uma entrevista concedida ao acadêmico de teologia Pytagoras da Silva, Otília Chaves diz que “a Federação Mundial é uma organização que congrega unidades metodistas de várias secções da Igreja em todo o mundo com a finalidade de irmaná-las no sentido ecumênico da obra de evangelização”.<sup>443</sup>

O Congresso da Federação Mundial Metodista de Senhoras, reunida em abril de 1952, em Berkeley, elege para presidente a brasileira Otília de Oliveira Chaves e, como secretária correspondente para o Brasil, Helena Clay.<sup>444</sup>

Durante o seu mandato, Otília Chaves ausentou-se do Brasil durante vários meses, mas escreveu para o *Expositor Cristão*, pequenos relatórios de suas atividades intitulados “Para matar a saudades”, “Dois dedos de prosa”, onde descrevia as suas viagens. Quando passou quatro meses nos Estados Unidos ela percorreu nove estados e compareceu a 65 reuniões falando sobre a Federação Mundial de Senhoras e sobre o trabalho desenvolvido no Brasil.<sup>445</sup>

Ela também estabelece diálogo com o Concílio Mundial de Igrejas visando à filiação da Federação Mundial de Senhoras Metodistas ao CMI.<sup>446</sup>

O trabalho desenvolvido por Otília Chaves neste período foi muito intenso e algumas questões em relação ao seu exercício como presidente desta organização serão detalhadas no próximo capítulo. É importante registrar que ela foi a única mulher brasileira a ocupar este cargo em nível mundial. Em 1962, Irene Hesselgesser foi eleita para o cargo de secretária para América Latina da Divisão de Senhoras da Junta de Missões.

<sup>443</sup> Esta organização foi criada em 1939. Conforme: Id. Ibid., vol. 72, nº 7, 14 de fevereiro de 1957. p. 6-7.

<sup>444</sup> Id. Ibid., vol. 67, nº 25, 19 de junho de 1952; vol. 67, nº 40, 9 de outubro de 1952. p. 3.

<sup>445</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 71, nº 31 e 32, 2 e 9 de agosto de 1956. p. 1-2.

<sup>446</sup> Id. Ibid., vol. 69, nº 52, 30 de dezembro de 1954. p. 5.

## 4.3 As mulheres metodistas e os Concílios

### 4.3.1 Concílio Distrital

Primeiramente nos reportamos aos Cânones da Igreja Metodista, artigo 35 no que tange ao Concílio Distrital:

O Concílio distrital é a reunião dos ministros ativos e inativos residentes no distrito eclesiástico, dos provisionados arrolados em igrejas nas paróquias o distrito, dos secretários distritais das sociedades de adultos e de jovens do distrito e de dois delegados leigos de cada paróquia do distrito, ou seus suplentes, convocados pelo superintendente distrital para tratar dos interesses do distrito.<sup>447</sup>

Segundo as fontes consultadas nesta pesquisa é raro o registro da presença de mulheres nestes concílios, exceto o relato do 28º Concílio Distrital realizado em Porto Alegre, de 10 a 13 de abril de 1958, que recomendou ao Concílio Regional da II Região Eclesiástica: “Que o nome da casa de recolhimento de pessoas idosas seja “Lar Otília Chaves”. Da comissão consta os seguintes nomes: Annita de Faria Braga, Ruth Viana Vieira, Aslid Gick e Wilson Villanova. Por outro lado, tendo em vista a presença das mulheres nas igrejas locais, há vestígios de mulheres anônimas também nesta instância de decisão da igreja.

### 4.3.2 Concílio Regional

No que diz respeito ao Concílio Regional os Cânones da Igreja Metodista, artigos 43 e 44 prescrevem o seguinte:

Art. 43-O Concílio Regional é a reunião dos ministros ativos sob sua jurisdição e dos delegados leigos ou seus suplentes, eleitos pelos concílios distritais, convocados por quem de direito, para tratar dos interesses da região. § 1.º - Para delegado leigo só é elegível pessoa maior de 21 anos e que, na data da sua eleição, tenha quatro anos consecutivos de membro da Igreja. § 2.º - Os ministros inativos da região, presentes ao concílio, gozam dos privilégios dos ministros ativos exceto o de voto. § 3.º - Os diáconos não tem direito a voto.

Art. 44 – Região eclesiástica é o território cujos limites são determinados pelo Concílio Geral, e está sob a responsabilidade de um bispo. § único – Uma região eclesiástica inclui um ou mais distritos, a juízo do bispo<sup>448</sup>.

<sup>447</sup> CÂNONES DA IGREJA METODISTA DO BRASIL. São Paulo: Imprensa Metodista, 1942. p. 42.

<sup>448</sup> Id. Ibid. p. 48.

Segundo as fontes consultadas neste estudo, a presença de mulheres nestes concílios regionais também é rara. Entretanto, há registro de algumas pessoas, como Hordália Costa Kuhlmann,<sup>449</sup> que nasceu em Tatuí, SP em 20 de julho de 1892. Ela estudou no Colégio Americano de Petrópolis (Metodista) e também foi professora neste educandário até se casar com João Geraldo Kuhlmann. Na Igreja Metodista ocupou vários cargos, especialmente colaborando com a Sociedade de Senhoras e a também como tesoureira. Nos concílios em que participou como representante da Igreja, ela colaborou especialmente com a Comissão de Diplomacia, pois falava fluentemente inglês, e conhecia também o alemão.

As mulheres também eram delegadas, mas quando eleitas para desempenhar alguma função durante o Concílio Regional, em sua maioria, eram indicadas para trabalhar na Comissão de Diplomacia, conforme dito anteriormente; pois, os integrantes desta comissão deveriam acolher, notificar e acompanhar as pessoas em visita a este conclave. Elas também eram indicadas para trabalhar na Comissão de Atas, ou Exame de Atas destes Concílios.

#### 4.3.3 Concílio Geral

Quanto ao Concílio Geral da Igreja Metodista, os Cânones da Igreja Metodista, artigos 99 e 100 prescrevem o seguinte:

DA NATUREZA Art. 99 – O Concílio Geral é o órgão legislativo e deliberativo a que se subordina, em instância suprema, a Igreja Metodista.

DA COMPOSIÇÃO Art. 100 – O Concílio Geral compõe-se dos delegados, presbíteros e leigos, ou seus suplentes, eleitos nos Concílios Regionais, e dos Bispos, membros ex-officio sem direito a voto.<sup>450</sup>

Lembramos que o primeiro Concílio Geral da Igreja Metodista ocorreu em 1930, por ocasião da autonomia da Igreja Metodista do Brasil, neste conclave estavam presentes Otília Chaves, Francisca de Carvalho e Eunice Andrew.

O segundo Concílio Geral foi realizado em Porto Alegre, no período de 4 a 13 de janeiro de 1934. Na ocasião participaram como delegadas do Concílio Regional do

<sup>449</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.75, nº 36, 8 de setembro de 1960. p.11,12.

<sup>450</sup> CÂNONES DA IGREJA METODISTA DO BRASIL. São Paulo: Imprensa Metodista, 1971. p. 86.

Norte – Otilia de Oliveira Chaves e Eva L. Hyde; do Concílio Regional do Centro – Francisca de Carvalho e Eugênia Becker; do Concílio Regional do Sul – Louise Best e Mercedes Seabra.

Nestes concílios os temas de relevância nacional também eram debatidos, sobre os quais geralmente ocorria um pronunciamento oficial. Nessa ocasião houve uma declaração sobre o divórcio, em que a Igreja Metodista declara-se a favor da conservação do lar.

Nos terceiro e quarto Concílios Gerais, ocorridos em 1938 e 1942 respectivamente, as mulheres também se fizeram presentes, mas em sua maioria (quando eleitas) são suplentes, a exceção de Otilia de Oliveira Chaves, pela Região Sul; Áurea Campos Gonçalves e Lucy York, pela Região do Centro, e Mary Helen Clark, Eva Louise Hyde e Cinira de Moraes, pela Região do Norte. No Quinto Concílio Geral, em 1946, ocorreu a criação da Ordem das Diaconisas; no VI Concílio Geral, 1950, Otilia Chaves é eleita para a Comissão de Legislação. No VII Concílio Geral, 1955, ocorre a consagração das duas primeiras diaconisas; no VIII Concílio Geral, 1960, o Credo Social é aprovado; o IX Concílio Geral, em 1965, ocorre no Rio de Janeiro, com 78 delegados, dos quais 4 eram mulheres. O X Concílio Geral, 1970/71, ocorre em Minas Gerais, e neste é aprovado o ingresso das mulheres na ordem presbiteral.

Vimos, portanto, que a presença das mulheres nos Concílios Gerais ao longo destes anos foi decrescente, visto o que aponta o Concílio que antecede o ingresso das mulheres na ordem presbiteral, ou seja, apenas 4 mulheres dos 78 delegados. Sendo o Concílio Geral, o órgão legislativo e deliberativo em instância suprema, evidenciamos assim a mulher metodista distanciando-se do exercício do poder eclesiástico. Mas anunciando novas possibilidades, a partir do ministério pastoral feminino aprovado pelo Concílio Geral realizado em 1970/71.

## 5 As mulheres metodistas e a mídia

O termo mídia é abrangente e possui diferentes faces, segundo as professoras Maria Otilia Bocchini e Sandra Reimão:

Uma pessoa pode participar da mídia em diferentes funções – como produtora de mensagens midiáticas, como assunto, tema, cenário (...) ou ainda como reprodutora de mensagens. Em cada

um destes diferentes âmbitos a participação pode adquirir diferentes faces.<sup>451</sup>

Entendemos que a presente pesquisa irá visibilizar as mulheres metodistas como produtoras de mensagens midiáticas, e para isto percorreremos a *Revista Voz Missionária* e o *Expositor Cristão* como mídia impressa, e posteriormente tentaremos visibilizar a inserção das mulheres metodistas nos programas de religiosos radiofônicos e televisivos.

## 5.1 Revista Voz Missionária

Iniciemos esta trajetória trazendo à memória a história da revista *Voz Missionária*, criada no dia 18 de setembro de 1929, e lançada em 1930.

Esta nossa revista foi criada pela antiga “Junta Interconferencial de Senhoras” (precursora da atual Confederação SSMMSS) que era composta pelas três presidentes e três secretárias correspondentes das Sociedades Missionárias Conferenciais (como eram chamadas as Federações de então). Eis os nomes das fundadoras Otília de O. Chaves e Nair Guedes Martins, de Juiz de Fora, Minas; Eula K. Long e Mercedes Seabra, de Porto Alegre, R.G.S.; Lydíia W. Silva e Gláucia W. Duarte, de São Paulo, S.P.<sup>452</sup>

Quanto ao título de *Voz Missionária*, este foi dado em “homenagem a ‘The Missionary Voice’ de nossa amada Igreja Mãe, dos Estados Unidos. A revista teria 12 páginas e inicialmente uma tiragem de apenas 1.000 exemplares.”<sup>453</sup> Sendo a primeira redatora eleita Leila F. Epps, que também era visitadora geral das Sociedades de Senhoras conforme apresentada neste capítulo.

Ao reconstruir alguns dos fragmentos encontrados sobre a sua vida, podemos dizer que Epps nasceu em 6 de abril de 1884, em Kingstree, Carolina do Sul nos Estados Unidos. Filha de Mary Charles McGee Epps e Edwin Epps. Quando chegou ao Brasil, foi apresentada oficialmente durante a 26ª Conferência Anual Brasileira realizada na Igreja do Catete, Rio de Janeiro, no período de 3 a 8 de agosto de 1911.

<sup>451</sup> BOCCHINI, Maria Otília; REIMÃO, Sandra: “A Participação da mulher na mídia”. Disponível em [http://www2.metodista.br/unesco/agora/pmc\\_agora\\_entender\\_eixos\\_otilia\\_sandra.pdf](http://www2.metodista.br/unesco/agora/pmc_agora_entender_eixos_otilia_sandra.pdf). Acesso em 12 de junho de 2008.

<sup>452</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 36, nº 3, Jul-Set de 1966. p. 22 e 23; ano 1, nº 1, Jan-Mar de 1930.p.2; EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol. 84, nº 18, 30 de setembro de 1969. p. 1.

<sup>453</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 16, nº 3, Jul-Set de 1945.

Epps viveu 78 anos, dos quais 37 dedicou ao trabalho realizado em terras Brasileiras.<sup>454</sup> Também foi redatora da *Voz Missionária*, mas por um período de 15 anos, Juanita Campos<sup>455</sup>, que nasceu em 4 de novembro 1903, tornou-se membro da Igreja Metodista no dia 7 de junho de 1952, em Juiz de Fora, Minas Gerais, onde era organista e professora de música, trabalhou no Colégio Granbery e colaborou na elaboração das revistas para a Escola Dominical. Também foi presidente da Junta Geral de Educação Cristã, quando esta organizou a Ordem das Diaconisas. No período em que esteve à frente da *Voz Missionária* (1938-1954), quando perguntada sobre o alcance da Revista em nosso País, ela escreveu usando o seguinte exemplo,

Que numa palestra do escritor Érico Veríssimo, no auditório da Rádio Gazeta de São Paulo, ele deu aos assistentes a oportunidade de fazer-lhe perguntas. Uma delas pedia o nome da publicação periódica mais lida no Brasil. O escritor patricio, que não é evangélico, respondeu sem hesitação: “É a revista ‘Voz Missionária’, das senhoras metodistas.”<sup>456</sup>

E assim prossegue a *Voz Missionária*, pioneira entre as revistas evangélicas veiculadas em nosso País. Hoje, 2008, ela completa 79 anos.

## 5.2 Agentes da *Voz Missionária*

Nesta trajetória é igualmente primordial lembrarmos do trabalho desenvolvido pelas agentes desta revista, mulheres que trabalharam na divulgação. Nas fontes consultadas encontramos Ester Orseti<sup>457</sup> que além de ser agente da revista *Voz Missionária*, prestou serviços para o jornal *Expositor Cristão* e a Bem-Te-Vi (produção de material para as crianças da Escola Dominical). Ela foi organista na Igreja Metodista do Catete, e por um período de dez anos, também visitadora. Nasceu Bolonha, na Itália, filha de Laudice Capponi Mairiani e do ministro da Igreja Valdense Rev. Pietro Mariani. Também foi na Itália que ela conheceu o seu esposo, em seu período de estudos como Engenheiro naval.

<sup>454</sup> Miss Epps faleceu no dia 9 de junho de 1962, cf. EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol.77, nº 14, 15 de julho de 1962.p.7; Id. Ibid., vol 77, nº 16, 15 de agosto de 1962. p. 11; VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 32, nº 4, Out-Dez de 1962. p. 28-30.

<sup>455</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol.81, nº 13, 1º de julho de 1966. p. 11

<sup>456</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 25, nº 4, Abr- Jun de 1954. p. 2.

<sup>457</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol.57, nº 41, 13 de outubro de 1942. p. 8; Id. Ibid., vol. 57, nº 42, 20 de outubro de 1942. p. 5-7.

Além da língua materna (italiano), ela falava e escrevia em francês, inglês, espanhol, alemão e português. Também foi enfermeira nos hospitais da Marinha e do Exército, enquanto o seu esposo trabalhava no Estaleiro Franco-Tosi. Quando acabou a guerra se tornou enfermeira do próprio marido em decorrência das suas experiências com submarinos e outros.

Em 29 de setembro de 1920 ambos desembarcam no Rio Janeiro, e o seu esposo a convite do Conde Francisco Matarazzo passou a dirigir a navegação das suas indústrias, e assim mudaram para Santos, onde Ester Orseti participou da Igreja Congregacional. Com a transferência do seu esposo para o Rio de Janeiro, eles passaram a residir inicialmente em Niterói, e depois na capital, onde ela passou a ser membro da Igreja Metodista do Catete, exercendo as funções descritas anteriormente, e assim permaneceu atuando em diversas frentes de trabalho até o dia 14 de setembro de 1942, data de seu falecimento.

Destacamos ainda o empenho da agente Alice Cobb, que inclusive substituiu Epps durante um ano.

Quando lhe foi confiado o cargo de Agente, nos meados de 1940, a “Voz Missionária” contava com 15.000 assinaturas – mas todos sabem que as assinaturas são anuais e vencem em dezembro – assim sendo, ela movimentou uma grande campanha para as assinaturas de 1941. Depois de 1 ano de atividades constantes, emprestando à nossa revista o melhor de seu talento e de suas energias, ao entregar o cargo a Miss Epps, que regressara de suas férias, d. Alice lhe apresentou um total de 17.300 assinaturas! Colocou a revista em todos os estados brasileiros, levando-a até o Território do Acre.<sup>458</sup>

As agentes eram mulheres com formação ou sem formação escolar, mulheres de todas as idades, como por exemplo, Pacífica Ramaldes Lima, que residia no Abrigo Metodista de Juiz de Fora. Esta história nos é contada por Juanita Campos,

[Da. Pacífica] Não possui recursos financeiros. É diabética. Só sai pela manhã, porque à tarde precisa guardar repouso. Membro da Igreja Metodista há longos anos, e sócia da sociedade de Senhoras, trabalhou com a “Voz Missionária” desde a época quando uma assinatura anual custava apenas dois mil réis. Era ela a sócia que angariava maior número de assinaturas. (...) E é muito interessante o processo por ela usado. Recebe da Sociedade, e de diversas pessoas, números avulsos da “Voz Missionária”. Procurando entrar em contacto com os passageiros dos diversos ônibus que circula pela Rodoviária,

---

<sup>458</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 13, nº 2, Mai-Jun de 1942. p. 3.

oferece-lhes a Revista. Se algum se recusa a comprá-la entregue-lhe gratuitamente um exemplar.<sup>459</sup>

Era assim que Pacífica, aos 70 anos realizava este trabalho como agente da revista *Voz Missionária*. Há vestígios de outras mulheres anônimas neste processo de divulgação da revista. Entendemos que parte desta história poderia ser resgatada, por meio de entrevistas, utilizando-se dos instrumentais da história oral. Porém, o presente trabalho não utiliza este recurso.

### 5.3 Textos escritos por mulheres

Nesta busca de reconhecer as faces das mulheres produtoras de mensagens midiáticas, apresentamos a seguir um levantamento de todos os textos escritos por mulheres durante o período em estudo, 1930-1971, com exceção das traduções feitas por mulheres e os artigos em que as elas escrevem sobre outras mulheres, o que será apresentado logo após este primeiro levantamento.

Para melhor visualização deste processo optamos por dividir em temas, o que representou uma árdua tarefa, pois muitas vezes o título não colaborava para a presente classificação, no entanto ao precedermos as leituras destes artigos tanto do jornal *Expositor Cristão*, quanto da revista *Voz Missionária* nos foi possível apresentar o trabalho descritivo conforme tabelas nº 6 a 18 em anexo.

Conforme a apresentação os temas classificados são os seguintes: Bíblico teológico; Histórico-doutrinário; Estudos bíblicos, cultos e devocionais; Escola dominical; Família; Criança; Questões domésticas; Ensino religioso; Congressos, encontros; Ação social; Música; Diaconisas; Mulheres; outros temas (não classificados).

Os temas abordados com maior frequência, primeiramente são relacionados às questões familiares (45 vezes), em seguida, estudos bíblicos, cultos e devocionais (41), escola dominical (21), crianças (12), mulheres (10), ensino religioso, congressos, encontros, ação social (5), bíblico-teológico e música (4), histórico-doutrinário e questões domésticas (3), histórico-doutrinário (2) e os temas não classificados, em sua maioria são poesias e acrósticos.

Surpreende-nos que, em quarenta anos, somente dois artigos foram escritos sobre as diaconisas e estes foram publicados no *Expositor Cristão*. Portanto, a *Revista*

---

<sup>459</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 31, nº 3, Ago-Out de 1961. p. 21-22.

*Voz Missionária* não teve nenhuma reflexão sobre este assunto, apenas notícias de eventos que envolviam as mulheres diaconisas.

Quanto às temáticas relacionadas às mulheres, dizem respeito às mães, as donas de casa, mulheres citadas na Bíblia e cristãs. Quanto ao texto escrito por Otília de Oliveira Chaves “As mulheres que se libertam para a vida”, este demonstra uma visão diferenciada em meio ao seu contexto, ou seja, em plena ditadura.

Os assuntos de maior incidência, além dos relacionados à vivência da espiritualidade, denotam o espaço privado, especialmente no que tange à família. Entretanto, é importante ressaltar que as questões bíblicas, teológicas, históricas e doutrinárias são consideradas pela sociedade em geral, como pertencentes ao homem; e por outro lado, as questões domésticas tidas como propriamente da mulher. Vemos aí pequenos indícios de uma nova caminhada, em que as mulheres metodistas começam a discutir assuntos sobre Bíblia, teologia, história e doutrina, deixando de agir como meras espectadoras, mas também como participantes ativas.

### 5.3.1 Textos sobre mulheres escritos por homens

Relacionamos, conforme tabelas nº 20 e 21 em anexo, textos sobre mulheres que encontramos na revista *Voz Missionária* e no *Expositor Cristão* referentes ao período em estudo. Porém, estes foram escritos por homens.

Chama-nos a atenção os 17 textos sobre mulheres na Bíblia escritos, em sua maioria por Joaquim Augustinho de Brito. Quando escreveu estes artigos era pastor em Valão do Barro e Mantiquira – RJ. São estudos bíblicos e devocionais que destacam a coragem e a força da mulher.

Os demais textos tratam da figura mulher como mãe, esposa e diaconisa; à exceção dos artigos “A mulher 1953”, e “O momento atual é um desafio à mulher brasileira. Aqui está o que você pode fazer”, no caso o autor se refere a 1962, os quais convidam a inserção da mulher, especialmente nas questões sociais.

### 5.3.2 Traduções de artigos feitas por mulheres

Encontramos ainda algumas traduções de textos realizadas por mulheres e publicadas no *Expositor Cristão* e na *Voz Missionária*.

Título	Traduzido por
Vamos fazer planos para as crianças <sup>460</sup>	Dina Rizzi
Problema dos pais (Adolescência) <sup>461</sup>	Yeda Roesch da Silva Do “Parents Magazine”

### 5.3.3 Mulheres que escreveram sobre mulheres

Em quarenta anos, chama à atenção o fato de uma revista que se destina às famílias, e em especial às mulheres, contenha apenas a publicação de duas histórias de mulheres que escrevem sobre outras mulheres. No caso, Eula Kennedy Long<sup>462</sup>, quando escreve o artigo “Ela conheceu o Brasil-império” em que faz uma breve narrativa sobre a história da missionária Layona Glenn, especialmente sobre o trabalho desenvolvido junto às sociedades de senhoras metodistas.

O outro artigo, intitulado “Da macumba para Cristo”, escrito por Ottília Pontes<sup>463</sup> escreve sobre Daria Gláucia, e sua vida como “mãe de santo”. Deve-se dizer que este é o único artigo que faz referência explícita à cultura afro, porém com preconceitos, todavia, condizente com o pensamento daquele contexto histórico. Entretanto, é um testemunho sobre o processo de conversão de Daria.

Encontramos também no jornal *Expositor Cristão*, mais dois textos escritos por Abigail Dutra Gelsich, presidente Federação de Mulheres da Região do Centro, ela escreve sobre Francisca Ellis, a tesoureira da Federação da SMS<sup>464</sup> e sobre Eula Bowden, um breve histórico de sua vida.<sup>465</sup>

### 5.3.4 Mulheres que escreveram sobre homens

Nestes quarenta anos, o único artigo que encontramos neste sentido é escrito por Ottília de Oliveira Chaves, intitulado “Palavras de Saudades” (em memória de Odilon G. Nocetti). Ele se considerava filho adotivo de Ottília Chaves, especialmente durante o

<sup>460</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 77, nº 20, 15 de outubro de 1962. p. 6.

<sup>461</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 22, nº 4, Out-Dez de 1951.

<sup>462</sup> Id. Ibid., ano 36, nº 3, Jul-Set de 1966. p.4-7.

<sup>463</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 37, nº 3, Abr -Jun de 1967.p.12 e 13.

<sup>464</sup> Id. Ibid., ano 13, nº 2, Mai-Jun de 1942.p.3.

<sup>465</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 64 São Paulo, 3 de novembro de 1949 N° 44. p.7.

período em que conviveram na Faculdade de Teologia do Granbery, em Minas Gerais. E posteriormente continuou escrevendo para Otília, sobretudo no Dia das Mães.

#### 5.4 As mulheres metodistas e sua atuação nos programas radiofônicos

No que tange aos programas religiosos radiofônicos, segundo a pesquisa de Hebert de Souza, que escreve sobre a comunicação eclesial protestante no Brasil, a primeira iniciativa data de 1929:

Os luteranos (...) foram os primeiros protestantes no Brasil a utilizar o Rádio como meio de comunicação massivo para a difusão da fé. No dia 25 de maio de 1929, foi anunciado na Rádio Clube do Brasil, que à noite seria transmitido um culto pela Igreja Evangélica Luterana. Conforme Rodolpho A. Wart, que – a voz da cruz “este foi o primeiro culto radiofônico a ser apresentado no Brasil e na América do Sul”.<sup>466</sup>

Há indícios de que as mulheres metodistas também estavam presentes nestes primeiros passos dos programas radiofônicos religiosos, pois encontramos em 1931 a seguinte notícia: “Domingo, dia 16 de agosto, p. p. O Instituto Central do Povo fez-se representar na ‘Hora Christã’ da Rádio Educadora (das 15 as 16) com um programma infantil de alumnos da Escola Diária, organizado pelas professoras, snhas. Jurema d’Avila, Eunice de Oliveira e Alba Pereira.”<sup>467</sup>

Provavelmente ocorreram outras iniciativas, mas este é um caminho a ser percorrido em uma nova pesquisa sobre as mulheres metodistas e a sua inserção nos programas radiofônicos.

Herbert de Souza diz que surge em Brasília iniciativas dos metodistas de utilizarem o rádio e a TV como meio de evangelização: “Almir Pereira Bahia, pastor metodista designado para atuar no Distrito Federal, inicia um programa radiofônico, dominicamente à 8h45, transmitido, pela Rádio Nacional de Brasília aos domingos. (Expositor Cristão, 1963,1).”<sup>468</sup>

---

<sup>466</sup> SOUZA, Hebert Rodrigues de. “Trajetória da comunicação eclesial protestante no Brasil: o pensamento e a ação de Reinhard Brose”. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pós Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, 2005. p.52.

<sup>467</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão Oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 45, nº 33, 23 de setembro de 1931.p.13.

<sup>468</sup> SOUZA, Hebert Rodrigues de. op. cit. p. 62.

Entretanto, ao percorrermos o *Expositor Cristão* de 1958, encontramos Ercília Escobar, chamada de “A sentinela Avançada”. Nascida na cidade de Santa Rita do Passa Quatro, em Minas Gerais, era filha de Ana Jacinta B. Escobar e Moisés Claro Escobar. Estudou no Colégio Isabela Hendrix, em Belo Horizonte e no Instituto Granbery, em Juiz de Fora, e exerceu o magistério em várias cidades do interior e também na capital mineira. Conta-nos a reportagem que ela instalou em Santa Rita do Passa Quatro uma torre para a irradiação de um programa diário:

Diariamente era irradiado o programa composto por músicas, hinos, sermões e orações, cujo poderoso som penetrava no templo católico romano local que se situa nas proximidades da torre. Com a contínua irradiação, aqueles desinteressados se tornaram ouvintes, a princípio por curiosidade, depois em ouvintes atentos ao ponto de maravilhados pedirem bis aos discos. Primitivamente a torre era um alto poste de madeira, constantemente danificada pelos inimigos e seus secuases, daí a necessidade de ser substituída pela torre metálica, 13 metros de altura.<sup>469</sup>

Mesmo sendo uma notícia extraída do necrológio não há data de nascimento e morte, apenas o autor cognominado de D. Rizzo, encerra dizendo “terminou assim a missão daquela ‘sentinela avançada’ que foi um grande incentivo do Protestantismo naquele ambiente de incompreensão religiosa.”

Conforme dito anteriormente, se o programa de rádio iniciado em Brasília ocorreu em 1963; pelo relato acima datado de 1958, podemos evidenciar em uma cidade do interior de Minas Gerais o protagonismo de uma mulher metodista, mesmo que não fosse em nível nacional a irradiação deste programa, certamente em Santa Rita do Passa Quatro ao irradiar músicas, sermões orações e hinos, ela também se envolvia no cotidiano das pessoas daquela localidade.

Nesta trajetória encontramos igualmente um breve comentário sobre o trabalho realizado em nome da Sociedade Metodista de Senhoras de Poços de Caldas: “É de se destacar também o trabalho feito na Rádio local por duas sócias”. Segundo as fontes pesquisadas, estas foram às atuações das mulheres metodistas em relação aos programas religiosos radiofônicos.

---

<sup>469</sup> Ercília Escobar usava o pseudônimo de Bráulia d’ Eufrásio, pois também era conhecida como poetisa da cidade, cf. EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão Oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 4, 9 de outubro de 1958. p. 15.

## 5.5 As mulheres metodistas e sua atuação na televisão

Os programas protestantes televisionados iniciaram-se na década de 60, e a Igreja Metodista é considerada a protagonista neste processo histórico. Segundo as pesquisas realizadas por Hebert de Souza, “os pioneiros na inserção protestante na televisão foram os metodistas com o programa ‘O Cantinho da minha Fé’, provavelmente lançado no mês de fevereiro de 1961”.<sup>470</sup>

O programa era exibido no Canal 9 – TV Excelsior, aos domingos às 15 horas. Joel Jorge de Mello interpretava o evangelista Stanley Jones, numa série de conferências, realizadas na Igreja Metodista Central de São Paulo, e o grupo coral da Escola Dominical daquela também cantava em quase todos os programas, exceto naqueles em que houvesse apresentação especial de algum grupo musical convidado.<sup>471</sup> É importante ressaltar que este programa também ficou conhecido pela música “Graças dou” utilizada na abertura, que foi traduzida por Alice Ostergren. A história dela será relatada mais adiante. Portanto, neste pioneirismo dos programas televisionados há que se registrar também o nome desta mulher, Alice Ostergren, como regente do coral.

Quanto à repercussão deste programa,

o IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) dá como bom o índice de audiência, com oscilações. O nosso programa é um dos poucos que no primeiro mês de apresentação conseguiu classificação entre os programas preferidos pelos telespectadores. Já em fevereiro o nosso programa alcançava 5% das audições dominicais.<sup>472</sup>

Há ainda, uma notícia que data de 1960:

A escolinha dominical se apresenta com os seguintes quadros: A Classe com 10 alunos e tendo como professora a Dra. Alba Marinho, da Igreja Metodista de Vila Isabel. O Conselho do pastor, a cargo do Rev. Stelco Severiano da Silva, pastor da Igreja Presbiteriana de Botafogo (...) Coral – Cada domingo do mês participa um dos categorizados coros da capital da República.<sup>473</sup>

<sup>470</sup> SOUZA, Hebert Rodrigues de. op. cit. p.59.

<sup>471</sup> Joel Jorge de Melo era membro da Igreja Metodista de Vila Mariana – SP, e presidente do partido político em formação intitulado “Ação Cristã Brasileira”, cf.; EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão Oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 78, nº 4, 15 de fevereiro de 1963, p.4. Atualmente há uma rua em São Paulo que tem o nome de Melo, localizada em frente à Igreja Metodista de Vila Mariana.

<sup>472</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão Oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 76, nº 17, 15 de setembro de 1961. p. 12.

<sup>473</sup> Id. Ibid. vol. 75, nº 9, 3 de março de 1960. p. 1.

O programa Escolinha Dominical dirigido pela professora Alba Marinho era televisionado no Distrito Federal, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, onde a TV Rio – Canal 13 tinha alcance. Porém, o coordenador deste programa, Guilherme Monteiro, no período de publicação da matéria, estava em negociação com a TV Record para que o programa chegasse até São Paulo. No que tange as mulheres metodistas, é evidente o protagonismo de Alba Marinho na história dos programas protestantes televisionados.

## 6 Desvelando novos rostos

A historiografia tem se preocupado especialmente com a descoberta de outras histórias que contemplem a abordagem do cotidiano, o que tem contribuído para a renovação e a recuperação de experiências de outros setores da sociedade, em sua maioria setores emergentes. Segundo a historiadora Maria Izilda S. Matos, a importância dada à vida cotidiana nos escritos históricos vem crescendo, especialmente a partir da década de 1960, com a publicação do estudo “Civilização Material e Capitalismo”, de Braudel, um representante da Escola dos Annales. A também chamada Nova História ampliou as áreas de investigação e possibilitou novos conceitos. E além disso, as contribuições de Foucault, Derrida e Thompson trouxeram luzes para uma “cultura de resistência”, politizando assim o cotidiano.<sup>474</sup>

Esta preocupação nos possibilita a desvelar novas faces, especialmente pela trajetória do trabalho feminino. As mulheres enfrentavam o trabalho doméstico e também domiciliar, o que proporcionava uma relativa autonomia.

### 6.1 Clecilia Bidone [costureira]

Referimos-nos aqui inicialmente às costureiras, como Clecilia Bidone<sup>475</sup>, segundo o fragmento encontrado no jornal *Expositor Cristão*, “Muitas vezes a encontramos em sua Costuraria, cercada de moças que com ela trabalhavam e aprendiam.” Clecilia Bidone foi um dos primeiros membros da Igreja Metodista em Cachoeira do Sul – RS. Era sócia da Sociedade Metodista de Mulheres desde quando se chamava Sociedade Auxiliadora de Senhoras, ela trabalhou em diversas atividades da

<sup>474</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura, história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002. p.21-23

<sup>475</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 48, nº 27, 18 de julho de 1934. p.5 e 6.

igreja, especialmente as relacionadas com a sua profissão, por exemplo, na confecção de roupas para pessoas pobres. Não encontramos a indicação de data de nascimento ou morte, apenas o registro de que ela faleceu aos 54 anos.

## 6.2 Maria Andriolo [costureira]

Há também a história de Maria Andriolo que “vendeu 2 camas por 250 cruzeiros e doou a Faculdade de Teologia”,<sup>476</sup> no período em que estava sendo construído um dormitório para os estudantes de teologia. Ela ainda fez o compromisso de doar vinte cruzeiros por mês, do valor que recebia com as suas costuras.

## 6.3 Maria da Conceição Alvez Costa [costureira]

Das costureiras, há uma jovem chamada Maria da Conceição Alvez Costa, cuja necrologia registra: “disse que iria deixar a máquina de costura para as missões,”<sup>477</sup> certamente o seu bem mais precioso. Sobre ela apenas consta a data de nascimento (4/12/1932) e falecimento (30/7/49), o que revela que esta jovem mulher faleceu apenas com 17 anos.

## 6.4 Maria Lopes Rubim (Dinha) [tecelã e costureira]

Maria Lopes Rubim,<sup>478</sup> conhecida como Dinha, era uma senhora que na tenra idade tornou-se membro da Igreja Metodista no Espírito Santo – ES, no dia 4 de abril de 1906, cantava no coral, era evangelizadora, visitadora, tecelã e costureira. Consta ainda que faleceu aos 98 anos deixando nove filhos, 130 netos e 300 bisnetos. Dinha além de ser progenitora de uma grande família, provavelmente, também marcou o cotidiano daquela comunidade, tendo em vista a diversidade de suas atuações.

---

<sup>476</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol.58, nº 13, 30 de março de 1943. p. 4.

<sup>477</sup> Id. Ibid. vol. 64, nº 39, 29 de setembro de 1949. p.15.

<sup>478</sup> Id. Ibid. vol.54. nº 6, 11 de fevereiro de 1954, p.7

## 6.5 Lucinda Muniz Reis (Doca) [costureira]

Há também registro de uma homenagem póstuma à Doca, Lucinda Muniz Reis,<sup>479</sup> natural de Itaqui – RS, que se casou com Teófilo Moreira Reis e foi residir em Palmeira das Missões. Nesta história identificamos a seguinte situação; devido à crise pós-guerra, o trabalho do seu esposo estava passando por dificuldades e, conseqüentemente, ele tornou-se um alcoólatra. Doca enfrentou esta situação como costureira, doceira, engomadeira de roupas masculinas e agente da máquina de costura Singer. Quanto aos trabalhos desenvolvidos pela Igreja Metodista, em Palmeira das Missões, as primeiras pregações foram realizadas no salão da Prefeitura Municipal; como não havia luz elétrica, Doca emprestava a lâmpada de carbureto que usava para costurar no período da noite. Consta ainda, que uma Escola Paroquial foi estabelecida na sua casa, e que o casal passou a residir em Ijuí – RS.

Nesta trajetória do trabalho feminino iremos nos referir às lavadeiras. Iniciemos com a história de uma mulher anônima:

Findado o culto do segundo domingo de março - Dia da Faculdade de Teologia após um apelo para colaborar com a Faculdade de Teologia apresentou-se uma senhora que disse não ter dinheiro, mas que poderia lavar roupa, e o reitor da Faculdade, Rev. Paul Buyers e a senhora [sem nome] marcaram para encontrar -se na segunda feira.“Na segunda-feira ela chegou na hora marcada e combinou com dois moços para lavar roupas durante o ano. Perguntei-lhe: “A senhora mora perto” Ela respondeu-me “Não, não é muito longe, mas tenho de tomar o bonde”. “Neste caso” disse eu, “os rapazes devem pagar ao menos, as despesas do bonde”. Ela porém não queria, dizendo que seu filho que vende jornais poderia dar-lhe o dinheiro para o bonde. Mas dissemos que pagaríamos toda a despesa que ela tivesse com o bonde” Assim combinamos, e ela tem feito o trabalho.<sup>480</sup>

## 6.6 Maria da Silva [lavadeira]

Há indícios de outras mulheres, também anônimas que colaboraram com a Faculdade de Teologia, como Maria da Silva,<sup>481</sup> que além de oferecer os seus serviços

<sup>479</sup> As informações acima estão baseadas no relato de E.S. Carvalho e data de janeiro de 1956. D. Lucinda faleceu em 10 de agosto de 1955. Id. Ibid., vol. 71, nº 7,16 de fevereiro de 1956. p. 11.

<sup>480</sup> Escreve o reitor da Faculdade de Teologia Paul Buyers. EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão Oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.56, nº 13, 15 de abril de 1941. p. 5.

<sup>481</sup> Id. Ibid. vol. 56, nº 29, 2 de setembro de 1941. p. 13.

como lavadeira, ofertou 50\$000. Portanto, há mulheres que contribuíram com o seu trabalho para o desenvolvimento da Faculdade de Teologia, e também da Igreja.

### 6.7 Castorilda Alves de Moraes [lavadeira]

Entre as lavadeiras, encontramos mulheres metodistas que sustentavam os familiares, com o seu trabalho. Destacamos Castorilda Alves de Moraes, membro da Igreja Metodista em São Luiz Gonzaga – RS, que “Achava-se na velhice bastante cansada e acobardada pelos muitos trabalhos que passara na vida, indo e vindo diariamente da fonte com pesadas trouxas de roupa, a-fim-de ganhar o sustento para si e para os seus. Deixa ela quatro filhas, netos e outros parentes.”<sup>482</sup> A fonte referida neste fragmento diz respeito às fontes e chafarizes públicos, pois muitas das residências, especialmente das pessoas mais pobres, não possuíam instalação de água encanada. Por isto partilhavam dos tanques que eram comunitários, e provavelmente tinham que aguardar a sua vez para ocupar o tanque. Elas geralmente saíam cedo de suas casas com pesadas trouxas, tábua de lavar e o sabão, e retornavam com as roupas molhadas para estender em seu quintal. Além disso, em sua maioria usavam tamancos devido ao excesso de água no local. E esta também pode ser a história de Maria Cândida de Souza, que nasceu em Palma, Minas Gerais no dia 2 de agosto de 1890 e faleceu no dia 19 de março de 1944, “era viúva e vivia lavando roupa e cuidando de suas filhas e netos”.<sup>483</sup>

### 6.8 Lucinda Muniz Reis [lavadeira, costureira]

Há também mulheres que exerciam mais de uma atividade profissional, como. Lucinda Muniz Reis citada anteriormente, e Sophia Arantes da Silva,<sup>484</sup> que nasceu no dia 27 de março de 1869, na cidade de Juiz de Fora – MG e mudou-se para Campinas – SP, e depois para a capital onde passou a freqüentar a Igreja Metodista Central de São Paulo. Na campanha de pró-reforma do templo, ela ofereceu um terreno no subúrbio da capital, que havia sido comprado com o seu trabalho, como lavadeira. Porém, nos

---

<sup>482</sup> Dona Castorilda faleceu aos 60 anos, no dia 22 de abril de 1941.

<sup>483</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol. 59, nº 16, 20 de abril de 1944. p.16.

<sup>484</sup> Sophia Arantes Silva faleceu dia 6 de fevereiro de 1953 aos 84 anos. Id. Ibid. vol. 68, nº 10, 5 de março de 1953. p.16.

últimos anos era costureira, ela também realizava visitas e por muito tempo em sua casa funcionou uma escola dominical.

### 6.9 Maria Moutinho [lavadeira, costureira, cozinheira]

Encontramos também uma homenagem que Eula Harper Bodwen prestou à Maria Moutinho pela passagem do seu aniversário. Eula refere-se a ela dizendo: “Cozinheira (...) Mãe dos moços (...) é costurando, pregando um botão ou cerzindo um rasgão, ou passando uma roupa, ou até lavando para aqueles que não podem pagar lavadeiras. E quando um moço está doente é ela quem faz remédios, chás, etc. e muitas vezes leva as refeições para eles.”<sup>485</sup> Ela trabalhava na Faculdade de Teologia desempenhando as funções acima citadas. Além disso, colaborou no Congresso de Senhoras e era superintendente do Departamento de Missões, atuando especialmente na visitação, e, devido à sua dedicação, a Igreja Metodista em Rudge Ramos, São Bernardo do Campo – SP, estabeleceu um trabalho próximo à fábrica de cerâmica.

### 6.10 Cezarina Maria dos Anjos [parteira]

Além das costureiras e lavadeiras relacionadas anteriormente, encontramos parteiras, como Cezarina Maria dos Anjos,<sup>486</sup> participante da Escola Dominical e dos cultos e também uma das fundadoras da Igreja Metodista em Jericó – SP. Era reconhecida não somente na igreja, mas também na cidade, como parteira. No fragmento encontrado consta que ela faleceu aos 78 anos.

### 6.11 Persides Soares do Nascimento [parteira]

Encontramos também registro sobre Persides Soares do Nascimento, esposa do cozinheiro da Faculdade de Teologia, Benedito do Nascimento. Ela fez um curso na Maternidade Matarazzo, e em onze anos de trabalho no bairro de Rudge Ramos, São Bernardo do Campo – SP, consta o atendimento de “mais de seis mil casos de partos e

---

<sup>485</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão Oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 64, nº 23, 9 de junho de 1949. p. 4.

<sup>486</sup> Id. Ibid. vol 78, nº 6, 15 de março de 1963. p. 10.

desde que se iniciou como parteira apenas não teve êxito em dois casos.”<sup>487</sup> Nesse período, a maioria dos partos era realizada nas casas.

## 6.12 Nucci [mascateira]

Além de costureiras, lavadeiras, e parteiras, encontramos a história de uma mascateira, chamada de Nucci, contada pelo pastor da Igreja Metodista Central em São Bernardo do Campo.

Em meados de 57 fiquei conhecendo uma espanhola baixinha, mãe de cinco filhos, disposta como ela só. Naquela época ela já contava 50 anos, mas ontem, como hoje, era como se estivesse montada no tempo e não servindo a ele de montadura. Peso dos anos é cousa que não conhecia e não o conhece ainda, decorrido onze anos. A nossa dedicada “espanholinha” viera de Dourado, onde deixara um sem número de amigos e freguêses. Freguêses, sim, porque ela tem uma irresistível vocação para o mascate. Tanto assim que, muito embora seu esposo já estive estabelecido nesta cidade, a nossa inesquecível espanhola de quando passara a mão nalgumas malas, cheias de mercadoria, pesadas como só, e sôzinha tomava trem ou ônibus em demanda à sua antiga clientela. (...) Mantém ela, por isso, mesmo, sua pequena loja de roupas em dependência do nosso mercado municipal. (...) é comum vê-la, com qualquer tempo, participar animadamente dos trabalhos da igreja, alguns dêles difíceis. Especialmente os de evangelização, em lugares afastados e ermos.<sup>488</sup>

Esta mascateira é também uma mulher anônima, apenas chamada de Maria ou Nucci. Há indícios de que outras mulheres mascateiras que atuaram no trabalho realizado pela Igreja Metodista.

## 6.13 Balbina Caetano [zeladora]

Há também mulheres que trabalharam na zeladoria das Igrejas, como Balbina Caetano, viúva e exerceu esta profissão durante um período de vinte anos.

Sendo pobre como era, e ainda saciou a fome a muitos pobres, pois, sua casa sempre vivia cheia, não só de enfêrmos os que vinham hospedar-se ali em busca de recursos médicos como também de mendigos que não tinham onde comer e nem

<sup>487</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão Oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.79, nº 13, 1º de julho de 1964.p. 1.

<sup>488</sup> O nome do pastor da IM em SBC neste período é Leonildo Magdalena. Id. Ibid. vol. 84, nº 3, 15 de fevereiro de 1969. p.6.

dormir. Com poucos recursos como tinha, nunca nenhum enfermo ou pobre saiu de sua casa sem que ela lhe prestasse o seu auxílio.<sup>489</sup>

Quanto ao trabalho feminino exercido nos meios urbanos, evidenciamos inicialmente as mulheres nas fábricas. As duas mulheres encontradas exercendo estas funções são desveladas a partir de necrologia. Primeiramente uma senhora de 82 anos da Igreja do Jardim Botânico – RJ, que trabalhava na fábrica de tecidos do Andaraí e ainda cuidava de três órfãos que criou como filhos. Consta que o gerente da fábrica lhe concedia serviços leves, como o corte de fios. Não há mais informações sobre ela. Devido a notícia de um acidente que ocorreu na Fábrica de Explosivos Mantiqueira S/A, consta que Esther Pereira Aguiar foi encontrada entre os escombros, ela freqüentava ativamente a Escola Dominical e era membro da Igreja Metodista em Piquete – SP.

#### 6.14 Tia Mariana [catadora de papel]

Surpreende-nos nesta trajetória a história de “Tia Mariana” contada por Leila Epps:

“Tia” Mariana é a velhinha preta, humilde, mas excepcional, que toda a cidade de Juiz de Fora conhece. Crente fervorosa, ela possui aquela fé capaz de remover montanhas de que fala o Grande Apóstolo. No afã glorioso de servir ao Senhor, ela sai, todos os dias, manhã cedinho até ao entardecer, a catar papeis pelas ruas da cidade, revertendo-se a pequena renda em benefício da Igreja Metodista local, a que serve com ardor.<sup>490</sup>

Leila Epps ainda a descreve: “velhinha, baixa, corcunda, com seu vestido azul, descalça, carregando as costas um saco de estopa geralmente cheio de papel, e numa das mãos um pau, que serve de bengala.”<sup>491</sup> Tia Mariana era membro da Igreja Metodista Central, em Juiz de Fora – MG. Além de colaborar com a igreja local ela solicitava que o dinheiro fosse encaminhado para os órfãos e assim o valor por ela recolhido era destinado ao Orfanato Ana Gonzaga, no Rio de Janeiro.

<sup>489</sup> Esta história foi escrita por Adão Ribeiro, a Balbina faleceu no dia 18 de novembro de 1951, em Cambará. Id. Ibid. vol 67, nº 30 e 31, 24 e 31 de janeiro de 1952. p.7.

<sup>490</sup> Tia Mariana faleceu em Juiz de Fora no dia 4 de janeiro de 1948. VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 13, nº 4, out-dez de 1942. p.3; ano 19, nº 2, Mai-Jun de 1948. p. 1.

<sup>491</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 9, nº 1, jan-Mar de 1938. p.3.

## 6.15 Laura Cardoso [serviço público – Telefonia]

Mulheres com as mais diversas faces, de catadoras de papel ao serviço público, visibilizamos a Sra. Laura Cardoso, gerente do Centro da Telefônica Brasileira em Pirassununga.<sup>492</sup>

## 6.16 Lucilia Minssen [serviço público – biblioteca]

Lucilia Minssen,<sup>493</sup> que nasceu em Cachoeira do Sul -RS, estudou em São Paulo e nos Estados Unidos, e foi a primeira mulher a ocupar o cargo de direção da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, participou ativamente da Igreja Metodista Central, em Porto Alegre, atuando também como professora universitária. Alda Marques Gonçalves,<sup>494</sup> professora e vice-presidente da Federação de Senhoras, e membro da Igreja Metodista em Presidente Prudente – SP, trabalhou na Secretaria de Alfabetização desta cidade.

## 6.17 De “filhas” dos colégios metodistas a Primeiras- Damas

### 6.17.1 Anita Costa

Nesta trajetória encontramos Anita Costa,<sup>495</sup> ex-aluna do Colégio Piracicabano e esposa do atual [1944] do interventor federal do Estado de São Paulo, Fernando Costa. O Colégio Piracicabano prestou homenagem póstuma devido as suas atividades como primeira-dama, no dia 13 de setembro, pois ela faleceu no dia 9 de julho de 1944. Encontramos também Berenice Catão Magalhães, esposa do governador de Minas Gerais, José de Magalhães Pinto, ela estudou nos educandários metodistas, e era aluna assídua da escola dominical e do culto. A Igreja Central de Belo Horizonte prestou-lhe homenagens pela sua atuação como primeira dama.

---

<sup>492</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol. 47, nº 34, 20 de setembro de 1933. p.10.

<sup>493</sup> Id. Ibid. vol. 84, nº 2, 31 de janeiro de 1969. p.10.

<sup>494</sup> Id. Ibid. vol. 69, nº 20, 20 de maio de 1954. p.12.

<sup>495</sup> Id. Ibid. vol.59, nº 43, 26 de outubro de 1944. p.5.

### 6.17.2 Maria Tereza Goulart

Também encontramos Maria Tereza Goulart,<sup>496</sup> quando ela estudou no Colégio Metodista no período de 1947 a 1950, o seu nome de solteira era Maria Tereza Fontanela, ela tornou-se esposa do presidente da república João Goulart.

### 6.18 Nehyta Ramos

Nos deparamos ainda com a Nehyta Ramos,<sup>497</sup> a esposa do deputado federal Ruy Ramos, ela era considerada líder do comando feminino trabalhista, evidenciamos a sua atuação no Partido Trabalhista Brasileiro, PDT. No entanto, esta história se descortina a partir de um acidente aéreo que causou a morte deste casal, na ocasião “O governador do Estado do Rio Grande do Sul [Leonel de Moura Brizola] acompanhou pessoalmente as providências tomadas e declarou à imprensa “a morte de Ruy Ramos e Nehyta foi uma perda irreparável para o nosso Estado, pois os dois se excediam na dedicação à causa pública”. O cortejo deslocou-se de Porto Alegre com três aviões da Varig até Alegrete – RS.

Nesta trajetória evidenciamos rostos multiformes da presença das mulheres metodistas na sociedade brasileira.

## Considerações finais

Nesta trajetória são muitos rastros perseguidos e nestes vislumbramos várias faces de mulheres, as faces sociais, educacionais, pastorais, eclesiásticas, midiáticas.

Quando abordamos as mulheres e a vivência eclesiástica, especialmente no que tange a sua participação nos concílios, elas são encontradas nas comissões de diplomacia, de atas, ou prestando relatórios de suas atuações sociais e educacionais.

Por isto usufruímos da terminologia “poder eclesiástico” para dizer que no período em estudo, as mulheres participavam nas articulações e decisões realizadas nos Congressos de Senhoras e até se preparavam para estes conclaves, se

---

<sup>496</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão Oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 79, nº 7, 1º de abril de 1964, p. 11.

<sup>497</sup> Id. Ibid. vol. 77, nº 22, 15 de novembro de 1962. p.1,10-11

instrumentalizavam com manuais indicando como proceder nestes momentos deliberativos e decisivos.

Elas também participavam dos concílios distritais e regionais, mas em minoria. Entretanto a “turma do tricô”, como se refere a Otília de Oliveira Chaves, esta diz respeito às mulheres que ficavam nos “fundos” dos concílios, ou seja, nas últimas cadeiras do auditório onde ocorriam os conclaves. As pessoas ali sentadas, em sua maioria são encontradas nas Sociedades de Senhoras, nas Escolas Dominicais, na Área Social, ultrapassando as fronteiras da Igreja e marcando a sua presença na sociedade, e transformando o cotidiano.

Mas no que tange, a decisão dos rumos e metas da Igreja, ao exercício do “poder eclesiástico” elas se encontram ocultadas e silenciadas.

## CAPÍTULO 3

### AS MULHERES METODISTAS E SUAS OBRAS

Apesar da menor abrangência deste capítulo consideramos os assuntos nele introduzidos, imprescindíveis para o desenvolvimento desta pesquisa. A seguir apresentamos a produção bibliográfica de mulheres metodistas das quais destacamos Ottília de Oliveira Chaves e Eula Kennedy Long, pois as demais escritoras relacionadas durante o período em evidência, escreveram somente um livro, e em sua maioria, relacionado à Escola Dominical, ou à história do Colégio do qual fizeram parte efetivamente, e estas já foram relacionadas no decorrer da pesquisa.

Portanto, optamos por apresentar inicialmente as escritoras Eula Kennedy Long e posteriormente Ottília de Oliveira Chaves, ambas leigas da Igreja Metodista. Em seguida percorreremos as suas obras procurando responder as seguintes questões: Quais os grandes temas de suas obras? Que demandas elas respondem? A mentalidade destas mulheres é adequada aos padrões culturais da sua época ou há indícios de autonomia em seu pensamento que as transforma em mulheres originais? Iniciemos, pois esta trajetória com Eula Kennedy Long.

#### 1 Eula Kennedy Long

Eula Kennedy Long, leiga metodista, membro correspondente da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul e da Academia de Letras de Estado do Rio

Grande do Sul. Também é representante da Federação de Academias de Letras do Brasil, nos Estados Unidos. Ela cooperou durante muitos anos com a Associação Cristã de Moços – ACM, especialmente no Departamento de Assistência aos Flagelados. Eula Long juntamente a ACM e o seu esposo Frank M Long instituíram a celebração do Dia das Mães no Brasil, trajetória que começou em Porto Alegre – RS, em 1921 já estava em São Paulo, e finalmente em 1932, o então Presidente da República Getúlio Vargas assinou o decreto instituindo oficialmente o Dia das Mães no Brasil.

Em Taubaté, cidade natal de Eula Long, foi inaugurada uma placa em sua homenagem no Centro de Assistência à Criança. Eula participou de diversos eventos na cidade especialmente em homenagem ao seu pai Rev. James L. Kennedy, como a inauguração rua com o nome dele, que foi um dos professores do escritor Monteiro Lobato.

Quanto à sua atuação nas igrejas locais, era organista, professora da Escola Dominical, e ocupou vários cargos nas Sociedades Metodistas de Senhoras. É importante ressaltar que Eula Long sugeriu o lema das Sociedades de Senhoras utilizado até o presente: “Viver para servir”.<sup>498</sup>

## 1.1 Eula Kennedy Long e suas obras

A Junta Geral de Educação Cristã solicitou a Eula Kennedy Long que escrevesse um livro por ocasião das celebrações do primeiro centenário da Igreja Metodista em terras brasileiras. Eula escreveu o livro intitulado: *Do meu velho baú metodista*.

A historiadora começa o livro parafraseando as palavras de Alexandre de Mello Moraes<sup>499</sup>: “A Igreja que não conhece a sua origem e nem o que praticaram seus pioneiros, não tem raízes profundas para alimentar o seu presente ou dirigir o seu futuro”.<sup>500</sup> Com esta paráfrase Eula utiliza a palavra ‘pioneiros’, e não a palavra ‘maiores’ como a citação original do sociólogo. Ela indica não fazer acepção de pessoas, considerando os antecessores somente pioneiros da história. Eula também

<sup>498</sup> VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 29, nº 4, Out-Dez de 1959. p. 9; EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 48, 28 de novembro de 1957, p. 1. Disponível em <http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/975627> Acesso em 01 de julho de 2008.

<sup>499</sup> Historiador e sociólogo do século 19. Frase original: “Um povo que não conhece a sua origem e nem o que fizeram seus maiores, ignora tudo, não tem passado, vive do presente”. In: LONG, Eula Kennedy. *Do meu velho baú metodista*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã, 1968. p. 13.

<sup>500</sup> Id. Ibid. p. 13.

usufri das palavras do Bispo Sante Umberto Barbieri, demonstrando assim a sua constante preocupação com a história:

A história é o único elemento em nossa vida social que nos liga ao passado. Cortaríamos de nós mesmos uma importante parte, se omitíssemos a história... Podemos existir sem a história, mas não viver... Na história se refugia a vida que já foi para não morrer... para continuar vivendo, para obrigar-nos a viver (...) É a visão do passado que nos empurra à conquista do porvir, ao qual posso acrescentar e com ela lançamos bases seguras para o futuro.<sup>501</sup>

No livro *Do meu velho baú metodista*, a historiadora descreve inicialmente o que considera os “Albores do Protestantismo no Brasil e as primeiras sementeiras metodistas no Brasil”, ou seja, os primeiros passos do protestantismo e mais especificamente do metodismo. É importante destacar que na breve descrição que ela faz sobre o protestantismo, não apresenta histórias de mulheres neste processo. Somente ao descrever os primeiros passos do metodismo, ela cita o nome de duas mulheres, a esposa do Rev. Parrish Kidder, Cyntia e Maraella Russel, dizendo talvez fosse a irmã de Cyntia devido ao sobrenome comum. Porém, não há maiores detalhes sobre esta questão.<sup>502</sup> Em uma das viagens do Rev. Kidder, ele não foi acompanhado pela esposa Cyntia, e escreveu a ela dizendo:

Ah Cyntia, esposa e companheira de missionário, mãezinha que ficavas só nesta terra estranha, enquanto o teu marido viajava longe, meses a fio, distribuindo a Palavra de Deus e anunciando as boas novas! Quantos receios e quantas saudades não terás sentido! Contudo, fervorosamente cristã, como teu marido descreveu-te, não hesitaste em aceitar o peso da solidão, do medo e da incompreensão de tua missão!<sup>503</sup>

Mesmo que indiretamente, esta passagem fornece informações sobre o cotidiano das esposas de pastores, e revela o enfoque a partir do qual são percebidas pela autora. Por outro lado, Kidder reconhece o trabalho de Cyntia, e a igualdade no enfrentamento das dificuldades missionárias, em meio à solidão, ao medo e a incompreensão. Contudo, ela não o acompanhou nesta viagem de 1º de julho de 1839 devido ao casal de filhos ainda muito pequenos, por isto Kidder refere-se a Cyntia como a mãezinha que fica só na terra estranha.

<sup>501</sup> LONG, Eula Kennedy. op. cit. p. 14.

<sup>502</sup> Id. Ibid. p. 28. Eula também diz que Maraella com o professor M’Murdy. Porém, não apresenta outros detalhes sobre esta questão.

<sup>503</sup> Id. Ibid. p. 35.

Em 16 de abril de 1840 consta o falecimento de Cyntia, com a idade de 22 anos e seis meses, e Kidder escreve:

Vítima de cruel moléstia, nossa amada esposa em poucos dias baixou prematuramente à sepultura. Fora roubada ao exercício de uma atividade na qual se especializara cuidadosamente. Sua dedicação e devotamento ao serviço que lhe fora destinado, foram repentinamente cercados pela mão da morte. Morreu, porém da mesma forma que vivera, humildemente, fervorosamente cristã; e em seu último alento, triunfou sobre o inimigo adormecendo mansamente em Jesus, o Salvador.<sup>504</sup>

Cyntia morreu provavelmente de febre amarela, considerada a moléstia desta época. É importante destacar que Kidder refere-se ao cuidado de Cyntia em se preparar para a atividade missionária no Brasil, pois ela aprendeu a falar fluentemente o português. O empenho de Cyntia, nesta curta trajetória é evidente, pois na carta publicada no *Christian Advocate*, em 26 de junho de 1840, Kidder escreve que: “É ela a primeira missionária na América do Sul.”<sup>505</sup> E assim, viúvo aos 25 anos, com dois filhos, sendo um de colo, que na ocasião estava doente, Kidder<sup>506</sup> diante das circunstâncias, viu-se forçado a retornar aos Estados Unidos, onde se casou com Harriet Smith. É importante ressaltar que este enfoque contribui na construção do missionário como herói. Seleciona aspectos que ressaltam este heroísmo e omite outros, que poderiam fornecer a visão do missionário. Tem-se, portanto, uma mulher produzindo um herói masculino. Provavelmente esta questão deve-se ao fato de ter sido este livro uma encomenda da Igreja para comemoração do centenário.

A historiadora Eula Long descreve posteriormente um período considerado por ela de silêncio: “uns vinte e cinco anos quando nenhuma voz metodista pregou o Evangelho no Brasil”.<sup>507</sup> Contudo, Eula faz um breve comentário no qual cita a missionária Daisy Pyles Kennedy, dizendo que foi um tio dela que trouxe a semente de melancia listrada dos Estados Unidos para o Brasil. Certamente muitas missionárias e muitos missionários trouxeram e levaram sementes dos seus países de origem ao país

<sup>504</sup> LONG, Eula Kennedy. op. cit. p. 39.

<sup>505</sup> Id. Ibid. p. 41.

<sup>506</sup> No entanto Kidder continuou o trabalho tornando-se professor de dois seminários, membro da Junta de Educação da Igreja e Secretário Executivo Nacional das Escolas Dominicais, neste período editou mais de 800 volumes, escreveu diversos livros: “Um sobre os mórmons, outro sobre Homilética, e mais três volumes sobre o Brasil, que são considerados de incomparável valor histórico e descritivo sobre a nossa terra e seus costumes naquela época. Aposentou-se em 1889, e faleceu aos 76 anos, em 29 de junho de 1891.” In: LONG, Eula Kennedy. op. cit. p. 47.

<sup>507</sup> Id. Ibid. p. 52.

em que exerciam a sua missão e vice-versa. Contudo, nós questionamos o porquê a autora apresenta somente esta informação sobre a missionária Daisy, provavelmente ela deixou mais sementes que as ditas sementes de melancias.

Posteriormente Eula descreve a chegada do missionário Rev. Junius E. Newman. Quanto às mulheres, a historiadora cita somente o nome da esposa Mary Philips e das filhas Annie e Mary. Elas abriram (fundaram) em Piracicaba um colégio, o que descreveremos em outro momento desta pesquisa. Neste período Eula destaca a conversão de Leonora Smith como um dos primeiros membros na localidade de Santa Bárbara - São Paulo, dizendo que esta se tornaria posteriormente missionária.<sup>508</sup> Quando descreve a missão Ransom, a historiadora destaca a presença de Mary Walker, que se tornou membro da sociedade metodista. Nas palavras do Rev. Kennedy ela era “Um elo vivo e pessoal entre a missão Spaulding e a Igreja Metodista Episcopal do Sul no Brasil.”<sup>509</sup> Certamente devido a perseverança por mais de quarenta anos no trabalho metodista.

Na narrativa da primeira década da Missão Ransom, as mulheres são citadas como senhoritas às quais os missionários e outros homens que colaboravam nestes primeiros passos de implantação da missão, as pediam em casamento, ou como esposas dos missionários. Exceto o breve relato da criação da primeira sociedade de senhoras realizado na Igreja do Catete, Rio de Janeiro, em julho de 1885, a jovem esposa do Rev. Kennedy assim descreve: “Começamos com oito sócias somente, mas não devemos nos desanimar com tão pequeno início, como disse o profeta Zacarias. Continuemos a trabalhar, pois sentimos ter realmente começado uma grande obra”.<sup>510</sup>

A historiadora refere-se à Carmem Chacon como a “flor primaveril do metodismo gaúcho” o que nos deixa com muita expectativa sobre a história a ser contada. No entanto, apresenta João da Costa Corrêa como protagonista na organização da Igreja e também de uma Escola Mista Evangélica. Eula ressalta além do lisonjeio inicial, que Carmem ficou muito fragilizada devido à tuberculose e acabou falecendo no dia “15 de novembro de 1889”. Não enfatiza, portanto, o protagonismo do trabalho educacional desenvolvido por esta jovem mulher oriunda de Montevideu para o Rio Grande do Sul. Somente no final da narrativa encontramos novamente a referência à

---

<sup>508</sup> LONG, Eula Kennedy. op. cit. p. 53/6.

<sup>509</sup> Id. Ibid. p. 61.

<sup>510</sup> Id. Ibid. p. 88.

Carmem, dizendo que a sua obra floresceu tanto que tiveram que criar mais três unidades, sendo uma destas noturnas que chegou a matricular 84 alunos.<sup>511</sup> Verificamos que a historiadora apresenta inicialmente o protagonismo de João Ferreira, certamente respondendo assim à Junta de Missões que a contratou para escrever esta história. Mesmo assim as evidências da atuação de mulheres se espalham por todo o seu texto como pequenas faíscas, que vão se propagando ao longo da história. É o caso de Raquel Faladaro<sup>512</sup> e H. M. Hegemam que vieram dos Estados Unidos colaborar no trabalho missionário, contudo não há maiores detalhes sobre a vida destas pessoas.

A historiadora apresenta brevemente Hermínia Wingaertner que trabalhou ativamente na Escola Dominical e organizou a primeira sociedade de senhoras do Rio Grande do Sul. A esposa do missionário John Price, Elizabeth Price e a sua filha Margarida que atuaram inicialmente em Porto Alegre, seguindo para Santa Maria, começando o trabalho de maneira muito precária. Todavia, Eliza, como era chamada Elizabeth Price, acolheu um menino de aproximadamente nove anos na Escola Dominical, dizendo que o seu olhar era vivo e inteligente, este menino tornou-se o primeiro bispo da Igreja Metodista no Brasil, Bispo César Dacorso Filho.<sup>513</sup>

A historiadora, quando narra o trabalho desenvolvido na zona colonial, destaca especialmente o trabalho desenvolvido pelos colportores, não citando o nome de mulheres agricultoras, que certamente estavam presentes nas comunidades rurais, e também das “colportoras” conforme desenvolvido no primeiro capítulo desta pesquisa. Seguem-se histórias dos avanços do metodismo no Rio Grande do sul, Minas Gerais e outros lugares, citando somente o nome das mulheres novamente como esposa, salvo uma pequena faísca ao referir-se Maggie, esposa do então conhecido Rev. Daniel. “Quando moravam em Cruz Alta, vinha ao seu lar um jovem estudante, por nome Érico Veríssimo. Ele costumava pedir suas velhas revistas americanas”.<sup>514</sup> Certamente que estas revistas colaboraram na formação deste grande escritor brasileiro.

Nos próximos capítulos, a historiadora narra uma breve história sobre os primeiros concílios, sobre o metodismo no nordeste e norte, especialmente no

---

<sup>511</sup> LONG, Eula Kennedy. op. cit. 100/2.

<sup>512</sup> Que depois de trabalhar durante cinco anos, casou-se e voltou para o Uruguai, sua terra natal.

<sup>513</sup> Id. Ibid. p. 102/4.

<sup>514</sup> Id. Ibid. p. 113. Érico Lopes Veríssimo nasceu em Cruz Alta (RS) no dia 17 de dezembro de 1905, e faleceu no dia 28 de novembro de 1975. Escritor de inúmeras obras como o Tempo e o Vento, Incidente em Antares e outras.

Amazonas e sobre as publicações e as casas publicadoras, nestes capítulos não há nenhuma referência à presença das mulheres nestes processos. Todavia, nos capítulos em que se refere ao campo educacional, a formação das primeiras escolas, e ao campo da ação social, encontramos a atuação das mulheres, e o seu protagonismo é evidente.

Eula dedica um capítulo especial intitulado “A mulher no cenário metodista”, e inicia com o legado de Suzana Wesley, perpassando rapidamente pelo metodismo americano, dizendo que em 1904 a Conferência Geral dos Estados Unidos abriu as suas portas às mulheres, dando-lhes assento nos concílios. Quanto à mulher brasileira, destaca a formação da primeira sociedade de mulheres no Rio de Janeiro, e a segunda no Rio Grande do Sul, conforme descrito anteriormente, e a presença das mulheres em diversas organizações sociais: “o primeiro e maior, foi o Instituto Ana Gonzaga, em Inhoaíba, na Guanabara, o segundo o Lar Metodista em Santa Maria, Rio Grande do Sul, fundado pelo Rev. Adolfo Ungaretti e esposa, Dona Luisa [...] o primeiro foi fruto de duas senhoras, Anna Gonzaga, brasileira e Layona Glenn missionária americana.”<sup>515</sup> E assim evidenciamos o protagonismo das mulheres nas criação das instituições sociais, a presença das mulheres também é identificada ente os índios Caiuás, pois a missionária Leila Epps foi pessoalmente visitá-los e contribuiu para o sustento de um médico neste trabalho. Na área social, a autora destaca Eunice Weaver como fruto do trabalho dos colégios metodistas do Sul.

Quanto à voz das mulheres metodistas, a autora destaca a criação da *Revista Voz Missionária* destinada às famílias metodistas e especialmente às mulheres. Eula também se refere à organização nacional das sociedades de senhoras que ocorreu em 23 de abril de 1926.<sup>516</sup> Eula ainda cita a autonomia da Igreja Metodista que ocorreu no dia 02 de setembro de 1930. Portanto, nos questionamos porque este livro é lançado em 1967 e a história das mulheres, quando citadas, é narrada apenas até o ano de 1930. O que certamente contribui para a nossa suspeita no que tange ao silenciamento e ocultamento das mulheres metodistas em relação ao exercício do poder “eclesiástico” de 1930 a 1970.

---

<sup>515</sup> LONG, Eula Kennedy. op. cit. p. 203.

<sup>516</sup> Id. Ibid. p. 206. Presidente – Francisca de Carvalho; Vice-presidente – Lainya Fernandes; 2ª Vice-presidente – Esther Faria; Secretária Correspondente – Evelina Perier; Secretária Registradora (hoje, de atas) – Hilda de Araújo; Tesoureira – Irene de Souza. As Secretárias Distritais: Etelvina Becker – Juiz de Fora; Cândida Faria – Ribeirão Preto; Áurea de Campos Gonçalves – São Paulo; Sinhazinha Duarte – Cataguases; Anna Kopal – Rio de Janeiro). Id. Ibid. p. 207/8.

Quanto ao penúltimo capítulo da obra *O meu velho Baú Metodista*, a historiadora intitula: “Retalhos, recortes e retratos”, pois com os pequenos retalhos Eula deseja apresentar um quadro do metodismo, reconhecendo que faltam muitos pedaços desta história que os relatores não julgaram dignos de registrar na ocasião. Destes recortes destacamos o que diz respeito ao Direito das Mulheres na igreja: “Foi em 1918, na Conferência Anual presidida pelo Revmo Bispo John M. Moore que foi aprovada a nova lei dando às mulheres o direito de exercerem na Igreja, os mesmos direitos de leigos, que até então somente os homens gozavam.”<sup>517</sup> Deve-se ressaltar que isto foi realizado antes de 1930, data da autonomia da IM, todavia neste período foi possível a mulheres gozarem deste direito.

E no último capítulo a historiadora questiona qual deveria ser a data da origem do metodismo no Brasil, a contagem deveria ser a partir da missão de Kidder, Ransom ou Newman. A historiadora demonstra a sua ousadia ao dizer que: “Se foi em 1835 (Kidder), porque é que o centenário é agora celebrado em 1967?”<sup>518</sup> E finaliza dizendo que haverá um dia em a Igreja constituirá uma nova comissão história que traçará a origem da Igreja Metodista do Brasil. Contudo ressalta a herança Wesleyana que permanece nesta trajetória

Outra obra de Eula Long é *Corações felizes*,<sup>519</sup> com oito edições publicadas,<sup>520</sup> sendo a oitava de 1960. O livro não apresenta a data da primeira edição, ao buscarmos esta informação encontrada em uma indicação para leitura do livro na *Revista Voz Missionária*, que data de 1941.<sup>521</sup> Ao escrever este livro, Eula demonstra a preocupação em dar orientação cristã às famílias. No prefácio escrito pela própria autora, pode-se ler: “Vai, livrinho se ajudares a iluminar o caminho obscuro, pelo qual alguém tiver de passar; se apontares, a um só, a solução do problema que o aflige; se transformar em

<sup>517</sup> LONG, Eula Kennedy. op. cit. p. 236.

<sup>518</sup> Id. Ibid. p. 247.

<sup>519</sup> LONG, Eula Kennedy. *Corações felizes*. 8. ed. São Paulo: Imprensa Metodista, 1960. Porém, o livro encontra hoje na 10ª edição. Segundo informação da filha de Eula Long, este livro também foi editado em espanhol (México).

<sup>520</sup> No jornal o Expositor Cristão encontramos indicação deste livro, confereir: EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol. 56, nº 26, 5 de agosto de 1941, p. 11; Id. Ibid., vol. 56, nº 27, 12 de agosto de 1941, p. 11; Id. Ibid., vol. 56, nº 33, 7 de outubro de 1941, p. 15; Id. Ibid., vol. 56, nº 34, 14 de outubro de 1941, p. 15; Id. Ibid., vol. 56, nº 39, 25 de novembro de 1941, p. 13; Id. Ibid., vol. 57, nº 4, 27 de janeiro de 1942, p. 15; Id. Ibid., vol. 57, nº 17, 28 de abril de 1942, p. 15

<sup>521</sup> BASTOS, Antonieta. VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo, Ano XII, p. 12.

corações felizes os corações tristes e indecisos que encontrares em tua jornada, não terá sido em vão o trabalho com que foste criado.”<sup>522</sup>

Eula descreve os alicerces do Lar Feliz, o desempenho de cada uma das pessoas da família (mãe, pai, filhos, sogra...). Desenvolve temas como o alcoolismo, a saúde, a intolerância, a necessidade do ensino religioso no lar e a arte de envelhecer. Para escrever esta obra ela usufruiu histórias adaptadas da literatura inglesa, de poetas como Castro Alves, poetas indianos, filósofos, e da Bíblia. Há momentos em que Eula corresponde ao seu tempo e a herança cultural. Como por exemplo:

Vós maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a Igreja, e ai mesmo se entregou por ela. (Epístola de São Paulo aos Efésios 5.25). Comentando essas palavras, disse Crisóstomo: Desejas que a tua esposa te obedeça assim como a Igreja obedece a Cristo? Cuida, então dela, como Cristo da Igreja. Cristo trouxe a Igreja aos seus pés, pelo seu grande amor, não com ameaças, medo ou qualquer outra cousa. Faz igualmente a tua mulher.<sup>523</sup>

E outras situações em que Eula apresenta pensamentos em relação à postura da mulher, além do seu tempo, e isto com uma certa veia cômica, por exemplo, ela diz que: “As moças de hoje, acostumadas a certas liberdades, como saírem diariamente do lar para estudar, trabalhar no comércio e na indústria, não voltarão jamais ao tipo de suas mães e avós. Aquele que deseja uma esposa do tipo antigo, procure casar com uma viúva de idade!”<sup>524</sup> Mais que a veia cômica, esta afirmação revela a perspicácia em captar os novos espaços conquistados pelas mulheres na sociedade, apesar de não indicar claramente apoio ou rejeição.

Outra obra é *Exercícios bíblicos: Úteis a escolas dominicais, sociedades da Igreja*,<sup>525</sup> (mulheres, homens, jovens, juvenis e crianças) Escolas Bíblicas de Férias, Lares cristãos e Leitores/as da Bíblia. A primeira edição desta obra data de 1º de outubro de 1960.<sup>526</sup> Eula apresenta a Bíblia em geral, o Antigo e Novo Testamento, as Festas Judaicas, a Geografia Bíblica, quanto às mulheres encontramos quarenta perguntas breves e objetivas sobre as mulheres no Antigo Testamento, e vinte e nove

<sup>522</sup> LONG, Eula Kennedy. *Corações felizes*. p. 6.

<sup>523</sup> Id. Ibid.. p. 78.

<sup>524</sup> Id. Ibid. p. 83/4

<sup>525</sup> LONG, Eula Kennedy. *Exercícios bíblicos: Úteis a escolas dominicais, sociedades da Igreja*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1969.

<sup>526</sup> É a sétima edição que estamos utilizando para esta breve análise, 1969. Este livro encontra-se hoje na 13ª edição.

perguntas sobre às mulheres no Novo Testamento. Temos nesta obra os primeiros indícios de estudos sobre as mulheres na Bíblia, por mais que sejam breves perguntas e respostas. Contudo, tornam visível a presença de mulheres na bíblia, especialmente no que tange aos seus nomes.

Quanto ao objetivo desta obra podemos evidenciar por meio das palavras de Eula: “Sentir-me-ei bem feliz se o livrinho tornar-se um verdadeiro auxiliar a todos que se esforcem por saber mais da Palavra de Deus ou por ensiná-la melhor àqueles cuja instrução bíblica está confiada a seu cargo, sejam pais, professores ou superintendentes.”<sup>527</sup> A autora refere-se às suas obras como “livrinho” e a disposição em dar acesso às pessoas ao ensino, no caso, bíblico. Este livro atingiu a oitava edição em 1976, acrescido de temas como: “O que a Bíblia diz sobre bebidas fortes?” Eula também apresenta as grandes orações da Bíblia, as Parábolas, um breve relato sobre Maria, a mãe de Jesus, a Infância de Jesus, os Pergaminhos do Mar Morto e o Resumo Final dos livros da Bíblia.

Eula também escreveu o livro intitulado *O arauto de Deus - Kennedy: vida de James Lilbourne Kennedy*, missionário pioneiro do metodismo no Brasil.<sup>528</sup> Este livro foi escrito por ocasião do centenário de nascimento do Rev. Kennedy como reconhecimento e gratidão pelos serviços prestados ao metodismo brasileiro, a autora diz que: “(...) bem mereceu o Rev. James L. Kennedy o título de Pai do Metodismo Brasileiro, arrancando do coração admirador do Bispo John M. Moore as palavras: ‘Tais homens, a Igreja de Deus devia se deleitar em honrar. Sobre a sua fronte iluminada, o seu próprio metodismo devia colocar uma coroa de lembrança sempiterna.’”<sup>529</sup> É importante ressaltar que a autora é filha do Rev. Kennedy e neste propósito contou com a colaboração da missionária Layonna Glenn, esposa do falecido Bispo J.W. Tarboux, e do Rev. H. C. Tucker especialmente no que diz respeito a histórias, anedotas e incidentes descritos neste livro.<sup>530</sup> Quanto à publicação, foi patrocinada pela Confederação de Senhoras Metodistas e a Junta Geral de Educação Cristã. Este livro é uma narrativa da história do Rev. Kennedy e a autora usa as terminologias *papai*, quando se aproxima da história, ou faz parte da mesma, e *Reverendo Kennedy*, quando

<sup>527</sup> LONG, Eula Kennedy. *Exercícios bíblicos: Úteis a escolas dominicais, sociedades da Igreja*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1969. p. 5

<sup>528</sup> LONG, Eula Kennedy. *O arauto de Deus - Kennedy: vida de James L. Kennedy, missionário pioneiro do metodismo no Brasil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1960.

<sup>529</sup> Id. Ibid. p. 9.

<sup>530</sup> A autora se refere a estas pessoas na parte inicial do livro, ou seja, nos agradecimentos.

conta os primórdios da história do pai, ou cita outras pessoas que relatam sobre a sua vida. Portanto, neste livro não encontramos relatos sobre mulheres, salvo quando a autora cita as mulheres pertencentes à família Kennedy e as que fizeram parte da trajetória deste missionário pioneiro do metodismo brasileiro.

É oportuno dizer que, quando às pessoas se referem à autora e a história de mulheres, elas se reportam ao livro *Mães de homens célebres*.<sup>531</sup> Este livro Eula dedica a todas as mães do mundo, independentemente da posição social, e aos filhos; a autora se refere ao exercício da maternidade. Ela apresenta dez breves biografias de mães como: Mônica de Cartago (mãe de um santo), Leah Salmon Mendelssohn (mãe de um músico), Katherine Textor Goethe (mãe de um poeta), Nancy Eliot Edison (mãe de um inventor), Margaret Morrison Carnegie (mãe de um comerciante - filantropo), Nancy Hanks Lincoln (mãe de um grande libertador), Sara Pearson West (mãe de um pintor), Olímpia Puppi (mãe de um cientista moderno), Susana Wesley (mãe de um reformador), Rosa Maria Paulina Fonseca (a mãe de bravos).

Ao descrever a história destas mulheres ela usufrui da poesia e diversas citações de pensadores considerados célebres. Aparentemente trata-se de mulheres exemplares fora do contexto em que a autora atuava. Eula Long escreveu este texto quando estava nos Estados Unidos. Ela tinha o costume de recortar dos jornais e revistas as histórias de mulheres que considerava extraordinárias, e guardá-las em uma caixa de camisa, e ao longo de sua trajetória estas histórias foram sendo descritas em suas obras.

A autora cita apenas uma mãe brasileira, Rosa Maria Paulina Fonseca,

apelidada a ‘mãe dos sete macabeus’, nasceu a 18 de outubro de 1802, no Estado de Alagoas, descendente de distinta família pernambucana. Além disso, pouco se pode adiantar sobre a sua vida quando criança e jovem. Dizem os historiadores que ela era menina inteligente e boa – e afinal, que mais poderíamos desejar para os nossos filhos do que unir à lucidez mental, a bondade de caráter? Aos vinte anos casou-se com Manoel Mendes Fonseca, capitão da infantaria e era mãe de oito homens e duas mulheres (...) o seu amor (...) pelo Brasil, deixou partir sete filhos mandando-os à luta, não com lágrimas e queixas de sorte que lhe sobrevivera na velhice, mas com sorrisos e entusiasmo (...) o seu torrão natal teve por bem honrá-la erguendo uma estátua à sua memória na cidade de Maceió.<sup>532</sup>

<sup>531</sup> LONG, Eula Kennedy. *Mães de homens célebres*. São Paulo: Livraria Liberdade, 1941.

<sup>532</sup> Id. *Ibid.* p. 87-90.

Este livro responde algumas questões da maternidade vivenciadas no início da década de quarenta. E ainda é um livro escrito por mulher e para mulheres que enfrentaram de afastamento dos filhos devido à guerra.

## 2 Ottília de Oliveira Chaves

Ottília de Oliveira Chaves, escreveu um livro intitulado *O Itinerário de uma vida*, um relato sobre a sua vida cotidiana, sem seqüência lógica de tempo, pois esta não era a intenção da obra. Sua biografia será recuperada a seguir a partir do próprio texto da autora.

A história desta mulher começa na região conhecida como zona da mata, no Estado de Minas Gerais, em Santa Rita de Cássia, Distrito de Tombos, Carangola, quando, no dia 3 de janeiro de 1897, nasceu a filha primogênita do jovem casal Jovelino Alves de Oliveira e Francisca Gonçalves de Oliveira, a quem deram o nome de Ottília.

Quando criança, Ottília mudou muitas vezes de cidade, devido ao trabalho do seu pai, como mascate.<sup>533</sup> Ela dizia que:

Felizmente, meu pai, a despeito de seu espírito nômade, não esquecia a educação dos filhos, o que para ele era mais que dinheiro ou qualquer outro bem material que pudesse deixar para os seus. 'Dinheiro', dizia ele, é bem transitório; cultura e educação são bens que o ladrão não rouba nem a ferrugem consome. Constituem preparo para a vida.<sup>534</sup>

Ottília estudou em um colégio para moças, na cidade de Muriaé. Apesar de apresentar críticas ao internato, ela confessa que a diretora Maria Antonieta a despertou no gosto pelas letras, poesias e música, mas, o colégio mudou-se para São Cristóvão, Rio de Janeiro, e a jovem não hesitou em mudar de cidade, pois desejava dar continuidade aos seus estudos.

Quanto à faculdade, decidiu estudar Farmácia no Instituto Granbery, em Juiz de Fora. No ano de 1915 ocorreu a formatura. É importante destacar que a turma de formandos contava com doze estudantes, sendo Ottília a única mulher e, além disso, a primeira a formar-se no curso de Farmácia desta Instituição.

---

<sup>533</sup> Quanto à profissão do pai, antes de estabelecer um pequeno armazém ele era mascate. Destacamos aqui a dissertação desenvolvida pelo acadêmico: Luis de Souza Cardoso. Sante Uberto Barbieri: recorte biográfico de um imigrante italiano no Brasil meridional e sua inserção no metodismo. Esta leitura é indicada visando o aprofundamento desta profissão também no meio metodista.

<sup>534</sup> CHAVES, Ottília *O. Itinerário de uma vida*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, s/d., p. 26.

Depois de formada, Otília casou-se com o pastor Derly Chaves, e o casal teve como primeiro trabalho pastoral a Comunidade Metodista em São Borja – RS. Neste período, também foram chamados para trabalhar no Colégio União em Uruguaiana. Otília, conta a seguinte história sobre uma mulher:

Quando a Igreja ficou sem pastor, ela, sem nomeação episcopal, porque naqueles tempos as mulheres ainda não eram admitidas ao ministério, assumiu, por direta indicação do Espírito Santo, a direção dos trabalhos da igreja, trabalho que exerceu, com eficiência e por longo tempo, até que a igreja tivesse um pastor para substituí-la. Naura Casses é uma dessas muitas mulheres que, anonimamente, têm servido a Igreja e cujos feitos estão escritos no Livro da Vida, e que a seu tempo serão revelados.<sup>535</sup>

Diante dos constantes desafios e lutas, Otília Chaves percebe a presença das mulheres que constroem no seu cotidiano as marcas de um novo tempo.

Quando o casal foi transferido para Santa Maria, ocorreu o nascimento da primogênita, chamada Rute. Mas, o esposo Derly Chaves contraiu uma doença que necessitava de isolamento (peste bubônica) e, em 1919, foi encaminhado ao sanatório da cidade. Quando este episódio ocorreu, Rute tinha apenas seis semanas de vida, o que gerou dificuldades à vida de Otília.

Em Cachoeira do Sul, nasceu Paulo e, posteriormente, Derly Júnior, que veio a falecer com apenas sete meses, o que ocasionou novas dificuldades à família. Alguns meses depois seu esposo recebeu uma bolsa de Estudos para a Faculdade de Teologia em Emory, nos Estados Unidos. Devido às baixas condições financeiras, Otília com seus filhos, permaneceu no Brasil, na fazenda onde passou a sua infância. Ao final de um ano, seu marido conseguiu as passagens e estadia para a família.

No mês de abril de 1927, ocorreu uma reunião do Concílio Geral de Senhoras Metodistas. Ao saberem da presença de Otília no País, a convocaram imediatamente como representante das Senhoras do Brasil. O casal permaneceu na Emory University aproximadamente três anos. Neste período nasceu mais uma filha, a qual deram o nome de Dóris Emory em homenagem à universidade.

Em 1928, retornaram ao Brasil, para Juiz de Fora, onde seu esposo foi eleito Reitor da Faculdade de Teologia. Nos doze anos que se seguiram destacamos os seguintes fatos: Otília lecionou no Colégio Granbery, fez faculdade, graduando-se em

---

<sup>535</sup> CHAVES, Otília O. op. cit. p. 67.

1936 no Curso de Educação Religiosa; lecionou Sociologia e Psicologia na Faculdade de Pedagogia, e Educação Religiosa e Sociologia na Faculdade de Teologia, ambas do Instituto Granbery.<sup>536</sup> Neste período Otília também exerceu a presidência das Federações das Sociedades de Senhoras Metodistas da Conferência do Sul (hoje, conhecidas como II e VI Regiões Eclesiásticas) e da Conferência Anual Brasileira (hoje, conhecida como I e IV Regiões Eclesiásticas).

Otília sempre procurou valorizar o trabalho das mulheres. Em seu livro, ela nos chama a atenção para o nome de Carmem Xavier:

Corria-lhe nas veias o sangue do seu tio avô, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, grande herói e mártir de nossa independência política. Destaco o seu nome como justa homenagem à sua inquebrantável vontade de ‘viver para servir’ e às inúmeras irmãs que, por este nosso Brasil imenso, silenciosa e ignoradamente, têm cooperado e estão cooperando com a Igreja e fora dela, na obra ciclópica de educar as crianças semi-abandonadas do nosso interior.<sup>537</sup>

Nos dias 17 e 18 de setembro de 1929, realizou-se em São Paulo a reunião das presidentes das três Conferências das Sociedades de Senhoras – da Conferência Anual Brasileira: Otília de Oliveira Chaves; da Conferência Central Brasileira: Lídia Wiedreheker da Silva; da Conferência Sul Brasileira: Eula Kennedy Long. Além das presidentes, também estiveram presentes as secretarias. Na ocasião decidiu-se formar a Junta Interconferencial, à qual foi dada a incumbência de coordenar e dinamizar as atividades das Sociedades Metodistas de Senhoras no Brasil. No dia 18 de setembro também ocorreu a idéia da publicação de uma revista para a família metodista, a *Revista Voz Missionária*,<sup>538</sup> que passou a ser coordenada por Leila Epps, como já relatado.

Quanto à caminhada para a autonomia, esta começa na década 1910 e se estende até 1930, período considerado de grande ebulição política dentro e fora da Igreja. Em 1926 foi constituída uma Comissão para levar à Igreja-mãe os anseios da Igreja no Brasil. A Conferência Geral de Dallas, realizada em 1930, aconteceu

atendendo principalmente ao relatório da Grande Comissão de nacionalismo, criada na Conferência Geral de 1926, resolve mandar ao Brasil uma comissão de alto nível constituída de cinco membros para, em comum acordo com cinco delegados de cada uma das três

<sup>536</sup> CHAVES, Otília O. op. cit. p. 92.

<sup>537</sup> Id. Ibid. p. 135.

<sup>538</sup> Esta revista completará este ano [2008] 79 anos de existência.

Conferências Anuais do Brasil, formarem uma Comissão de Vinte, com poderes constituintes, para organizar a Igreja Metodista do Brasil ‘com o grau de relação orgânica por ela mesma determinado’ ao nível de Igreja Autônoma.<sup>539</sup>

Ottília Chaves declarou: “sabia-se que, dos 5 delegados da Igreja- mãe, uma era senhora, e que a referida Igreja apreciaria que, nas delegações das conferências brasileiras, também fosse incluída uma senhora”.<sup>540</sup> E assim foram eleitas Ottília de Oliveira Chaves, pela Conferência Anual Brasileira; Francisca de Carvalho, pela Conferência Central Brasileira e Eunice Andrew (Missionária e diretora do Colégio Centenário, em Santa Maria) pela Conferência do Sul. A Comissão Constituinte reuniu-se, elaborou a Constituição e convocou a Conferência Geral, perante a qual proclamou a autonomia da Igreja Metodista do Brasil<sup>541</sup>, no dia 2 de setembro de 1930, em ato que ocorreu na Igreja Metodista Central em São Paulo. Alguns anos mais tarde, quando indagada sobre a autonomia, Ottília respondeu:

Considero como um dos maiores privilégios de minha vida, no seio da Igreja Metodista, ter feito parte da Comissão que declarou a sua autonomia e ter sido eleita para todos os Concílios Gerais, desde o primeiro, ininterruptamente, até o bipartido Concílio de 1970-1971, que reuniu, respectivamente, em Belo Horizonte e Rio de Janeiro.<sup>542</sup>

Quanto aos trabalhos desenvolvidos neste período registra-se:

Fizem-me participante de trabalho de juntas regionais e gerais; deram-me posição especial na Comissão dos Cânones; na publicação de material para a Escola Dominical, na redação de periódicos da Igreja, como a ‘Voz Missionária’, feliz criação da Junta Interconferencial das Sociedades Metodistas de Senhoras; na tradução do excelente devocionário ‘No Cenáculo’, nome dado entre nós ao ‘The Upper Room’, publicado em quarenta línguas e até em Braille; e na publicação de livros próprios e traduções de vários autores. Por solicitação da Conferência Evangélica do Brasil, escrevi um compêndio sobre ‘A arte de contar histórias’, (...) foi o primeiro livro publicado em português sobre este assunto. Obteve diversas edições e foi traduzido para o espanhol.<sup>543</sup>

<sup>539</sup> CHAVES, Ottília O. op. cit. p. 95.

<sup>540</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão Oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol 35, 12 de janeiro de 1921, n. 1 p 1.

<sup>541</sup> Para o aprofundamento deste tema indicamos a dissertação do acadêmico Cilas Ferraz de Oliveira, intitulado, Movimento de Autonomia da Igreja Metodista.

<sup>542</sup> CHAVES, Ottília O. op. cit. p. 96.

<sup>543</sup> Id. Ibid. p. 96–97.

Após a autonomia, em 1932, realizou-se no Rio de Janeiro a IX Convenção Mundial de Escolas Dominicais; e Otília Chaves juntamente com o esposo foram eleitos delegados. Neste evento ela participou como relatora das comissões. Durante este período Otília atuou como presidente da Federação das Sociedades de Mulheres da Conferência Anual Brasileira, realizando diversas atividades até 1939. É importante ressaltar que o Concílio Geral realizado em 1938 decidiu que as Faculdades de Teologia de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e de Minas Gerais deixariam de existir para dar lugar à Faculdade de Teologia da Igreja Metodista do Brasil. Devido a esta decisão o casal deixou Minas Gerais em 1939, e seguiu em direção ao Rio Grande do Sul. Derly Chaves foi nomeado pastor da Igreja Central em Porto Alegre, local onde permaneceu durante treze anos. Nesse mesmo ano, o casal foi escolhido como representante das igrejas evangélicas do Brasil para participar do Concílio Missionário Internacional de Madastra, Índia. Nesta ocasião receberam vários convites que oportunizaram a passagem do casal por diversas cidades da Europa, do Egito e da Palestina.

Em março de 1941, Otília é eleita presidente da Federação das Sociedades de Senhoras do Sul. Durante esse período realizou diversos trabalhos, incluindo o Lar Metodista, em Santa Maria; a Missão Caiuás; a formação de um fundo conhecido como Cofre Adelaide Vurlod, que se destinava à manutenção dos estudantes de teologia e ao auxílio à formação das diaconisas.<sup>544</sup> Otília revelou-se ousada em suas atitudes, por exemplo: diante de uma catástrofe que acabou inundando diversas cidades do Rio Grande do Sul, incluindo Porto Alegre, local de sua residência, ela diz que:

A Igreja Metodista Central, por minha iniciativa, porque o pastor estava em viagem evangelizante pelo interior, esvaziou-se da sua função cultural e tornou-se grande hospedaria-abrigo. Muitas das famílias da Igreja e outras nela se refugiaram. As emissoras de Rádio da Capital começaram a proclamar esta atitude samaritana da Igreja Metodista e a solicitar da população favorecida que para ali carresse tudo que fosse possível – do alimento ao colchão, cobertas e roupas para os flagelados.<sup>545</sup>

Alguns anos mais tarde, por iniciativa de Zuzelita Rolim, na ocasião secretaria distrital de senhoras, foi criado em Porto Alegre o Lar Otília Chaves para acolher “especialmente as vovós” (linguagem coloquial). Esta Instituição continua até hoje acolhendo pessoas, apesar das dificuldades financeiras.

<sup>544</sup> CHAVES, Otília O. op. cit. p. 147.

<sup>545</sup> Id. Ibid. p. 148.

Ottília Chaves também participou de diversos Congressos de Mulheres Metodistas na América Latina: no primeiro, realizado em 1942 na Argentina; posteriormente, em Montevideu, Lima e Rio de Janeiro; ela não participou apenas do Congresso que foi realizado em Santiago, no Chile.<sup>546</sup> Em 1948, além de lecionar no Colégio Americano, continuava o trabalho com as mulheres da região e cuidava dos netos. Neste período, a pedido da sua filha Rute, foi aos Estados Unidos levar os netos, e teve surpresa quando a presidente da Comissão de Bolsas da Divisão de Mulheres lhe ofereceu uma bolsa para continuar os seus estudos em Nashville. Assim, a avó recebeu o grau de mestre aos 52 anos. Pois entendia que: “Nunca é tarde para aprender”.<sup>547</sup>

Passada a 2ª. Guerra Mundial, em 1952, Ottília foi eleita presidente da Federação Mundial de Senhoras Metodistas.<sup>548</sup> Como já mencionado foi a primeira e até então a única brasileira a ocupar este cargo. Na ocasião ela recebeu cerca de quatro milhões de mulheres arroladas em 31 unidades, e na Assembléia realizada em 1956 arrolou seis milhões de mulheres, incluindo: “Nova Zelândia , Austrália, Grã-Bretanha, Índias Orientais, Igreja Metodista Episcopal Zion, Igreja Metodista Episcopal Africana e Igreja Metodista Episcopal Cristã, estas três últimas de gente de cor, fato que constituiu uma das maiores vitórias que o Divino Espírito me permitiu alcançar. Naquele tempo, ainda não havia integração racial nos Estados Unidos.”<sup>549</sup> Evidenciamos, assim, Ottília enfrentando as barreiras do racismo.

Ela também foi eleita como uma das nove vice-presidentes que formavam a Comissão Executiva para o período de 1956-1961 do Concílio Mundial de Igrejas Metodistas.<sup>550</sup> Em 1957, ao completar setenta anos, Ottília recebeu o cargo de historiadora da Aliança das Mesas Redondas Pan-Americanas, e em 1958 foi eleita diretora geral desta organização. São várias suas atividades como professora do Colégio Americano, como redatora da *Revista Voz Missionária*, como membro da Academia Literária Feminina, da Associação Cristã Feminina, e ainda em 1959 foi convocada para ser presidente da comissão de hospedagem do Congresso da Confederação Feminina Metodista da América Latina.<sup>551</sup>

---

<sup>546</sup> CHAVES, Ottília O. op. cit. p. 160.

<sup>547</sup> Id. Ibid. p. 171.

<sup>548</sup> Id. Ibid. p. 163.

<sup>549</sup> Id. Ibid. p. 174–184.

<sup>550</sup> Id. Ibid. p. 186.

<sup>551</sup> Id. Ibid. p. 197.

Durante aproximadamente três anos, Ottília foi também a presidente da Comissão oficial que juntamente com os irmãos “Dr. Sebastião Gomes de Campos, Dr. Odir Gideão Koesch, Rev. Moisés Cavalheiro de Moraes, Dr. Derly de Azevedo Chaves, incumbidos pelo Concílio Geral de ‘estudar, corrigir e harmonizar’ os Cânones da Igreja e apresentar ao Concílio Geral de 65.”<sup>552</sup> Nesta função ela participou dos Concílios Regionais para esclarecimentos e encaminhamentos.

Em agosto de 1968 Ottília e seu esposo foram para São Paulo participar do Concílio Geral Metodista Extraordinário. Consta também que:

A Faculdade de Teologia de Rudge Ramos enfrentava séria crise político-administrativa. O Colégio dos Bispos resolveu intervir. Derly, consultado se aceitaria a função de interventor, recusou-a por divergir do grupo quanto à natureza da interventoria. Escusou-se de comentar a situação e retirou-se. Por motivos que ignoro, o caso teve um fim melancólico; demissão de professores, suspensão dos alunos e fechamento da Faculdade até ulterior deliberação.<sup>553</sup>

Quanto ao Concílio Geral realizado em 1970, Ottília diz que:

A nova comissão achou por bem reformar a legislação aprovada no Concílio anterior. O ambiente provocado por esta radical posição da comissão deu azo a acalorados debates, que afinal não conduziram a nada construtivo, culminando mesmo com a renúncia de um dos bispos.<sup>554</sup>

Neste Concílio também consta que:

Na sessão da tarde do dia 20 de julho de 1970, em BH–MG, o X Concílio geral da IM com emenda à nova redação do art.13, recebeu a proposta de Odyr G. Koeche, a qual fica assim redigida: ‘As ordens na IM são duas: Presbiteral e Diaconal, constituídas, respectivamente, de presbíteros e diáconos, sem distinção de sexo. Resultado da Votação Sim: 64. Não: Zero.’<sup>555</sup>

Este concílio é um marco na Igreja Metodista, especialmente no que diz respeito ao exercício do ministério pastoral feminino. Ottília Chaves também participou da segunda fase do Concílio Geral, realizada em 1971, no Rio de Janeiro. Em 1974 ocorreu a ordenação da primeira presbítera da Igreja Metodista, no Brasil, Zeni de Lima Soares.

<sup>552</sup> CHAVES, Ottília O. op. cit. p. 273.

<sup>553</sup> Id. Ibid. p. 267. No dia 26 de agosto de 1968, o casal completou suas bodas de ouro.

<sup>554</sup> Id. Ibid. p. 276.

<sup>555</sup> Atas, suplementos e documentos do X Concílio Geral e II Concílio Geral Extraordinário, Igreja Metodista, 1970/1971. p.29.

No decorrer da década de 70 e início da década de 80, Otília Chaves permaneceu a maior parte do tempo no Rio Grande do Sul, e faleceu no dia 19 de abril de 1983.<sup>556</sup>

## 2.1 Otília de Oliveira Chaves e outras obras

Além do livro de memórias, Otília Chaves publicou *A arte de contar histórias*,<sup>557</sup> em que apresenta inicialmente a definição, o valor, a análise e as características de uma boa história, descrevendo este processo de maneira didática; além de demonstrar os passos formais no preparo de uma história, os artifícios da arte de contar história, o perigo em apontar a moral da história, as histórias reais e imaginárias, apresenta ainda um pouco de psicologia e, para exemplificar os procedimentos, conta algumas histórias. É importante ressaltar que o livro foi escrito a pedido do Conselho de Educação Religiosa<sup>558</sup> visando à capacitação dos obreiros da Escola Dominical, mas acabou sendo indicado pela Secretaria de Educação do Distrito Federal para uso nas escolas primárias. Também foi publicado em espanhol.<sup>559</sup>

Otília também escreveu *A Educação Religiosa no lar*,<sup>560</sup> fruto de um trabalho que ela apresentou ao “Congresso de Cultura Evangélica, reunido na capital Federal, em 1947. Não só mereceu plena aprovação, mas também a recomendação de ser publicado e difundido pela Confederação Evangélica do Brasil.”<sup>561</sup> Ao escrever este trabalho Otília demonstra uma visão abrangente e crítica:

falar de educação religiosa no lar é abordar um tema que mereceria a consideração dos líderes do pensamento e da cultura evangélica, não só do Brasil, mas em todo o mundo cristão. Porque, falar em educação religiosa no lar, implica tocar numa questão sociológica de grande atualidade, numa questão

<sup>556</sup> Cf. informação cedida pela prof. Vera Machado da Silva (neta de Otília Chaves), professora do Colégio Americano em Porto Alegre, RS.

<sup>557</sup> CHAVES, Otilia de Oliveira. *A arte de contar histórias*. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1941.

<sup>558</sup> Ibidem p.8.

<sup>559</sup> CHAVES, Otilia de Oliveira. *El arte de narrar - Um texto de estudio del Curso Normal Oficial autorizado por el Comitê Central de Educación Religiosa em la América Latina*. Editorial “La Aurora” (Buenos Aires) Casa Unida de publicaciones (México), 1951.

<sup>560</sup> CHAVES, Otilia de Oliveira. *A educação religiosa no lar*. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1947.

<sup>561</sup> Id. Ibid. p.5. A Confederação Evangélica do Brasil, reunia a maioria das igrejas evangélicas no Brasil e promovia a cooperação entre elas nas áreas de ação social, educação cristã, trabalhos de juventude, e atividades diaconais. Enfim, era uma organização que, realmente, promovia a fraternidade e o trabalho conjunto entre as igrejas evangélicas. Foi a primeira organização ecumênica organizada no Brasil. Depoimento de Anivaldo Padilha, leigo metodista <http://www.cese.org.br/Campanhas/juventude.doc>. Acesso em 12 de abril de 2007.

psicológica ainda pouco difundida e numa questão eclesiástica muitíssimo complexa.<sup>562</sup>

Além disso, Otília se refere à realidade brasileira, e diz que o campo evangélico deve ser estudado a partir de três grupos: o povo pertencente ao grupo rural, o grupo das pequenas cidades do interior e o grupo das grandes cidades. Ela também utiliza o livro *Educação Religiosa na Família* do escritor Henry F. Cope,<sup>563</sup> são dez apítulos sobre o lar e a família, a família como instituição religiosa, o culto doméstico, os problemas morais. Neste capítulo ela cita algumas crises morais como a colisão de vontades, a zanga, as brigas, a mentira e a desonestidade. Por exemplo, sobre a colisão de vontades ela diz que:

Os pais são tentados a assumir uma atitude autocrática no governo da família. Mas um dia eles são despertados para o fato de que não somente eles são dotados de poder de vontade, quando ao seu sim, a criança diz não. Descobrimos aí a vontade. É sinal de uma qualidade de caráter. Ainda que não mereça aplausos, esta atitude da criança é motivo de satisfação para os pais. Não convém tentar esmagar esta manifestação da personalidade, pois a criança vai precisar dela na sua luta pela vida e no seu contato com os outros.<sup>564</sup>

Vemos demonstrada a constituição de uma família conforme os conceitos do seu tempo. Otília não fala propriamente da mulher, mas no decorrer do texto refere-se à família e aos pais, o que também pode ser considerado um avanço em relação aos padrões da época, pois fica implícita uma igualdade entre homens e mulheres na educação dos filhos e das filhas.

Quanto ao livro *A criança e sua orientação na vida sexual*,<sup>565</sup> Otília Chaves o escreve com apenas 22 páginas a fim de despertar a atenção dos pais e professores para um aspecto da educação que não pode ser negligenciado. Quanto ao contexto eclesiástico, ela escreve em meio a uma campanha evangelística chamada “Avante, por Cristo” e aproveita a oportunidade para dizer que neste assunto também a Igreja tem de avançar. Otília parte do princípio de que a criança não é um adulto em miniatura, conforme o que também já dissera no livro a arte de contar histórias, mas não a

<sup>562</sup> CHAVES, Otilia de Oliveira. *A educação religiosa no lar*. p. 8.

<sup>563</sup> CHAVES, Otilia de Oliveira. *A educação religiosa no lar*. p. 9 -10. Henry F. Cope (1870 -1923). Livro publicado em 1915.

<sup>564</sup> Id. Ibid. p. 46.

<sup>565</sup> CHAVES, Otília de Oliveira. *A Criança e sua orientação na vida sexual*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1956.

considera uma tábua rasa; pois, além de trazer consigo questões de sua própria natureza a criança também tem a capacidade de desenvolver-se segundo o ambiente em que está inserida. Contudo, a criança não deve ser pensada em partes, ela deve ser conduzida de maneira integral. Neste propósito Otília propõe quatro perguntas: O que devemos ensinar? Quem deve ensinar? Como deve ensinar? Quando se deve ensinar?

Quanto à primeira questão: O que devemos ensinar? A autora diz que a educação sexual tem que seguir os trâmites naturais do processo educativo geral, ou seja, do simples ao complexo. Reporta-se às teorias de Freud, e critica os pais e professores por tratarem este assunto somente na adolescência, pois entende que, o propósito da educação é levar o indivíduo a pensar por conta própria, e ter independência intelectual, e assim o caminho do engano, da dissimulação e da intimidação por meio de preconceitos religiosos têm de ser condenado.

Em relação à próxima pergunta: Quem deve ensinar? Ela entende que esta árdua tarefa cabe em princípio a mãe, dizendo que a mãe tem de estar apta a responder as primeiras perguntas da criança em relação a este assunto, pois a curiosidade desperta a espontaneidade. E ainda, critica o trato de algumas mães em relação a este assunto, dizendo que a mãe que já foi vítima de uma educação errada foge da resposta e repreende a criança. Otília entende que este assunto deve ter os desdobramentos na casa, na igreja e na escola.

Quanto à terceira questão: Como deve se ensinar? Segundo a autora este deve ser um ensino natural e espontâneo, em que a criança tenha acesso ao conhecimento de todas as partes do corpo e o seu devido funcionamento, mas sem preconceitos e com uma orientação adequada.

Quanto à quarta questão: Quando se deve ensinar? Quando a criança despertar a curiosidade sobre este assunto. Otília entende que o que faz a questão sexual tão importante é o seu caráter social e encerra dizendo que: “Não façamos nós impuro aquilo que Deus purificou”.

Neste livro, Otília coloca a educação sexual sob a responsabilidade prioritariamente da mãe, posteriormente do pai, da família em geral, da igreja e da escola. Mas por outro lado, ela trata de um assunto que em princípio não responde as demandas da igreja, e sim é considerado tabu, sendo uma das obras pioneiras em relação a este tema, pois se trata de uma obra publicada em 1956.

Ottília também é a autora de uma obra chamada *A Realidade da Fé*.<sup>566</sup> Considerada por algumas pessoas como folheto, pois contém 32 páginas, incluindo fotos e anexos de depoimentos. A própria autora diz que o “folheto foi escrito para comemorar o primeiro aniversário de falecimento da heroína cuja experiência aqui se relata, Carmem Oliveira da Silva”.<sup>567</sup> É uma homenagem póstuma a irmã de Ottília Chaves, que nasceu a 28 de fevereiro de 1918 e formou-se Bacharel em Ciências e Letras, em 1936. Casou-se com o pastor recém formado Juvenal Ernesto da Silva, que posteriormente foi chamado a servir como capelão na Itália, e durante este período Carmem manteve-se

forte e resoluta resolveu ‘remir o tempo’ preparando-se para enfrentar o futuro fosse ele bom ou mau. Resolveu terminar o curso Técnico em Contabilidade que havia começado no Granbery e interrompido pelas circunstâncias, matriculou-se no curso noturno e durante todo um ano, após fazer a criança dormir, ia para a aula. Antes de o capelão retornar da guerra, ela havia terminado o curso e recebido o seu diploma no fim do ano de 1944.<sup>568</sup>

Neste ínterim, Carmem preparava-se para sustentar a sua família caso não ocorresse o retorno do seu esposo. Ottília destaca que a irmã organizava programas na Igreja, especialmente para as sociedades de mulheres e a escola dominical, atuando também na área social. Em 1962 ela faleceu com câncer, e Ottília escreveu: “apenas 44 foram os seus anos, mas foram preciosos e cheios de ensinamentos que valem por uma longa existência.”<sup>569</sup> Com a colaboração de Ottília podemos evidenciar mais uma mulher que pertence ao período proposto por esta pesquisa.

É importante ressaltar ainda que Ottília Chaves também traduziu os seguintes livros: *O Cristo de todos os caminhos - estudo sobre o Pentecostes*,<sup>570</sup> do evangelista Stanley Jones, e *O Pai nosso*<sup>571</sup>, de Sante Umberto Barbieri, ambos respondendo as solicitações da Igreja Metodista.

<sup>566</sup> CHAVES, Otilia de Oliveira. *Realidade da fé*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1964.

<sup>567</sup> CHAVES, Otilia de Oliveira. *Realidade da fé*. p. 3.

<sup>568</sup> Id. Ibid. p.13

<sup>569</sup> Id. Ibid. p. 25.

<sup>570</sup> JONES, E. Stanley. *O Cristo de todos os caminhos: estudo sobre o Pentecostes*. Tradução de Otilia de Oliveira Chaves. São Paulo: Imprensa Metodista, 1952.

<sup>571</sup> BARBIERI, Sante Umberto. *O Pai nosso*. São Paulo: Junta Geral de Educação Crista, 1944. Outras informações sobre Barbieri, vide dissertação: CARDOSO, Luis de Souza. *Sante Uberto Barbieri: Recorte biográfico de um imigrante italiano no Brasil meridional e sua inserção no metodismo*. São Bernardo do Campo, 2001. 206p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, UMESP.

Diante do que descrevemos anteriormente e tendo em vista o propósito desta pesquisa, podemos dizer que as mulheres têm que ser vistas na história, não somente como mães e esposas de homens célebres, mas como sujeitos dela e protagonistas em diversas situações. Contudo, no período em estudo, 1930 a 1970 encontramos nas obras destas escritoras apenas ‘pequenas faíscas’ de memórias de mulheres, exceto a história de Otília Chaves amplamente escrita por ela mesma. Quanto à historiadora Eula Long ela escreve sobre muitas pessoas, mas não se detém na história das mulheres metodistas com mais tenacidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve por objetivo estudar o protestantismo histórico brasileiro e, mais especificamente, as mulheres da Igreja Metodista, buscando preencher a relativa falta de reflexão e visibilidade das mulheres nesta história.

Na trajetória percorrida, procedemos ao rastreamento da historiografia do protestantismo histórico e verificamos que a participação das mulheres na gênese e no desenvolvimento do protestantismo no Brasil é bem mais significativa do que a historiografia do protestantismo deixa transparecer, com a sua concentração em alguns ícones sempre lembrados, quando se refere a mulheres neste contexto. Especialmente no que tange a Igreja Metodista, há de se ressaltar a atuação das mulheres na fundação das primeiras escolas, a atuação na área social, na luta contra as doenças da sua época, em que vidas eram precocemente ceifadas devido à precariedade na área da saúde. Também na área eclesial, ao participar das primeiras conferências encontramos as mulheres não somente como assistentes, mas participantes ativas por meio dos relatórios apresentados de suas atividades, e também de propostas para o desenvolvimento do trabalho. Inicialmente vislumbramos a presença de mulheres estrangeiras, mas no decorrer dos anos, especialmente até 1930, as mulheres brasileiras aos poucos foram se inserindo neste contexto.

Ao perseguir os rastros nos deparamos com as visitadoras, às chamadas “Mulheres da Bíblia”, que exerceram do mesmo modo a função de colportagem, trabalho árduo de casa em casa, mulheres que dedicaram aproximadamente trinta anos

de sua vida no desenvolvimento deste serviço. Nesta trajetória, elas também colaboraram no processo de alfabetização e, conseqüentemente, abriram novos caminhos para a propagação de comunidades metodistas. Ainda neste período, demonstramos a atuação das missionárias, sendo algumas destas esposas de missionários. Além de seguir os rastros das primeiras pregadoras.

Depois de visibilizarmos as mulheres até 1930, prosseguimos a trajetória até 1970/71, quando ocorre na Igreja Metodista o ingresso das mulheres ao presbiterato, ou seja, a ordenação feminina ao pastorado, com o desafio de verificar se é plausível a hipótese de silenciamento e ocultamento da mulher metodista durante este período.

Em relação à atuação das mulheres metodistas, tanto brasileiras quanto estrangeiras, no âmbito educacional, destacamos as educadoras e diretoras de colégios e escolas paroquiais, mulheres que colocaram os educandários que estavam sob a sua direção a serviço da comunidade, além de colaborar com orfanatos, leprosários e povos indígenas. Outrossim, mantinham escolas noturnas para alfabetização de adultos, sendo estas aulas ministradas pelas alunas e professoras dos respectivos educandários. Dessa atuação educacional pontuamos ainda as breves inserções na educação brasileira com a criação de educandários que aos poucos encerraram as suas atividades devido à expansão do ensino público. É importante ressaltar que essas mulheres receberam títulos de cidadã por serviços de relevância prestados à cidade em que atuaram como educadoras, e algumas receberam honrarias do governo brasileiro, como a “Ordem do Cruzeiro do Sul” a mais alta condecoração nacional, e a “Ordem Nacional do Mérito”.

Durante o período em evidência, as mulheres desbravaram novas frentes de trabalho na área social, dinamizando o processo de alfabetização, criando novos orfanatos, acolhendo assim as crianças de rua, criando creches, possibilitando melhores condições de inserção das mulheres ao mercado de trabalho. Do mesmo modo, promoveram ações contra o alcoolismo, a lepra, a tuberculose e o câncer, e ainda junto com aos povos indígenas. No que tange à lepra, destacamos a atuação de Eunice Weaver, que recebeu da sociedade o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido em relação às pessoas portadoras de hanseníase, o que também repercutiu no âmbito internacional.

No que se refere à atuação de mulheres nos meios de comunicação, as encontramos como produtoras de mensagens midiáticas, especialmente por meio da

Revista *Voz Missionária*, mas também evidenciamos a sua atuação em programas radiofônicos religiosos desde 1931, e nos programas de televisão desde 1960.

A historiografia também se preocupa com a descoberta de outras histórias, recuperando experiências de setores da sociedade, em sua maioria setores emergentes. Esta preocupação nos possibilitou desvelar novas faces, especialmente na trajetória do trabalho feminino. Apresentamos assim histórias de mulheres metodistas, atuando como: costureiras, lavadeiras, tecelãs, catadora de papel e outras.

Quanto à atuação missionária, demonstramos o trabalho desenvolvido pelas esposas de pastores e as associações por elas constituídas. Evidenciamos ainda a atuação das missionárias estrangeiras e brasileiras, e destacamos o protagonismo das mulheres no que encaminhamo de missionárias brasileiras ao exterior. Na expansão do protestantismo em terras brasileiras, visibilizamos a atuação das missionárias no nordeste brasileiro, procurando em meio às situações do cotidiano inserir-se naquela realidade. Quanto às diaconisas, apresentamos a sua trajetória histórica iniciada na década de quarenta. Sendo que em 1946 foi criada a Ordem das Diaconisas. Em 1955 foram ordenadas as primeiras mulheres para este ministério: Maria Onofre Gonçalves e Anaildes Ferreira. Destacamos especialmente a atuação das diaconisas no desenvolvimento do serviço social e educacional, com algumas inserções nas comunidades locais.

Quanto à produção bibliográfica de mulheres metodistas, elas respondiam às demandas da Igreja, o que nem sempre contribui para a sua visibilidade. Assim, na escassa produção bibliográfica de mulheres predominam temas que poderíamos chamar de masculinos, ligados à igreja enquanto instituição ou que privilegiam o protagonismo dos homens na história da igreja. Como exceção à regra, destaca-se Otília de Oliveira Chaves, mulher de fascinante trajetória que nos legou um texto autobiográfico, contando a sua própria história.

Na vivência eclesial, as mulheres respondiam às demandas da Igreja nas sociedades locais, e isso com muita criatividade. Elas também realizavam congressos e participavam destes em nível regional, nacional, latino-americano e mundial.

Portanto, a atuação da mulher metodista pôde ser evidenciada nas mais diversas áreas de ação. No entanto, seu ocultamento e sua invisibilidade, principalmente no período de 1930 a 1970, ocorre em relação ao exercício do poder eclesial.

Especialmente no que tange à presença de mulheres nos concílios, um dado é revelador: no primeiro Concílio Geral, realizado em 1930, estavam presentes quatro mulheres como delegadas; no IX Concílio Geral, realizado em 1965, constatamos igualmente a presença de quatro delegadas, dentre os 78 conciliares; e no X Concílio Geral, realizado em 1970 temos apenas seis delegadas dentre os 84 conciliares.

Este processo de marginalização, do não exercício do poder eclesiástico, não ocultou as mulheres em sua inserção na sociedade, na vivência do cotidiano e no exercício da cidadania, buscando melhores condições de vida e dignidade. Portanto, com esta pesquisa nos foi possível perceber que na igreja as mulheres responderam a demandas da comunidade de fé. Mas, assim fazendo, transcenderam fronteiras e conquistaram novos espaços e formas de vivenciar o poder. A capilaridade deste poder é perceptível em redes múltiplas de micro-ações, mesmo que pouco valorizadas pelas relações dominantes e hegemônicas.

Esperamos a partir do resgate destas memórias e obras das mulheres, contribuir para o surgimento de uma memória subversiva, que desconstrói uma história dominante e possibilita a construção de uma nova história, ainda que a partir de rastros e fragmentos.

Finalmente nos reportamos à metáfora usada por Otília de Oliveira Chaves, quando se refere à “turma do tricô”. Mencionamos no segundo capítulo desta pesquisa, que esta autora assim se referia às mulheres que ficavam sentadas nas últimas cadeiras durante a realização dos concílios, ou seja, fora dos limites do plenário conciliar. Sabemos hoje que eram mulheres ativas na igreja e na sociedade, mas seu papel de expectadoras nos espaços decisórios, não era apenas metafórico. Porém, temos novos desafios, novos olhares, pois vislumbramos a possibilidade de “tricotar” um novo tempo.

# BIBLIOGRAFIA

## 1. FONTES PRIMÁRIAS

### 1.1 ATAS E ANUÁRIOS

ACTAS DA CONFERENCIA ANNUAL BRAZILEIRA DA EGREJA METHODISTA EPISCOPAL DO SUL, *reunida no Rio de Janeiro nos dias 26 a 31 de julho de 1894*. São Paulo: Casa Publicadora Metodista, 1894. (Disponível no Arquivo de Obras Raras da Biblioteca de Teologia da Igreja Metodista, em São Bernardo do Campo – SP).

ANUÁRIO BRAZILEIRO DE 1896-897– *Registro Oficial da Conferência Annual da Missão Brasileira da Igreja Methodista Episcopal do Sul – Décima segunda sessão*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Methodista, 1897. (Disponível no Arquivo de Obras Raras da Biblioteca de Teologia da Igreja Metodista, em São Bernardo do Campo – SP).

ANUÁRIO BRAZILEIRO DE 1897-1898– *Registro Oficial da Conferência Annual da Missão Brasileira da Igreja Methodista Episcopal do Sul – Décima terceira sessão*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Methodista, 1898. (Disponível no Arquivo de Obras Raras da Biblioteca de Teologia da Igreja Metodista, em São Bernardo do Campo – SP).

ANNUARIO DA IGREJA METHODISTA BRAZILEIRA 1903–1904 – *Registro Oficial da Conferência Annual da Missão Brasileira da igreja Methodista Episcopal do Sul*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Methodista, 1904. (Disponível no Aquivo de Obras Raras da Biblioteca de Teologia da Igreja Metodista, em São Bernardo do Campo – SP).

IGREJA METHODISTA DO BRASIL. *Atas e documentos do Sétimo Concílio Geral*. Rio de Janeiro – DF. 10 a 21 de julho de 1955. São Paulo: Imprensa Metodista, 1956.

\_\_\_\_\_. *Atas, registros e documentos do VIII Concílio Geral (1955-1960)*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1960.

\_\_\_\_\_. *Atas, documentos e registros do IX Concílio Geral da Igreja Metodista do Brasil*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1966.

\_\_\_\_\_. *Atas, suplementos e documentos do X Concílio Geral e II Concílio Geral Extraordinário, Igreja Metodista, 1970/1971*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1971.

## 1.2 CÂNONES

EGREJA METHODISTA EPISCOPAL, SUL. *Doutrinas e Disciplina da Igreja Methodista Episcopal, Sul*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Methodista, 1898.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Methodista, 1900.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Methodista, 1910.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Methodista, 1913.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Methodista, 1918.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Methodista, 1919.

EGREJA METHODISTA EPISCOPAL, SUL. *Doutrinas e Disciplina da Igreja Methodista Episcopal, Sul*. São Paulo: Imprensa Methodista, 1922.

IGREJA METHODISTA DO BRASIL. *Cânones da Igreja Methodista do Brasil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1934.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Imprensa Metodista, 1938.

IGREJA METHODISTA DO BRASIL. *Cânones da Igreja Metodista do Brasil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1942.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Imprensa Metodista, 1946.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Imprensa Metodista, 1950.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Imprensa Metodista, 1955.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Imprensa Metodista, 1960.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Imprensa Metodista, 1965.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Imprensa Metodista, 1971.

IGREJA METODISTA. *Cânones da Igreja Metodista*. São Paulo: Cedro, 2002.

### 1.3 O EXPOSITOR CRISTÃO

EXPOSITOR CRISTÃO. Orgam da Igreja Methodista Brasileira. Capital Federal, vol. VIII, nº. 2, 12 de janeiro de 1898.

EXPOSITOR CRISTÃO. Orgam da Conferencia Annual da Missão Brasileira. Capital Federal, vol. XI, nº 34, 20 de agosto de 1898.

\_\_\_\_\_. Capital Federal, vol. XV, nº. 1, 4 de janeiro de 1900.

\_\_\_\_\_. Capital Federal, vol. XVI, 1902.

EXPOSITOR CRISTÃO. Orgam da Conferencia Annual da Missão Brasileira da Igreja Methodista Episcopal do Sul. Capital Federal, vol. XVIII, 1904

EXPOSITOR CRISTÃO. Orgam da Conferencia Annual Brasileira. Capital Federal, vol. XX, nº. 2, 12 de janeiro de 1905.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, vol. XXII, nº. 1, 3 de janeiro de 1907.

O EXPOSITOR CRISTÃO: Orgam da Igreja Methodista Episcopal do Sul no Brasil. São Paulo, vol. 34, janeiro-dezembro de 1920.

\_\_\_\_\_. São Paulo, vol. 35, nº. 1-50, janeiro-dezembro de 1921.

\_\_\_\_\_. São Paulo, vol. 36, nº. 1-50, janeiro-dezembro de 1922.

\_\_\_\_\_. São Paulo, vol. 37, nº. 1-50, janeiro-dezembro de 1923.<sup>572</sup>

\_\_\_\_\_. São Paulo, vol. 38, nº. 1-52, janeiro-dezembro de 1924.

\_\_\_\_\_. São Paulo, vol. 39, nº. 1-52, janeiro-dezembro de 1925.

\_\_\_\_\_. São Paulo, vol. 40, nº. 1-52, janeiro-dezembro de 1926.

\_\_\_\_\_. São Paulo, vol. 41, nº. 1-52, janeiro-dezembro de 1927.

\_\_\_\_\_. São Paulo, vol. 42, nº. 1-52, janeiro-dezembro de 1928.

\_\_\_\_\_. São Paulo, vol. 43, nº. 1-49, janeiro-dezembro de 1929.

\_\_\_\_\_. São Paulo, vol. 44, nº. 1-49, janeiro-dezembro de 1930.

\_\_\_\_\_. São Paulo, vol. 45, nº. 1-49, janeiro-dezembro de 1931.

<sup>572</sup> Cabe salientar que há duas vezes a data de 12 de setembro de 1923, trata-se de um equívoco na impressão.

- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 46, nº. 1-49, janeiro-dezembro de 1932.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 47, nº. 1-49, janeiro-dezembro de 1933.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 48, nº. 1-49, janeiro-dezembro de 1934.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 49, nº. 1-49, janeiro-dezembro de 1935.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 50, nº. 1-49, janeiro-dezembro de 1936.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 51, nº. 1-49, janeiro-dezembro de 1937.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 52, nº. 1-49, janeiro-dezembro de 1938.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 54<sup>573</sup>, nº. 1-49, janeiro-dezembro de 1939.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 55, nº. 1-49, janeiro-dezembro de 1940.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 56, nº. 1-49, janeiro-dezembro de 1941.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 57, nº. 1-49, janeiro-dezembro de 1942.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 558 nº. 1-49, janeiro-dezembro de 1943.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 59, nº. 1-49, janeiro-dezembro de 1944.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 60, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1945.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 61, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1946.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 62, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1947.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 63, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1948.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 64, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1949.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 65, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1950.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 66, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1951.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 67, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1952.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 68, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1953.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 69, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1954.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 70, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1955.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 71, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1956.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 72, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1957.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 73, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1958.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 74, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1959.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 75, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1960.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 76, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1961.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 77, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1962.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo, vol. 78, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1963.

---

<sup>573</sup> Não existe o vol 53, provavelmente por erro de impressão do vol. 52 passa para o vol. 54.

- \_\_\_\_\_. São Paulo, vol. 79, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1964.
- \_\_\_\_\_. São Paulo, vol. 80, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1965.
- \_\_\_\_\_. São Paulo, vol. 81, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1966.
- \_\_\_\_\_. São Paulo, vol. 82, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1967.
- \_\_\_\_\_. São Paulo, vol. 83, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1968.
- \_\_\_\_\_. São Paulo, vol. 84, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1969.
- \_\_\_\_\_. São Paulo, vol. 85, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1970.
- \_\_\_\_\_. São Paulo, vol. 86, nº. 1-24, janeiro-dezembro de 1971.

#### 1.4 O TESTEMUNHO

O TESTEMUNHO: Orgam da Igreja Methodista no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, vol. 1-24, anno I, janeiro-dezembro de 1904.

- \_\_\_\_\_. Porto Alegre, vol. 1-24, anno II, janeiro-dezembro de 1905.
- \_\_\_\_\_. Porto Alegre, vol. 1-24, anno III, janeiro-dezembro de 1906.

O TESTEMUNHO: Orgam da Missão Sul-Brazileira da Igreja Methodista Episcopal do Sul. Porto Alegre, nº.1-23, anno IV, janeiro-dezembro de 1907.

- \_\_\_\_\_. Porto Alegre, nº. 1-24, anno V, janeiro-dezembro de 1908.
- \_\_\_\_\_. Porto Alegre, nº. 1-24, anno VI, janeiro-dezembro de 1909.
- \_\_\_\_\_. Porto Alegre, nº. 1-24, anno VII, janeiro-dezembro de 1910<sup>574</sup>.

O TESTEMUNHO: Orgam da Conferencia Annual Sul-Brazileira da Igreja Methodista Episcopal do Sul. Porto Alegre, nº. 1-24, anno IX, janeiro-dezembro de 1912.

- \_\_\_\_\_. Porto Alegre, nº. 1-24, anno X, janeiro-dezembro de 1913.
- \_\_\_\_\_. Porto Alegre, nº. 1-24, anno XI, janeiro-dezembro de 1914.
- \_\_\_\_\_. Porto Alegre, nº. 1-24, anno XIII, janeiro-dezembro de 1916.
- \_\_\_\_\_. Porto Alegre, nº. 1-17, anno XIV, janeiro-setembro de 1917.

#### 1.4 REVISTA VOZ MISSIONÁRIA

VOZ MISSIONÁRIA. São Paulo: Imprensa Methodista, anno I, nº. 1-4, jan-dez de 1930.

- \_\_\_\_\_. São Paulo: Imprensa Methodista, anno II, nº. 1-4, jan-dez de 1931.

---

<sup>574</sup> Não tem o ano VIII, 1911.

- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, anno III, nº. 1-4, jan-dez de 1932.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, anno IV, nº. 1-4, jan-dez de 1933.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, anno V, nº. 1-4, jan-dez de 1934.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, anno VI, nº. 1-4, jan-dez de 1935.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, anno VII, nº. 1-4, jan-dez de 1936.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, anno VIII, nº. 1-4, jan-dez de 1937.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, anno 9, nº. 1, Jan-Mar de 1938.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 10, nº. 1-4, jan-dez de 1939.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 11, nº. 1-4, jan-dez de 1940.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 12, nº. 1- 4, jan-dez de 1941.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 13, nº. 1- 4, jan-dez de 1942.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 14, nº. 1-4, jan-dez de 1943.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 15, nº. 1-4, jan-dez de 1944.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 16, nº. 1-4, jan-dez de 1945.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 17, nº. 1-4, jan-dez de 1946.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 18, nº. 1-4, jan-dez de 1947.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 19, nº. 1-4, jan-dez de 1948,
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 20, nº. 1-4, jan-dez de 1949.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 21, nº. 1-4, jan-dez de 1950.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 22, nº. 1-4, jan-dez de 1951.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 23, nº. 1-4, jan-dez de 1952.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 24, nº. 1-4, jan-dez de 1953.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 25, nº. 1-4, jan-dez de 1954.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 26, nº. 1-4, jan-dez de 1955.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 27, nº. 1-4, jan-dez de 1956.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 28, nº. 1-4, jan-dez de 1957.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 29, nº. 1-4, jan-dez de 1958.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 30, nº. 1-4, Jan-dez de 1959.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 31, nº. 1-4, Jan-dez de 1960.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 32, nº. 1-4, jan-dez de 1961.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 33, nº. 1-4, jan-dez de 1962.
- \_\_\_\_\_ . São Paulo: Imprensa Methodista, ano 34, nº. 1-4, jan-dez de 1963.

- \_\_\_\_\_. São Paulo: Imprensa Methodista, ano XXXIV, n.º. 1-4, jan-dez de 1964.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Imprensa Methodista, ano XXXV, n.º. 1-4, jan-dez de 1965.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Imprensa Methodista, ano XXXVI, n.º. 1-4, jan-dez de 1966.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Imprensa Methodista, ano XXXVII, n.º. 1-4, jan-dez de 1967.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Imprensa Methodista, ano 38, n.º. 1-4, jan-dez de 1968.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Imprensa Methodista, ano XXXIX, n.º. 4, out-dez de 1969.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Imprensa Methodista, ano XL, n.º. 1-2, jan-jun de 1970.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Imprensa Methodista, ano XLI, n.º. 1-4, jul-dez de 1970.

## 1.5 CARTAS E OBRAS

- CARTA MANUSCRITA: de Mary Sue Brown ao Colégio Americano, 18 de novembro de 1948. (material avulso: Museu Isaac Aço do Colégio Americano da Rede Metodista do Sul).
- CARTA MANUSCRITA: por Miss Helen Clark à Miss Erna Slagg em New York, no dia 4 de março de 1969. (material avulso: Museu Isaac Aço do Colégio Americano da Rede Metodista do Sul).
- CARTA MANUSCRITA: Miss Helen Clark, de 11 de setembro de 1969. (material avulso: Museu Isaac Aço do Colégio Americano da Rede Metodista do Sul).
- CARTA MANUSCRITA: Miss Helen Clark, de 21 de abril de 1970. (material avulso: Museu Isaac Aço do Colégio Americano da Rede Metodista do Sul).
- CONTANDO A NOSSA HISTÓRIA: *Revista do grupo de Pesquisa da História do Metodismo no RS*, vol. 1, n.º 1, Instituto Teológico João Wesley. Porto Alegre: Editora Universitária Metodista, 1998.
- \_\_\_\_\_. vol. 1, n.º 3, Instituto Teológico João Wesley. Porto Alegre: Editora Universitária Metodista, 1999.
- \_\_\_\_\_. vol. 1, n.º 5, Instituto Teológico João Wesley. Porto Alegre: Editora Universitária Metodista, 2001.

- \_\_\_\_\_. BETTS, João Nelson (org.). Instituto Teológico João Wesley. Porto Alegre: Editora Universitária Metodista, 2007.
- CHAVES, Otília de Oliveira. *Itinerário de uma vida: Memórias de Otília de Oliveira Chaves*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1977.
- \_\_\_\_\_. *A arte de contar histórias*. Rio de Janeiro: Conf. Evangélica do Brasil, 1941.
- \_\_\_\_\_. *El Arte de Narrar*. Buenos Aires/México: Editorial “La Aurora”/Casa Unida de Publicaciones, s/d.
- \_\_\_\_\_. *A educação religiosa no lar*. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1947.
- \_\_\_\_\_. *Realidade da fé*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1964.
- \_\_\_\_\_. *A Criança e sua orientação na vida sexual*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja metodista do Brasil, 1956.
- LONG, Eula Kennedy. *Do meu velho baú metodista*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Corações felizes*. 8ª. ed. São Paulo: Imprensa Metodista, 1960.
- \_\_\_\_\_. *Exercícios bíblicos: Úteis a escolas dominicais, sociedades da Igreja*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1969.
- \_\_\_\_\_. *O arauto de Deus - Kennedy: vida de James I. Kennedy, missionário pioneiro do metodismo no Brasil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1960.
- \_\_\_\_\_. *Mães de homens célebres*. São Paulo: Livraria Liberdade, 1941.
- LONG, Eula K. (org.). *Histórico do trabalho das Sociedades de Senhoras da Igreja Metodista no Rio Grande do Sul*. São Paulo, s/e, 1933.

## 2. OBRAS DE REFERÊNCIAS

### 2.1 ARTIGOS

- BOAVENTURA, Elias. “Instituições metodistas de ensino na república velha”. *Revista do Cogeime*. São Paulo: Cogeime, ano 3, nº. 5, dez. 1994. p. 89-100.

- \_\_\_\_\_. “Historiografia da história da educação metodista no Brasil”. *Revista do Cogeime*. São Paulo: Cogeime, ano 10, n.º 19, dez. 2001. p. 87-118.
- BOAVENTURA, Elias; MALUSÁ, Silvana. “Escolas paroquiais metodistas”. *Revista do Cogeime*. São Paulo: Cogeime, ano 5, n.º 9, dez. 1996. p. 83-97.
- CÉSAR, Eli Éser Barreto. “A educação metodista considerada em seu papel transformador: uma perspectiva bíblica”. *Revista de Educação do Cogeime*. Piracicaba: v. 15, n. 29, dezembro, 2006. p. 41-54.
- CUNHA, Magali do Nascimento. “Aprender a história: memória de desafios pedagógicos para as Igrejas Protestantes Históricas no Brasil”. *Revista do Cogeime*. São Paulo: Cogeime, ano 8, n.º 14, jul. 1999. p. 75-99.
- HILSDORF, Maria Lucia S. “Educadoras metodistas no século XIX: uma abordagem do ponto de vista da história da educação”. *Revista do Cogeime*. São Paulo: Cogeime, ano 11, n.º 20, jun. 2002. p. 93-97.
- MALUSÁ, Silvana. “O pré-escolar na educação metodista”. *Revista do Cogeime*. São Paulo: Cogeime, ano 3, n.º 5, dezembro, 1994. p. 117-125.
- MESQUIDA, Peri. “Metodismo e educação no Brasil: formar elites e civilizar a nação”. *Revista do Cogeime*. São Paulo: Cogeime, ano 2, n.º 2, 1993. p. 29-50
- MESQUITA, Jorge. C. P. “Confessionalidade: uma reflexão do passado”. *Revista do Cogeime*. São Paulo: Cogeime, ano 1, n.º 1, 1992. p. 113-118.
- MESQUITA, Zuleica de Castro C. “Educando a mulher para o século XX: o papel das escolas metodistas”. *Revista do Cogeime*. São Paulo: Cogeime, ano 3, n.º 5, dez. 1994. p. 141-149.
- \_\_\_\_\_. “A proposta educacional metodista no Brasil: fase de implantação – 1876-1914”. *Revista do Cogeime*. São Paulo: Cogeime, ano 4, n.º 6, dez. 1995. p. 91-134.
- \_\_\_\_\_. “Martha Watts: uma educadora metodista na belle époque tropical”. *Revista do Cogeime*. São Paulo: Cogeime, ano 11, n.º 20, jun. 2002. p. 99- 105.
- \_\_\_\_\_. “A Faculdade de Teologia Metodista na Crise Planetária de 1968: interação entre o micro e o macro”. *Revista de Educação do Cogeime*. Piracicaba: v. 6, n. 10, jun/1997. p. 105-116.
- \_\_\_\_\_. “Metodismo e educação missionária no Brasil: uma jornada em busca das fontes orais”. *Revista do Cogeime*. São Paulo: Cogeime, ano 8, n.º 15, dez. 1999. p. 127-139.

- MOTT, Maria Lúcia. “De educadora a médica: trajetória de uma pioneira metodista”.  
*Revista do Cogeime*. São Paulo: Cogeime, ano 8, n.º 15, dez. 1999. p. 115-125.
- OLIVEIRA, Adriana Menelli de; TIMM, Edgar Zanini. “Teorizando um pensamento para a educação metodista”. *Revista de Educação do Cogeime*. Piracicaba: v. 13, n. 24, jun./2004. p. 89-93.
- OLIVEIRA, Clory Trindade. “A trajetória da educação metodista pvm e deim: 20 anos de história”. *Revista de Educação do Cogeime*. Piracicaba: v. 12, n. 23, dez./2003. p. 15-34.
- SILVA, Livingstone dos Santos. “Instituto Central do Povo 100 anos em Missão”.  
*Revista do Cogeime*. São Paulo: Cogeime, ano 15, n.º 29, dez. 2006. p. 99-101.
- RENDERS, Helmut. “Um precursor do PVM na época da autonomia: A declaração ‘A atitude da Igreja Metodista do Brasil perante o Mundo e a Nação, de 1934’”.  
*Revista Caminhando: Revista da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista*, vol. 12, n.º. 20, 2º semestre de 2007, São Bernardo do Campo, SP: Editeo/Umesp, 2007.
- RIBEIRO, Margarida F. “Nos trilhos da vida... contando a história de Otília de Oliveira Chaves”. *Revista Caminhando: Revista da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista*, vol. 10, n.º. 16, 2º semestre de 2005, São Bernardo do Campo, SP: Editeo/Umesp, 2005.

## 2.2 DICIONÁRIOS

- SCHUMAHER, Shuma; BRASIL, Érico Vital (Orgs). *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. 567p.

## 2.3 JORNAIS E PERIÓDICOS

- CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR. *Conversando a gente se entende: Violência contra a mulher*. São Paulo: CDD, 2002.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS DO RIO DE JANEIRO, 1 de dezembro de 1953.
- FOLHA DE SÃO BERNARDO, ano III, n.º 104, 3 de dezembro de 1961.

FOLHA DE SÃO PAULO: “Norte americana é cidadã de Porto Alegre”, 23 de novembro de 1968.

JORNAL “O ESTADO DE SÃO PAULO”, 22/11/1942.

O NOTICIÁRIO: “Profª. Mary Helen Clark: Cidadã de Porto Alegre alegre”, 24 de outubro de 1968.

UNIÃO DAS MULHERES DE SÃO PAULO. A violência contra mulher e impunidade: Uma questão política. São Paulo: União das mulheres, 1995.

WATTS, Martha. Jornal Gazeta de Piracicaba. Piracicaba, 20/01/1910. Citado por: COSTA, Márcia Oehlmeyer. *Martha H. Watts e os direitos da mulher à educação no século XX*. p. 12.

REVISTA CAMINHANDO: Revista da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista. vol. 1-12, n.º1-20. São Bernardo do Campo: Editeo.

## 2.4 LIVROS

ALMEIDA, Vasni. *Um século de ensino metodista no nordeste paulista*. Ribeirão Preto: IMERP, 1999.

ALMEIDA, Jane Soares. *Ler as letras porque educar meninas e mulheres?* São Bernardo do Campo: Autores Associados LTDA, 2007.

ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1982.

ARRUDA, José J.A. e PILETTI, Nelson. *Toda a história: história geral e história do Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

BAESKE, S. (Org.). *Retalhos no tempo: 100 anos de OASE*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

BAESKE, S. (Org.). *Mulheres desafiam as igrejas cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2001.

BARBIERI, Sante Uberto. *O Pai nosso*. Trad. de Otilia de Oliveira Chaves. São Paulo: Junta Geral de Educação Crista, 1944.

BARBOSA, José Carlos. *Lugar onde amigos se encontram: caminhos da educação metodista no Brasil*. São Bernardo do Campo: CEPEME, 2005.

BASTIAN, Jean-Pierre. *Historia del protestantismo en América Latina*. México: CUPSA, 1995.

BERTRAND, A. N. *El Protestantismo*. Buenos Aires: Aurora, La, 1946.

- BIDEGAIN, A. M. (ed.) *Mulheres: autonomia e controle religioso na América Latina*. Petrópolis: CEHILA / Vozes, 1996.
- BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, Editora da USP, 1987.
- CAIRE-JABINET, Marie-Paule. *Introdução à historiografia*. Bauru: EDUSC, 2003.
- CARDOSO, Douglas Nassif. *Cotidiano feminino no segundo império*. São Bernardo do Campo: Ed. do Autor, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Sarah Kalley - Missionária, Pioneira na Evangelização no Brasil*. São Bernardo do Campo: Ed. do Autor, 2005.
- CHAVES, Maria de Melo. *Bandeirantes da Fé*. Belo Horizonte: Associação Evangélica Beneficente de Minas Gerais, 1947.
- DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 9ª. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- DIEHL, Astor Antônio. *A cultura historiográfica brasileira: década de 1930 aos anos 1970*. Passo Fundo: UPF, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Do método histórico*. 2ª. ed. Passo Fundo: UPF, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru: EDUSC, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Com o passado na cadeira de balanço: cultura, mentalidades e subjetividades*. Passo Fundo: UPF, 2006.
- DORNELES, Simone Silva. *O sujeito do discurso: uma leitura de gênero das diretrizes para a educação na Igreja Metodista*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2007.
- DUBY, George e PERROT, Michele. *História das mulheres no ocidente: a Antiguidade*. Porto: Afrontamento, 1990.
- DUNSTAN, J. Leslie. *Protestantismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964.
- FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. 2ª. ed. Passo Fundo: UPF, 2004.
- GINZBURG, Carlos. *O fio e os rastros: verdade, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- GLENN, Layona. *Dona Anna da Conceição Gonzaga (1851-1932): um tributo de homenagem por sua amiga Layona Glenn*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1949.
- HAHN, Carl Joseph. *História do Culto Protestante no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1989.
- HAUCK, João F. (Org.). *História da igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- JONES, E. Stanley. *O Cristo de todos os caminhos: estudo sobre o Pentecostes*. Trad. de Otilia de Oliveira Chaves. São Paulo: Imprensa Metodista, 1952. 255 p.
- JONES, Mary Alice. *O que significa ser membro da Igreja Metodista? Guia para meninos e meninas candidatos à profissão de fé*. São Paulo: Publicação da Junta Geral de Educação Cristã, 1956.
- KALLEY, Sarah Poulton. *A alegria da casa*. 5ª. ed. Lisboa: Barata & Sanches, 1894.
- KENNEDY, James L. *Cincoenta annos de methodismo no Brasil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1928.
- KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanências no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1985.
- KLAIBER, Walter; MARQUARDT, Manfred. *Viver a Graça de Deus: Um Compêndio da Teologia Metodista*. São Bernardo do Campo: Editeo. 1999.
- LE GOFF, Jacques. *A história nova*. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- \_\_\_\_\_. *História e memória*. 4ª. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- LEONARD, Emile G. *O Protestantismo brasileiro: Estudo de eclesiologia e história social*. São Paulo: ASTE, s.d.
- LOANDA, Isolde Figueiredo. *As meninas do Club Excelsior*. São Paulo: Imprensa Metodista, s/d.
- LONG, Charles A.; LONG, Lucy York. *Memórias*. Tradução Lúcia Millazzo Kossobudzk. Goiânia: s/ed, 1973.
- MACHADO, Ironita Policarpo. *Cultura historiográfica e identidade: uma possibilidade de análise*. Passo Fundo: UPF, 2001.
- MACHADO, Maria Clara Tomas; PATRIOTA, Rosangela (Orgs.). *História & historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação*. Uberlândia: Edufu, 2003.
- MARCÍLIO, Maria Luiza (Org.). *A mulher na história da igreja latino-americana*. São Paulo: Cehila/Paulinas, 1984.

- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura, história, cidade e trabalho*. Bauru, SP. EDUSC, 2002.
- MATOS, Maria Izilda S.; SOLER, Maria Angélica (Orgs.) *Gênero em debate: Trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: Educ, 1997.
- MENDONÇA, A. G. e FILHO, P. V. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola/Ciências da Religião, 1990.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: um estudo sobre a inserção do protestantismo na sociedade brasileira*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos*. São Bernardo do Campo: Umesp, 1997.
- MESQUIDA, Peri. *Metodismo e educação no Brasil: formar elites e civilizar a nação*. \_\_\_\_\_ . *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil: um estudo de caso*. Tradução Celso Rodrigues Filho. Juiz de Fora: EDUFJF; São Bernardo do Campo: Editeo, 1994.
- MESQUITA, Zuleica (Org.). *Evangelizar e Civilizar: Cartas de Martha Watts, 1881-1908*. Versão bilíngüe, Piracicaba: UNIMEP, 2001.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- \_\_\_\_\_. *As mulheres ou os silêncios da história*. Michelle Perrot: tradução Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.
- POSSAS, Lídia M. Vianna. *Mulheres, Trens e Trilhos: modernidade no sertão paulista*. Bauru: Edusc, 2001.
- PRIORI, M. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.
- RAMALHO, Jether Pereira. *Prática Educativa e Sociedade – Um estudo de Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- REILY, Duncan A. *Ensaio, história, metodismo, libertações*. São Bernardo do Campo: Editeo, 1990.
- \_\_\_\_\_. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1989.

- \_\_\_\_\_. *Ministérios femininos em perspectiva histórica*. Campinas: Unimep, 1989.
- \_\_\_\_\_. “Os metodistas no Brasil (1889 – 1930)”. In: *História, Metodismo, libertações: Ensaios*. São Bernardo do Campo: EDITEO, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Metodismo brasileiro e wesleyano*. São Paulo, Imprensa Metodista, 1981.
- RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil monárquico*. São Paulo: Pioneira, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Igreja Evangélica e República Brasileira (1889-1930)*. São Paulo: O Semeador, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Protestantismo e Cultura Brasileira: Aspectos Culturais da Implantação do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.
- RIBEIRO, Margarida. *As mulheres e os ministérios*. In: BOGAZ, Antônio S.; COUTO, Márcio A. (Orgs.). *II Congresso de Teologia: Vinho Novo. Odres Velhos? Uma igreja para os novos tempos*. São Paulo: Loyola, 2003.
- ROCHA, Isnard. *Histórias da História do Metodismo no Brasil: Em Comemoração ao Primeiro Centenário de Implantação Definitiva do Metodismo no Brasil (1867-1967)*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Pioneiros e Bandeirantes do Metodismo no Brasil (Cem Biografias): Bispos, Ministros, Pregadores Locais e Leigos da Igreja Metodista do Brasil*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1967.
- ROCHA, J.G. *Lembrança do Passado*. S/l: s/ed, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Manuscritos não editados*. S/l: s/ed, s/d.
- SALVADOR, José Gonçalves. *História do metodismo no Brasil*. São Bernardo Campo: Imprensa Metodista, 1982.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SMITH, Grace Buyers. *A vida de Frances E. Willard*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã, 1940.
- SOBERAL, José Dimas. *O ministério ordenado da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- SOUZA, José Carlos (Org). *Caminhos do metodismo no Brasil: 75 anos de autonomia*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2005.

- TUCKER, Ruth A. “...*Até os confins da terra*”: uma história biográfica das missões cristãs. 2ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 1996.
- UMEAB. *Mulheres Anglicana: Vida e Missão*. Editora e Gráfica Universitária UFPel, 1998.
- VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: UniBrasilia, 1980.
- VV.AA. *Para um diaconato metodista hoje: memória do fórum sobre o ministério diaconal*. São Bernardo do Campo: Igreja Metodista/Editeo, 2004.
- WACHHOLZ, Wilhelm. *Atravessem e ajudem-nos: A Atuação da “Sociedade Evangélica de Barmen” e de seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sul (1864-1899)*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003. (Série Teses e Dissertações).
- ZANLOCHI, Teresinha. *Mulheres leigas na igreja*. Bauru: EDUSC, 2001.
- ZENKNER, Elza Maria Robin. *Um pouco de metodismo*. Porto Alegre: Instituto Teológico João Wesley. 1997. (Programa de formação de leigos e leigas).

## 2.5 TESES E DISSERTAÇÕES

- CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Poulton Kalley (1825-1907): professora, missionária e poetisa*. São Bernardo do Campo, 2004. 487f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Curso de Pós-Graduação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2004.
- CARDOSO, Luis de Souza. *Sante Uberto Barbieri: Recorte biográfico de um migrante italiano no Brasil meridional e sua inserção no metodismo*. São Bernardo do campo, 2001. 206p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, São Bernardo do Campo, 2001.
- GIERUS, Renate. *Além das grandes águas: mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850. Uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas*. São Leopoldo, 2006. 207f. Tese (Doutorado em Teologia e História) Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2006.

- RAMOS, Luiz Carlos. *A pregação na idade média: os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea*. São Bernardo do Campo, 2005. 280f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2005.
- MARTINEZ, Raquel Carmem R. *Rompendo velhas mortalhas: a violência contra a mulher e sua relação com o Imaginário Androcêntrico de Deus na Igreja Metodista do Chile*. São Bernardo do Campo, 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2004.
- MESQUITA, Zuleica de Castro Coimbra. *Educação metodista: uma questão não resolvida*. Piracicaba, Piracicaba, 1992. 285f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1992.
- OLIVEIRA, Cilas Ferraz. *Nunca, na história deste país... A contribuição de Guaracy Silveira ao metodismo do Brasil*. Piracicaba, 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2008.
- SAMPAIO, Jorge Hamilton. *Sobre sonhos e pesadelos da juventude Metodista brasileira nos anos sessenta*. São Bernardo do Campo, 1998. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1998.
- SANT'ANA, Romilde dos Santos. *Instituto Metodista: percurso histórico de um projeto de formação religiosa para mulheres: 1941-1966*. Piracicaba, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2004.
- SIMEONE, Maria Ines. *As extraordinárias irmãs metodistas*. São Bernardo do Campo, 1996. 136p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1996.
- SOUZA, Hebert Rodrigues. *Trajetória da comunicação eclesial protestante no Brasil: o pensamento e a ação de Reinhard Brose*. São Bernardo do Campo, 2005. 189f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação

em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2005.

SOUZA, Márcio Pereira. *Palanque de papel: o discurso político dos jornais evangélicos brasileiros no período da república velha*. São Bernardo do Campo, 2007. 181f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

## 2.6 HOMEPAGE

Disponível em <http://www.saf.org.br/>. Acesso em 27 de março de 2007.

Disponível em: <http://www.cese.org.br/Campanhas/juventude.doc>. Acesso em 12 de abril de 2007.

Disponível em <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/mulher/mulherhistoria.html>. Acesso em 15 de abril 2007.

Disponível em

<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/socmedcirj.htm>. Acesso em 18 de abril de 2007.

Disponível em <http://www.culturabrasil.org/primeiraguerramundial.htm> Acesso 15 de maio de 2007.

Disponível em <http://www.cvb.org.br/>. Acesso em 31 de maio de 2007.

Disponível em [www.strategicnetwork.org/pdf/kb17012.pdf](http://www.strategicnetwork.org/pdf/kb17012.pdf). Acesso em 14 de junho de 2008.

Disponível em [http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Camrg\\_4.htm](http://www.geocities.com/lscamargo/gp/Camrg_4.htm). Acesso em 07 de julho de 2007.

Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/2001>. Acesso 18 de setembro 2007.

Disponível em [www.johnstownpa.com/History/hist19.html](http://www.johnstownpa.com/History/hist19.html). Acesso em 18 de novembro de 2007.

Disponível <http://www.asdmr.org.br/html/colportagem.html>. Acesso em 27 de dezembro de 2007.

Disponível em <http://www.reescrevendoeducacao.com.br/2006/pages.php?recid=28>. Acesso em 29 de dezembro de 2007.

Disponível em: <http://www.colegiometodista.edu.br/leonora.asp>. Acesso em 16 de maio 2007.

Disponível em: <http://www.juspodivm.com.br/novodireitocivil/legislacao/ccivil.pdf>. Acesso em 16 de março de 2008.

Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo11691.pdf>. Acesso em 8 de maio de 2008.

BOCCHINI, Maria Otília; REIMÃO, Sandra: A Participação da mulher na mídia.

Disponível em

[http://www2.metodista.br/unesco/agora/pmc\\_agora\\_entender\\_eixos\\_otilia\\_sandra.pdf](http://www2.metodista.br/unesco/agora/pmc_agora_entender_eixos_otilia_sandra.pdf). Acesso em 12 de junho de 2008.

SANT'ANA, Romilde dos Santos. Trago na memória: O Instituto de Santo Amaro.

Disponível em :

<http://www.fef.unicamp.br/sipc/anais7/Trabalhos%5CxTrago%20na%20memoria-Instituto%20Metodista%20de%20Santo%20Amaro.pdf>. Acesso em junho de 2008.

Disponível em: [www.library.vanderbilt.edu/speccol/vrr/biographybiblio.shtml](http://www.library.vanderbilt.edu/speccol/vrr/biographybiblio.shtml). Acesso em 10 de junho 2008.

Disponível em:

<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=necrologia&stipe=k&x=15&y=3>. Acesso em 29 de julho de 2008.

Disponível em: <http://www2.mre.gov.br/cerimonial/CruzeirodoSul/Home-CS.htm>

Acesso em 7 de julho de 2008.

# **A N E X O S**

## Organização das Sociedades

1930 – 1940

Tabela 1

Sociedade	Sócias	Data
Alfredo Chaves- RS <sup>575</sup>		1930
Itamaraty <sup>576</sup> (Ditricto de Cataguazes )	20	1930
Marília-SP <sup>577</sup>		1930
Alegre - ES <sup>578</sup>		18 de maio/1930
Muriahé-MG <sup>579</sup>		julho/1930
Dourado - MT <sup>580</sup>		1931
Ferreirinhas Parochia de Alegre - ES <sup>581</sup>		1932
Inhoayba - RJ <sup>582</sup>		1934
vila Mazzei – SP <sup>583</sup>		1935
Vera Cruz.. – SP <sup>584</sup>		1936
Fazenda Santa Luzia <sup>585</sup>		9 de agosto/1936
Valparaiso <sup>586</sup>	22	1937
Villa Sabino ( 32km de Lins) <sup>587</sup>		22 de janeiro/1937

<sup>575</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 44, n ° 12,19 de março de 1930.p.10

<sup>576</sup> Id. Ibid. vol. 44, n° 17, 30de abril de 1930. p.13

<sup>577</sup> Id. Ibid. vol. 44, n° 22, 4 de junho de 1930.p.12

<sup>578</sup> Id. Ibid. vol. 44, n° 30, 30 de julho de 1930. p.11; Vol. 70, n° 27, 7 de julho de 1955.p.11.

<sup>579</sup> Id. Ibid. vol. 44, n° 8 de outubro 1930.p.11

<sup>580</sup> Id. Ibid. vol. 45, n° 7, 4 de março de 1931

<sup>581</sup> Id. Ibid. vol. 46, n° 9, 2 de março de 1932.p.13

<sup>582</sup> Id. Ibid. vol. 48, n° 5, 7 de fevereiro de 1934.p.11.

<sup>583</sup> Id. Ibid. vol. 49, n° 5, 29 de janeiro de 1935.p.9.

<sup>584</sup> Id. Ibid. vol. 50, n° 7, 25 de fevereiro de 1936. p.9.

<sup>585</sup> Id. Ibid. vol. 50, n° 47, 1 de dezembro de 1936.p.9.

<sup>586</sup> Id. Ibid. vol. 5, n° 2, 12 de janeiro de 1937.p.14

Cachoeiro do Itapemirim Ituverava -SP <sup>588</sup>	14	1937
Garça - MT <sup>589</sup>	16	1937
BICAS – MG <sup>590</sup>	19	1937
Werneck – Vila Quintão Juiz de Fora – MG <sup>591</sup>	11 10	31 de outubro/1938 15 de novembro/1938
Vila Megiolaro- Juiz de Fora – MG <sup>592</sup>	20	1938
Piquete- SP <sup>593</sup>	14	1939
Vila Concórdia –Belo Horizonte – MG <sup>594</sup>		1939
Lavínia	15	3 de outubro/1939
Mirandópolis	26	4 de outubro/1939
Alto da Pimenta	15	6 de outubro/1939
Guaíçara <sup>595</sup>	18	23de outubro/1939
Sorocaba - SP <sup>596</sup>	23	19 de abril 1940
Arroio dos Ratos - RS <sup>597</sup>	20	1940
Avaré – SP <sup>598</sup>	23	1940
São Luiz Gonzaga - RS <sup>599</sup>		1940

<sup>587</sup> Id. Ibid. vol. 51,nº 7, 16 de fevereiro de 1937.p.10.

<sup>588</sup> Id. Ibid. vol. 51, nº 20, 25 de maio de 1937.p.9.

<sup>589</sup> Id. Ibid. vol. 51, nº 40, 19 de outubro de 1937, p. 11 e 12.

<sup>590</sup> Id. Ibid. vol. 52, nº 9, 15 de março de 1938.p.10.

<sup>591</sup> Id. Ibid. vol. 52, nº 11, 29 de março de 1938. p.9.

<sup>592</sup> Id. Ibid. vol. 52, nº 29, 9 de agosto de 1938.

<sup>593</sup> Id. Ibid. vol. 54, nº 9, 7 de março de 1939.p.12

<sup>594</sup> Id. Ibid. vol. 54, nº 41, 14 de novembro de 1939.p.10.

<sup>595</sup> Id. Ibid. vol. 54, nº 46, 12 de dezembro de 1939.p.13

<sup>596</sup> Id. Ibid. vol. 64, nº 43, 27 de outubro de 1949.p.11.

<sup>597</sup> Id. Ibid. vol. 55, nº 17, 7 de maio de 1940.p.13

<sup>598</sup> Id. Ibid. vol. 55, nº 20, 28 de maio de 1940.p.11

<sup>599</sup> Id. Ibid. vol. 56, nº 43, 23 de dezembro de 1941.

## 1940 – 1950

Tabela 2

Sociedade	Sócias	Data
Pontal – SP <sup>600</sup>	12	1941
Cardoso (Paróquia de Nova Granada) <sup>601</sup>		1942
São Caetano -SP <sup>602</sup>	10	1943
Vila Clementino Congregação da Igreja Central de SP <sup>603</sup>	10	1944
Lucélia - São Paulo <sup>604</sup>	13	1946
Divino (Carangola MG) <sup>605</sup>	13	1946
Artur Alvim-SP <sup>606</sup>	11	11 de fevereiro de/1946
Rudge Ramos – SBC-SP <sup>607</sup>	8	1944
Salvador – Bahia <sup>608</sup>		1949

## 1950 – 1970

Tabela 3

Sociedade	Sócias	Data
Porto Alegre (1) Cachoeira do Sul (2) <sup>609</sup>		1954
Aracaju <sup>610</sup>		1967
Porto Ferreira <sup>611</sup>		6 de fevereiro/1969

<sup>600</sup> Id. Ibid. vol. 56, nº 43, 23 de dezembro de 1941.p.13

<sup>601</sup> Id. Ibid. vol. 57, nº 15, 14 de abril de 1942.

<sup>602</sup> Id. Ibid. vol. 58, nº 22 e 23, 1 e 8 de junho de 1943.

<sup>603</sup> Id. Ibid. vol. 59, nº 41, 12 de outubro de 1944.

<sup>604</sup> Id. Ibid. vol. 61, nº 34, 29 de agosto de 1946.p.13

<sup>605</sup> Id. Ibid. vol. 61, nº 41, 17 de outubro de 1946. p.11

<sup>606</sup> Id. Ibid. vol. 62, nº 10, 6 de março de 1947.p.12.

<sup>607</sup> Id. Ibid. vol. 63, nº 52, 23 de dezembro de 1948.

<sup>608</sup> Id. Ibid. vol. 64, nº 36 e 37, 8 e 15 de setembro de 1949.p.3.

<sup>609</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol. 69, nº 13, 1º de abril de 1954.

<sup>610</sup> Id. Ibid. vol. 83, nº21, 1º de novembro de 1968. p.2.

<sup>611</sup> Id. Ibid. vol. 85, nº 1, 15 de junho de 1970. p.14.

As mulheres também atuaram visando o crescimento da área patrimonial da Igreja, conforme a amostragem a seguir:

### Construção

**Tabela 4**

<b>Construção (templos, casas pastorais, etc...)</b>	<b>Localização</b>
Fundos de construção da capela. <sup>612</sup>	Carazinho - RS
Fundo de construção -Templo <sup>613</sup>	Pindamonhangaba - SP
Fundo de construção -Templo <sup>614</sup>	Carangola -MG
Fundo de construção -Templo <sup>615</sup>	Manhuassu - MG
Fundo de construção -Templo <sup>616</sup>	Bauru –SP
Casa parochial <sup>617</sup>	Lins - SP
Fundo de construção 900\$000 <sup>618</sup>	Passo Fundo – RS
Construção da capela <sup>619</sup>	Santo Ângelo –RS
Construção do templo <sup>620</sup>	Resplendor -ES
Construção do templo <sup>621</sup>	Olimpya – SP
Construção do templo <sup>622</sup>	Jacarezinho – PR
Construção do templo <sup>623</sup>	Tucuruvy – SP
Construção do templo	Neves – SP
Construção do templo <sup>624</sup>	Itahim –SP
Construção do templo <sup>625</sup>	Santos – SP
Casa da zeladora <sup>626</sup>	Taubaté – SP

<sup>612</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 44, nº 35, 24 de setembro 1930. p.12

<sup>613</sup> Id. Ibid. vol. 46, nº 1, 1º de janeiro de 1932. p.12

<sup>614</sup> Id. Ibid. vol. 46, nº 1, 30 de novembro de 1932.p. 13

<sup>615</sup> Id. Ibid. vol. 47, nº 11, 22 de março de 1933.p.13

<sup>616</sup> Id. Ibid. vol. 47, nº 42, 29 de novembro de 1933. p.6

<sup>617</sup> Id. Ibid. vol. 48, nº 46, 28 de novembro de 1934. p.12

<sup>618</sup> Id. Ibid. vol. 48, nº 47, 5 de dezembro de 1934.p.11

<sup>619</sup> Id. Ibid. vol. 48, nº 48, 12 de dezembro de 1934.p.12

<sup>620</sup> Id. Ibid. vol. 49, nº 22, 28 de maio de 1935. p.11

<sup>621</sup> Id. Ibid. vol. 49, nº 25, 18 de junho de 1935. p.11

<sup>622</sup> Id. Ibid. vol. 49, nº 38, 17 de setembro de 1935.p.13

<sup>623</sup> Id. Ibid. vol. 51, nº 2, 12 de janeiro de 1937.p.13

<sup>624</sup> Id. Ibid. vol. 51, nº 8, 23 de fevereiro de 1937.p.11,12

<sup>625</sup> Id. Ibid. vol. 51, nº 37, 28 de setembro de 1937.p.15

<sup>626</sup> Id. Ibid. vol. 52, nº 19, 24 de maio de 1938.p.13

Construção do templo <sup>627</sup>	Rio Preto - SP
Construção do templo <sup>628</sup>	São Carlos – SP
Casa pastoral <sup>629</sup>	Jardim Botânico - RJ
Construção do templo <sup>630</sup>	Ipiranga – SP
Construção do templo <sup>631</sup>	Penha – SP
Construção da casa pastoral <sup>632</sup>	Pindamonhangaba
Construção do templo <sup>633</sup>	Santo Estevão – SP
Construção do templo <sup>634</sup>	Santo Amaro – SP
Construção da casa pastoral <sup>635</sup>	Itapecerica da Serra – SP
Construção do templo <sup>636</sup>	Volta Redonda – RJ
Construção do templo <sup>637</sup>	São Mateus Juiz de Fora – MG
Construção do templo <sup>638</sup>	Pilares - RJ
Construção da casa pastoral <sup>639</sup>	Ipiranga –SP
Construção do templo <sup>640</sup>	Rudge Ramos- SBC- SP
Construção do templo <sup>641</sup>	Marília – Sp
Construção do templo <sup>642</sup>	São Carlos - SP
Casa pastoral <sup>643</sup>	Cascadura – RJ

<sup>627</sup> Id. Ibid. vol. 54, nº 23, 20 de junho de 1939. p.11

<sup>628</sup> Id. Ibid. vol. 55, nº 13, 9 de abril de 1940. p.13

<sup>629</sup> Id. Ibid. vol. 56, nº 31, 23 de setembro de 1941.p.11

<sup>630</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 56, nº 35, 21 de outubro de 1941.p.14

<sup>631</sup> Id. Ibid. vol. 59, nº 29, 20 de julho de 1944.p.14

<sup>632</sup> Id. Ibid. vol. 59, nº 39, 28 de setembro de 1944.p.7

<sup>633</sup> Id. Ibid. vol. 61, nº 28, 18 de julho de 1946. p.11

<sup>634</sup> Id. Ibid. vol. 61, nº 41, 17 de outubro de 1946.p.8

<sup>635</sup> Id. Ibid. vol. 62 nº 16, 17 de abril de 1947 .p.7

<sup>636</sup> Id. Ibid. vol. 62, nº 24, 12 de junho de 1947.p.11

<sup>637</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, vol. 67, nº 45, 13 de novembro de 1952.p.11

<sup>638</sup> Id. Ibid. vol. 68, nº 6, 5 de fevereiro de 1953.p.15

<sup>639</sup> Id. Ibid. vol. 68 , nº 14, 2 de abril de 1953, p.13

<sup>640</sup> Id. Ibid. vol. 68, nº 46, 12 de novembro de 1953.p.11

<sup>641</sup> Id. Ibid. vol. 69, nº 15 e 16, 15 e 22 de abril de 1954.p.14

<sup>642</sup> Id. Ibid. vol.70, nº 16, 21 de abril de 1955.p.4 p.16

<sup>643</sup> Id. Ibid. vol. 71, nº 16, 19 de abril de 1956.p.11

**Reformas:****Tabela 5**

<b>Reformas, Ampliações e imobiliário</b>	<b>Localização</b>
Melhoramentos no templo <sup>644</sup>	Igarapava – SP
Mobiliário capela <sup>645</sup>	Gramado – SP
Mobiliário do Templo <sup>646</sup>	Campinas –SP
Melhoramentos no templo <sup>647</sup>	Bauru – SP
Melhoramentos no templo <sup>648</sup>	Araçatuba – SP
Reforma do templo e casa pastoral Reforma do mobiliário <sup>649</sup>	Poços de Caldas - MG Santa Rita de Passa Quatro –MG
Reforma casa pastoral <sup>650</sup>	Petrópolis – RJ
Mobiliário do templo <sup>651</sup>	Biriguy – SP
Reforma do templo <sup>652</sup>	Caxias do Sul – RS
Ampliação do templo <sup>653</sup>	Barra Mansa – RJ
Calçamento <sup>654</sup>	Santo Amaro – SP
Melhoramento do templo <sup>655</sup>	Getulina (Lins – SP)

<sup>644</sup>EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 47, nº 5, 8 de fevereiro de 1933. p.14

<sup>645</sup> Id. Ibid. vol. 47, nº 35, 27 de setembro de 1933. p.8

<sup>646</sup> Id. Ibid. vol. 48, nº 46, 28 de novembro de 1934. p.11

<sup>647</sup> Id. Ibid. vol. 49, nº 18, 30 de abril de 1935. p.11

<sup>648</sup> Id. Ibid. vol. 49, nº 19, 7 de maio de 1935.p.13

<sup>649</sup> Id. Ibid. vol. 49, nº 26, 25 de junho de 1935.p.11

<sup>650</sup> Id. Ibid. vol. 49 nº 37, 10 de setembro de 1935. p.10

<sup>651</sup> Id. Ibid. vol. 50, nº 9, 10 de março de 1936. p.11

<sup>652</sup> Id. Ibid. vol. 52, nº 39, 18 de outubro de 1938. p.11

<sup>653</sup> Id. Ibid. vol. 56, nº 11, 4 de fevereiro de 1941.p.11

<sup>654</sup> Id. Ibid. vol. 58, nº 37, 13 de setembro de 1943. p.7

<sup>655</sup> Id. Ibid. vol. 61, nº 43, 31 de outubro de 1946 .p.5

## Textos escritos por mulheres

### Bíblico – Teológico

Tabela 6

Título	Autoria
Humanismo e Cristianismo <sup>656</sup>	Ercy F. Braga
Teologia e Revelação <sup>657</sup>	Ercy F. Braga
Teologia e evangelização <sup>658</sup>	Laomy Pereira de Carvalho
A quem Jesus confiou o cuidado de suas terras <sup>659</sup>	Doretta Fuchs

### Histórico – Doutrinário

Tabela 7

Título	Autoria
Doutrina Indefinida <sup>660</sup>	Lesly Rocha Parreira
Lutero e Catarina de Bora <sup>661</sup>	Maria Teresa Cunha

### Estudos Bíblicos/Cultos/Devocionais

Tabela 8

Título	Autoria
Vida devocional <sup>662</sup>	Anita Harris
Crentes, não expectadores <sup>663</sup>	Umbelina Landim
Viver em Cristo <sup>664</sup>	Guilhermina Cavani Ferreira
O culto doméstico <sup>665</sup>	Clarice Iassuda
O culto doméstico <sup>666</sup>	Hagar Caruso
Escândalo para o Evangelho <sup>667</sup>	Maira Leda de Resende

<sup>656</sup> EXPOSITOR CRISTÃO: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 75, nº 9, 3 de março de 1960. p. 7.

<sup>657</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 75, nº 10, 10 de março de 1960. p. 2.

<sup>658</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 75, nº 16, 21 de abril de 1960. p. 3.

<sup>659</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 76, nº 5, 15 de março de 1961. p. 5.

<sup>660</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 50, 12 de dezembro de 1957. p. 5.

<sup>661</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 76, nº 5, 15 de março de 1961. p. 9.

<sup>662</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 69, nº 26, 1 de julho de 1954. p.10.

<sup>663</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 4, 24 de janeiro de 1957. p.13.

<sup>664</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 27, 4 de julho de 1957. p. 14

<sup>665</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 33, 15 de agosto de 1957. p. 10

<sup>666</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 43, 24 de outubro de 1957. p. 9.

Coração Aquecido – Experiência pessoal <sup>668</sup>	Ercy Teixeira Braga
O pecado Original <sup>669</sup>	Ercy Teixeira Braga
Testemunhos versus escândalos <sup>670</sup>	Maria Leda de Resende
Ensina-nos a orar <sup>671</sup>	Rosalie V. Jenkins
Tipos de Cultos Domésticos <sup>672</sup>	Otília de Oliveira Chaves
Francisco de Assis ensina sobre Deus, o criador <sup>673</sup>	Áurea de Andrade
Apartai-vos de mim <sup>674</sup>	Guilhermina Cavani Ferreira
Vocação cristã <sup>675</sup>	Paulina Stefen
Através do nevoeiro <sup>676</sup>	Irene Carvalho da Silva
O Dia de angústia <sup>677</sup>	Emezinda Gomes Moreira Monteiro
A Igreja e o Comportamento Social <sup>678</sup>	Elza de Moura
A ovelhinha que ficou perdida <sup>679</sup>	Elza de Moura
O pastor e o seu rebanho <sup>680</sup>	Elza de Moura
O rebanho e o seu pastor <sup>681</sup>	Elza de Moura
Como melhorar o culto doméstico <sup>682</sup>	Sarah Bennett
Terminada a Semana Santa <sup>683</sup>	Eula Kennedy Long
Minha Igreja é o melhor lugar do mundo! <sup>684</sup>	Marlene K. Batista
No caminho do Senhor <sup>685</sup>	Áurea Andrade de Rezende

<sup>667</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 15, 10 de abril de 1958. p. 4.

<sup>668</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 19 e 20, 8 e 15 de maio de 1958. p. 5

<sup>669</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 24, 12 de junho de 1958.

<sup>670</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 25, 19 de junho de 1958. p. 11

<sup>671</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 26, 26 de junho de 1958. p. 8

<sup>672</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 32, 7 de agosto de 1958. p.10.

<sup>673</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 35, 28 de agosto de 1958. p. 10

<sup>674</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 41, 9 de outubro de 1958. p. 6.

<sup>675</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 46, 13 de novembro de 1958. p. 9.

<sup>676</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 28, nº 3, Jul- Set de 1958.

<sup>677</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 74, nº 23, 4 de junho de 1959. p. 1 e 2.

<sup>678</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 74, nº 26, 25 de junho de 1959. p. 1 e 2.

<sup>679</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 74, nº 28, 9 de julho de 1959. p. 2

<sup>680</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 74, nº 38, 17 de setembro de 1959. p. 1.

<sup>681</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 74, nº 39, 24 de setembro de 1959. p. 39.

<sup>682</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 77, nº 21, 1º de novembro de 1962. p. 8.

<sup>683</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 32, nº 2, Abr- Jun de 1962 p. 20 e 21.

<sup>684</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 78, nº 17, 1º de setembro de 1963. p. 6.

Nos caminhos do Senhor <sup>686</sup>	Áurea Andrade de Rezende
Como melhorar nossa espiritualidade <sup>687</sup>	Odete O. de Barbieri
Responsabilidade <sup>688</sup>	Judith Tranjan Lopes
Quando precisaram enterrar a Bíblia <sup>689</sup>	Eula Kennedy Long
Retalho de uma vida <sup>690</sup>	Anésia Toffolo Ayres
A Igreja do futuro <sup>691</sup>	Annita de Faria Braga
Estaremos Desperdiçando Talentos? <sup>692</sup>	Ruth Kuhlman
Vida preciosa aos olhos do Senhor <sup>693</sup>	Margarida Blanco do Amaral
Um bilhete para você <sup>694</sup>	Eunice Veiga
Tempestade <sup>695</sup>	Eunice Veiga
Cristo, nossa esperança <sup>696</sup>	Eunice Veiga
Quando Deus ouve as orações? <sup>697</sup>	Durvalina Bajur Ghosn
Felicidade <sup>698</sup>	Etelvina D. Becker
Não andeis ansiosos <sup>699</sup>	Agnes Maxwell Penna
Amizade <sup>700</sup>	Margarida G. Venafro
Sem fé é impossível agradar a Deus <sup>701</sup>	Durvalina Bajur Ghosn
Desafios Para Servir na Hora Presente <sup>702</sup>	Etelvina Dias Becker

## Escola Dominical

**Tabela 9**

Título	Autoria
Algumas sugestões aos professores do departamento primário <sup>703</sup>	Sara M. Dawsey
O valor do departamento do berço e como movimentá-lo. <sup>704</sup>	Irene Herdy Ramos

<sup>685</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 78, nº 19, 1º de outubro de 1963. p. 11.

<sup>686</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 78, nº 24, 15 de dezembro de 1963. p. 9.

<sup>687</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XXXIV, nº 2, Abr- Jun de 1964. p.25.

<sup>688</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XXXIV, nº 3, Jul- Set de 1964. p.16.

<sup>689</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XXXV, nº 1, Jan- Mar de 1965. p. 4, 5 e 6.

<sup>690</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XXXVI, nº 1, Jan- Mar de 1966. p. 10 e 11.

<sup>691</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.82, nº 4, 15 de fevereiro de 1967. p. 8.

<sup>692</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano37, nº 4, Out- Dez de 1967. p. 4, 5, 6, 7, 8 e 9.

<sup>693</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 38, nº 1, Jan- Mar de 1968. p.15 e 16.

<sup>694</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.85, nº 12, 30 de junho de 1970. p. 3.

<sup>695</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.85, nº 15, 15 de agosto de 1970. p. 4.

<sup>696</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.85, nº 21, 15 de novembro de 1970. p. 15.

<sup>697</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XL, nº 1, Jan- Mar de 1970. p.12 e 13.

<sup>698</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XL, nº 1, Jan- Mar de 1970. p. 21.

<sup>699</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XL, nº 2, Abr- Jun de 1970. p. 18 e 19.

<sup>700</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XL, nº 3, Jul- Set de 1970. p. 22.

<sup>701</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XL, nº 3, Jul- Set de 1970. p. 23.

<sup>702</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XL, nº 4, Out- Dez de 1970. p. 18 e 19.

<sup>703</sup> Expositor Christão: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil.Vol. 60, nº 37, 20 de setembro de 1945. p.10

A Educação Religiosa da criança. <sup>705</sup>	Rosa Branca Romano
O professor visita. <sup>706</sup>	Mary Skinner
O professor se prepara para ensinar. <sup>707</sup>	Anna Maria Domingos
Ajudem os alunos a viver o que aprendem. <sup>708</sup>	Clarice Bowman
Encontre gozo no Ensino. <sup>709</sup>	Mary Grace Martin
Deixe os alunos ajudar a planejar. <sup>710</sup>	Gladys M. Jackson
Um teste para a Escola Dominical <sup>711</sup>	Rosalie V. Jenkins
Os primeiros contatos com a Igreja <sup>712</sup>	Elizabeth C. Loyd
O Dia da Escola Dominical <sup>713</sup>	Rosalie V. Jenkins
A história de uma professora dedicada ao trabalho com as crianças <sup>714</sup>	Osmary Cardoso Pereira
Cada professor na Escola Dominical um evangelista <sup>715</sup>	Rosalie V. Jenkis
Como pegar a atenção da mocidade na Escola Dominical <sup>716</sup>	Alma Lowance
O que esperar do seu aluno da Escola Dominical <sup>717</sup>	Nancy S. Timms
Bendita Escola <sup>718</sup>	Lolita Preussler
Pelas crianças na pequena escola <sup>719</sup>	Albertina Damasceno
O professor da Escola Dominical e a natureza do seu trabalho. <sup>720</sup>	Catheryn Smith

<sup>704</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 60, nº 50, 20 de dezembro de 1945. p 9 e 12.

<sup>705</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol. 60, nº 50, 20 de dezembro de 1945. p 11.

<sup>706</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 5 e 6, 31 de janeiro 7 de fevereiro de 1957. p. 9.

<sup>707</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 10, 7 de março de 1957. p.8

<sup>708</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 16, 18 de abril de 1957. p.7.

<sup>709</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 21, 23 de maio de 1957. p.8

<sup>710</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 25, 20 de junho de 1957. p. 7

<sup>711</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 38, 19 de setembro de 1957. p.7.

<sup>712</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 48, 28 de novembro de 1957. p.8, 9.

<sup>713</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 2, 9 de janeiro de 1958. p. 7.

<sup>714</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 9, 27 de fevereiro de 1958. p. 8.

<sup>715</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 16, 24 de abril de 1958. p. 7

<sup>716</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 19 e 20, 8 e 15 de maio de 1958. p.8.

<sup>717</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 28, 10 de julho de 1958. p.9 e 10.

<sup>718</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 48, 27 de novembro de 1958. p. 8 e 9.

<sup>719</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 77, nº 14, 15 de julho de 1962. p. 7.

A Escola Dominical que eu gostaria que não existisse <sup>721</sup>	Annita de Faria Braga
Nós e as crianças – Para melhorar nossa aula na Escola Dominical <sup>722</sup>	Ana Maria Arantes
Vamos nos preocupar com a educação cristã <sup>723</sup>	Annita F. Braga

## Família

**Tabela 10**

Título	Autoria
A esposa do pastor e as crianças <sup>724</sup>	Gláucia Ungaretti
Um novo Lar <sup>725</sup>	Helena Clay
Os adolescentes no lar <sup>726</sup>	Eula Bowden
A família como instituição religiosa <sup>727</sup>	Otília Chaves
Então você ganhou um bebê <sup>728</sup>	Jessie B. Carlson
Os lares são importantes <sup>729</sup>	Margaret S. Ward
Cuidado com as encruzilhadas <sup>730</sup>	Umbelina Landim
Naturalmente vocês amam o seu filho <sup>731</sup>	Elizabeth Norton Jones
Eu pertença a minha família <sup>732</sup>	Esther Mundhenke
Seu filho e a Igreja <sup>733</sup>	Juanita Purvis
A Bíblia no Lar <sup>734</sup>	Albertina Damasceno
Cooperação no lar <sup>735</sup>	Eula Harper Bodwen

<sup>720</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 78, nº 2, 15 de janeiro de 1963. p. 7.

<sup>721</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 78, nº 3, 1º de fevereiro de 1963. p. 7.

<sup>722</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 79, nº 18, 15 de setembro de 1964. p. 7.

<sup>723</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 82, nº 8, 15 de abril de 1967. p. 7.

<sup>724</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 65, nº 41, 12 de outubro de 1950. p. 9.

<sup>725</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 67, nº 35, 28 de agosto de 1952. p. 6

<sup>726</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 24, nº 1, Abr – Jun de 1953.

<sup>727</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 71, nº 20, 17 de maio de 1956. p. 10

<sup>728</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 47, 21 de novembro de 1957. p. 7.

<sup>729</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 48, 28 de novembro de 1957. p. 10.

<sup>730</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 49, 5 de dezembro de 1957. p. 5.

<sup>731</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 49, 5 de dezembro de 1957. p. 10.

<sup>732</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 3, 16 de janeiro de 1958.

<sup>733</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 5 e 6, 30 de janeiro e 6 de fevereiro de 1958. p. 12.

<sup>734</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 15, 17 de abril de 1958.

Boas maneiras na Igreja <sup>736</sup>	Ruth Kennedy Osborn
Os adolescente no lar <sup>737</sup>	Eula Bodwen
Os livros no lar <sup>738</sup>	Ottília de Oliveira Chaves
Já pensou nisto ? <sup>739</sup>	Maria Loide M
O que fazer com os seus filhos num dia de chuva <sup>740</sup>	Phylise Reily
Carta de Dona Helena sobre o lar ideal em Nazaré na Palestina <sup>741</sup>	Helena Clay
Carta de Dona Helena – Que recorda como Suzana Wesley educou seus 19 filhos. <sup>742</sup>	Helena Clay
O Lar Cristão <sup>743</sup>	Ada Sucasas
A literatura religiosa no lar <sup>744</sup>	Ottília de Oliveira Chaves
Celibatários ou casados? <sup>745</sup>	Eula Kennedy Long
Amor benéfico ou prejudicial <sup>746</sup>	Margareth Tavares de Sá
A família Costa goza férias “diferentes” <sup>747</sup>	Helena Clay
Deus chama mas pais crentes bloqueiam <sup>748</sup>	Eula Kennedy Long
Não incentive a vaidade nos seus filhos <sup>749</sup>	Elza de Moura
O retrato de minha mãe <sup>750</sup>	Jair de Araújo Lopes
Deve haver lugar para o chicote no lar? <sup>751</sup>	Rute Prates
Esse seu Felipe! <sup>752</sup>	Judith Tranjam Lopes
O uso da bíblia no lar <sup>753</sup>	Albertina Damasceno
Planejamento da família: marco da civilização . <sup>754</sup>	Iza Leal

<sup>735</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 17, 1º de maio de 1958. p. 10

<sup>736</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 23, 5 de junho de 1958. p. 10

<sup>737</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 28, 10 de julho de 1958. p. 10.

<sup>738</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 34, 21 de agosto de 1958. p. 10

<sup>739</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 45, 6 de novembro de 1958. p. 8.

<sup>740</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 28, nº 3, Jul- Set de 1958.

<sup>741</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 74, nº 20, 14 de maio de 1959. p. 10. Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 74, nº 20, 14 de maio de 1959. p. 10.

<sup>742</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 74, nº 25, 18 de junho de 1959. p. 10.

<sup>743</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 29, nº 2, Abr – Jun de 1959.

<sup>744</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 29, nº 3, Jul– Set de 1959.

<sup>745</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 75, nº 1, 1 de janeiro de 1960. p. 15.

<sup>746</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 75, nº 29, 21 de julho de 1960. p. 13.

<sup>747</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 31, nº 3, Jul– Set de 1961. p.16,17.

<sup>748</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 32, nº 1, Jan– Mar de 1962 p. 7 e 8.

<sup>749</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 32, nº 1, Jan– Mar de 1962 p. 15.

<sup>750</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 32, nº 2, Abr- Jun de 1962 p. 5.

<sup>751</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 32, nº 2, Abr- Jun de 1962 p. 10 e 11.

<sup>752</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 32, nº 2, Abr- Jun de 1962 p. 10 e 11.

<sup>753</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 32, nº 2, Abr- Jun de 1962 p. 14, 15 e 16.

Casamento: Amor X Dinheiro <sup>755</sup>	Ruth Kuhlman
De onde eu venho mamãe? <sup>756</sup>	Miriam de Souza Rodrigues
Coisa pequenas <sup>757</sup>	Judith Tranjan Lopes
Dia a Dia na Família <sup>758</sup>	Helena Clay
Mães cansadas resolveram seu problema: rodizio <sup>759</sup>	Yeda Roesch da Silva
Meu filho não alcançou média <sup>760</sup>	Yeda Roesch da Silva
Um dia para meus filhos <sup>761</sup>	Iracema Borges Hoepfner
Como serão os pés do teu filho? <sup>762</sup>	Palmyra Crescêncio Leal
Se eu tivesse uma filha <sup>763</sup>	Anêsia Toffolo Ayres
Filhos adotivos <sup>764</sup>	Sue Heath
Autoridade dos pais e liberdade dos filhos <sup>765</sup>	Ada de F. Sucasas
A causa dos maridos azedos <sup>766</sup>	Gracita de Miranda
Um Lar Modelo <sup>767</sup>	Eunice Veiga
Meninas de 12 anos <sup>768</sup>	Ivone Borges Botelho
Conversa com os pais <sup>769</sup>	Elza de Moura

## Crianças

**Tabela 11**

Título	Autoria
Para os pequeninos <sup>770</sup>	Sarah Bennett
Os pequeninos <sup>771</sup>	Annita de Faria Braga
Amando as crianças <sup>772</sup>	Aguida G. Toledo
A criança rejeitada <sup>773</sup>	Yeda Roesch Silva

<sup>754</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 78, nº 18, 15 de setembro de 1963. p. 5.

<sup>755</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 32, nº 1, Jan– Mar de 19612 p. 20 e 21.

<sup>756</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 32, nº 1, Jan– Mar de 19612 p. 22 e 23.

<sup>757</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 32, nº 1, Jan– Mar de 19612 p. 24.

<sup>758</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 79, nº 4, 15 de fevereiro de 1964. p. 7.

<sup>759</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XXXIV, nº 3, Jul- Set de 1964. p.20.

<sup>760</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XXXIV, nº 4, Out- Dez de 1964. p.16.

<sup>761</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XXXIV, nº 4, Out- Dez de 1964. p. 31.

<sup>762</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XXXV, nº 3, Jul- Set de 1965. p. 20, 21 e 22.

<sup>763</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 38, nº 1, Jan- Mar de 1968. p. 9.

<sup>764</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 38, nº 1, Jan- Mar de 1968. p. 20.

<sup>765</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 38, nº 3, Jul- Set de 1968. p. 10, 11 e 12..

<sup>766</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 38, nº 4, Out- Dez de 1968. p. 9 e 10.

<sup>767</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.85, nº 10, 31 de maio de 1970. p. 14.

<sup>768</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XL, nº 1, Jan- Mar de 1970. p. 16 e 17.

<sup>769</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 31, nº 1, Jan-Mar de 1961. p. 17.

<sup>770</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 71, nº 37, 13 de setembro de 1951. p. 10

<sup>771</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 2, 10 de janeiro de 1957. p.9.

<sup>772</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 74, nº 1, 1º de janeiro de 1959. p. 7.

<sup>773</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 32, nº 2, Out- Dez de 1962. p.27.

A Escola Bíblica de Férias produz benção para as crianças <sup>774</sup>	Ilka Maria
O Lugar da criança na Igreja <sup>775</sup>	Ilka Maria da Silva
Nós e as crianças <sup>776</sup>	Ana Maria Arantes
O uso de cânticos com crianças <sup>777</sup>	Ana Maria Arantes
A Criança deficiente <sup>778</sup>	Yvonne Ellwanger Moglié
Comprando brinquedos <sup>779</sup>	Judith Tranjan Lopes Guanabara
A criança vista pela professora <sup>780</sup>	Leny G. Soares
Influência da televisão no estado nutritivo das crianças <sup>781</sup>	Fioravanti Lobato

### Questões Domésticas

**Tabela 12**

Título	Autoria
Vantagens de passar roupa <sup>782</sup>	Maria Luiza Lemos
Plantas e flores no lar <sup>783</sup>	Lourdes de Mendonça Fava.
Para o lar e para a vida <sup>784</sup>	Helena Clay
Embeleze seu lar <sup>785</sup>	Judith Tranjan Lopes

### Ensino religioso

**Tabela 13**

Título	Autoria
Ensino Religioso <sup>786</sup>	Annita de Faria Braga
Flanela... recurso bom ou mal? <sup>787</sup>	Hazel M. Kennedy
Na sua escola pública há aula e religião evangélica? <sup>788</sup>	Eunice Smith
É vosso lar uma escola de ensino	Eula Kennedy Long

<sup>774</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 78, nº 11, 1º de junho de 1963. p. 7.

<sup>775</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 79, nº 3, 1º de fevereiro de 1964. p. 7

<sup>776</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 79, nº 16, 15 de agosto de 1964. p. 7.

<sup>777</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 79, nº 20, 15 de outubro de 1964. p. 7.

<sup>778</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 37, nº 3, Abr- Jun de 1967. p. 27.

<sup>779</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 38, nº 4, Out- Dez de 1968. p. 33.

<sup>780</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XXXIX, nº 4, Out- Dez de 1969. p. 7.

<sup>781</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XL, nº 3, Jul- Set de 1970. p. 10, 11 e 12.

<sup>782</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 13, 27 de março de 1958. p. 7.

<sup>783</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 31, nº 1, Jan-Mar de 1961. p. 17.

<sup>784</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 31, nº 1, Jan-Mar de 1961. p. 17.

<sup>785</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XXXVI, nº 1, Jan- Mar de 1966. p. 23.

<sup>786</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 39, 26 de setembro de 1957. p.11 e 12.

<sup>787</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 50, 12 de dezembro de 1957. p.8.

<sup>788</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 32, nº 1, Jan- Mar de 19612 p. 9.

religioso? <sup>789</sup>	
É vosso lar uma escola de ensino religioso? <sup>790</sup>	Eula Kennedy Long

### Congressos/ Encontros

**Tabela 14**

Título	Autoria
Reminiscência de um Congresso <sup>791</sup>	Umbelina Landim
Associação Eliza Price na II RE <sup>792</sup>	A. P. Schütz
Associação Eliza Price na II RE <sup>793</sup>	A. P. Schütz
A árvore de doze frutos: Federação Mundial de senhoras Metodistas <sup>794</sup>	Ottília de O. Chaves
Mensagem da cruz aproxima católicos e protestantes em São Bernardo do Campo <sup>795</sup>	Suzana Torres

### Ação Social

**Tabela 15**

Título	Autoria
Ação social é todo o movimento realizado tendo em vista a ordem social <sup>796</sup>	Lídia Santos
A família cristã como instrumento da Ação Social. <sup>797</sup>	Lídia dos Santos
Ação Social <sup>798</sup>	Lídia dos Santos
A criança e a Ação Social <sup>799</sup>	Érica Link
Menina Maria da Rua <sup>800</sup>	Iracilda Lima

<sup>789</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 33, nº 2, Abr- Jun de 1963. p. 18 e 19.

<sup>790</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 79, nº 5, 1º de março de 1964. p. 4.

<sup>791</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 72, nº 36, 5 de setembro de 1957. p.5

<sup>792</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 38, 18 de setembro de 1958. p. 15

<sup>793</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 39, 25 de setembro de 1958. p. 14

<sup>794</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XXXV, nº 3, Jul- Set de 1965. p. 23 e 24.

<sup>795</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.83, nº 14, 15 de julho de 1968. p. 8.

<sup>796</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 52, 25 de dezembro de 1958. p. 15

<sup>797</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 74, nº 3, 15 de janeiro de 1959. p. 7

<sup>798</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 74, nº 4 e 5, 22 e 29 de janeiro de 1959. p. 11.

<sup>799</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 79, nº 19, 1º de outubro de 1964. p. 5.

**Música****Tabela 16**

Título	Autoria
Música para crianças <sup>801</sup>	Escreve Ilka Maria
O Hinário Evangélico <sup>802</sup>	Suely Maria Chicoli Carneiro
Qualidade de uma boa organista <sup>803</sup>	Vasti de Souza
Música sacra <sup>804</sup>	Henriqueta Rosa Fernandes Braga

**Diaconisas****Tabela 17**

Título	Autoria
A confissão (e o desbafo) de uma diaconisa <sup>805</sup>	Romilde B. Santos
Mãos femininas a serviço de Deus <sup>806</sup>	Elza Pereira Nunes

**Mulheres****Tabela 18**

Título	Autoria
A influência da Mulher Cristã <sup>807</sup>	Jacira Sucasas
Céus – Que mulheres tem estes cristãos! <sup>808</sup>	Loide Ungaretti Torres
A foto-novela: esse narcótico feminino <sup>809</sup>	Eny de Moraes Diniz
As mulheres da Bíblia que mais me inspiram <sup>810</sup>	Maria Aldina Furtado
O apóstolo Paulo e a mulher <sup>811</sup>	B. P. Bittencourt
O poder da influencia da mulher cristã <sup>812</sup>	Ada F. Sucasas
Sou uma dona de casa feliz <sup>813</sup>	Leona Rochelle
Honremos as Mães do Brasil <sup>814</sup>	Eula Kennedy Long

<sup>800</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XL, nº 2, Abr- Jun de 1970. p. 22 e 23.

<sup>801</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 78, nº 20, 15 de outubro de 1963. p. 7.

<sup>802</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 78, nº 6, 15 de março de 1963. p.2.

<sup>803</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XXXIV, nº 3, Jul- Set de 1964. p.30 e 31.

<sup>804</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 73, nº 11, 13 de março de 1958. p. 5

<sup>805</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.81, nº 4, 15 de fevereiro de 1966. p. 7.

<sup>806</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 75, nº 14, 7 de abril de 1960. p. 10.

<sup>807</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 71, nº 38, 20 de setembro de 1956. p. 7

<sup>808</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 74, nº 20, 14 de maio de 1959. p. 9.

<sup>809</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 33, nº 2, Abr- Jun de 1963. p. 10 e 11.

<sup>810</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 33, nº 3, Jul- Set de 1963. p.20.

<sup>811</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XXXIV, nº 4, Out- Dez de 1964. p.26, 27, 28 e 29.

<sup>812</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XXXVI, nº 3, Jul- Set de 1966. p. 10 a 12.

<sup>813</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XXXVI, nº 4, Out- Dez de 1966. p. 14, 15 e 16.

O papel da dona de casa <sup>815</sup>	Judith Tranjan Lopes
Mulheres que se libertam para a vida <sup>816</sup>	Ottília de O. Chaves

## Outros Temas

Tabela 19

Título	Autoria
Poesia: Aqui estou!... <sup>817</sup>	Annita de Faria Braga
Não compreendemos <sup>818</sup>	Annita de Faria Braga
Última etapa <sup>819</sup>	Guilhermina Cavani Ferreira
O perigo de apontar a moral de uma história” escreve <sup>820</sup>	Ottília de Oliveira Chaves
Dinheiro de mais ou de menos <sup>821</sup>	Laura de Jesus santos
Hospedes... e hospedagem: Um alerta! <sup>822</sup>	Elza de Moura
Como memorizar com entendimento <sup>823</sup>	Catharine Brandt
Um “não” à Eutanásia <sup>824</sup>	Leonor B. Costa Santos
A influência prejudicial de certas empregadas <sup>825</sup>	Yeda Roesch da Silva
Questão de verbas <sup>826</sup>	Annita de Faria Braga
Meu idôneo auxiliar <sup>827</sup>	Lory Crossetti Simon
Acróstico a Martin Luther King <sup>828</sup>	Estephania M. Barros
As estruturas são culpadas <sup>829</sup>	Anita de Faria Braga
Perquirições e preocupações <sup>830</sup>	Annita de Faria Braga

<sup>814</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 37, nº 3, Abr- Jun de 1967. p. 4, 5, 6 e 7.

<sup>815</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 37, nº 3, Abr- Jun de 1967. p. 14.

<sup>816</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 38, nº 1, Jan- Mar de 1968. p. 10 e 11.

<sup>817</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 68, nº 6, 5 de fevereiro de 1953. p. 13.

<sup>818</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 71, nº 17, 26 de abril de 1956. p. 4.

<sup>819</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 71, nº 48, 29 de novembro de 1956. p. 12

<sup>820</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 77, nº 22, 15 de novembro de 1962. p. 6.

<sup>821</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 32, nº 1, Jan- Mar de 1962 p. 12 e 13.

<sup>822</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 78, nº 11, 1º de junho de 1963. p. 3.

<sup>823</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 78, nº 22, 15 de novembro de 1963. p. 7.

<sup>824</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 33, nº 4, Out- Dez de 1963. p. 18 e 19.

<sup>825</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano XXXIV, nº 4, Abr- Jun de 1964. p.16.

<sup>826</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.82, nº 12, 15 de junho de 1967. p. 5.

<sup>827</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 38, nº 1, Jan-Mar de 1968. p. 6 e 7.

<sup>828</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 38, nº 3, Jul-Set de 1968. p. 17.

<sup>829</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.85, nº 4, 28 de fevereiro de 1970. p. 1.

<sup>830</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.85, nº 17 e 18, 15 e 30 de setembro de 1970. p. 31.

## Textos sobre mulheres, porém escritos por homens

### Bíblia

Tabela 20

Título	Autor
História de Abigail, a mulher que venceu 400 homens <sup>831</sup>	Epaminondas Moura
Ana – Mulher de Fé e Oração <sup>832</sup>	Osório Rangel
A mulher, personalidade valorosa <sup>833</sup>	Joaquim Augustinho de Brito
Mulheres do Antigo Testamento – Eva <sup>834</sup>	Joaquim Augustinho de Brito
Mulheres do Velho Testamento – Sara <sup>835</sup>	Joaquim Augustinho de Brito
Mulheres do Velho Testamento – Rebeca <sup>836</sup>	Joaquim Augustinho de Brito
Mulheres do Velho Testamento – Cetura (esposa de Abraão) <sup>837</sup>	Joaquim Augustinho de Brito
Mulheres do Velho Testamento – Raquel <sup>838</sup>	Joaquim Augustinho de Brito
Mulheres do Velho Testamento – Zilpa <sup>839</sup>	Joaquim Augustinho de Brito
Mulheres do Velho Testamento – Léa <sup>840</sup>	Joaquim Augustinho de Brito
Mulheres do Velho Testamento – Joquebede <sup>841</sup>	Joaquim Augustinho de Brito
Mulheres do Velho Testamento – Siforá e Puá <sup>842</sup>	Joaquim Augustinho de Brito
Mulheres do Velho Testamento – Mirian <sup>843</sup>	Joaquim Augustinho de Brito
Mulheres do Velho Testamento – Elizeba	Joaquim Augustinho de Brito

<sup>831</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Methodista no Brasil. São Paulo, vol.49, nº6, 5 de fevereiro de 1935. p. 2 e 3.

<sup>832</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.68, nº 10, 5 de março de 1953 p. 6.

<sup>833</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.72, nº 11, 14 de março de 1957. p. 16.

<sup>834</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.73, nº 42, 16 de outubro de 1958.

<sup>835</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.74, nº 2, 8 de janeiro de 1959. p. 11.

<sup>836</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.74, nº 6, 5 de fevereiro de 1959. p. 11.

<sup>837</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.74, nº 12, 19 de março de 1959. p. 3.

<sup>838</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.74, nº 8, 16 de fevereiro de 1959. p. 14.

<sup>839</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.74, nº 13, 26 de março de 1959. p. 12.

<sup>840</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.74, nº 16, 16 de abril de 1959. p. 15.

<sup>841</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.74, nº 22, 28 de maio de 1959. p. 12.

<sup>842</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.74, nº 23, 4 de junho de 1959. p. 13.

<sup>843</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.74, nº 38, 17 de setembro de 1959. p. 16.

e Cozbe <sup>844</sup>	
Mulheres do Velho Testamento – Acsa <sup>845</sup>	Joaquim Augustinho de Brito
Mulheres do Velho Testamento – Macla, Noa, Hogla, Milca, e Tirza <sup>846</sup>	Joaquim Augustinho de Brito
Mulheres do Velho Testamento – Débora e Jael <sup>847</sup>	Joaquim Augustinho de Brito

### Escrevendo sobre mulheres

**Tabela 21**

Título	Autor
A mulher de 1953 <sup>848</sup>	Augusto Paes de Ávila
As mulheres nunca são idosas demais para casar <sup>849</sup>	Augusto Paes de Ávila
Admirando o espírito cívico de uma nobre irmã metodista! <sup>850</sup>	Gutenberg de Campos
A mulher através dos tempos <sup>851</sup>	Judah Borges Tinteiro
Às mães metodistas <sup>852</sup>	B.P. Bittencourt
A esposa do pastor metodista <sup>853</sup>	B. P. Bittencourt
O momento atual é um desafio à mulher brasileira. Aqui está o que você pode fazer <sup>854</sup>	Caio N. de Toledo
As mulheres e a Igreja <sup>855</sup>	Vasny Cândido de Andrade
Diaconisas para os colégios <sup>856</sup>	Laan de Oliveira Ramos

<sup>844</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.74, nº 41, 8 de outubro de 1959. p. 14.

<sup>845</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.74, nº 42, 15 de outubro de 1959. p. 2.

<sup>846</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.74, nº 47, 19 de novembro de 1959. p. 4.

<sup>847</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.75, nº 4, 28 de janeiro de 1960. p. 10.

<sup>848</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol. 8, nº 12, 19 de março de 1953 p.6.

<sup>849</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.68, nº 13, 26 de março de 1953 p.13.

<sup>850</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.70, nº 4, 27 de janeiro de 1955 p. 9.

<sup>851</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.71, nº 40, 4 de outubro de 1956. p.16.

<sup>852</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.72, nº 47, 21 de novembro de 1957. p. 6.

<sup>853</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.73, nº 21, 22 de maio de 1958. p. 5.

<sup>854</sup> Voz Missionária. São Paulo: Imprensa Metodista, ano 32, nº 3, Jul-Set de 1962. p. 8, 9 e 10.

<sup>855</sup> Expositor Cristão: Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.81, nº 2, 15 de janeiro de 1966. p. 8.

<sup>856</sup> \_\_\_\_\_. Órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil. São Paulo, vol.74, nº 36, 3 de setembro de 1959. p. 11.